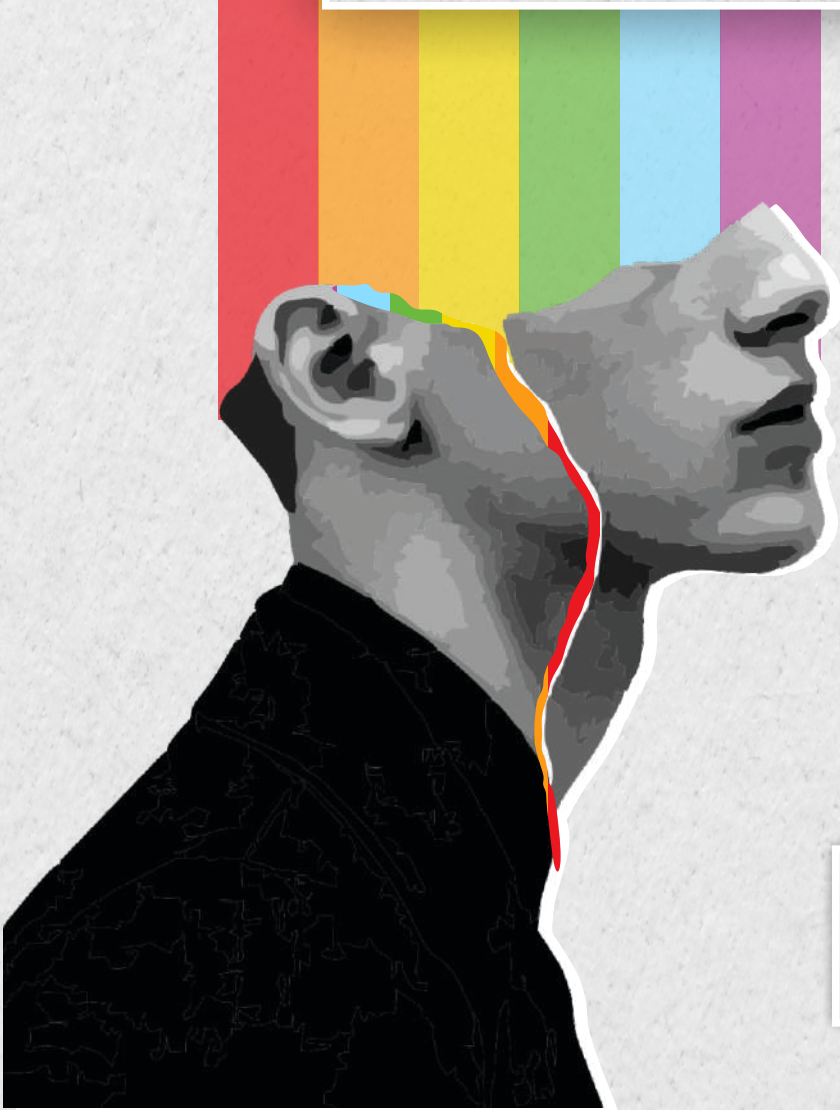


A P E R C E P Ç Ã O D A
P O P U L A Ç Ã O
LGBTQIA+ SOBRE A VIOLÊNCIA
E D I S C R I M I N A Ç Ã O :
R E P R E S S Õ E S U R B A N A S Q U E
A L T E R A M A C O N S T R U Ç Ã O D O
S E N S O D E L U G A R



FERNANDO H. N. KIKUCHI
UFPEL I PROGRAU 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Dissertação de Mestrado

A percepção da População LGBTQIA+ Sobre a Violência e Discriminação:
Repressões Urbanas que Alteram a Construção do Senso de Lugar.

Fernando Henrique Nascimento Kikuchi

Pelotas,

2022.

Fernando Henrique Nascimento Kikuchi

A percepção da População LGBTQIA+ Sobre a Violência e Discriminação:
Repressões Urbanas que Alteram a Construção do Senso de Lugar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Ligia Maria Ávila Chiarelli

Pelotas,

2022.

Fernando Henrique Nascimento Kikuchi

A percepção da População LGBTQIA+ Sobre a Violência e Discriminação:

Repressões Urbanas que Alteram a Construção do Senso de Lugar

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa:

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ligia Maria Ávila Chiarelli (orientador)

Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Cristhian Moreira Brum

Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Louise Prado Alfonso

Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Luciano Pereira dos Santos

Universidade Federal do Pampa

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

K46p Kikuchi, Fernando Henrique Nascimento

A percepção da população lgbtqia+ sobre a violência e discriminação : repressões urbanas que alteram a construção do senso de lugar / Fernando Henrique Nascimento Kikuchi ; Ligia Maria Ávila Chiarelli, orientadora. — Pelotas, 2022.

318 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Percepção ambiental. 2. Discriminação. 3. Lgbtqia+. 4. Senso de lugar. 5. Comportamento ambiental. I. Chiarelli, Ligia Maria Ávila, orient. II. Título.

CDD : 720

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação de mestrado é o resultado de muitas horas de esforço e dedicação, não só minhas, mas de diversas pessoas que acreditaram no meu potencial.

Dedico à minha mãe, Simone, que me deu a oportunidade e não poupou esforços para concluir esta fase da minha vida. Obrigado por me ensinar a nunca desistir e ir em frente mesmo nas dificuldades e inseguranças.

Dedico à minha avó, Ivani, o pilar da nossa família. Nada disso seria possível sem o amor que você nos ensinou.

Ao meu companheiro, Luiz Júnior, que sempre me guiou e orientou quando mais precisei nos momentos de medo e desespero. A minha filha, Puff, que foi o meu reduto de amor. Sem vocês este trabalho não seria possível.

Dedico este à minha orientadora, Ligia Chiarelli, que se tornou uma grande amiga, sempre disposta a dar o melhor por mim. Obrigado por todos os seus conhecimentos compartilhados; sem eles, eu não seria quem sou hoje.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação, o meu sincero agradecimento.

RESUMO

KIKUCHI, Fernando Henrique Nascimento. **A percepção da População LGBTQIA+ Sobre a Violência e Discriminação**: repressões urbanas que alteram a construção do senso de lugar. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

A violência, discriminação e a invisibilidade impostas sobre o grupo LGBTQIA+ no espaço urbano, é um fator que determina e que afeta as relações entre o usuário e a cidade. Neste sentido, o problema de pesquisa centra-se nas discriminações que a comunidade LGBTQIA+ vivência, e que afetam as diferentes formas de ocupar os espaços, seja ele público ou privado. Partindo dessa problemática, a pergunta de pesquisa consiste em analisar como ocorrem as interações da comunidade LGBTQIA+ no espaço coletivo, e as dificuldades desses usuários em usufruir de forma plena os espaços urbanos. O objetivo desse estudo consiste em avaliar os espaços das cidades de médio porte e como esses ambientes contribuem e afetam na construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+, visando propor recomendações para cidades mais inclusivas. O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e documental e estudo de caso na cidade de Pelotas-RS. Os procedimentos metodológicos do estudo de caso incluem pesquisa bibliográfica; entrevista caminhada e mapa mental. Os resultados do estudo apontam que os espaços da cidade produzem relações sociais e de poder que afetam diretamente na construção do senso de lugar, principalmente para aqueles que não aderem aos papéis de gênero e sexualidade pré-estabelecidos. É verificado que para a comunidade LGBTQIA+, ocupar dos espaços da cidade é um ato diário de resistência, impactando diretamente nas suas identidades e subjetividades no ambiente urbano.

Palavras-chave: percepção ambiental; discriminação; LGBTQIA+; senso de lugar; comportamento ambiental.

ABSTRACT

KIKUCHI, Fernando Henrique Nascimento. **The Perception of the LGBTQIA + Population on Violence and Discrimination**: urban repressions that change the construction of the sense of place. Master in Architecture and Urbanism - Postgraduate Program in Architecture and Urbanism, Faculty of Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

Violence, discrimination and the invisibility imposed on the LGBTQIA+ group in the urban space is a factor that determines and affects the relationship between the user and the city. In this sense, the research problem focuses on the discrimination that the LGBTQIA+ community experiences, and that affect the different ways of occupying spaces, whether public or private. Based on this problem, the research question consists of analyzing how the interactions of the LGBTQIA+ community occur in the collective space, and the difficulties of these users in fully enjoying urban spaces. The objective of this study is to evaluate the spaces of medium-sized cities and how these environments contribute and affect the construction of the LGBTQIA+ community's sense of place, aiming to propose recommendations for more inclusive cities. The work was developed through bibliographical and documentary research and case study in the city of Pelotas-RS. The methodological procedures of the case study include bibliographic research; walk interview and mind map. The results of the study indicate that city spaces produce social and power relations that directly affect the construction of a sense of place, especially for those who do not adhere to pre-established gender and sexuality roles. It is verified that for the LGBTQIA+ community, occupying city spaces is a daily act of resistance, directly impacting their identities and subjectivities in the urban environment.

Keywords: environmental perception; discrimination; LGBTQIA+; sense of place; environmental behavior.

LISTA DE FIGURAS

Capítulo 2:

Figura 2.1: Processo de percepção espacial.....	30
Figura 2.2: Indicadores de apego ao lugar.....	34
Figura 2.3: Praça Memorial Harvey Milk em São Francisco-EUA.....	51
Figura 2.4a: Imagem área da intervenção nas travessias de pedestre em São Francisco-EUA.....	52
Figura 2.4b: Intervenção artística na travessia de pedestre em São Francisco-EUA.....	52
Figura 2.5: Fonte Cibeles, principal cartão postal da cidade de Madrid.....	52
Figura 2.6a: Livraria Berkana na cidade de Madrid, incentivou e proporcionou a aceitação da comunidade LGBTQIA+.....	53
Figura 2.6b: Livraria Berkana na cidade de Madrid.....	53
Figura 2.7: Pracinha dos gays na cidade Madre de Deus no estado da Bahia, com os dizeres mais amor, respeito e batata frita!.....	54
Figura 2.8: Evento realizado na Pracinha dos gays, que contou com grande parte da população da cidade de Madre de Deus no estado da Bahia.....	55
Figura 2.9a: Mobiliário da Pracinha dos gays na cidade Madre de Deus.....	55
Figura 2.9b: O mobiliário explora a multissensorialidade das cores na Pracinha dos gays.....	55
Figura 2.10: Parada do orgulho LGBTQIA+ na cidade de São Paulo.....	56
Figura 2.11a: Instalação artística na cidade São Paulo.....	57
Figura 2.11b: Instalação artística de Guto Ratena São Paulo.....	57

Capítulo 3:

Figura 3.2.1: Localização do município de Pelotas.....	61
Figura 3.2.2: Localização do centro na zona urbana de Pelotas.....	63
Figura 3.2.3: Mapa de Bares e Clubes para comunidade LGBTQIA+.....	64

Capítulo 4:

Figura 4.1.1: Mapa do percurso entrevista caminhada 1, realizada no dia 21/01/2022.....	71
---	----

Figura 4.1.2: Fotografias da entrevista caminhada 1, realizada no dia 21/01/2022.....	71
Figura 4.1.3: Imagem da antiga Boate Odeon tirada pela entrevistada.....	73
Figura 4.1.4: Imagem do Teatro Municipal de Pelotas tirada pela entrevistada..	73
Figura 4.1.5: Imagem do canteiro citado. Fotografia tirada pela entrevistada.....	76
Figura 4.1.6: Imagem do chafariz citado. Fotografia tirada pela entrevistada.....	76
Figura 4.2.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 1, realizada no dia 22/01/2022.....	78
Figura 4.2.2: Fotografias da entrevista caminhada 1, realizada no dia 22/01/2022.....	79
Figura 4.3.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 3, realizada no dia 22/01/2022.....	85
Figura 4.3.2: Fotografias da entrevista caminhada 3, realizada no dia 22/01/2022.....	85
Figura 4.3.3: Foto da The Way, clube para a comunidade LGBTQIA+, onde a participante se sente acolhida.....	87
Figura 4.3.4: Foto do Chafariz do calçadão onde a participante participa de movimentos sociais da comunidade LGBTQIA+.....	87
Figura 4.3.5: Estatua de general que causa desconforto na participante.....	89
Figura 4.3.6: Local onde a entrevistada considera seu refúgio, onde consegue ter mais privacidade.....	90
Figura 4.4.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 4, realizada no dia 21/01/2022.....	92
Figura 4.4.2: Fotografias da entrevista caminhada 4, realizada no dia 21/01/2022.....	92
Figura 4.4.3: Foto do Chafariz do centro da praça.....	95
Figura 4.4.4: Momento em que o entrevistado aponta para o local onde sofreu agressão.....	96
Figura 4.5.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 5, realizada no dia 22/01/2022.....	98
Figura 4.5.2: Mapa do percurso e fotografias da entrevista caminhada 5, realizada no dia 22/01/2022.....	99
Figura 4.5.3: Foto do Chafariz do Calçadão.....	100

Figura 4.6.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 6, realizada no dia 22/01/2022.....	103
Figura 4.6.2: Fotografias da entrevista caminhada 6, realizada no dia 22/01/2022.....	103
Figura 4.7.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 7, realizada no dia 21/01/2022.....	107
Figura 4.7.2: Fotografias da entrevista caminhada 7, realizada no dia 21/01/2022.....	107
Figura 4.7.3: Imagem da meia lua. Foto tirada pela entrevistada.....	110
Figura 4.7.4: Imagem do “cantinho gay” tirada pela entrevistada.....	110
Figura 4.8.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 8, realizada no dia 20/01/2022.....	111
Figura 4.8.2: Fotografias da entrevista caminhada 8, realizada no dia 20/01/2022.....	112
Figura 4.9.a: Trajeto das entrevistas caminhadas realizadas na pesquisa.....	117
Figura 4.9.b: Mapa de calor das entrevistas caminhadas realizadas no estudo.....	117
Figura 4.9.1: Pontos mais citados pelos participantes na entrevista caminhada.....	118
Figura 4.9.2: Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2019.....	119
Figura 4.9.3: Atos em memória de Marielle Franco morta em 2018. Marielle Franco era pertencente a comunidade LGBTQIA+.....	121
Figura 4.9.4: Pintura que retrata uma trans e uma travesti se utilizando do Chafariz da Praça Coronel Pedro Osório. A obra se chama Memórias Ressignificadas feita pela artista e arqueóloga transfeminista Violet Baudelaire.....	123
Figura 4.9.5: Evento Slam das Minas, onde acontece na meia lua da Praça Coronel Pedro Osório. Para as participantes é um momento de libertação de sua identidade sexual.....	124
Figura 4.9.6: “Cantinho dos Gays”, espaço citados pelos entrevistados durante a entrevista caminhada.....	125
Figura 4.10.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 1.....	126
Figura 4.11.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 2.....	128
Figura 4.12.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 3.....	131

Figura 4.13.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 4.....	133
Figura 4.14.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 5.....	135
Figura 4.15.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 6.....	136
Figura 4.16.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 7.....	139
Figura 4.17.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 8.....	141
Figura 4.18.1: Mapa Síntese dos Mapas Mentais.....	143
Figura 4.19.1: Categorias analisadas quando verificados o objetivo específico i.....	148
Figura 4.19.2: Categorias analisadas quando verificados o objetivo específico ii.....	151
Figura 4.19.3: Categorias analisadas quando verificados o objetivo específico iii.....	155
Figura 4.19.4: Categorias analisadas quando verificados o objetivo específico iv.....	158

SUMÁRIO

Capítulo 1: Introdução à pesquisa.....	14
1.1. Contexto da pesquisa.....	14
1.2 Objetivo Geral	21
1.2.1 Objetivos específicos	21
1.3 Objeto de Estudo	22
1.4 Metodologia	23
Capítulo 2: Marco teórico	25
2.1. Ser LGBTQIA+ na cidade	25
2.1.1 Percepção Ambiental e o usuário LGBTQIA+	28
2.2. Direitos para quem? Territórios de quem?	35
2.2.1 Território e Territorialidades LGBTQIA+	39
2.2.2 O senso de lugar da comunidade LGBTQIA+.....	41
2.3 A pandemia e a comunidade LGBTQIA+	44
2.4. Cidade da diversidade	48
2.4.1 Exemplos de cidades <i>LGBTQIA+friendly</i>	50
2.5 Conclusão do capítulo 2.....	57
Capítulo 03: Metodologia.....	60
3.1 Visão de mundo	60
3.2 Estudo de caso	61
3.3 Métodos e técnicas de coleta de dados	65
3.3.1 Entrevista Caminhada.....	65
3.3.2 Mapa mental	68
3.4 Métodos de Análise de dados.....	69
3.5 Conclusão do capítulo 3	69
Capítulo 4: Resultados e discussões	70

4.1 Entrevista Caminhada 1	70
4.2 Entrevista Caminhada 2	78
4.3 Entrevista Caminhada 3	84
4.4 Entrevista Caminhada 4	91
4.5 Entrevista Caminhada 5	97
4.6 Entrevista Caminhada 6	102
4.7 Entrevista Caminhada 7	106
4.8 Entrevista Caminhada 8	111
4.9 Cruzamento das entrevistas caminhadas com mapa de calor	116
4.10 Mapa Mental 1	126
4.11 Mapa Mental 2	128
4.12 Mapa Mental 3	130
4.13 Mapa Mental 4	132
4.14 Mapa Mental 5	134
4.15 Mapa Mental 6	136
4.16 Mapa Mental 7	138
4.17 Mapa Mental 8	140
4.18 Cruzamento dos Mapas Mentais.....	142
4.19. Respondendo à pergunta de pesquisa e ao objetivo geral	147
4.20 Conclusão do Capítulo 4	159
Capítulo 5: Conclusões e considerações finais	162
5.1 Retomando o problema, a pergunta, os objetivos e os métodos da pesquisa.....	162
5.2 Principais resultados do estudo	163
5.3 Recomendações para espaços urbanos	168
5.4 Importância dos resultados e sugestão para futuros trabalhos	170
Referências Bibliográficas	172

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	186
Apêndice B – Perguntas da Entrevista Caminhada.....	189
Apêndice C – Transcrições Entrevistas Caminhadas.....	191
Apêndice D – Análise das Transcrições das Entrevistas Caminhadas	250

Capítulo 1: Introdução à pesquisa

O presente trabalho busca compreender como as repressões e violências urbanas afetam a construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersex, agêneros, assexuados e mais¹). Através da percepção do usuário, busca-se uma reflexão sobre o uso e apropriação dos espaços da cidade. Este capítulo tem como objetivo introduzir o leitor ao contexto da pesquisa – assim como o objetivo do estudo – e logo em seguida é apresentado o objeto de estudo.

1.1. Contexto da pesquisa

As discussões sobre as vivências e o comportamento da comunidade LGBTQIA+ têm ganhado notoriedade nos dias atuais. Cada vez mais discursos políticos e religiosos que envolvem a individualidade da comunidade colocam em foco as problemáticas crescentes relacionadas aos preconceitos e desinformações sobre a população LGBTQIA+ (GGB, 2019). Para além de todas essas dificuldades enfrentadas pela comunidade LGBTQIA+, a pandemia do coronavírus agravou significativamente todos esses problemas, tanto na vida pública quanto na vida privada (OIA, 2020).

De acordo com um relatório da Associação Internacional LGBTQIA+ (ILGA), 70 países criminalizam as relações entre pessoas do mesmo sexo, o que representa um em cada três. Em cerca de 35 desses países, é perigoso identificar-se como membro da comunidade LGBTQIA. Em 44 países do mundo, as relações entre pessoas do mesmo sexo são criminalizadas para todos os gêneros, e em outros países apenas para homens. Seis destes países preveem a pena de morte para qualquer pessoa envolvida em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo (MENDOS, 2019).

Um estudo denominado *Violência Contra LGBTQIA+ no Contexto Eleitoral e Pós-Eleitoral*, produzida pela Gênero e Número (BULGARELLI, LUCAS *et al.*, 2019), mostra que cerca de 51% dos entrevistados sofreram uma agressão no

¹ O mais foi incorporado à sigla para abrigar outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero que existam.

período eleitoral² em 2018. A pesquisa, a partir de entrevistas realizadas em diferentes cidades brasileiras, obteve que as ruas e os espaços públicos foram mais citados como locais onde se apresentaram episódios de violência, sendo que 83% dos entrevistados passaram por situações de discriminação e perigo nestes locais. Ainda segundo a pesquisa, 6% dos entrevistados sofreram agressões em locais fechados, dentre os quais 38,5% em ambientes familiares; 23% no mercado de trabalho; e 19 % escolas e universidades. A violência verbal foi a mais citada e comum nos espaços públicos e privados (cerca de 87%); em contrapartida, a violência física correspondeu cerca de 13% (BULGARELLI, LUCAS *et al.*, 2019).

As violências vividas nos espaços públicos e privados podem ser caracterizadas como LGBTQIA+fobia, que, segundo Borrillo (2010) é um fenômeno descrito como um comportamento hostil aos indivíduos que se consideram da comunidade LGBTQIA+. Para o autor, todo comportamento que foge da heterocisnormatividade³, seja em relação ao convívio social quanto as relações de afeto entre duas pessoas, é condenado e julgado, sendo passível de agressão. Ainda, segundo o autor, os padrões impostos são tentativas de controlar os seus corpos e modos de vida. Venceslau (2020) afirma que as relações sociais nos espaços das cidades constroem as sexualidades, porém, estas vivências não podem ser analisadas somente sob a ótica do fator biológico e devem levar em consideração fatores sociais, políticos e religiosos (dentre outros).

Carvalho e Macedo Júnior (2017), nas tratativas de locais públicos e os espaços de socialização, afirmam que tudo e todos aqueles que fogem das regras heteronormativas são fadados à exclusão e ao medo de ocupar e vivenciar estes locais. Para os autores, a produção desses espaços da cidade é seriamente prejudicada pela disseminação de desinformação e preconceitos da hegemonia dominante nesses locais. Braga (2018) afirma que a comunidade

² Em 2018, um certo candidato que concorreu as eleições, se declarou publicamente LGBTQIA+fóbico, oportunizando episódios de intimidação que aumentaram a ansiedade entre grupos que se sentem vulneráveis, e hoje são negados, pelo candidato (BULGARELLI, LUCAS *et al.*, 2019).

³ A heterocisnormatividade são padrões comportamentais pré-estabelecidos de gênero em consonância ao sexo biológico. Ela se dá a partir da gestação até a vida adulta, moldando todos os padrões de comportamento humano (PARANHOS, 2015)

LGBTQIA+, ao ocupar espaços de socialização nas cidades, acaba se articulando com os direitos individuais, proporcionando mais visibilidade e integração com a sociedade. Para a autora, desde a Revolta de Stonewall o papel dos espaços da cidade tornou-se visivelmente político, apesar de não ter sido planejado, sendo que os corpos da comunidade LGBTQIA+ desafiam as normas heterocisnormativas da cidade.

A Revolta de Stonewall consistiu uma série de manifestações espontâneas de membros da comunidade LGBTQIA+ contra a hostilidade da polícia de Nova York, em que pessoas da comunidade se reuniam secretamente para socialização. O movimento Stonewall promoveu um sentimento de pertencimento entre as pessoas LGBTQIA+, permitindo que elas ocupassem espaços públicos e inspirando orgulho entre seus semelhantes (FERNANDES, NEIS, 2019).

A Constituição Brasileira (1988) determina em seu art. 3º, inciso IV que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Segundo Carrara (2010), a Constituição Brasileira trouxe transformações expressivas para a sociedade, citando a igualdade de gênero e o reconhecimento das diversas formas de família, porém, a estrutura que implementa tais artigos é altamente comprometida, o que coloca toda ou qualquer política pública urbanística voltada para a comunidade LGBTQIA+ em descaso.

Butler (2003), em seu estudo sobre as condutas homoafetivas, argumenta que a heterocisnormatividade é uma conduta regulatória normativa que resulta em uma linearidade entre gênero, identidade, sexo e desejo. Esta linearidade, segundo a autora, formaliza as práticas sociais e os indivíduos através dos espaços em que estas pessoas vivenciam. A autora ressalta ainda que a heterossexualidade vai além dos atos sexuais em espaços privados, ela influencia nas relações de poder nos espaços públicos e privados da cidade, ou seja, sujeitos LGBTQIA+ vivenciam os espaços das cidades diariamente como todas as outras pessoas, contudo, não vivenciam com as mesmas igualdades perante os indivíduos heterossexuais.

Wisniewski (2020), em uma análise sobre os espaços urbanos contemporâneos, cita que estes locais estão em constante transformação. No entanto, devido aos comportamentos heteronormativos e aos costumes sociais predominantes nos espaços públicos da cidade, os indivíduos que não pertencem a essa heteronormatividade situam-se na periferia dessas transformações. Segundo o autor, ainda hoje, muitos sujeitos LGBTQIA+ evitam expressar sua individualidade por medo de sofrer repressão da maioria heterocisnormativa.

Segundo Bento (2015), os estigmas e a violência que assolam a comunidade LGBTQIA+ dificultam toda e qualquer forma de interação colaborativa. Nesse sentido, a autora argumenta que o sujeito pertencente ao grupo acaba não utilizando plenamente os espaços da cidade por não se alinharem às normas heterocisnormativas prevalecentes na sociedade. Seguindo nesta mesma linha de pensamento, Fernandes e Zanelli (2006) afirma que as identidades são construídas através de um processo individualizado, no qual o indivíduo formula suas noções através do mundo ao seu redor. Ainda segundo os autores, as identidades sociais recebem características estabelecidas por meio da coletividade, levando o sujeito a se identificar através de grupos. Estudos sobre território e territorialidade pontuam que o território é construído a partir do espaço, sendo este uma soma de resultados dos atores e, portanto, estes territórios trazendo à tona todas as relações marcadas pelo poder (PARKER, 1984; RAFFSTEIN, 1993).

O indivíduo homossexual, nos espaços da cidade, se comparado a um indivíduo heterossexual, vive em um estado de discriminação e rejeição por aqueles que possuem a hegemonia espacial da cidade (FREITAS, 2016). Valentine (1993) discute que ser LGBTQIA+ foge das regras da heterocisnormatividade, sendo esta o resultado de reproduções temporais e espaciais. Para a autora, a sociedade concebe que ser normal é ser heterossexual, negando-se compreender todas as outras identidades sexuais, marginalizando e difundindo violências e preconceitos a comunidade. Para Carvalho e Macedo Júnior (2019), na sociedade heterocisnormativa, a comunidade LGBTQIA+ vivência e ocupa a cidade de maneira diferente, sua espontaneidade e liberdade são moldadas de acordo com o ambiente onde elas

estão inseridas. Dentro dessa lógica, os muitos territórios da cidade incorporam às práticas individuais que constroem identidades simultâneas e distintas em cada local, seja acolhimento ou repulsão (WISNIEWSKI, 2020).

Silva (2020) reflete sobre os espaços públicos e privados, acreditando que a casa é um lugar de ordem e opressão enquanto a rua serve como espaço de padronização e caos. Segundo o autor, a rua representa o mundo com suas paixões, desentendimentos e caos, em oposição ao lar, ponto de controle. Carvalho e Macedo Júnior (2019), confirmam que os espaços privados versus espaços públicos são antagonistas em suas formas de apropriação, enquanto o espaço privado é pautado por hierarquizações de idade e gênero. As hierarquias estão presentes nos espaços públicos, mas estão escondidas em uma eterna batalha de todos contra todos.

Corroborando essa ideia, Pallasmaa (1996) argumenta que o cotidiano das pessoas pode ser entendido por meio dos sentimentos de afetividade e identidade que ambos têm como resultado de suas experiências. Segundo o autor, quando os espaços se transformam em lugares, proporcionam experiências revitalizantes, e todas as esferas sensoriais interagem e contribuem para a imagem do lugar que teremos em nossas memórias. Sobarzo (2006) afirma que o sentimento de pertencimento que uma população desenvolve a uma cidade é capaz de desencadear mobilizações para a resolução de diversos conflitos, transformando a realidade em que vive, segundo o autor, a dualidade entre o espaço concreto e o espaço abstrato demonstra todos os conflitos e contradições das cidades.

Segundo Jorgensen e Stedman (2006), o senso de lugar é um conceito multifacetado que representa crenças, emoções e comportamentos. Compreender e correlacionar os domínios cognitivo, afetivo e conativo, segundo os autores, permite uma melhor compreensão do lugar, identificando conexões entre crenças, emoções e comportamentos. Ainda segundo os autores, o pertencimento e o reconhecimento com o ambiente também produzem experiências sensoriais que permitem identificar o usuário.

Em estudos que retratam as discriminações que os indivíduos LGBTQIA+ sofrem nos espaços urbanos, Gomes (2008) afirma que o indivíduo da comunidade LGBTQIA+ nos espaços públicos prefere não demonstrar sua identidade de forma plena com o medo de repressões e discriminações. O mesmo autor afirma que os modelos de condutas heterocisnormativas presentes no espaço da cidade são fruto de um modelo patriarcal, machista e sexista, fazendo com que todos os padrões que fogem heteronormatividade imposta, seja rechaçado com diferentes formas de violências. Segundo o autor, mesmo em locais privados onde há possibilidade de encontro ou convívio, o corpo dissidente sente os efeitos da heterocisnormatividade.

Leite e Zanetti (2021) em seus estudos sobre os territórios LGBTQIA+, afirmam que, por apresentarem diversos atrativos, as áreas centrais acabam servindo como ponto de encontro da comunidade; no entanto, o acesso a essas áreas está condicionado ao controle social e ao consumo. As autoras afirmam que àqueles que não podem consumir o que está sendo oferecido nesses espaços é negado o direito de uso desses locais. Ainda segundo as autoras, ao corpo LGBTQIA+ é imposto hora, data e local para que possam usufruir de certas localidades da cidade.

Estudos que abordam as ocupações dos espaços da cidade pela comunidade LGBTQIA+, (SILVA, 2003; CANABARRO, 2013; GREEN, 2014; BRAGA, 2018) na busca por espaços que possam ser ocupados sem medo de sofrer violência e preconceito, a comunidade vê o carnaval como um grande símbolo de libertação identitária. Ainda de acordo com os autores, os eventos carnavalescos são uma quebra das normas de convivência social cotidiana nos espaços públicos. Esses estudos avaliaram os eventos e ocupações dos ambientes urbanos, mas não avaliaram como os preconceitos e a violência afetam a comunidade na construção de identidades e senso de lugar.

Para tanto, quando pesquisamos sobre cidades *LGBTQIA+friendly*, descobrimos que várias cidades ao redor do mundo vêm implementando políticas públicas que apoiam a comunidade LGBTQIA para reduzir as violências e os preconceitos. Rodini (2005) aponta que essas cidades não só enxergam o potencial econômico que o grupo LGBTQIA+ pode trazer para as cidades, mas

também estabelecem regras que permitem que a cultura dessas pessoas seja vista e compreendida por todos na sociedade. Como exemplo: São Francisco-USA, Madri-ES e São Paulo-BR. Porém, essa inclusão das diversas expressões culturais da comunidade LGBTQIA+ no espaço urbano é mais vista durante a Parada do Orgulho LGBTQIA+ (BRITTO; DOS SANTOS MACHADO, 2020).

Em seus estudos sobre a Parada LGBTQIA+, Chioccheta e Avena (2006), sustentam que este evento surge como uma forma de reocupar os espaços da cidade, onde esses indivíduos historicamente sempre foram rejeitados. Para as autoras, o comportamento relacionado à liberdade identitária da comunidade é vedado ao submundo e aos ambientes privados, como bares, boates gays e até mesmo a prostíbulos. Ainda segundo as autoras, o território da parada LGBTQIA+ representa para toda a comunidade um local de livre demonstração de afeto e carinho, um local onde sua identidade é expressada livremente.

Todos esses estudos são fundamentais para entender como os preconceitos contra a comunidade LGBTQIA+ afetam a ocupação dos espaços da cidade, compreendendo que a Parada do Orgulho e o Carnaval têm um papel fundamental na superação da LGBTQIA+fobia nos espaços públicos. Porém, trabalhos que correlatam a percepção de pessoas LGBTQIA+ com os espaços públicos nas cidades são escassos. Como resultado, este estudo tem como objetivo reunir informações sobre as percepções da comunidade LGBTQIA+ sobre os espaços públicos, bem como refletir sobre como esses espaços influenciam a memória, o uso e a apropriação.

Como motivação para esse estudo cito que a necessidade de explorar um tema que há muito que me foi negado até o “sair do armário”, pareceu tão distante quanto a teoria que diz que a cidade é de todos. Os simples fatos de andar de mãos dadas com meu namorado e poder beijá-lo na rua sem medo de julgamentos, o direito à segurança, o direito a ser quem eu sou, é me negado diariamente. Reconheço meus privilégios dentro o grupo ao qual eu pertenço, entretanto, mesmo reconhecendo esses privilégios, ser quem eu sou, ou expressar verdadeiramente o meu ser, é rechaçado por esses tais padrões heterocisnormativos da sociedade. Ler que mais um LGBTQIA+ foi assassinado pelo simples fato de ser LGBTQIA+ traz à tona o sentimento de revolta e medo.

Esse estudo surge de um certo cansaço. Cansa ter medo e cansa ter que se reafirmar todos os dias. Mas ao mesmo tempo impõe a necessidade de, como arquiteto, tentar contribuir para a democratização desses espaços. Para além do medo e da revolta carrego comigo a vontade de tentar fazer algo a respeito, talvez pareça pouco, mas cada passo dessa dissertação é importante. Acredito que cada pequeno esforço que eu possa fazer contribua de fato para algo que mude essas estatísticas de violência e discriminação da minha comunidade LGBTQIA+.

Nesse sentido, considerando as questões expostas acima, **o problema de pesquisa centra-se nas discriminações que a comunidade LGBTQIA+ vivência e que afetam as diferentes formas de ocupar os espaços, sejam eles públicos ou privados**. Este estudo parte do pressuposto que pessoas LGBTQIA+ não experienciam a cidade sendo elas mesmas, vivenciam sacrificando e limitando suas espontaneidades para evitar humilhações e preconceitos (WISNIEWSKI, 2020). Da mesma forma, concorda com Wisniewski (2020), que sustenta que as invisibilidades impostas ao sujeito LGBTQIA+ são uma construção social, estabelecida por indivíduos que possuem a hegemonia do espaço, disseminando suas ideias ao mesmo modo que discriminam e marginalizam o que é diferente das regras sociais definidas. Dessa forma, **a pergunta de pesquisa consiste em analisar como ocorrem as interações da comunidade LGBTQIA+ no espaço coletivo, verificando as dificuldades desses usuários em usufruir de forma plena os espaços urbanos**.

1.2 Objetivo Geral

O objetivo desse estudo consiste em avaliar os espaços das cidades de médio porte e como esses ambientes contribuem e afetam na construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+, visando propor recomendações para cidades mais inclusivas.

1.2.1 Objetivos específicos

Para cumprir com o objetivo geral, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- (i) identificar espaços de socialização da comunidade LGBTQIA+;
- (ii) reconhecer e caracterizar quais elementos do espaço urbano influenciam no apego ao lugar;
- (iii) identificar ações e elementos que contribuem para a redução da LGBTQIA+fobia nos espaços urbanos.
- (iv) identificar como a pandemia do covid-19 influenciou na percepção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+.

1.3 Objeto de Estudo

No seu mais recente relatório anual sobre as mortes da LGBTQIA+ o Grupo Gay Bahia⁴ (2019) aponta um aumento expressivo das violências cometidas ao grupo, contabilizando 322 homicídios e 32 suicídios, o que representa uma média de uma morte a cada 26 horas no país. Segundo o relatório, a crescente onda de violência é fruto de um discurso de ódio implantado na atual gestão política federal, que prega o conservadorismo e se utiliza de estigmas, que, em um tempo não tão remoto, já haviam sido superados.

Segundo Furtado (2020), os censos que investigam a porcentagem da comunidade LGBTQIA+ brasileira são realizados através de cruzamentos de dados de entidades e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontam que cerca de 14% e 16,5% se classificam como LGBTQIA+. No entanto, estes dados estão defasados a mais de uma década e continuam não levando em consideração pessoas bissexuais e intersexos. O mesmo autor afirma que o próximo senso do IBGE não investigará as identidades de gênero por pressão política, levando ao apagamento de muitas identidades e mais uma década de retrocesso nos direitos da comunidade LGBTQIA+.

Ao longo da história o movimento das LGBTQIA+ passou por diversas transformações proporcionando um acolhimento das diversas orientações

⁴ Devido à pandemia, nenhuma pesquisa foi feita em 2020. O estudo mais recente foi feito em 2019.

sexuais e identidades de gênero, que é representada pelo símbolo “+” (DE OLIVEIRA, 2017). O estudo sobre as identidades sexuais e as sexualidades não pode ser compreendido como algo da natureza, ou inerente ao ser humano (LOURO, 2008). Para a autora, sexualidade carrega cargas plurais e culturais, como rituais, linguagens, símbolos, representações etc. Ainda segundo a autora, as inscrições de gênero – feminino ou masculino – são feitas a partir do contexto de certa cultura, sendo estas compostas e definidas por relações moldadas por um jogo de poder da sociedade.

Para tanto, quando analisado as relações sociais e de poder que influenciam a construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+, o Centro da Cidade de Pelotas foi escolhido por apresentar essas diversas relações sociais e de poder do grupo no espaço. Para além disso, o ambiente apresenta diversas características e locais que atendem a comunidade LGBTQIA+. O espaço do Centro de Pelotas é historicamente conhecido como um “espaço acolhedor” para a comunidade LGBTQIA+, com bares e locais que oportunizam o uso e ocupação do espaço (FERNANDES; NEIS, 2019)

1.4 Metodologia

Esse estudo se insere numa abordagem qualitativa e foi desenvolvido a partir de um estudo de caso. O trabalho foi iniciado a partir de uma pesquisa exploratória e logo após por uma pesquisa bibliográfica e documental onde foram investigados aspectos ligados ao senso de lugar e a pandemia da comunidade LGBTQIA+. A partir dessa pesquisa foram identificados atributos iniciais de análise, consideradas para a realização dos métodos selecionados. Para efetuar a coleta de dados serão empregados métodos qualitativos como: Entrevista Caminhada e Mapa Mental. Esses métodos oportunizaram a captura e a identificação de elementos dos espaços urbanos que alteram a construção do senso de lugar e influenciam no uso e apropriação do espaço. Nos procedimentos para a análise dos dados, serão levados em consideração atributos levantados no marco teórico dessa pesquisa, referentes a percepção ambiental, destacando em especial os elementos que se relacionam ao senso de lugar. Todos esses foram sistematizados em categorias e interpretados separadamente.

Esta dissertação está dividida na seguinte estrutura: no primeiro capítulo, é feita uma apresentação geral do tema que trata o estudo, introduzindo ao problema de pesquisa, a justificativa de pesquisa, a motivação do autor, os objetivos e uma síntese da metodologia.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico que aborda conceitos relacionados à comunidade LGBTQIA+ e a percepção ambiental através dos atributos como *arranjo espacial*, *comportamento socioespacial*, *apego ao lugar* e *espaços restauradores*. Este capítulo também apresenta conceitos sobre o direito à cidade e aos territórios, e como esses elementos se ligam ao senso de lugar do grupo. O capítulo também inclui questões ligadas ao coronavírus e a comunidade. Por fim, o capítulo traz exemplos de cidades *LGBTQIA+ friendly*.

No terceiro capítulo, é descrita a metodologia do estudo, detalhando os processos metodológicos e passos utilizados para a análise e interpretação de dados. No quarto capítulo, são apresentados as discussões e resultados, que constituem a apresentação e o atendimento aos objetivos do estudo. No quinto e último capítulo são expressas as conclusões do estudo, bem como a importância e as implicações deste estudo para futuras pesquisas.

Capítulo 2: Marco teórico

Este capítulo apresenta o marco teórico e está dividido em quatro partes. A primeira tem o intuito de apresentar como é ser um indivíduo LGBTQIA+ na cidade e como a Percepção Ambiental é trabalhada neste estudo. A segunda parte discute conceitos relacionados ao direito à cidade, territórios, territorialidades e o senso de lugar. A terceira, apresenta o cenário da pandemia do COVID-19 no mundo e os impactos sobre a comunidade. A quarta e última parte discute sobre a diversidade e memória do grupo nos espaços urbanos e exemplos de cidades LGBTQIA+ *friendly*.

2.1. Ser LGBTQIA+ na cidade

Ser LGBTQIA+ no contexto social é contrapor todo e qualquer padrão heteronormativo de gênero e sexualidade. A construção social do sexo biológico, do gênero masculino e feminino é sempre restrito à produção do conhecimento por aqueles que sempre estão no poder, ou seja, homens brancos, heterossexuais e cristãos. As estruturas em que a sociedade se funda tem em seus alicerces o machismo, o classismo, o racismo e a heterossexualidade obrigatória. As identidades que não são heterossexuais sofrem impactos significativos ao vivenciar as cidades, que vão desde as tentativas de apagamento das identidades, a naturalização das violências contra a comunidade (SIMÕES; FACCHINI, 2009; DUARTE; CÉSAR, 2012; DE JESUS, 2012; LEITE, 2019).

Quando se trata da discussão de cidade e a comunidade LGBTQIA+, Leite (2019) afirma que historicamente o indivíduo LGBTQIA+, ao sair da esfera privada para ocupar, vivenciar e construir os espaços públicos, sofre múltiplas formas de discriminações. A mesma autora afirma que o medo, a violência e as repressões da sociedade e do Estado culminam em uma vergonha e culpa por não se encaixar nos padrões heterossexuais presentes nos ambientes urbanos. Para a mesma autora, o grupo LGBTQIA+ é sempre julgado por estar fora dos padrões heterossexuais, levando os indivíduos a procurar locais onde possam se apropriar e ocupar. Ainda segundo a mesma autora, muitos desses espaços da cidade são marginalizados e precários.

Carvalho e Macedo Júnior (2019) asseguram que o espaço coletivo de trocas e cruzamentos das cidades apresentam um grande risco à existência da comunidade LGBTQIA+ por se tratar de um espaço heteronormativo. Para eles, é necessário questionar quem produz esses espaços da cidade entendendo que é um sistema patriarcal que não leva em consideração os diferentes indivíduos que a compõe. Vianna e Coppieters (2017) afirmam que a simples troca de um carinho ou um beijo, quando realizado por um casal heteronormativo, é considerado um ato normal e que passa despercebido por todos. Segundo os mesmos autores, quando essas demonstrações de afeto são realizadas por pessoas da comunidade LGBTQIA+, dificilmente esses gestos passarão despercebidos e as reações serão diversas, desde um olhar de reprovação até a violência física.

Segundo Carvalho e Macedo Júnior (2017), quanto mais visível a comunidade LGBTQIA+ nos espaços urbanos, mais riscos de sofrer intolerâncias e preconceitos. Para os autores, mesmo sobre essa ótica de estigmas e medos a comunidade ocupa cada vez mais os ambientes urbanos. Simões e Facchini (2009) estudam que, no Brasil, o processo de visibilidade da comunidade iniciou nos anos de 1970, em conjunto aos movimentos contra a ditadura militar. Para as mesmas autoras, esses movimentos se prologaram até o período de redemocratização brasileira, em 1985. Nos estudos desse período, Ferreira e Sacramento (2019) apontam que foi durante a redemocratização que os grupos militantes da causa LGBTQIA+ surgiram. Para tanto, ainda segundo os autores, esse processo de reconhecimento e de visibilidade, ganhou ainda mais destaque com o surgimento da *epidemia de HIV-Aids*⁵.

Simões e Facchini (2009) observam que no Brasil atual os direitos comunitários se originam do primeiro grupo, fundado em 1995, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (ABGLT). Em dados apresentados em seu portal no ano de 2021, a ABGLT conta com 243 associações e 72 grupos parceiros. É inegável a visibilidade que a comunidade

⁵ A epidemia HIV-AIDS, foi diagnosticada no ano de 1981, levando a ameaça de uma crise global de rápida disseminação e agravamento, exigindo respostas e a necessidade premente de criação de recursos econômicos, políticos, sociais e psicológicos que dessem conta de uma problemática com tal magnitude (ALMEIDA, 2007).

vem adquirindo nos últimos anos, o que proporciona diferentes formas de expressar suas pautas e individualidades nos espaços da cidade.

Entretanto pode-se ressaltar que toda a crescente visibilidade do grupo LGBTQIA+ gera um movimento oposto de negação para com a comunidade. Como analisam Ferreira e Sacramento (2019), as repressões que a comunidade sofre – LGBTQIA+fobia – são percebidas de forma semelhante ao racismo quando tratamos do movimento negro, ou misoginia e machismo, quando do movimento feminista. Para os autores, o padrão de comportamento LGBTQIA+fóbico sempre é palco de questionamentos éticos por grupos religiosos, políticos conservadores, entre outros. Ainda segundo os autores, esses preconceitos e violências acabam estruturando as identidades coletivas da comunidade.

Para Simões e Facchini (2009) a LGBTQIA+fobia é um elemento a partir do qual a comunidade constrói pautas e discussões de enfrentamentos, possibilitando que ocupem os espaços de cidade de forma igualitária. Eles afirmam que, em conjunto a onda crescente da tolerância e liberdade, as violências persistem, principalmente da as de forma velada e sutil. Para os mesmos autores, essas violências estão presentes no cotidiano dos espaços da cidade, nos contextos de proximidade da família, na escola, entre vizinhos e conhecidos. Ainda segundo os mesmos autores, essas violências são proferidas por grupos que se julgam dominantes e se utilizam de estigmas para dar continuidade aos seus valores.

No Brasil, quando observamos sobre os avanços nos direitos do grupo LGBTQIA+, percebe-se que em 2004, com a implementação do Programa Brasil Sem Homofobia (PBSH), durante o Governo Lula, o campo dos direitos humanos, da educação e da assistência social tiveram ganhos significativos para a comunidade LGBTQIA+. Entretanto, a partir do afastamento da presidente Dilma Rousseff, nota-se uma crescente onda de violência que perdura nos dias atuais, culminando em um desmonte nas políticas públicas que atendem o grupo (MACHADO, 2015).

Se examinarmos as identidades nas quais a comunidade LGBTQIA+ se desenvolve, Pretes e Vianna (2007) apontam que os discursos do final do século XIX que associavam a homossexualidade à doença e à anormalidade ainda estão presentes na dinâmica da sociedade. Para os mesmos autores, esses mecanismos são fortemente utilizados nas relações do grupo LGBTQIA+, classificando essas relações como um grave inimigo social. Gama (2019) observa que não são raras as tentativas de aplicar a “cura” as relações sociais, políticas, espirituais e psicológicas. Para a autora, a identidade da comunidade é um jogo constante do desejo de ser visível para aqueles que negam sua existência.

Neste sentido, é possível observar que para toda a visibilidade e tentativas de ocupação dos espaços urbanos em que a comunidade LGBTQIA+ se dispõe, haverá sempre um movimento oposto de apagamento e negação, dificultando a aceitação daqueles que fogem dos padrões heteronormativos estabelecidos socialmente. O ato de expor as diferentes identidades da comunidade torna-se um ato político diante das normas contratuais presentes nos ambientes da cidade. É sob este olhar que essa pesquisa contribui na discussão do tema, argumentando que existe uma maior necessidade de visibilidade e participação daqueles indivíduos que sempre foram invisibilizados. No tópico a seguir, discutimos conceitos ligados à Percepção Ambiental e às definições de conceitos que serão utilizadas na elaboração das categorias de análise desta pesquisa.

2.1.1 Percepção Ambiental e o usuário LGBTQIA+

A área de estudo da Percepção Ambiental aborda processos de comportamento e interação entre o usuário e o ambiente. Segundo Naoumova (2009), o ato de perceber o espaço no seu entorno gera no indivíduo uma consciência do seu mundo ao redor. De acordo com a mesma autora, a cognição e a percepção são etapas do processo global da percepção ambiental. Kanashiro (2003) afirma que essas duas etapas estão diretamente ligadas. Para a autora, a percepção se refere a atos em que o usuário interage com o ambiente, em resposta às propriedades físicas e os estímulos presentes no espaço. Ainda segundo a autora a cognição está ligada com o conhecimento que o indivíduo adquire, desenvolvendo consciência, simbolismos e significados dos ambientes.

Para Weber (1995), o processo perceptivo está ligado diretamente com os estímulos ambientais adquiridos pelo o usuário, a partir da atividade sensório-motora. Segundo o autor, a experiência que o indivíduo obtém através dos estímulos ambientais criam a imagem mental do local. O processo de cognição, para o autor, é responsável por organizar e classificar as informações sobre um determinado espaço, promovendo a criação de valores de lugar e função para os indivíduos.

Tuan (1983), ao tratar sobre o imaginário dos locais, afirma que a capacidade de lembrar e imaginar os espaços é um processo inato à mente humana. Para o autor, a memória e a imaginação estão comumente ligados ao espaço, e estes, por sua vez, estão em constante interação. Corroborando com essa ideia, Pallasmaa (1996) argumenta que quanto mais intensas as experiências sensoriais com o ambiente, mais revigorantes e vividas serão as lembranças daquele local. Segundo o autor, a capacidade de invocar memórias sobre os espaços contribui para que os indivíduos criem locais e rotas onde se sintam mais confortáveis naqueles ambientes.

Para Lay e Reis (2005), o conceito de percepção pode ser compreendido a partir das experiências sensoriais individuais e coletivas, na qual se atribui diversas interpretações de acordo com o nível de experiência e cultura na qual esse indivíduo está inserido. Para eles, os espaços urbanos influenciam os comportamentos e as atitudes dos usuários, podendo ser projetado na memória, espaços qualificados e satisfatórios, quando a experiência for positiva e insatisfatória e não qualificadas, quando negativa. Segundo os mesmos autores, o processo de cognição está relacionado ao aprendizado que o indivíduo produz a partir da vivência com o ambiente, sendo a percepção complementar quando se analisada a partir da experiência sensorial.

Portando, para essa investigação, o conceito de **percepção e cognição** são tratados de forma complementar, entendendo que a percepção está ligada através das experiências sensoriais vividas pelo o usuário nos espaços, enquanto a cognição está relacionada nos valores que os indivíduos atribuem ao ambiente construído, com base em sua personalidade e conhecimento.

Como produto resultante do processo de **percepção** e **cognição**, temos a formação da **imagem ambiental**. A imagem ambiental, para Lynch (1969) e Golledge e Stimson (1997), é baseada no processo de percepção e de cognição que o indivíduo estabelece com o ambiente físico, relacionado ao estímulo sensorial e experiências prévias do espaço. Para eles, ao final dessa complementação é formada uma imagem do ambiente real, denominada de imagem ambiental real, que pode ser avaliada como positiva ou negativa. Ainda segundo os autores, as reações físicas e mentais influenciam diretamente no processo de percepção e cognição, o que altera a imagem do ambiente real (Ver Figura 2.1).

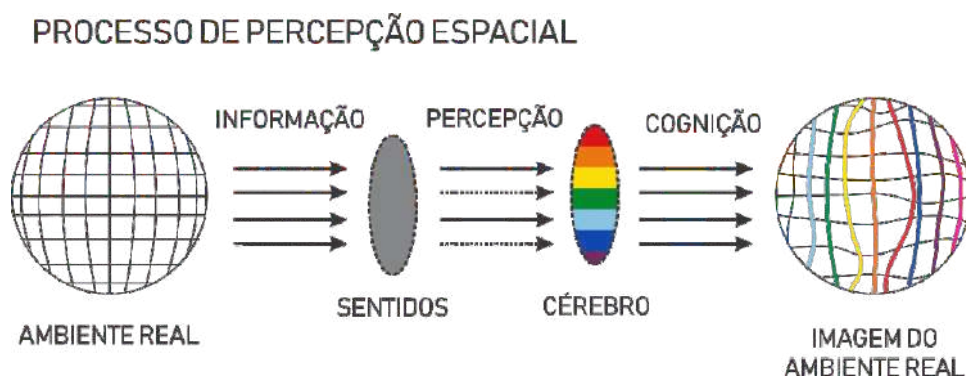


Figura 2.1: Processo de percepção espacial.

Fonte: adaptado de Golledge e Stimson, (1997, p.191).

Ainda conforme o estudo de Lynch (1969), é através da interação com o ambiente que o usuário cria suas próprias imagens, as quais são baseadas em fatores físicos, filosóficos, psicológicos, sociais e políticos. O autor, por sua vez, conceitua o fator de imageabilidade, que está ligado ao conceito de legibilidade urbana. Esse fator, para o autor, é capaz de promover e estruturar uma imagem mental significativa do ambiente. Segundo o autor, um espaço com imageabilidade se torna um local memorável e convidativo, oportunizando uma maior participação do usuário com o ambiente. O autor ainda pontua cinco elementos que constituem a imagem da cidade, sendo eles: **caminhos; limites; bairros; pontos nodais e marcos**. Para este estudo, esses elementos ajudaram a entender como a percepção e o senso de lugar da comunidade LGBTQIA+ é realizado nos espaços urbanos.

Para tanto, quando tratamos da percepção da comunidade LGBTQIA+, percebe-se que esse processo é altamente interferido pelos padrões

heteronormativos, como supracitados anteriormente. Para Perilo (2017), o usuário, quando colocado sobre situações de pressão social, sofre uma perda considerável das informações do espaço ao seu redor. O autor afirma que, para não sofrer violências, o indivíduo homossexual se afasta da convivência dos espaços públicos. Segundo o autor, as pessoas do grupo LGBTQIA+ preferem ficar em suas casas para evitar qualquer tipo de preconceito e violência. Ainda segundo o mesmo autor, quando a comunidade ocupa as ruas, escolhe locais onde possa se relacionar e conviver com pessoas do mesmo grupo, evitando assim espaços heteronormativos.

Nesse sentido, para entender como esses espaços influenciam na apropriação da comunidade LGBTQIA+ e avalia-los, são considerados os estudos de Kaplan, R. e Kaplan, S. (1989); Cavalcanti e Elali (2018); Piaget e Inhelder (1968) com as seguintes categorias: **(i) arranjo espacial; (ii) comportamento socioespacial; (iii) apego ao lugar; (iv) espaços restauradores**. Assim, nos itens a seguir, são discutidos estes elementos.

(i) Arranjo Espacial

Hertzberger (1974), em seus estudos sobre o espaço arquitetônico, considera que os corpos se acomodam de diferentes formas e proporções de acordo com o ambiente em que o indivíduo está inserido. Ele pontua que as gradações presentes nos espaços urbanos são baseadas pelo arranjo espacial em que o usuário vive e transita. Segundo o autor, esses locais ora são mais integrados, ora mais segregados, sempre ligando o corpo à natureza da atividade.

Desse modo, pode-se entender que o Arranjo Espacial, está ligado às formas em que o entorno do indivíduo influencia no processo de cognição espacial. Para Aguiar (2009), as composições morfológicas presentes na cidade, auxiliam na criação de memórias com o espaço. Piaget e Inhelder (1967), classificam alguns atributos que formam o arranjo espacial através da associação cognitiva e da importância associada ao local. São eles:

1. Arte: A arte tem um papel importante na construção da imagem do local. A partir da arte, o sujeito consegue se expressar e identificar de forma efetiva com os locais da cidade (AGUIAR, 2012).

2. Luz: A iluminação atua diretamente sobre os ambientes, tornando-os seguros ou inseguros (pela sua ausência). A luz pode oferecer privacidade, segurança, aconchego entre outros. Vale ressaltar que é a partir da iluminação natural que o sistema imunológico do ser humano promove a sensação do bem-estar (AGUIAR, 2012).

3. Morfologia: É a partir da morfologia que o usuário consegue se inserir no espaço. As diferentes formas e volumes criam locais que podem oferecer maior ou menor acolhimento, segurança e insegurança, maior ou menor vitalidade, entre outros (AGUIAR, 2012).

4. Privacidade e individualidade: O corpo na sociedade é pensado como reduto do indivíduo, como sendo propriedade do sujeito, diferenciando-se dos corpos ao seu redor. É sobre essa concepção que os espaços podem oferecer privacidade e autonomia para quem está inserido no local, permitindo a livre expressão dos indivíduos perante as tentativas de uniformização impostas pela a sociedade. Os locais da cidade devem ser pensados para propor e criar ambientes para as diferentes identidades que nela se encontra (AGUIAR, 2012).

(ii) Comportamento socioespacial

Para Libardoni (2018), o comportamento socioespacial está ligado à capacidade de o ambiente promover o envolvimento com o usuário. Segundo a autora, as interações sociais ocorrem em decorrência de diversas atividades realizadas no local. Além disso, segundo a autora, essas atividades devem ser capazes de motivar ou dissuadir as pessoas de permanecerem nos espaços públicos. Assim, Elali (2009) complementa o fato de que essas atividades realizadas no espaço resultam em uma infinidade de ocorrências passíveis de estudo, como gestos, posturas, orientação corporal, entre outros elementos não verbais.

1. Territorialidade humana: Sack (1983) classifica a territorialidade como um fenômeno social no qual o indivíduo está inserido. Para Elali (2009) esse conceito está vinculado ao sentimento coletivo ou individual de posse a um determinado espaço. Para a autora, o ambiente, o tempo, as formas de ocupação entre outros fatores influenciam nos comportamentos e nas formas de apropriação dos locais da cidade. Clavall (1999, p. 16) sugere que as identidades e o território estão conectados, pois a identidade implica referências que não poderiam ser definidas sem o tempo, cultura e ao sistema de crenças. Para Clavall (199, p. 18): “O sentimento identitário permite que se sinta plenamente membro de um grupo, dotá-lo de uma base espacial ancorada na realidade”.

2. Apropriação: para Elali (2009), a apropriação se relaciona diretamente com a territorialidade, envolvendo o conceito de posse de território e apego do indivíduo ao ambiente. Para a autora, a liberdade que o usuário desenvolve com o espaço, permite que esse cidadão deixe sua contribuição ou “marca pessoal”. Os diferentes modos que o grupo ou indivíduo se apropriam do espaço é reflexo das ligações afetivas com o ambiente. Para a autora, se tais fatores assumem um papel positivo, a apropriação reflete atitudes de respeito para com o local; por outro lado quando tal relação assume um papel negativo, como sensações de alienação e segregação, as apropriações tendem a assumir características agressivas. Ainda segundo a autora, as diferentes ambiências podem influenciar a facilitar ou inibir diferentes comportamentos de apropriação.

3. Aglomeração: a aglomeração pode ser entendida como a falta de espaço para exercer certa atividade. Para Elali (2009), não se trata sobre a questão de densidade física, mas sim de situações onde o usuário se sente observado. Pinheiro e Elali (1998) afirmam que quando uma pessoa se encontra em um local de familiaridade com uma aglomeração de pessoas que não são do seu grupo, isso faz com que essa experiência se torne muito intensa, fazendo com que o indivíduo tenha dificuldades em transpor o desafio de estar sobre vigilância.

4. Engajamento Interpessoal: para Libardoni (2018), o engajamento interpessoal é a capacidade que o ambiente em promover atividades que estimulem a permanência e as relações sociais. Para a autora, esses

engajamentos ocorrem em diversos níveis, porém se tem a necessidade de manter o direito à privacidade.

(iii) Apego ao lugar

O apego ao lugar pode ser definido como uma experiência real ou imaginária que o indivíduo vive com o espaço físico real (SHUMAKER; TAYLOR, 1983; BROWN; PERKINS, 1992; RHEINGANTZ *et al.*, 2009). Quando analisamos a combinação de cognições positivas e negativas em que um indivíduo vive no espaço, essas identidades são referidas como identidades de lugar (BROWN; PERKINS, 1992). Rheingantz (*et al.*, 2009), classificam em duas dimensões: simbólica e funcional. A dimensão simbólica está interligada aos modos de apropriação com o espaço e as memórias afetivas, enquanto a funcional está relacionada ao espaço físico construído, seja este capaz de encorajar ou inibir certas ações dos indivíduos.

Indicadores de apego ao lugar
1. Conforto
2. Conhecimento do lugar
3. Grau de atração
4. Prazer
5. Sentimento de identificação
6. Sentimento de pertencimento
7. Segurança
8. Sensação de dependência
9. Mobilidade para a interação social
10. Grau de influência do lugar sobre os acontecimentos

Figura 2.2: Indicadores de apego ao lugar.

Fonte: adaptado de Giuliani, (2003, p. 2)

Os laços afetivos entre as pessoas e os espaços, segundo Giuliani (2003), são caracterizados por um vínculo durável. Segundo ela, a importância do relacionamento, a necessidade de proximidade com o local, os sentimentos de segurança e conforto e a dor vivenciada pela separação são todos derivados do vínculo diário com o espaço. Ainda segundo a autora, há uma infinidade de indicadores para estudar apego ao lugar (Ver figura 2.2).

(iv) Espaços restauradores

Estudos sobre espaços restauradores (KAPLAN, R.; KAPLAN, S., 1995; ULRICH, 1983; ALEXANDER *et al.*, 2013) classificam esses espaços como locais que promovem melhor a saúde mental, reduzindo fatores causadores de estresse, fadiga, mal-estar, entre outros. Segundo os autores, as propriedades relacionadas à visão impactam nas preferências estéticas que despertam o interesse de um local. Em seu estudo sobre a intergeracionalidade entre idosos e jovens, Libardoni (2018) categoriza os espaços restaurativos em três grupos, para este estudo serão destacados: (i) Espaços estimulantes; (ii) Espaços protetivos.

i. Espaços estimulantes: são aqueles que permitem uma vida pública ativa, diversa e vibrantes. Estes locais são delimitados por ruas importantes e edifícios de grande movimento. Suas características são: ambientes de grande concentração de pessoas, livres de barreiras, sol e sombra, assentos, entre outros (LIBARDONI, 2018).

ii. Espaços protetivos: são locais convidativos e que permitem a privacidade e segurança do usuário. Estes espaços são delimitados visualmente. Suas características são: diversidade de usos, elementos naturais, culturais, permitindo o encontro de casais e indivíduos sozinhos, dentre outros (LIBARDONI, 2018).

Para essa pesquisa todas essas categorias darão o alicerce para a avaliação do ambiente pela comunidade LGBTQIA+, conversando com aspectos ligados ao direito à cidade, territorialidades e o senso de lugar. Os atributos darão suporte a elaboração das ferramentas utilizadas na coleta de dados. No próximo item são discutidos o direito à cidade e os territórios da comunidade LGBTQIA+.

2.2. Direitos para quem? Territórios de quem?

No quinto Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, em 2001, foi lançada a Carta Mundial pelo Direito à Cidade. Segundo o documento, a cidade é o local da coletividade e da diversidade e que pertence a todos aqueles que a vivenciam. A cidade, nesse sentido, apresenta dois significados, um de caráter

físico e outro de espaço político. O caráter físico, pode ser entendido como um conjunto físico que forma seu território, enquanto o espaço político está relacionado aos atores que intervêm na gestão desse território (CDAC, 2006).

Para Rolnik (1995), a dimensão política é uma forma de autoridade político-administrativa que atua sobre a comunidade e seus habitantes. No entanto, para a autora, o uso e a apropriação do território estão em constante luta, o que concebe também o direito à cidade. De acordo com a autora, a partir dessas lutas, os espaços da cidade deixam de ser um local de circulação e ganham um caráter de *Civitas*⁶ por inteiro. Nesse sentido, a autora entende que as diferentes formas de apropriar o espaço, as manifestações, desafiam a dimensão política e faz uma quebra da hegemonia presente nos espaços cidade.

O Artigo I, da Carta Mundial pelo Direito à Cidade, entende que todos os cidadãos devem:

Ter o direito à uma cidade sem discriminação de gênero, idade, raça, condições de saúde, renda, nacionalidade, etnia, condição migratória, orientação política, religiosa ou sexual, assim como preservar a memória e a identidade cultural em conformidade com os princípios e normas estabelecidos nessa Carta (CDAC, 2006, p. 03).

O documento ainda apresenta alguns aspectos que podem contribuir para uma sociedade mais justa, com menos desigualdades sociais, econômicas e espaciais. No parágrafo II da carta, o direito à cidade:

É um direito coletivo dos habitantes das cidades, em especial dos grupos vulneráveis e desfavorecidos, que lhes confere legitimidade de ação e organização, baseado em seus usos e costumes, com o objetivo de alcançar o pleno exercício do direito à livre autodeterminação e a um padrão de vida adequado. O Direito à Cidade é interdependente a todos os direitos humanos internacionalmente reconhecidos, concebidos integralmente, e inclui, portanto, todos os direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais que já estão regulamentados nos tratados internacionais de direitos humanos [...]. Inclui também o respeito às minorias e à pluralidade étnica, racial, sexual e cultural, e o respeito aos migrantes (CDAC, 2006, p. 03).

⁶ O termo cidadania vem do latim *civitas*, que significa “cidade”. Antigamente essa palavra representava apenas um cidadão, que fazia parte da cidade e que tinha direitos e deveres (PINSKY, 2007).

Lefebvre (1968) aponta que o direito à cidade está ligado diretamente às necessidades sociais e é uma coisa inerente à sociedade urbana. Para o autor, o direito à cidade é o direito à centralidade, a não ser posto às margens da cidade. O autor defende que as necessidades sociais são fundamentos antropológicos e que essas necessidades vão desde o lazer até os poderes políticos de modificar seu espaço. Nesse sentido o autor afirma que o direito à cidade está incluído na prática social e no direito ao trabalho, à educação, à saúde, à habitação, ao lazer e à vida.

Lefebvre (1968) diz que a cidade manifesta, essencialmente, o direito às individualidades na socialização dos grupos, bem como nas formas de habitar. Para o autor, a cidade sempre teve relações com a sociedade, compondo em seu funcionamento elementos que constituem a sua história. Portanto, para o autor, a cidade muda quando muda a sociedade no seu conjunto. Ainda segundo o autor, o direito à cidade “não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades de outrora. Só pode ser formulado como direito à vida urbana transformada, renovada” (LEFEBVRE, 1968, p. 118).

Corroborando com essa ideia Harvey (2014) afirma que a cidade pode ser entendida apenas em relação àquilo que sua população deseja. Segundo o autor, o direito à cidade:

Não pode ser concebido como um simples direito de visita ou um retorno às “cidades tradicionais”. Ao contrário, “ele pode apenas ser formulado como um renovado e transformado direito à vida urbana”. A liberdade da cidade é, portanto, muito mais que um direito de acesso àquilo que já existe: é o direito de mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações (HARVEY, 2014, p. 10).

Para Harvey (2014), o direito à cidade não pode ser concebido simplesmente ao direito individual, pois há uma força do coletivo da sociedade, sendo os direitos políticos solidários e sociais. Para o autor, reivindicar o direito à cidade é configurar um tipo de poder sobre os processos de urbanizações. Segundo o autor, o modo em que nossas cidades são criadas e reconfiguradas pressupõem maneiras significativas e fundamentais de recompor os territórios da cidade.

As cidades não se mantêm livre de transformações decorrentes da lógica presente da sociedade, sendo esta moldada a partir dos valores e interesses do grupo dominante. O poder guia os interesses estabelecidos por grupos necessariamente heteronormativos. Nesse sentido, pode-se levantar diversos questionamentos: Como é o espaço na cidade destinado à comunidade LGBTQIA+? Quais espaços foram negados historicamente ao grupo? Conseguimos pensar a cidade como um ambiente que permite o corpo homossexual transitando livremente ou enxergamos locais e papéis pré-determinados por uma sociedade heteronormativa? (CARVALHO; MACEDO JUNIOR, 2019).

Carvalho e Macedo Júnior (2017) afirmam que para as cidades o grupo LGBTQIA+ não existe, pois transgridem as normas e acordos impostos sobre a sexualidade feitos pelos grupos que detêm o poder de criar e recriar o espaço urbano. Segundo os autores, o que se observa nas cidades é uma extensão dos valores patriarcais e heteronormativos – que antes eram majoritariamente presentes no ambiente familiar – passando a instrumentalizar os espaços urbanos. Seguindo essa linha de raciocínio, resgatamos as discussões de Foucault (1984), que fala que a transição para o sistema capitalista tornou a sexualidade e o sexo um assunto que não mais se refere à esfera privada, mas é tratado no campo público, tornando-se pautas públicas nos espaços urbanos.

Foucault (1984) afirma que não vivemos em um espaço homogêneo e vazio de referências, mas sim em um local carregado de qualidades, onde atende a nossa primeira percepção e os devaneios das nossas vontades. Para o autor, esses espaços estão cheios de significações e funções que nos atraem para fora das próprias percepções, ao passo que modificamos esses locais. Nesse sentido, o autor reflete sobre as *heterotopias da crise*⁷ e os desvios que transformam espaços reais com significados. Ainda segundo o autor, esses espaços não possuem a mesma forma e variam de acordo com as sociedades que a moldam.

⁷ **Heterotopias de crise:** Refere-se a lugares privilegiados, sagrados ou proibidos, reservados para indivíduos que estão em estado de **crise** em relação à sociedade em que vivem, destinados a expressão de comportamentos socialmente indesejado longe dos olhos da sociedade (FOUCAULT, 2013).

Portanto, como afirma Foucault (2013), os espaços da cidade onde a heterotopias do desvio estão presentes, carregam em si aqueles personagens que são colocados à margem dos lugares. Para este estudo entende-se que os espaços e os comportamentos da comunidade LGBTQIA+ desviam dos padrões e normas pré-estabelecidas, sejam nas heterotopias que se apresentem ou na incapacidade de compreender o direito do outro de ocupar o espaço que o pertence. Para tanto, conforme observado neste item, ao retomarmos o debate sobre o Direito à cidade, percebe-se a necessidade de conceituar e estudar os territórios que a comunidade LGBTQIA+ constroem no espaço urbano. No item a seguir, são apresentados os conceitos de território e territorialidades.

2.2.1 Território e Territorialidades LGBTQIA+

O conceito de território é amplamente discutido em diversas áreas do conhecimento, mas os que se destacam são os estudos no âmbito da geografia. Marx (1974), define o conceito de território a partir de seu uso, citando como exemplo as tribos que ocupam determinadas regiões para a caça. Albuquerque (2011), em sua análise do *pensamento ratzeliano*⁸, define o território como uma posse de uma determinada propriedade, ou seja, um espaço que é dominado por alguém. Para o autor, tratar de território sugere uma ideia de mediação entre as relações humanas nele presentes. Ainda segundo o autor, o território tem como responsabilidade articular o espaço e o poder.

Bordo (2012), afirma que o território é mais que um espaço marcado na cidade; nele estão as relações sociais e, não menos importantes, as relações de poder. Para o autor, nesses locais estão inseridas a cultura, as identidades e a economia. Segundo o autor, esses aspectos são de grande importância para a compreensão da formação de um território. Por fim, o autor classifica o território como um espaço cultural de identificação, onde sua apropriação o torna um espaço político e um local de vivências.

⁸ Friedrich Ratzel foi um pesquisador “naturalista”, “determinista” ou “imperialista”, como muitos declaram em suas pesquisas e estudos sobre a história do pensamento geográfico. O autor alemão foi um verdadeiro propulsor da Geografia como ciência, da busca de um método coerente para disseminação de ideias ligadas a este conhecimento científico e mentor de relevantes áreas do conhecimento geográfico (GALVÃO, 2013).

O território surge como um espaço social de apropriação, que propicia o intermédio das relações os grupos que se identificam com esse espaço, dotando-o de sentido e estabelecendo laços de identidade e afeto. O território é um local no qual se encontram todas as ações e todas as suas vivências (RIBEIRO, 2005). Saquet (2007) propõe que essas relações entre indivíduo e território formulem um conceito chamado de territorialidade. Para o autor, as territorialidades contêm aspectos ligados as normas, regras, crenças, valores, ritos e mitos, com as atividades que os indivíduos realizam em suas vidas cotidianas.

Haesbaert (2006) formula que as territorialidades são um processo na qual se criam mediações espaciais que proporcionam aos indivíduos o poder de reprodução de individualidades e de ações de grupos sociais. Para o autor, a territorialidade é um poder multidimensional em que a dominação e o poder coexistem ao mesmo tempo. Ainda segundo o autor, as territorialidades contribuem para que as sociedades criem locais de referência permitindo a construção de identidades e laços de afeto com o espaço.

As territorialidades definem cada território. Os grupos sociais efetivam seu território a partir de laços e temporalidades, condicionando e determinando o ciclo da vida cotidiana (SAQUET, 2011). Por meio dessa breve explanação pode-se entender a importância que os territórios e territorialidades têm sobre os indivíduos na cidade. Barreto e Alves (2010) afirmam que os espaços formados a partir de territorialidades caracterizam as relações de poder exercidas por determinados atores sobre determinado local, podendo ser construído em diversas escalas e dotadas de diferentes identidades.

Para Raffestin (1993), a intervenção do poder sobre o espaço, transforma o local em um território. Para o autor, essas relações de poder podem ser entendidas de duas maneiras: a material e a imaterial. Segundo o autor, os materiais estão relacionados à construção física do local, ao meio de compra e apropriação desses espaços, enquanto a imaterial está ligada aos sentimentos desenvolvidos pelo usuário. Ainda segundo o autor, a cidade é um local no qual as ações movidas pelo poder qualificam e criam esses territórios e territorialidades.

Freitas (2016) pontua que o espaço produz uma rede de pessoas que contemplam diferentes culturas, mas que comportam uma memória social comum, cuja a organização permite a criação de territórios simbólicos. Para o autor, as apropriações dos espaços permitem que a comunidade LGBTQIA+ crie uma relação da identidade positiva, compartilhada pela sensação de segurança de estar em um grupo de semelhantes. Segundo o autor, é por meio dos seus territórios delimitados em territorialidades que a comunidade garante seus direitos e alcança sua visibilidade, proporcionando uma maior luta para a aquisição do direito à cidade.

Como pode ser observado nesse item, a conceituação de território auxilia na compreensão entre o direito à cidade e as territorialidades. Portanto, é nesse sentido que o estudo desse tema visa contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, com a finalidade de explorar as diferentes formas de apropriação da comunidade LGBTQIA+ e suas territorialidades e com o intuito de avaliar os espaços e compreender como esse grupo forma o seu senso de lugar. No tópico a seguir são tratados o conceito de senso de lugar e os aspectos que influenciam os usuários dessa pesquisa.

2.2.2 O senso de lugar da comunidade LGBTQIA+

Os espaços não existem apenas como locais físicos, mas também como o resultado das diferentes experiências das pessoas, e, sendo estes espaços carregados de significados, proporcionam um vínculo emocional com seus usuários. A vida das pessoas ocorre e interage com lugares específicos nas quais esses indivíduos julgam únicos e bem definidos (TUAN, 1977). No mundo contemporâneo onde as desigualdades cada vez são maiores, os lugares adquirem um papel maior de segurança para aqueles que desejam expressar suas identidades individuais (MASSEY, 1994).

Os indivíduos são considerados seres sociáveis, sempre se relacionando em grupos ou sociedades. Essas relações interagem com o ambiente, propiciando transformações que atendam aos interesses dos indivíduos daquela coletividade. A relação de homem e ambiente é um jogo de poderes contínuos, onde um altera o outro sem chegar em uma parada ou fim. Essas relações

acontecem das mais variadas formas e intensidades de acordo com o nível de desenvolvimento dos indivíduos com o ambiente (ELIAS, 2011).

Para Mourão e Cavalcante (2011), o senso de lugar funciona como uma categoria de identidade que é influenciada por fatores ligados aos elementos de ordem biológica, psicologia e social. Para os autores, essas características diferenciam de pessoa para pessoa, pois elas interagem com o ambiente e permitem que o indivíduo a modifique ao longo de sua vida. De acordo com esses mesmos autores, o senso de lugar é constituído por cognições espaciais onde o indivíduo está inserido, entendendo que as diferentes formas em que o espaço se apresenta, contribuem ou não para a satisfação de suas necessidades e desejos.

O senso de lugar pode ser entendido como um fio que liga o indivíduo com o ambiente. É uma forma de entender e compreender as regras de um determinado espaço. O senso de lugar é uma conexão ambiental existencial e política. Pode ser compreendida como uma habilidade que requer observações e críticas dos lugares e o reconhecimento das suas características, que podem revelar uma cultura compartilhada ou disfarçar injustiças profundas. O desejo político de pertencer a algum lugar e de participar dessas tradições é inato do indivíduo. Porém, é importante destacar que o senso de lugar não somente se expressa de uma maneira boa, é necessário que se compreenda o que é bom e ruim no senso de lugar dos espaços da cidade. Argumentar criticamente sobre esse senso de lugar permite que as mudanças possam ser justas e duradouras, promovendo ambientes que respondam as diferentes indivíduos e culturas (RELPH, 1997).

Em consonância com essa ideia, os processos de construção do senso de lugar concebem o *lugar*⁹ como o principal item de subjetivação. Essa conceituação de lugar tem a capacidade de abstrair as experiências dos indivíduos, construindo experiências cotidianas e sentimentos subjetivos de um

⁹ O conceito de lugar se baseia no processo pelo qual as relações sociais, econômicas e políticas produzem significados através de espaços particulares (MASSEY, 1994).

espaço. Sendo assim, o lugar é um elemento principal na construção das diferentes identidades de um indivíduo (MASSEY, 1994).

Para Consgrrove (2000), a abordagem do senso de lugar considera o caráter intrínseco do lugar, sendo entendida como uma entidade geográfica localizada, limitada e material. Para o autor, os sentimentos de apego e desapego que os indivíduos vivenciam com o espaço expressam e contestam as relações com lugares específicos. É nesse contexto que o autor afirma que o apego ao lugar aumenta a partir de características singulares que o espaço apresenta aos usuários, proporcionando um maior senso de lugar.

A relação direta entre o sujeito e o lugar pode responder às demandas sociais, biológicas, psicológicas, sociais e culturais. As formas de cognição como memórias, ideias, sentimentos, valores e preferências sobre o lugar permitem a criação do senso de lugar. Esse sentimento tem como garantir a proteção à auto identidade dos diferentes indivíduos que circulam pelos os espaços da cidade. Diante disso, pode-se relacionar os processos de experiências individuais com os vínculos afetivos dos lugares, criando um sentimento de pertencimento e intensificando o senso de lugar (MOURÃO, CAVALCANTE, 2011). Para Adams (2020), o senso de lugar da comunidade LGBTQIA+ está ligado diretamente aos territórios que a comunidade cria nos espaços urbanos. Para a autora, as relações que os grupos têm ao vivenciar espaços constituídos por discursos heteronormativos, faz com que haja uma produção de limites comportamentais, devido a discursos construídos socialmente por uma classe dominante.

Conforme observado neste item, quando os comportamentos são limitados, a comunidade LGBTQIA+ não vivência os espaços de forma plena, afetando diretamente na construção do senso de lugar. As discriminações e violências contribuem para o apagamento das diferentes identidades dos indivíduos, alterando a forma de ocupar os espaços urbanos.

Portanto, através dos estudos apresentados nesse item e também baseado nos estudos de Twigger-Ross e Uzzell (1996), estabeleceram-se quatro categorias de análise para o senso de lugar, sendo elas: (i) senso de continuidade, (ii) autoestima, (iii) autoeficácia e (iv) distinção.

(i) Senso de Continuidade: envolve a preservação das memórias de uma pessoa de lugares significativos e pontos de referência para o indivíduo. Essa preservação permite que o usuário utilize os espaços não apenas em resposta às demandas sociais, mas também para atender às suas necessidades de manutenção do sentimento de pertencimento ao local (TWIGGER - ROSS; UZZELL,1996).

(ii) Autoestima: está ligada às influências que o ambiente exerce sobre o usuário e como estas afetam suas experiências. É uma avaliação que um indivíduo faz de si mesmo e dos grupos dos quais faz parte com base nas características do ambiente. É um estado de espírito que está ligado ao que uma pessoa pensa sobre si mesma e as decisões que toma no contexto das influências e relacionamentos que existem nesses locais (TWIGGER - ROSS; UZZELL, 1996).

(iii) Autoeficácia: refere-se à satisfação de um indivíduo com suas necessidades e demandas sociais. Está ligada à facilidade com que um indivíduo pode resolver seus problemas e tarefas no espaço. A sensação de autoeficácia está ligada à facilidade com que o ambiente físico interfere no cotidiano do usuário. Um ambiente deve ser capaz de facilitar o gerenciamento da vida cotidiana para que a pessoa se sinta autossuficiente em relação ao seu entorno (TWIGGER-ROSS; UZZELL,1996).

(iv) Distinção: classifica-se como distinção, a diferenciação entre os ambientes frequentados pelo usuário. Como resultado, o ambiente pode encorajar comportamentos diferentes ao fornecer certos tipos de cognição ao usuário. Diferentes áreas da cidade requerem diferentes comportamentos sociais, como tempo de conforto, tempo de desconforto e assim por diante (TWIGGER-ROSS; UZZELL,1996).

2.3 A pandemia e a comunidade LGBTQIA+

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a disseminação do coronavírus como uma pandemia global. Mais de dois anos depois, o vírus ainda está se espalhando pelo mundo. Devido às muitas devastações causadas pelo vírus, alguns países recomendaram o

lockdown, isolamento social e confinamento em casa. No Brasil, devido à falta de diretrizes nacionais, estados e municípios adotaram medidas recomendadas pela OMS, suspendendo aulas, eventos e fechando espaços públicos e privados. Em função dessas restrições, necessárias para controlar a propagação do vírus, a OMS produziu estudos e relatórios que detalham os efeitos nas economias locais e globais, bem como os efeitos na saúde mental da comunidade. Calmon (2020), no seu estudo sobre os efeitos diretos da pandemia, retrata que o vírus não afeta a todos na mesma intensidade e escala, sendo as minorias as mais afetadas.

Para Ornell (*et al.*, 2020), a pandemia impactou a estrutura social das comunidades e causou grandes consequências para a saúde mental de todas as pessoas. Segundo os autores, o número de indivíduos que são afetados psicologicamente tende a ser maior do que o número de indivíduos contaminados com o vírus, podendo chegar a um terço da população mundial, causando problemas psicológicos e psiquiátricos e afetando diretamente no convívio social. Para os mesmos autores, a falta do acesso aos espaços da cidade e as vivências do dia-a-dia são fatores diretamente ligados aos problemas que afetam a saúde mental da população.

O impacto da pandemia sobre a comunidade LGBTQIA+ está ausente nas diretrizes de políticas internacionais e nas respostas locais aos impactos da crise. Essa ausência é notada devido aos pungentes preconceitos da sociedade sobre o grupo, que muitas das vezes o difamam e espalham inverdades. Essa ausência é consequência de uma falta histórica de pesquisas e documentações sobre a comunidade, propiciada pela invisibilidade em certas pautas das sociedades. Estudos apontam que a sociedade desenvolveu um padrão, que liga o risco da pandemia aos comportamentos da comunidade LGBTQIA+ como um vetor (REID; RITHOLTZ, 2020). Recentemente o surgimento de um novo tipo de Vírus – denominado *Monkeypox* – trouxe à tona novamente preconceitos para com a comunidade LGBTQIA+, estigmatizando ainda mais o grupo. Uma onda de comentários, preconceitos LGBTQIA+fóbicos e desinformações estão se tornando cada vez mais frequentes, sendo comparado com epidemia do HIV na década de 1980 (ESTADÃO, 2022).

Segundo *Outright Action International* (2020), as vulnerabilidades que assolam a comunidade LGBTQIA+ se agravaram por conta da pandemia do coronavírus, apontando que a adoção do afastamento e isolamento social trouxe diversos desafios para o grupo em suas relações sociais. A pesquisa ainda aponta que, para além dos aspectos ligados à saúde em alguns países, a pandemia se tornou um pretexto para a violação dos direitos humanos, causando uma propagação de mitos e rumores ligados a comunidade LGBTQIA+ e o coronavírus. Ainda segundo o estudo, os indivíduos do grupo que se utilizava dos espaços públicos ou privados para o encontro de semelhantes foram diretamente afetados, evitando que essas pessoas tivessem um local para se sentir acolhidos ou seguros.

Para De Oliveira Duarte e Oliveira (2021), a pandemia, juntamente com a crise capitalista, impactou as demandas da população LGBTQIA+, o que coloca ainda mais a comunidade nas margens da sociedade, forçando-a a viver no isolamento e na precariedade. Para os autores, a impossibilidade exercer uma vida plena com as garantias de direitos é impedida por vários fatores sociais e culturais que a sociedade heteronormativa impõe. Segundo os autores, essa falta de acesso ao direito à cidade precariza suas condições de vida, trabalho, renda, saúde, moradia e entre outros.

Em consequência ao isolamento social vivido pela comunidade LGBTQIA+ na pandemia do coronavírus, a pesquisa apresentada pela OIA (2020) mostra que a falta de acesso aos espaços comunitários de convivência, trouxe, para uma parcela da comunidade, o convívio em ambientes familiares altamente homofônicos e autoritários. Os dados apresentam o aumento da depressão e de suicídios cometidos pelos indivíduos da comunidade, agravando ainda mais as questões da saúde mental do grupo. Linhares, (*et al.*, 2021) argumentam que o isolamento social é um fator que a comunidade LGBTQIA+ vivência diariamente, independente da pandemia do coronavírus, dentro de casa, em espaços públicos ou privados. Os autores confirmam que os padrões heteronormativos impostos pela sociedade fazem com que os indivíduos LGBTQIA+ vivam de forma a esconder diariamente as suas individualidades e modos de vida, fomentando ainda mais o preconceito institucionalizado.

A rua, a praça, os prédios, o comércio e a vida urbana são uma grande intervenção feita pelas pessoas e composta de diferentes formas usos. O direito de circular e permanecer nos espaços emerge a partir do direito à cidade, que é produzida a partir da vida cotidiana de todos e todas (LEFEBVRE, 1968). Porém, neste momento de pandemia, percebe-se que os usos dos espaços urbanos estão limitados, proibindo a interação e o contato físico do usuário com o ambiente. Devido a essa realidade, os espaços se transformaram física e psicologicamente, promovendo novas relações; os ambientes, antes vistos como espaços de socialização, de trocas de comércio e de movimento, hoje se transformam em um espaço de não interação. Toda essa transformação se vê necessária para fins de potencializar o combate ao coronavírus (FREEMAN; EYKELBOSH, 2020).

O grande desafio é conscientizar a população de que esses espaços necessitam temporariamente de mudanças em suas práticas sociais. Para Gehl (2013), o acesso à informação nas últimas décadas, através das novas tecnologias, facilitou o reconhecimento da dimensão da vida urbana em alguns aspectos, usando como exemplo o encontro e convívio nos espaços públicos. Segundo o autor, pensar a cidade como um lugar de encontro, é fundamental para garantir uma cidade mais viva e diversa.

Como pode ser observado nesse item, a pandemia afetou diretamente a comunidade LGBTQIA+ em suas diferentes formas de apropriar dos locais da cidade. Nesse sentido, entendemos que o distanciamento social é necessário devido ao contexto atual da pandemia, mas é importante pensar nas diferentes formas de **(re)ocupar** esses espaços pós-pandemia. A cidade deve ser planejada para ser contemplada e percebida pelos nossos corpos, e não somente como um local voltado a circulação, comércio e trabalho. É nesse sentido que esta pesquisa busca contribuir na discussão das formas que o grupo LGBTQIA+ tem em (re)ocupar os espaços da cidade. Além disso, possibilita compreender e analisar como o uso e apropriação desses locais afetam na construção do senso de lugar dessa comunidade.

2.4. Cidade da diversidade

As relações sociais com os espaços urbanos estão se transformando rapidamente, seja pelas alterações nos ritos sociais, nas diferentes ocupações do território urbano, nas formas de comunicação, nos descolamentos e nos diferentes usos dos locais. As sociedades ocidentais estão em constante mutação, mas, nas últimas décadas, a constante evolução das tecnologias, as novas formas de acessar os espaços e os desafios da democracia influenciam diretamente no modo de pensar e agir dos habitantes (ACHER, 2010).

Pensando nessa transformação, Monte-mór (2018) afirma que estamos vivendo em um momento de transição dos modos de organização econômica e social. Para o mesmo autor, a sociedade passa por uma fase de transformação urbana, como Lefebvre afirmou nos anos de 1970. Para Lefebvre (1968), a revolução urbana trata-se da conexão entre as interações sociais com o espaço, entre os lugares com os grupos humanos. Segundo o autor, é necessário estabelecer essa conexão para que seja coesa e radical a transformação das estruturas dos espaços.

O contexto da pandemia, como supracitado anteriormente, também influencia na transformação do planejamento e urbanismo. Freeman e Eykelbosh (2020) afirmam que a pandemia exigirá mudanças ao longo prazo nas formas de pensar e organizar os espaços da cidade. Para os autores, são preferíveis estratégias que, ao em vez de diminuir, regularizem e aumentem as práticas sociais nos espaços da cidade. Ainda segundo os autores, ao frequentar esses espaços de convivência, garantem uma melhor saúde mental, pois engajam as pessoas em diversas experiências e propiciam uma maior diversidade de pessoas nos espaços urbanos.

Bonduki (2021), afirma que a excepcionalidade do coronavírus fez com que as relações e comportamentos urbanos fossem modificadas drasticamente. Para o autor, aspectos ligados à vida urbana – como a habitação, o trabalho, a educação, a cultura e o entretenimento – foram mudadas de maneira significativas e terão consequências na cidade por muito tempo. Segundo o autor, é necessário que se tenha uma reformulação no pensamento urbanístico

para que os novos desafios do planejamento urbano sejam superados. Ainda segundo o autor, as tendências individualistas provocadas pela pandemia e o desestímulo da convivência com os diferentes locais da cidade, podem provocar uma cidade ainda mais desigual para aqueles que são excluídos dos espaços urbanos.

Para Ascher (2010), o processo de recomposição social que as cidades vêm sofrendo são marcadas pela a individualização dos espaços, sendo as relações de interesses individuais e coletivos redefinidas diariamente. Diante desse contexto, o autor afirma que as demandas de reformulação nas formas de planejar as cidades pouco se têm discutido. Para o autor, as transformações das relações humanas refletem a necessidade da importância da diversidade nas interações entre a comunidade e a cidade, entendendo que esses locais devem propiciar diferentes opiniões, costumes, hábitos, comportamentos e gêneros diversos.

Pensar sobre essas transformações, a vida pública da comunidade LGBTQIA+ representa um desafio quando se propõe a questionar para quem e como são planejados esses ambientes. Os locais da cidade são pensados de forma a atender a heteronormatização da maioria, tornando esses espaços não inclusivos. Os sentidos, o convívio, a percepção da pessoa não que pertencente a esse grupo acaba sendo prejudicado de forma substancial, culminando em práticas que fomentam a exclusão. As cidades são o resultado da união de multiterritórios, porém o receio do diferente acaba criando um território hostil para aqueles que desafiam o papel de gênero, cultura e classes sociais (SANTOS, 2020).

Oberhauser (2018), questiona como a presença do grupo LGBTQIA+ em certos lugares, influencia e impacta na identidade social. Para a autora, essas identidades são alicerçadas e historicamente construídas nas relações de poder desiguais que privilegiam uma classe e marginaliza outras. Segundo a autora, os lugares são moldados para permitir que uma identidade social domine esse espaço, retirando ou impedindo que a diversidade surja nesses locais. Assim, para McDowell (2000) e Whitson (2018), os espaços públicos para muitas pessoas, representam um sentimento de liberdade e descoberta; já para outros,

locais opressivos e perigosos. Ainda, segundo os autores, as cidades podem representar e propiciar espaços não apenas de exclusão e discriminação, mas locais de abuso, exploração e violência.

Para Castells e Murphy (1982), o espaço urbano é um local onde as mudanças sociais e culturais ganham palco. Segundo os autores, a comunidade homossexual tem como objetivo forçar e rever as normas na qual os espaços das cidades são produzidos, entendendo que as diferentes formas de identidades não podem ser simplesmente aceitas, mas sim tomadas como um comportamento normal e legítimo. Ainda segundo os autores, os indivíduos e instituições tradicionais têm medo de serem tensionadas por aqueles que estão se fazendo presentes no espaço urbano. Castells (1983) evidencia que a defesa de uma identidade cultural e territorial passa a tencionar o tecido urbano, o que foge da lógica da família tradicional heteronormativa. Segundo o autor, os espaços da vida cotidiana dificultam a vida da comunidade LGBTQIA+, bem como suas expressões identitárias, alimentando uma homogeneização dos espaços da cidade.

Conforme observado neste item, os temas ligados à diversidade urbana e à comunidade LGBTQIA+ são de grande importância, entendendo que as diferentes identidades geram uma maior diversidade e representatividade nos ambientes urbanos. As transformações sociais são necessárias para um planejamento urbano mais igualitário e inclusivo e é nesse sentido que o estudo desse tema visa contribuir, pois a percepção da comunidade é de extrema necessidade, considerando o contexto atual da sociedade.

2.4.1 Exemplos de cidades *LGBTQIA+friendly*

Visando garantir espaços seguros e para uma maior integração da comunidade LGBTQIA+, projetos de cidades *LGBTQIA+friendly*¹⁰ vem sendo implementos por todo o mundo. Pode-se perceber que diversos governos começaram a entender da importância de se incluir os direitos da comunidade

¹⁰ *LGBTQIA+friendly* refere-se a lugares, políticas, pessoas ou instituições que são abertas e acolhedoras para os gays para criar um ambiente que apoie a comunidade LGBTQIA+ e seus relacionamentos, respeitoso de todas as pessoas, tratar todas as pessoas igualmente e não julgar (OSORIO, 2021).

em seus planejamentos territoriais. A União Europeia, em 2021, restringiu que os países pertencentes ao bloco lançassem leis contra a comunidade e classificou todo seu território como *área de liberdade para pessoas LGBTQIA+*. A seguir são apresentados exemplos de cidades e espaços que utilizam de estratégias para a memória e inclusão da comunidade nas cidades.

A cidade de São Francisco está localizada no estado da Califórnia nos Estados Unidos e é conhecida internacionalmente por ser uma cidade LGBTQIA+*friendly*. Historicamente, São Francisco é utilizada como referência urbana, de acordo com diversos estudos sobre representatividade, diversidade urbana e identidades sexuais. A cidade foi capaz de promover ações que permearam os direitos da comunidade por todo o território nacional. Na figura 2.3 é possível identificar o memorial Harvey Milk¹¹ Plaza, sendo este uma praça em um dos principais pontos turísticos da cidade. Ela foi nomeada para homenagear Milk e sua obra na década de 1970. O artista foi um grande ativista dos direitos LGBTQIA+ na cidade (MAU, 2017).



Figura 2.3: Praça Memorial Harvey Milk em São Francisco-EUA.
Fonte: Gibson, 2017

Como é possível observar, a cidade de São Francisco considera pessoas LGBTQIA+ na memória da cidade. Esse tipo de ação permite que os indivíduos

¹¹ Harvey Bernard Milk foi um político e ativista gay norte-americano. Foi o primeiro homem abertamente gay a ser eleito a um cargo público na Califórnia, como supervisor da cidade de São Francisco (MAU, 2017). Recomenda-se assistir ao filme Milk de Gus Van Sant, 2009.

do grupo vejam-se e sintam-se representados nos espaços urbanos. Para além dessa iniciativa, pode-se destacar algumas implantações que contribuem para a expressão da diversidade das identidades. Como exemplo, são colocadas e expressas em intervenções artísticas nas travessias de pedestre da cidade ver figura 2.4a e figura 2.4b (ADELMAN, 2006).



Figura 2.4a: Imagem aérea da intervenção nas travessias de pedestre em São Francisco-EUA.

Fonte: Adelman, 2016.



Figura 2.4b: Intervenção artística na travessia de pedestre em São Francisco-EUA.

Fonte: Adelman, 2016.

A cidade de Madrid, nas últimas décadas, criou iniciativas que permitem um maior respeito à comunidade e suas formas de expressão. O intuito principal dessas iniciativas foi de se tornar uma cidade *LGBTQIA+friendly*. A cidade investe em espaços e eventos voltados para o grupo. No quesito de planejamento urbano, a cidade implementou diversas diretrizes de inclusão. Madrid abraça o slogan da diversidade e respeito às diferentes formas de identidades. Na figura 2.5 pode-se observar a presença das cores da comunidade LGBTQIA+ em um dos principais monumentos da cidade, a fonte Cibeles. O local é conhecido como um dos principais cartões postais da cidade (TANQUES, 2012).



Figura 2.5: Fonte Cibeles, principal cartão postal da cidade de Madrid.

Fonte: Página Jornal, 2021

O bairro de Chueca em Madrid é referência quando se trata de espaços de diversidade. O bairro conta com bares, restaurantes e diferentes negócios – como livrarias e lojas de moda – especializados no mundo LGBTQIA+. Um dos espaços que se destaca é uma livraria que se tornou um marco nas relações de vizinhança e a comunidade. A livraria (figura 2.6a e 2.6b) voltada ao público LGBTQIA+ conseguiu se integrar com o espaço urbano e é vista como um local de tolerância e respeito a comunidade. É possível perceber que uma pequena livraria em um bairro oferece e traz uma maior visibilidade para a comunidade, destacando que locais e intervenções pequenas já contribui para um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos (TANQUES, 2012).



Figura 2.6a: Livraria Berkana na cidade de Madrid, incentivou e proporcionou a aceitação da comunidade LGBTQIA+.
Fonte: Mister B&B, 2022.



Figura 2.6b: Livraria Berkana na cidade de Madrid.
Fonte: Miste B&B, 2022.

Quando se analisa as *cidades de médio e grande porte*¹², percebe-se a presença de uma maior diversidade de espaços para a comunidade LGBTQIA+. Mas, para este estudo, vale ressaltar toda ou qualquer iniciativa que busca a inclusão do grupo na vida cotidiana da população nos espaços da cidade. Como exemplo, a cidade de Madre de Deus, na Bahia, com pouco mais de 22 mil habitantes, restaurou um espaço público e o nomeou de Pracinha dos Gays (figura 2.7 e 2.8). Segundo moradores do local, a reforma foi motivo de alegria, pois trouxe uma maior vitalidade para o espaço e permitiu que grupos excluídos fossem incluídos na memória da cidade. Para a prefeitura, a praça proporcionou que todas as classes sociais se reunissem e aproveitassem do espaço de lazer urbano. Segundo um usuário do local, que se diz pertencente ao grupo LGBTQIA+, no contexto social em que o país vive, a praça simboliza uma união entre a comunidade e a sociedade, convivendo e construindo um mundo que respeitem todos e todas (SANTOS, 2019).



Figura 2.7: Pracinha dos gays na cidade Madre de Deus no estado da Bahia, com os dizeres mais amor, respeito e batata frita!
Fonte: Alô Alô Bahia, 2022.

¹² Cidades de médio porte são cidades com população acima de 50 mil habitantes e cidades de grande porte, acima de 100 mil habitantes de acordo com a Lei Decreto-lei 311/38 (SENADO, 2009).



Figura 2.8: Evento realizado na Pracinha dos gays, que contou com grande parte da população da cidade de Madre de Deus no estado da Bahia.

Fonte: Alô Alô Bahia, 2022.

O projeto da Praça dos Gays é um projeto simples, porém, capaz de trazer uma grande representatividade no espaço da cidade. A reflexão sobre a inclusão da comunidade LGBTQIA+ nos ambientes urbanos pode surgir em escalas simples e menores, mas que representam uma quebra nos padrões impostos por uma comunidade heteronormativa. Os equipamentos da praça contam com bancos e um pequeno anfiteatro e ambos trabalham com a multissensorialidade das cores, que permitem uma criação de identidade do usuário com o espaço. (Figuras 2.9a, 2.9b).



Figura 2.9a: Mobiliário da Pracinha dos gays na cidade Madre de Deus.

Fonte: Santos, 2019.



Figura 2.9b: O mobiliário explora a multissensorialidade das cores na Pracinha dos gays.

Fonte: Santos, 2019.

A cidade de São Paulo é considerada a maior metrópole das Américas (EUNOS, 2019) e, por isso, seu território é marcado por diversos espaços da comunidade LGBTQIA+, cada qual atendendo seus diferentes usuários (DANILIAUSKAS, 2016). Desde o Largo do Arouche à Baixa Augusta, esses espaços são repletos de estabelecimentos e espaços de socialização para o grupo. A arte voltada para a comunidade LGBTQIA+ na cidade de São Paulo ganha grande destaque por sua característica politizadora. São Paulo é reconhecida por sempre estar à frente das demandas da comunidade; a Parada do Orgulho LGBTQIA+ é reconhecida internacionalmente como a maior do mundo ver figura 2.10 (NUNES, 2018).



Figura 2.10: Parada do orgulho LGBTQIA+ na cidade de São Paulo.
Fonte: São Paulo, 2019.

As instalações artísticas na cidade de São Paulo oportunizam que os usuários interajam e vivenciem experiências sensoriais. As obras são uma grande oportunidade de a comunidade entender a importância do respeito e da representatividade. A obra instalada na Praça da República no centro de São Paulo permitiu que os usuários interagissem com a obra, colocando o áudio com depoimentos de pessoas da comunidade.

A instalação permitiu que histórias de violências e preconceitos fossem escutados por todos que passassem pela área. Para o criador, a obra tinha como intuito representar a sensação de pulsar, como se fosse um grande coração que bate no centro da cidade. Ainda segundo o criador, a obra visou

transformar a percepção sobre a comunidade, tornando-a um escultura de jogos de luzes, emoções e sentimento (NOGUEIRA, 2019). Para tanto, no contexto político atual, surge a necessidade de cada vez mais implementar ações voltadas a visibilidade para com a comunidade LGBTQIA+ (Ver figura 2.11a e 2.11b).



Figura 2.11a: Instalação artística na cidade São Paulo.
Fonte: Nogueira, 2020.



Figura 2.11a: Instalação artística na cidade São Paulo.
Fonte: Nogueira, 2020.

Pensar em espaços que permitem a criação do senso de lugar, ambientes que estimulem o respeito e a igualdade das identidades é de extrema importância para todas as escalas de cidade, desde as pequenas cidades as grandes metrópoles. Nesse estudo, através da análise de espaços inclusivos, espaços de memórias e intervenções artísticas, é possível entender que essas unidades urbanísticas são fundamentais para a inclusão do grupo LGBTQIA+ nos espaços da cidade. Locais que propiciam o respeito as identidades da comunidade, a memória, além do direito à cidade, representam importantes elementos que integram pessoas e o ambiente.

2.5 Conclusão do capítulo 2

Ocupar os espaços da cidade e acessá-los em de forma plena, significa ultrapassar o ato meramente individual para um processo sócio-político, sendo esse ato coletivo e de resistência às discriminações de uma sociedade desigual. As produções dos espaços urbanos estão nas mãos de determinados indivíduos que produzem e legitimam suas ideologias culturais e políticas excluindo todos aqueles que fogem dos padrões impostos. A teoria aponta que a identificação de

si nos espaços urbanos é um elemento que aproxima as pessoas, gerando um sentimento de pertencimento a comunidade.

Ao retratar as violências e discriminações que a comunidade LGBTQIA+ vivência nos espaços da cidade, pode-se perceber o quanto esses locais são estruturados no contexto de opressão e dominação. Essas agressões resultam no rompimento dessa população com a vida comunitária, que sucede na exclusão e apagamento de suas identidades sociais e de gênero. Por consequência, negando aos indivíduos o direito à cidade.

Contudo, essas assimetrias entre as vivências da comunidade LGBTQIA+ com o espaço urbano não impedem esse grupo de criar territórios para que possam se sentir acolhidos e respeitados. A reprovação social dos corpos LGBTQIA+ gera uma pressão constante para aqueles que tentam apropriar dos locais da cidade. Pode-se dizer que a comunidade vem experimentando uma maior visibilidade na sociedade, mas consequentemente traz uma maior insegurança em expressar seus afetos e identidade de gênero nos espaços da cidade. A heteronormatividade compulsória, só permite que corpos padronizados ocupem e se regozijem com os ambientes urbanos.

Neste contexto, faz-se necessário problematizar sobre a qual a lógica os espaços urbanos vêm sendo produzidos, refletindo que esse padrão imposto reflete na vida cultural, política e social do grupo. O reconhecimento e igualdade do direito à cidade se inserem como frentes de lutas centrais para a criação do senso de lugar da comunidade. Os simples fatos de existir nas ruas, nas praças em locais públicos, compõem uma tentativa de se fazer presente e reconhecido nesses espaços.

Transformar a sociedade para a construção de uma cidade justa, de direitos plenos, sem violências e de respeito às diversidades é um grande desafio na construção cultural e política, sabendo que estas ainda são heteronormativas e LGBTQIA+fóbicas. Logo, esse estudo visa demonstrar a importância de compreender e reconhecer os espaços que a comunidade LGBTQIA+ ocupam na cidade, entendendo que as relações humanas e a produção de subjetividades são mais efetivas quando o espaço estimula tal comportamento. Para cumprir o

objetivo dessa investigação, no próximo capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados. São apresentados os aspectos relativos ao objeto de estudo e os métodos de coleta e de análise de dados.

Capítulo 03: Metodologia

Neste capítulo são expostos a visão de mundo, os procedimentos metodológicos e a forma de interpretar os dados coletados para alcançar o objetivo da pesquisa. Inicialmente, é especificado sobre a seleção do objeto de estudo, e, na sequência, é discutido a respeito dos métodos e das técnicas de coleta e da análise dos dados.

3.1 Visão de mundo

A metodologia utilizada nessa pesquisa se fundamenta na área de estudos ambiente-comportamento, que tem por objetivo investigar as relações e características espaciais do ambiente construído, bem como o comportamento dos indivíduos (LAY; REIS, 2005). Nas últimas décadas, assistimos a um crescimento da comunidade LGBTQIA+ e da visibilidade das questões que envolvem as diferentes identidades de gênero no Brasil (FACCHINI, 2009). Pode-se notar que mesmo com esses avanços, as cidades ainda são locais segregacionistas e violentos para aqueles que não se enquadram na heteronormatividade, como já foi abordado anteriormente.

Conforme Gil (2007), esta é uma pesquisa aplicada e classifica-se como fenomenológica em relação aos seus objetivos, pois estuda a essência das coisas e como são percebidas no mundo, ou seja, a fenomenologia pode ser entendida como aquilo que se mostra pelos sentidos. Caracterizada por dar ênfase ao mundo e à vida cotidiana, a fenomenologia permite uma abordagem que não se detém aos aspectos factuais observáveis, mas visa o entendimento de seus significados e contextos (BOSS, 1977). Para interpretação dos dados optou-se pelo método dialético, que no campo das ciências sociais é muito usado e que passou por inúmeras interpretações ao passar do tempo.

O estudo se inicia por uma pesquisa bibliográfica e documental e para responder à pergunta de pesquisa e atender ao objetivo proposto, se desenvolve um estudo de caso. A escolha dessa abordagem é feita quando a pergunta de pesquisa não exige controle dos eventos comportamentais e quando trata de eventos inseridos dentro do contexto da vida real (YIN, 2010). Os métodos e

técnicas utilizados nesta pesquisa visam responder à pergunta de pesquisa, que consiste em analisar como ocorrem as interações da comunidade LGBTQIA+ no espaço coletivo, e as dificuldades desses usuários em usufruir de forma plena os espaços urbanos.

A seguir é apresentado o estudo de caso dessa pesquisa, bem como os critérios utilizados para a escolha da cidade de Pelotas.

3.2 Estudo de caso

Segundo Yin (2010), o estudo de caso é uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, de coleta e análise dos dados de uma pesquisa. Segundo o autor, a investigação do estudo de caso, permite preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Corroborando com essa ideia, Sommer, B. e Sommer, R. (2002), afirmam que o estudo de caso conserva a integridade do todo, respeitando todas as inter-relações.

O município de Pelotas está situado na região sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, às margens do Canal São Gonçalo, que liga a lagoa dos Patos à lagoa Mirim (Figura 3.2.1). Localizada a 250km da capital do estado Porto Alegre, a cidade faz parte da Zona Climática Temperada do Sul e devido à sua proximidade com grandes lagos e o Oceano Atlântico, possui clima subtropical úmido (CONCEIÇÃO *et al.*, 2009).

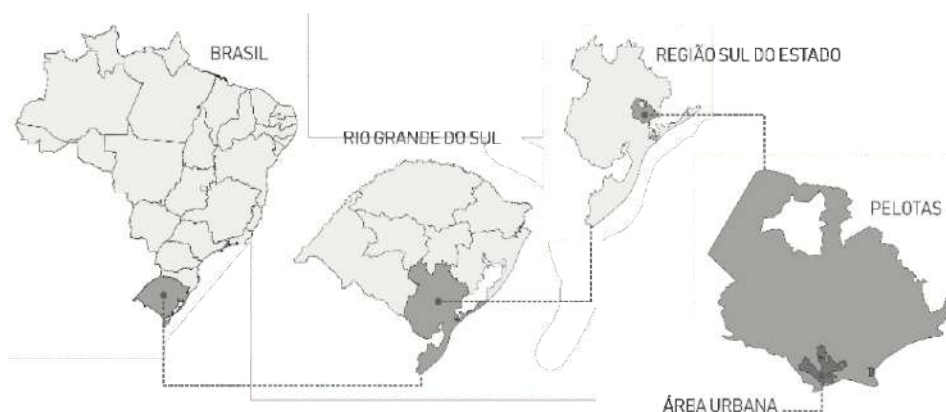


Figura 3.2.1: Localização do município de Pelotas.
Fonte: Silva Jr., 2020, p. 57.

Atualmente Pelotas constitui um atrativo regional da metade sul do estado do Rio Grande do Sul por sua área educacional, que é referência nacional, com os cursos técnicos e de ensino superior ofertados pelas instituições públicas e privadas que atraem pessoas da região e de outros estados brasileiros (CONCEIÇÃO *et al.*, 2009). A economia da cidade consiste em atividades de serviços, movimentando diariamente um grande contingente de pessoas, principalmente na área central da cidade onde estão localizados a maioria das instituições de ensino e ofertas de serviços e produtos. Além disso, eventos como a Feira Nacional do Doce e o turismo rural atraem muitas pessoas para a cidade (BARROSO, 2012).

Com área total de 1.921.80 km², Pelotas tem seu núcleo original de assentamento urbano situado na região administrativa do centro. A região se caracteriza pelo traçado xadrez relativamente regular, do qual se desenvolvem diversos outros eixos que formam a malha urbana do município (TUNES, 2012). Segundo os estudos de Paradera (2003), é a partir de 1815 que se desenvolve a malha urbana reticulada da área central da cidade, sendo o bairro centro o mais antigo e consolidado da cidade. Para a autora, a principal característica dessa região é o número significativo de edifícios históricos do período colonial e eclético.

Pelotas se apresenta em um contexto baseado nas multiculturas e diversidades, com cerca de 350 mil habitantes (PMP, 2020), localizando-se na região sul do Rio Grande do Sul. Cavalheiro (2004) em seu estudo sobre a imagem de Pelotas, pontua que a cidade apresenta uma idealização baseada nos doces e nas charqueadas do século 19 e que essa imagem se construiu a partir de uma cultura tradicionalista resgatada a partir de elementos simbólicos.

A área central de Pelotas (Figura 3.2.2) possui grande concentração de atividades, que incluem agendas de lazer, culturais, religiosas, de atividades financeiras e universitárias. Logo, por sua alta concentração ocupações e programas, a região atrai um grande número de moradores da cidade e da região. Segundo pesquisa de Libardoni (2018), a região central é responsável pela concentração de espaços de maior interação de jovens adultos com o ambiente urbano.

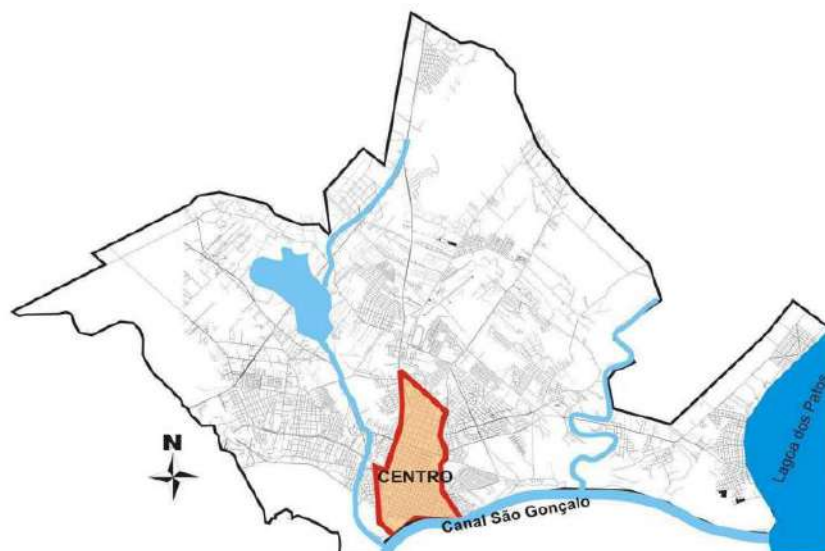


Figura 3.2.2: Localização do centro na zona urbana de Pelotas.

Fonte: Barroso, 2012, p. 66.

Segundo Magalhães (1993), Pelotas é reconhecida nacionalmente como uma cidade gay, folclore institucionalizado que remonta ao século XIX, quando a região era composta por grandes fazendeiros e produtores de charque que mandavam seus filhos estudar na Europa e estes voltavam com hábitos distintos. Segundo a autora, esse imaginário social perdura até hoje e ainda é usado de forma negativa para criar estigmas e preconceitos.

Cerqueira e Neis (2014), em seu estudo sobre a Parada LGBTQIA+ de Pelotas, recontam um grande conflito entre as poderosas forças políticas da cidade e o próprio movimento, enfatizando a importância da parada da diversidade, como era conhecido na época, para Pelotas e seu entorno. Segundo os autores, a crescente visibilidade das causas relacionadas a LGBTQIA+ levou a gestão municipal a investir na imagem e na organização das temáticas relacionadas a comunidade LGBTQIA+ em um esforço para regularizar e aplicar seus interesses ao movimento.

Recentemente, em 2015, foi fundado o Conselho Municipal de Direitos da Cidadania LGBT em Pelotas, com o objetivo de fiscalizar e implementar políticas públicas voltadas para a comunidade LGBTQIA+. Esse conselho representa um avanço significativo nos direitos e ocupação dos espaços públicos de Pelotas, diante das incertezas políticas que rondam a comunidade LGBTQIA+. Vários

grupos se apresentam na cidade de Pelotas com temáticas voltadas a comunidade LGBTQIA+, como, por exemplo, o **Juntos LGBT+ Pelotas**, **Patrimônios invisibilizados**, **Margens** entre outros, que promovem e informam temas ligados aos direitos políticos, sociais e culturais (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2021).

Alves e Duarte (2021) em seus estudos sobre territorialidade e violência contra a comunidade LGBTQIA+ na cidade de Pelotas, de 193 participantes, cerca de 89,7% sofreram algum tipo de violência nos espaços públicos da cidade. Ainda segundo os autores, mais de 70% dos participantes sentem algum medo em frequentar os espaços da cidade. Em sua pesquisa sobre espaços LGBTQIA+, Fernandes e Neis (2019) constataram que, desde a década de 1980, a maioria dos espaços e bares LGBTQIA+ concentram-se no centro de Pelotas (Figura 3.2.3). Segundo os autores, esses espaços favoreceram e favorecem a comunidade LGBTQIA+ através do tempo, auxiliando a sociabilidade e construção de identidade com os espaços urbano.



Figura 3.2.3: Mapa de Bares e Clubes para comunidade LGBTQIA+. Fonte: autor, 2022.

Com base nos dados coletados sobre a discriminação contra a comunidade LGBTQIA+ nos níveis nacional e municipal, bem como nos números que expressam os esforços de visibilidade documentados na cidade, a área central da cidade de Pelotas é selecionada como estudo de caso para este trabalho.

Esta pesquisa investiga quais elementos influenciam na percepção ambiental da comunidade LGBTQIA+ nos espaços da cidade e, para isso, foi necessário encontrar os espaços de socialização da comunidade, apontados na figura 3.2.3. Dessa forma, para essa pesquisa, a seleção dos espaços de estudo se apoia nos trajetos realizados pelos participantes na região central de Pelotas, tendo em vista a rotina diária do uso e apropriação dos locais.

A seguir, são descritos os métodos e as técnicas de coleta de dados utilizados nesta pesquisa.

3.3 Métodos e técnicas de coleta de dados

Por se tratar de uma pesquisa fenomenológica, esta será uma pesquisa qualitativa, sendo que os procedimentos metodológicos devem compreender os fenômenos através de relatos da vida cotidiana dos indivíduos. Desse modo, os métodos são: (i) Entrevista Caminhada; (ii) Mapa Mental.

3.3.1 Entrevista Caminhada

Nos estudos da percepção ambiental, a entrevista é um dos métodos mais utilizados e pode ser caracterizada como um relato verbal sobre determinado assunto que se pretende estudar; seus objetivos são averiguar fatos ou descobrir qual a percepção dos entrevistados (SOMMER, B.; SOMMER, R., 2002). Segundo Zeisel (1984) a entrevista gera um conjunto de informações sobre o que as pessoas pensam, sentem, fazem, conhecem, acreditam e esperam do ambiente.

Para Rheingantz (2009), a entrevista caminhada possibilita a identificação descritiva de todas as reações e percepções dos participantes em relação ao local e possibilita que o observador faça uma anotação e uma identificação dos pontos positivos e negativos da área de estudo. Além disso, ela também

possibilita que os observadores se familiarizem com o ambiente, com sua construção, com seu estado de conservação e com seus usos. Segundo o autor, este método combina simultaneamente uma observação com uma entrevista, que pode ser complementada com fotografias, croquis gerais e gravações de áudio e de vídeo.

A entrevista caminhada é utilizada para compreender a relação entre os sentidos da comunidade LGBTQIA+ e as percepções dos espaços urbanos. Ela é o principal método utilizado neste estudo para identificar os principais fatores que influenciam o senso de lugar. Sua realização permite a identificação, descrição e hierarquização de quais características deste ambiente ou seu uso demandam pesquisas mais aprofundadas, bem como a seleção de técnicas e ferramentas adequadas. Essa metodologia foi escolhida por atender melhor ao objetivo do estudo, que é avaliar os espaços de cidades de médio porte e como esses ambientes interferem na construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+ visando propor recomendações para cidades mais inclusivas.

Conforme o capítulo 2, as variáveis que influenciam no senso de lugar da comunidade LGBTQIA+ são: (i) Comportamento Socioespacial; (ii) Senso de continuidade; (iii) Autoestima; (iv) Autoeficácia; (v) Distinção; (vi) Apego ao lugar; (vii) Arranjo espacial; (viii) Espaços Restauradores; (ix) coronavírus. A partir dessas categorias, foram desenvolvidas as questões e os tópicos utilizados na aplicação das entrevistas caminhadas (Apêndice X).

A aplicação do método teve início em 14 de janeiro de 2022 e se encerrou em 22 de janeiro de 2022. As amostras escolhidas para este estudo foram criadas a partir de uma amostra de jovens e jovens adultos¹³ com idades variadas. Dessa forma, para participar da pesquisa, a pessoa deve estar disposta a ser voluntária e ser membro da comunidade LGBTQIA+.

O processo de seleção das amostras para as entrevistas caminhadas foi feito por meio de uma técnica de amostragem não probabilística conhecida como amostra por bola de neve – *snowball sampling*. Esse tipo de avaliação não

¹³ São considerados jovens (com idade entre os 18 e 24 anos) e os jovens adultos (faixa-etária dos 25 aos 29 anos) (DE CASTRO BEZERRA, 2004).

probabilística utiliza critérios de referência que necessitam do conhecimento dos membros do grupo – ou daqueles por eles reconhecidos – para localizar os participantes do estudo (VINUTO, 2014). Como resultado do contato com um dos entrevistados, outros quinze membros da comunidade LGBTQIA+ foram contatados.

É fundamental ressaltar a dificuldade em localizar pessoas dispostas a participar da entrevista caminhada devido à pandemia do coronavírus. Outro fator essencial a ser considerado é a participação de mulheres trans no estudo: todas as participantes dessa parcela da comunidade LGBTQIA+ relataram uma dificuldade significativa na utilização do Centro de Pelotas; como resultado, nenhuma participante concordou em participar do estudo. Foram realizadas três entrevistas com mulheres lésbicas; uma entrevista com um homem gay; duas entrevistas com mulheres bissexuais; uma entrevista com uma pessoa não binária e uma entrevista com um homem transexual, totalizando um total de oito entrevistas caminhadas. Anteriormente foi realizado dois estudos pilotos com uma mulher lésbica e um homem transexual, sendo essas não contabilizadas para o estudo. O primeiro contato aconteceu via *WhatsApp*, onde foram combinados horários e ponto de encontro com cada participante. Antes da realização da entrevista caminhada, foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) para assinatura. Todos os trajetos e pontos de partidas foram escolhidos pelos participantes. Todos os participantes indicaram o mercado público como ponto de encontro para com o pesquisador. O tempo médio do percurso foi de 40 minutos.

Todas as entrevistas foram gravadas e os eventos significativos ao longo do caminho foram fotografados para destacar aspectos cruciais do ambiente. O resultado foi um registro de processo temporal-espacial ilustrado com percepções verbalizadas. Ao longo do percurso, os acontecimentos foram descritos em ordem cronológica, acompanhados de fotos e os aspectos mais importantes observados foram listados ao final de cada descrição. O aplicativo *Strava* foi utilizado para o registro do trajeto. A aplicação da entrevista caminhada foi realizada por uma dupla de pesquisadores, pois enquanto um pesquisador pode focar no entrevistado e nos objetivos do estudo, o outro pode anotar comentários, gravar áudio e tirar fotografias.

3.3.2 Mapa mental

Segundo Rheingantz (*et al.*, 2009), o mapa mental é um método qualitativo que se baseia na elaboração de desenhos ou relatos de memória que uma pessoa ou um grupo tem de um determinado espaço da cidade. Para o autor, os mapas consideram questões psicológicas, sociais e culturais dos indivíduos. Segundo o autor, a utilização dos sentidos que captam sensações, permite que o usuário construa um mapa mental do seu mundo ao redor.

O mapa mental é um método que permite uma maior dinâmica entre o usuário e o espaço. Ele permite que o pensamento e o planejamento se tornem atividades mais rápidas, criativas e inteligentes. O método permite que as impressões pessoais do usuário sejam colocadas no papel, permitindo capturar a essência do espaço estudado. Os mapas mentais não dizem respeito apenas de um ponto de vista pessoal, mas também podem representar visões que o ambiente apresenta para o usuário, como conflitos e dificuldades (LIMA; KOZEL, 2009).

Para o estudo, esse método é utilizado para aprofundar e enriquecer a compreensão do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+ no que diz respeito às suas identidades, compreendendo que o espaço urbano interfere diretamente sobre elas, oportunizando uma melhor resposta para o problema de pesquisa. Dessa maneira, o método foi aplicado ao final de todas as entrevistas caminhadas, onde foi proposto ao participante realizar um desenho da área central de Pelotas. No desenho foi pedido dados que complementassem as percepções relacionadas as categorias indicadas no estudo. Foi disponibilizado para os participantes uma prancheta, folhas brancas, canetas e lápis variados, para que o participante desenhasse o trajeto realizado, elencando itens espaciais que se destacaram durante a caminhada.

Em seguida, serão apresentados os métodos utilizados para analisar os dados coletados neste estudo.

3.4 Métodos de Análise de dados

Os dados coletados nessa investigação foram interpretados de maneira qualitativa, as entrevistas caminhadas foram transcritas (Apêndice C) e as citações foram separadas conforme as categorias de análise (Apêndice D). Os dados dos mapas mentais foram digitalizados e interpretados conforme as categorias selecionadas no capítulo 2.

As entrevistas caminhadas foram interpretadas individualmente e os dados da caminhada geraram uma figura do percurso realizado e as fotografias separadas por categorias.

A análise dos dados também incluiu o uso de um mapa de calor, ferramenta que permite a espacialização dos dados de densidade de pontos, que foi utilizado para identificar as áreas mais ocupadas pelo grupo LGBTQIA+, permitindo assim encontrar os pontos da comunidade. Para a sua confecção, foi utilizado o programa *QG/S*. Com esse conjunto de informações, foram avaliados e interpretados os percursos dos participantes da comunidade LGBTQIA+ no Centro de Pelotas. Com esse conjunto de informações, foram interpretados os percursos da comunidade LGBTQIA+ nos espaços de Pelotas.

3.5 Conclusão do capítulo 3

Conforme pode ser visto neste capítulo, o centro da cidade de Pelotas constitui-se como um objeto de estudo capaz de auxiliar as análises desta investigação. Para os critérios de delimitação da área foram utilizados estudos que auxiliassem a escolha. A utilização da entrevista caminhada e do mapa mental são utilizadas como resposta à pergunta de pesquisa. Enquanto aos métodos de análises e interpretação de dados, estes atendem aos objetivos pretendidos sistematizando e comparando respostas dos participantes, bem como suas comparações com as características dos espaços. Posto isto, o quarto capítulo apresenta os resultados obtidos nessa investigação.

Capítulo 4: Resultados e discussões

Neste capítulo são apresentados os resultados da aplicação dos métodos de coleta e da análise dos dados, que visam responder à pergunta de pesquisa e cumprir com o objetivo geral desse estudo. Primeiro são apresentadas as entrevistas caminhadas realizadas, seguidas das análises dos dados coletados. Por último, são debatidas questões ligadas ao senso de lugar da comunidade LGBTQIA+.

4.1 Entrevista Caminhada 1

A primeira entrevista caminhada aconteceu no dia 21 de janeiro de 2022, às 10h. A participante se identifica pelo sexo feminino, cis gênero e sua identidade sexual lésbica; é natural de São Paulo capital, tem 28 anos e reside em Pelotas há 11 anos. É formada em teatro e atualmente é professora de teatro na rede municipal de Pelotas. O trajeto percorrido (Figura 4.1.1) teve início no mercado público de Pelotas, sendo este ponto escolhido pela participante como início da caminhada. Na entrevista caminhada a participante quis mostrar o trajeto que geralmente realiza quando circula na região do centro. O percurso se encerrou no final do calçadão, esquina com o mercado público.

A figura 4.1.1 mostra o mapa do percurso e as fotografias tiradas (Figura 4.1.2) pela participante e pelo pesquisador durante a caminhada, associadas à categorias definidas no referencial teórico. Essas categorias foram associadas a partir de uma análise de conteúdo das transcrições das entrevistas de caminhada (Apêndice C). As categorias criadas a partir da revisão bibliográfica, conforme apresentado no capítulo 2, constam do Apêndice D, assim como as citações dos entrevistados. Essas informações foram usadas para realizar a análise de todas as entrevistas caminhadas realizadas pela pesquisa.



Figura 4.1.1: Mapa do percurso realizado no dia 21/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

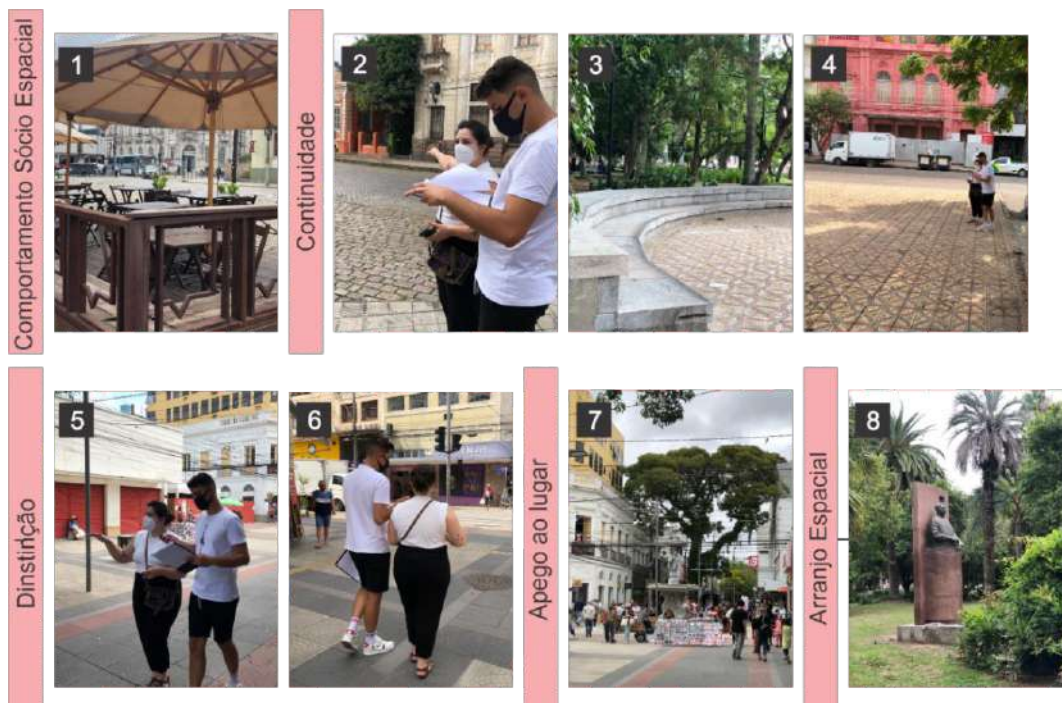


Figura 4.1.2: Fotografias da entrevista caminhada 1, realizada no dia 21/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

Os resultados da Entrevista caminhada 1 após a análise de conteúdo a partir da transcrição apontam que o ambiente promove o envolvimento da entrevistada com o espaço em diversos momentos do percurso. A entrevistada apontou que até certo tempo atrás utilizava do espaço da Praça Coronel Pedro Osório para encontros sociais e que diferentes grupos da comunidade LGBTQIA+ reconheciam aquele espaço como seu território. A entrevistada ainda apontou que costumava frequentar a região do Porto de Pelotas, mas que esse local sempre foi visto como o submundo da cidade e que por medo de sofrer alguma violência, frequentava locais mais escondidos e privados da cidade para encontros e socializações. Foi verificado que a entrevistada realmente se apropria dos espaços percorridos, mas isso ocorre de forma limitada e vigiada. A entrevistada comenta que sempre ocorrem situações constrangedoras quando utiliza o espaço do Mercado Público, como observado na citação abaixo.

Até hoje ali no mercado público, se eu estou com amigos gays e sapatão ou trans na minha mesa e se a gente se levanta para dançar... a gente se levantou e começou a dançar, as pessoas na hora começaram a olhar torto e a reclamar, até que veio uma pessoa do bar e pediu para gente parar com aquele comportamento (M128).

Os dados indicam que a participante se sente vigiada ao fazer certos trajetos pela a região. A participante cita que evita passar por certos locais quando possui muitos homens aglomerados, citando a cafeteria Aquarius, localizada no Calçadão e o centro da Praça Coronel Pedro Osório (Ver figura 4.1.1). Para a entrevistada os únicos momentos em que esses locais conseguem promover um engajamento satisfatório é quando acontecem eventos voltados para a comunidade LGBTQIA+, citando a parada do orgulho.

Os dados referentes ao senso continuidade apontam que a mudança para uma cidade nova, com outros espaços, foi fundamental em seu processo de autoaceitação. A participante afirma que, se não tivesse vindo à Pelotas, provavelmente seu processo de aceitação teria sido tardio. Ao fazer a travessia da rua em frente ao Mercado Público em sentido a Praça General Pedro Osório, a entrevistada apontou para o local da antiga boate Odeon (Figura 4.1.2). Para ela, esse espaço era como um símbolo de resistência e cita que, para algumas pessoas, só o ato de passar na porta já constituía motivo de vergonha. Ao adentrar a Praça Coronel Pedro Osório, a entrevistada ressaltou a importância

que aquele espaço teve em seu processo de descobrimento, citando que o seu primeiro encontro com uma outra mulher foi naquele local, porém, nesse espaço da Praça Coronel Pedro Osório, ela sempre limita os seus gestos e carícias para não ser julgada. Durante a caminhada a entrevistada ainda ressaltou a importância do Teatro Municipal de Pelotas e a meia-lua em sua frente, localizada na praça (Figura 4.1.3), citando que ambos ambientes promoveram eventos voltados para a comunidade LGBTQIA+ e que as memórias que possui desses espaços são importantes. Ao ser questionada sobre essas memórias em relação ao local, ela cita que consegue perceber algumas diferenças nos dias atuais e afirma que a comunidade segue sendo oprimida, assim como sua história.



Figura 4.1.3: Imagem da antiga Boate Odeon tirada pela entrevistada
Fonte: autor, 2022.



Figura 4.1.4: Imagem do Teatro Municipal de Pelotas tirada pela entrevistada
Fonte: autor, 2022.

Ao analisar a categoria autoestima e sua relação com o ambiente urbano, a participante cita, durante o percurso pela Praça Coronel Pedro Osório, que o espaço onde está caminhando ainda lhe causa um certo medo por ser uma mulher lésbica transitando ali. Para a entrevistada ao fazer trajetos pelo local, cita que:

Se eu estou acompanhada de um homem, eu me sinto segura, porque daí vou estar performando uma heteronormatividade, agora, se eu estou com minha namorada eu evito de passar aqui na praça (M128).

Segundo a participante, seu medo é maior quando está acompanhada de outras mulheres, mesmo que sua aparência ainda performe uma certa heteronormatividade. Esses dados apontam que a autoestima do indivíduo LGBTQIA+ está condicionada a fatores e adaptações cotidianas para a sua autoproteção. Essa autodefesa que os indivíduos desenvolvem com o espaço heteronormativo funciona como uma ilusão para locais intolerantes, pois a presença da comunidade LGBTQIA+ em espaços urbanos só é aceita se tais pessoas se comportarem conforme o esperado pela hegemonia dominante (DUQUE, 2017).

A entrevistada, durante o percurso, afirmou que com o tempo passou a frequentar mais os espaços públicos de Pelotas do que sua casa, pois, segundo ela, se sentia desconfortável dentro de casa e mal por estar naquele ambiente. A participante cita durante a entrevista que fazia um encontro semanalmente com outras mulheres lésbicas para pedalar, sendo o ponto de encontro a Meia lua¹⁴ em frente ao Teatro Municipal de Pelotas. Para a participante, encontrar as amigas nesse espaço era fundamental para que ela pudesse se sentir mais pertencente àquele espaço. Entretanto, a entrevistada ainda afirma que hoje em dia esses espaços já não são os primeiros que vem à mente dela enquanto ao uso e apropriação, devido a hostilidade que este espaço tem apresentado durante os últimos anos. De acordo com Silva (2021), a partir da eleição de Bolsonaro a presidência, os preconceitos e violências nos discursos proferidos durante a campanha e mesmo durante o seu governo, fizeram que grupos de pessoas se sentissem a vontade de proferir essas violências para a comunidade LGBTQIA+. Segundo a autora esse fato se tornou mais perceptível quando os membros do grupo utilizam os espaços da cidade.

Os dados sobre a distinção dos ambientes e sua influência na apropriação dos espaços revelam que a participante se sente mais segura em ambientes

¹⁴ A Meia lua da Praça Coronel Pedro Osório é uma escadaria em formato de Meia lua, que funciona como um anfiteatro a céu aberto. Se localiza em frente ao Teatro Municipal de Pelotas.

fechados do que os ambientes da rua, citando que o medo é um fator limitante no uso desses espaços. A entrevistada cita ainda que quando era mais nova fazia encontros com outras meninas na praça, mas que ficava com medo de ser descoberta pela a família. Segundo ela, mesmo com esse medo ela não deixava de fazer esses encontros. A entrevistada apontou que a área do Porto já foi mais acolhedora para ela e para a comunidade LGBTQIA+, mas que hoje em dia prefere as áreas do mercado e do calçadão para seus encontros e explica o porquê, conforme pode-se observar na citação abaixo:

Porque a gente não pode mais aceitar que tenhamos locais só afastados escondidos iguais ao Porto, tipo no submundo, a gente quer ser visto, eu quero ter uma vida comum como qualquer outra pessoa que frequenta esse espaço (M128).

O desejo de ser respeitado e reconhecido pela comunidade em geral no espaço urbano corresponde a um direito à cidade. A territorialização e hierarquização existente nos ambientes urbanos implicam que a permanência dos grupos LGBTQIA nesses locais se restringe a tempos e espaços específicos, o que afeta diretamente esse fator da percepção da comunidade (ZANOLI, 2013).

Os dados levantados apontam que o comportamento da participante se altera quando está acompanhada de sua namorada, fazendo com que certos tipos de condutas sejam evitados para impedir qualquer tipo de violência. Esse fator causa grande desconforto na participante, que acaba evitando de frequentar esses espaços nos dias atuais.

Os resultados que dizem a respeito do apego ao lugar, comprovam que a participante possui um grau elevado de memórias afetivas com o espaço. A entrevistada cita que o chafariz da Praça Coronel Pedro Osório (Figura 4.1.5), o canteiro da praça em frente a antiga Odeon (Figura 4.1.6) e a Meia lua em frente ao Teatro Municipal, são locais onde estão suas memórias afetivas mais fortes durante todo o trajeto. Segundo ela, a Praça Coronel Pedro Osório, em sua adolescência, era o point de meninas lésbicas, ainda apontando que seu primeiro beijo lésbico aconteceu naquele espaço. O chafariz do Calçadão (Ver figura 4.1.2) também é um elemento que se destaca para a participante, pois ali aconteceram várias marchas para mulheres lésbicas, e segundo a entrevistada,

esse ponto foi escolhido devido aos vários casos de violências contra mulheres lésbicas acontecidos ali. A entrevistada relatou que já sofreu violências e assédios nesses espaços, o que a faz se sentir insegura ao frequentar esses locais.



Figura 4.1.5: Imagem do canteiro citado.
Fotografia tirada pela entrevistada
Fonte: autor, 2022.



Figura 4.1.6: Imagem do chafariz citado.
Fotografia tirada pela entrevistada
Fonte: autor, 2022.

Enquanto passávamos pelos os bancos da praça, a participante lembrou que, quando mais nova, evitava trocar carícias com outras meninas por medo, mas que gostaria de ter a mesma normalidade que os casais heterossexuais têm, pois, segundo ela, mesmo um simples beijo na bochecha apresenta um risco de sofrer preconceito. Quando questionada sobre o que atributos estes espaços deveriam conter para que ela se sentisse segura e acolhida, a participante citou que se os espaços públicos possuíssem elementos espaciais que fomentassem a memória da comunidade LGBTQIA+ seria muito bom, pois assim acaba promovendo uma normalidade no olhar da sociedade, oportunizando que essas violências fossem diminuídas. A participante ainda enfatiza que gostaria que fosse um espaço de acolhimento e cultura LGBTQIA+, para que a comunidade tivesse um espaço verdadeiramente seguro.

Os resultados da Entrevista 1 apontam que a individualidade e a privacidade do corpo LGBTQIA+ nos espaços públicos está condicionada a um coletivo hegemônico do espaço. A entrevistada afirmou que quando está com sua namorada, demonstrando carinho ou qualquer tipo de afeto, sua individualidade fica em suspenso, pois é submetida a todo tipo de assédio por parte de outras pessoas do local. A entrevistada ainda pontua que não consegue beijar a sua namorada com os olhos fechados e curtir o momento, pois a todo instante sente que será assediada, principalmente no Calçadão onde possui uma grande quantidade de homens idosos. A morfologia do espaço apresentou uma particularidade para a entrevistada, que afirma que as estatuas presentes no trajeto realizado a causam um sentimento ruim, de opressão e de invisibilidade.

Outro fator levantado na entrevista é a iluminação, que, segundo a participante, os horários noturnos são os mais críticos para estar frequentando. Mesmo que a iluminação tenha passado por uma requalificação, o local ainda se apresenta inseguro. A entrevistada ainda cita as ruas paralelas ao Calçadão e a Praça Coronel Pedro Osório como que a respondente costuma evitar durante o dia e principalmente à noite. Esse dado indica que os espaços, mesmo que bem iluminados, ainda não garantem que pessoas LGBTQIA+ consigam se apropriar deles.

Segundo a entrevistada, o momento que consegue estabelecer maior vínculo de pertencimento à cidade é quando acontecem eventos ou ações coletivas de pessoas da comunidade LGBTQIA+ nos espaços públicos, pois é nessa ocasião em que ela sente que tem força e consegue expressar a sua individualidade sem medo de sofrer qualquer tipo de repressão. Esses dados apontam como os espaços restauradores, bem como seu uso e apropriação, podem influenciar na construção do senso de lugar de indivíduos LGBTQIA+.

Quando analisamos os dados referentes ao impacto da pandemia do coronavírus no uso e apropriação dos espaços públicos na cidade de Pelotas, verifica-se que esses ambientes se tornaram mais hostis e que a pandemia trouxe à tona o que era um pouco velado em relação ao cotidiano de LGBTQIA+, principalmente quanto aos preconceitos e às violências. Para a entrevistada, os eventos que ela costumava participar traziam um sentimento de pertencimento

com o espaço, mas com a pandemia esses eventos foram extintos. Segundo ela, estar nesses locais e poder encontrar o coletivo, fortaleciam-na. A participante aponta que o chafariz da Praça Coronel Pedro Osório era o ponto de encontro que mais utilizava, mas a pandemia destruiu essa referência.

4.2 Entrevista Caminhada 2

A segunda entrevista caminhada aconteceu no dia 22 de janeiro de 2022, as 9h. A participante é do sexo feminino, cisgênero, e sua identidade sexual lésbica; é natural de São Jose dos Campos, em São Paulo, tem 26 anos e reside em Pelotas há oito anos. É formada em direito e atualmente trabalha na modalidade *home office*. O trajeto percorrido (Figura 4.2.1) teve início no mercado público de Pelotas, sendo o local escolhido pela participante. Na entrevista caminhada a participante realizou um trajeto no qual ela está familiarizada. O percurso se encerrou no mercado público onde a participante marcou um encontro com amigas.



Figura 4.2.1: Mapa do percurso realizado no dia 22/01/2022.

Fonte: autor, 2022.

A figura 4.2.2 mostra o trajeto realizado em conjunto com fotografias tiradas pela entrevistada e pelo pesquisador durante o percurso, bem como as categorias a que cada imagem pertence.



Figura 4.2.2: Fotografias da entrevista caminhada 1, realizada no dia 22/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

Ao analisar os dados sobre comportamento socioespacial da entrevistada, percebe-se algumas similaridades com a entrevista caminhada 1. Durante o percurso a entrevistada cita que seu ponto preferido da Praça Coronel Pedro Osório é o “*cantinho dos gays*” (Ver Figura 4.2.2, fotografia 01), nome que segundo ela, é difundido entre a comunidade LGBTQIA+ de Pelotas. Esse local se encontra em frente a antiga Odeon, citada anteriormente na entrevista caminhada 1. Para a participante, esse espaço é um ponto de encontro para diversas atividades, como passear com a sua cachorra, ler um livro, tomar um chimarrão e onde ela consegue se sentir à vontade com amigos. Nas duas entrevistas foi verificado que este ambiente consegue promover certo grau de envolvimento com os participantes.

Foi verificado que quando a participante está com sua namorada se sente insegura de trocar carinhos ou abraços. Quando questionada de como isso afeta sua percepção a participante relata que se sente vigiada: “Sim, isso é constante, fora de casa ou com amigos, eu sempre olho em volta, sinto o espaço e vejo se consigo usar ali, ou o modo que eu vou me comportar” (MI26).

Durante o percurso, a entrevistada relata que quando precisa fazer uma rota que passa pelo Mercado Público de Pelotas, para evitar olhares e assédios, altera sua rota e faz trajetos em que não precisem passar onde estão as mesas dos bares, principalmente quando elas estão com muitas pessoas e também quando não está vestida conforme os padrões heteronormativos femininos. No final do trajeto, que foi no Mercado Público, foi observado que o espaço se tornou menos hostil para a participante quando ela encontra as amigas que a aguardavam. Quando questionada se ela se sentia melhor naquele espaço por conta da companhia, ela apontou que consegue se sentir mais pertencente aquele espaço quando está acompanhada por amigos, mas para permanecer ali eles precisam performar uma certa heteronormatividade.

Outro dado similar à entrevista caminhada 1 diz respeito ao momento em que o ambiente promove um maior engajamento interpessoal com o usuário. Citada pela entrevistada, a Parada do Orgulho LGBTQIA + é o momento que ela consegue se sentir livre para trocar afetos com sua namorada e de se reconhecer na multidão e adiciona que essas memórias também fazem parte da imagem que ela possui do local.

Nessa entrevista, os dados sobre o senso de continuidade apresentam similaridades com a entrevista caminhada 1, ambas vieram de outras cidades e tem a cidade de Pelotas como um facilitador no processo de descobrimento enquanto mulher lésbica. A entrevistada afirma que frequentar os ambientes da Praça Coronel Pedro Osório e do Mercado Público, contribuíram para sua jornada de libertação, pois dentro da sua própria casa não via outras possibilidades. Segundo a participante, esse processo de mudança de cidades contribui para ela libertação dos laços familiares que os pressionam para ser uma mulher heterossexual. Durante o trajeto, ao passar pela Praça Coronel Pedro Osório, a entrevistada afirmou que foi ali que começou a fazer caminhadas pelo o entorno da praça e começou a se interessar por outras meninas que caminhavam por ali. Ainda dentro da praça, a entrevistada reafirmou que aquela região do “*cantinho gay*”, e a Meia lua em frente ao Teatro Municipal, trazem grandes memórias afetivas. Ressalta também que essas experiências foram fundamentais para sua formação enquanto mulher lésbica, pois de acordo com

a participante ela carregava muitas limitações, originadas das barreiras que vinham de dentro da sua própria casa.

Os dados sobre a autoestima da participante se assemelham com a da entrevista caminhada 1, para ela a sua percepção de segurança só é garantida quando esta acompanhada de um homem, principalmente na área do Calçadão. Segundo relato da participante:

Ah, eu lembrei de uma coisa, eu tenho um amigo que performa heteronormatividade, e lembrei que quando passei com ele aqui no calçadão eu me senti mais segura. E quando saio com ele e o namorado aqui a noite, a gente troca de casal, ele vai com minha namorada e eu com o namorado dele, para gente não sofrer nenhum preconceito (MI26).

É frustrante para a participante não poder demonstrar nenhum gesto de carinho para com sua companheira neste ambiente, e é muito mais difícil para sua companheira, pois a autoestima é comprometida pelo medo de estar em público com ela. Antes de se mudar para uma área mais afastada do centro, a participante afirmou que utilizava diariamente quase toda a infraestrutura da região central de Pelotas. No entanto, após a mudança e em decorrência da pandemia, a entrevistada relatou que agora encontra dificuldade para utilizar aquela área, em parte pela presença de moradores mais idosos, em parte, pela própria pandemia, que fez com que ela perdesse o contato com aqueles ambientes.

Quando se analisam os dados sobre a distinção dos ambientes e da forma de apropriação deles, os dados coletados na entrevista caminhada 1 também aparecem nesta entrevista, quando a participante relata que se sente mais segura em ambientes mais fechados. No entanto, aqui aparece um novo dado novo, ao comentar que se esse ambiente fechado for de caráter familiar, a sensação de segurança deixa de existir. A participante afirma que quando precisa frequentar a casa dos sogros ela veste vestido, alisa o cabelo e tenta performar uma heteronormatividade. Essa dinâmica afeta a forma de apropriação desses espaços, e segundo a entrevistada, “essas coisas me cansam, eu me sinto castrada” (MI26).

Para a participante, o ambiente da Praça Coronel Pedro Osório permite que ela consiga ter alguma liberdade, e, mesmo com medo, consegue se expressar melhor e se sentir mais livre do que em ambientes familiares. A entrevistada apontou que se comporta de forma diferente quando está com sua companheira e esse dado apresenta similaridade com dados da entrevista caminhada 1, onde nas duas entrevistas é possível notar que essa mudança de comportamento é uma tentativa de evitar assédios e preconceitos. Outro fator que a entrevistada traz sobre a distinção é que agora ela mora em um bairro muito familiar com muitos vizinhos religiosos, o que faz com que ela se sinta ainda menos à vontade em sua própria casa. Essas adequações de comportamento, na opinião da participante, resultam em um sentimento de sofrimento quando frequenta esses espaços, e que preferiria que fosse considerado normal ser quem ela é.

Os dados referentes ao apego ao lugar demonstram que a entrevistada possui muitas memórias afetivas dos espaços públicos durante o trajeto. Para a participante, o chafariz do Calçadão, a Praça Coronel Pedro Osório e o Mercado Público, são espaços onde ela possui mais memórias afetivas. Segundo ela, esses locais se configuram de forma diferente do resto da cidade, pois neles ela consegue ver pessoas diversas e parecidas com ela. Quando o percurso se aproxima da The Way, uma boate voltada para a comunidade LGBTQIA+, localizada em frente a uma das laterais do Mercado Público, a entrevistada aponta que aquele espaço traz muita diversidade para a região. Comenta também que, antes de entrar na festa, ela e as amigas acabaram comprando bebidas no supermercado e ressalta que é um lugar que gosta de ir.

Durante o trajeto, à medida que nos aproximávamos da Meia lua, em frente ao Teatro Municipal, a entrevistada comentou sobre algumas lembranças que teve ali, citando que costumava sentar nas escadarias e dançar com os amigos sem medo de sofrer alguma violência. Um pouco após a fala da entrevistada, enquanto a participante e o pesquisador realizavam o trajeto dentro da Praça Coronel Pedro Osório, ocorreu um episódio de assédio. Alguns homens que estavam sentados no banco da praça, em suas palavras diziam, “ali uma menininha e um menininho, eu acho que ele é gay”. Nesse momento, a participante e o pesquisador ficaram em silêncio e começaram a andar mais

rápido, para evitar o conflito direto com aqueles homens. As falas citadas acima ficaram gravadas no áudio da entrevista, e essa ocorrência foi um fator que desencadeou um certo desconforto do pesquisador na aplicação do método, que foi percebido pela entrevistada, que revela que esse tipo de assédio é um dos motivos pelo qual evita passar no centro da praça quando está acompanhada pela sua namorada.

Os dados sobre a categoria espaços restaurados, relacionados a fatores que promovem o interesse com o local, demonstram a necessidade que o usuário LGBTQA+ sente de se ver representado no espaço e conhecer sua história. Segundo a entrevistada, seria necessário um espaço que promovesse a memória da comunidade LGBTQIA+, até que se torne “normal”, pois tudo o que ela mais quer é não ser questionada sobre o que ela é ou qual sua identidade sexual. Essa afirmação é semelhante à apresentada na entrevista da caminhada 1, na qual as participantes querem ser vistas e respeitadas da maneira como são, tanto em sua maneira de se vestir quanto em com quem se relacionam.

Quanto a individualidade e a privacidade, a entrevista se assemelhou a Entrevista Caminhada 1, onde as entrevistadas apontam estarem condicionadas às pessoas que frequentam estes espaços. Um dado que se destaca nessa entrevista é que para a participante ser mulher e ser lésbica nos ambientes percorridos são uma coisa que não se pode separar; para ela, o medo de sofrer assédio e violências se limita a fazer certos tipos de trajetos, comportamentos e até mesmo vestimentas. Segundo a entrevistada, quando ela está com amigos que não performam uma heteronormatividade, ela se sente limitada em expressar sua individualidade, pois o medo de sofrer alguma violência acaba impedindo dela tomar certas atitudes. Para ela, quando está com pessoas que performam heteronormatividade o ambiente fica menos hostil.

Os dados referentes à morfologia do espaço apontam existir um desconforto da usuária quando, durante o trajeto, encontra estátuas e alguns monumentos, segundo a entrevistada esses elementos causam uma certa hostilidade pelo que representam. Para a participante a configuração dos prédios ao redor do Calçadão e da Praça Coronel Pedro Osório, dão um sentimento de enclausuramento como se estive sendo vigiada o tempo todo. O fator da

iluminação é um fator importante para a entrevistada, pois durante o período da noite ela evita a região, mesmo que com as últimas reformas. Segundo a entrevistada, suas preferências são por horários na parte da manhã. Ela cita que as ruas laterais a praça são espaços que ela costuma evitar de estar circulando, independente da iluminação.

Os dados que apontam que a pandemia do coronavírus teve grande impacto na vida da entrevistada. Segundo ela, antes da pandemia utilizava o espaço da Praça Coronel Pedro Osório quase que diariamente e que durante o período de pandemia os espaços da praça ficaram vazios, com pessoas da própria cidade, fazendo com que ela se sentisse desconfortável. Para a participante, o uso desses espaços atualmente causa maior medo, citando que esses espaços costumavam abrigar uma gama diversificada de pessoas antes da pandemia. A entrevistada conta ainda que, apesar das reformas e da instalação de nova iluminação, ela sente que a área agora está mais perigosa, pois, em sua opinião, a diversidade de pessoas naquelas áreas a deixou de existir. Para a participante, a pandemia trouxe um certo desanimo em estar utilizando os espaços públicos da região central. Um dado muito importante é que, segundo a entrevistada, o período de pandemia causou ainda mais um apagamento da memória da comunidade LGBTQIA + nesses espaços, tornando-os mais hostis e tristes.

4.3 Entrevista Caminhada 3

A terceira entrevista caminhada aconteceu no dia 22 de janeiro de 2022, as 11h. A participante é do sexo feminino, cis gênero e sua identidade sexual lésbica; é natural de Aurora, no Pará, tem 28 anos e reside em Pelotas há seis anos. É estudante de direito pela Universidade Federal de Pelotas. O trajeto percorrido (Figura 4.3.1) teve início no mercado público de Pelotas, onde a participante marcou um encontro com sua amiga. Na entrevista caminhada a entrevistada quis mostrar todos os seus pontos favoritos e os que realiza durante o seu dia a dia. O percurso se encerrou no final do calçadão, onde a participante encontrou sua amiga e que quis participar da aplicação dos métodos.



Figura 4.3.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 3, realizada no dia 22/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

A figura 4.3.2 mostra as fotográficas tiradas pela entrevistada e pelo pesquisador durante o percurso, bem como as categorias a que cada imagem pertence.



Figura 4.3.2: Fotografias da entrevista caminhada 3, realizada no dia 22/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

Nessa entrevista, os dados que correspondem ao comportamento socioespacial da comunidade LGBTQIA+ apresentaram similaridades com as entrevistas caminhadas 1 e 2, onde o ambiente consegue promover um grau satisfatório de envolvimento com a participante. Durante o trajeto, ao passarmos pela Praça Coronel Pedro Osório, a participante também citou o “*cantinho gay*” como sendo um dos seus espaços favoritos. Segundo a entrevistada, esse espaço é onde ela marca encontros com amigos, realiza piqueniques entre outras atividades. A participante relatou que já teve algumas aulas da universidade nesse espaço. Quando questionada sobre como ela se comporta nesse local, a entrevistada relatou que por apresentar uma certa feminilidade, acaba não se comportando diferente, porém, no seu relato, em algumas ocasiões quando se sente insegura e está com seu amigo gay, eles fingem ser um casal para evitar sofrer violências. Para tal, ao exibir tal feminilidade, as chances de sofrer de homofobia são reduzidas, mas as de assédios não. Um dado que chama a atenção durante a entrevista foi quando foi questionada se sentia vigiada enquanto transita na praça, segundo ela:

Sim, principalmente ali no centro da praça, eu me sinto vigiada. Antigamente me incomodava bastante, mas agora já menos. Ali em 2018, eu senti muito medo, na época das eleições, eu sentia o espaço hostil, sentia que a qualquer momento eu poderia ser agredida nas ruas. Então foi um momento que eu tive medo de andar com minha namorada, de vir para esse espaço (MIE28).

A entrevistada apontou um dado em que se assemelha com a Entrevista Caminhada 2, quando a participante transita e há muitas pessoas nas mesas do mercado, ela se sente desconfortável. Diferentemente da entrevista caminhada 1 e 2, a entrevistada consegue ter um engajamento com o espaço mais facilmente. Ela afirma se sentir mais tranquila em relação à homofobia, mas em relação a ser mulher, ainda se sente ameaçada e com medo de sofrer abusos. Outro momento que a participante relata ter um maior engajamento é quando possui eventos culturais para a comunidade LGBTQIA+. Os eventos de poesia SLAM¹⁵ são momentos em que ela se sente pertencente a esse ambiente.

¹⁵ O *Slam das Minas* é um tipo de evento de poesia voltado para o grupo de mulheres que abraça a comunidade LGBTQIA+.

Os dados referentes à continuidade correlacionam-se com as entrevistas caminhada 1 e 2. A entrevistada afirmou que ao chegar em Pelotas, os espaços entre o Mercado Público e a Praça Coronel Pedro Osório trouxeram consigo um sentimento de pertencimento, o que, em sua opinião, lhe permitiu a liberdade de ser quem ela realmente é. Durante a caminhada, ao passarmos próximo a *The Way* (Figura 4.3.3), a entrevistada relatou que ali é um espaço onde se sente abraçada, pois é nesse local que ela consegue encontrar mais pessoas como ela. Outro dado que se destaca para a entrevistada, é o chafariz do calçadão (Figura 4.3.4). Segundo a participante, mesmo se tratando de um local que ela não gosta de estar frequentando, o chafariz do calçadão é um espaço que ela tem como referência. No relato dessa entrevistada aquele local é utilizado para manifestações da comunidade LGBTQIA+ e que possibilita o encontro dela com amigas.



Figura 4.3.3: Foto da *The Way*, clube para a comunidade LGBTQIA+, onde a participante se sente acolhida
Fonte: autor, 2022.



Figura 4.3.4: Foto do Chafariz do calçadão onde a participante participa de movimentos sociais da comunidade LGBTQIA+
Fonte: autor, 2022.

A participante relata que os espaços de Pelotas auxiliaram em sua autoestima. Segundo ela, até a forma de se vestir modificou-se, pois em sua cidade natal alisava o cabelo e se vestia como uma “garotinha”, mas, em Pelotas, teve a oportunidade em experimentar outras formas de se vestir. Durante a

caminhada, ela relatou que, no dia anterior estava olhando algumas fotos antigas e que nessas fotos ela se sentia presa a uma figura que não a correspondia.

A distinção que a participante relata dos ambientes vem ao encontro a caminhada 1 e 2. Para a entrevistada, o ambiente familiar da sua casa a oprimia, relatando pequenas agressões diárias que a impediam de ser quem ela era, principalmente por ser de uma família extremamente católica. Outro espaço que se destaca nessa entrevista é o Calçadão. Durante o trajeto a entrevistada relatou que aquele trecho da rua representa apenas um espaço de passagem. Conforme ela relata, os homens que ficam sentados naquela região olhando para as pessoas a incomoda, principalmente por ser uma mulher lésbica. A participante ainda relata que não consegue desenvolver nenhuma atividade no espaço além do deslocamento, citando que durante a noite o espaço fica ainda mais hostil, o que causa bastante medo nela. O horário de circulação, assim como o movimento das pessoas que não são da comunidade LGBTQIA+, são decisivos e influenciam nessa distinção do espaço.

A entrevista também evidenciou o apego ao lugar por parte da participante, considerando que ela considera que conhece muito bem o espaço que se situa entre a Praça e Mercado. Para ela, os bares do Mercado Público se configuram como um espaço de encontro com os amigos, ainda que evidencie que os olhares que a incomodam bastante. Quando questionada sobre os eventos que acontecem ali, ela relata que a parada LGBTQIA+ é um momento que ela consegue fazer trocas e se sentir vista, sendo de suma importância para criar vínculos com o ambiente. Quando questionada sobre suas rotas e segurança da área, a entrevistada responde que procura espaços maiores, onde possa ter uma visão melhor da área e decidir se deve ou não atravessar.

Sobre os dados de privacidade e individualidade, esta entrevista é comparável às entrevistas caminhadas 1 e 2. A participante afirma que as pessoas da área influenciam sua individualidade, fazendo com que ela sempre assuma um papel defensivo ao utilizar o espaço. O único momento em que ela consegue ter um pouco mais de privacidade, fica nas proximidades do lago que localizado no interior da Praça Coronel Pedro Osório em frente a funerária e que é encoberto por árvores de grande porte. Para a entrevistada, ali é um espaço onde as pessoas não conseguem enxergá-la. Quando questionada sobre a infraestrutura que tem na região, em específico aos banheiros, a entrevistada relata que utiliza o banheiro do Mercado Público, mas o da Praça Coronel Pedro Osório não cogita nem passar na porta, pois ela diz que tem muito medo. Outra observação que emerge da entrevista é que a participante afirma que quando se passa pelas estátuas (Figura 4.3.5), elas lhe dão uma sensação de opressão e a incomodam. Questionada sobre o que poderia ser feito para que o espaço tivesse mais obras e representações artísticas da comunidade LGBTQIA+, a entrevistada sugere que talvez fossem necessários mais eventos culturais para consolidar a presença da comunidade ali, pois, para ela, a memória é um componente crucial da nossa existência. A iluminação para a participante é um quesito fundamental, mesmo considerando que é boa a iluminação da praça e do Calçadão. A entrevistada também evita frequentar essas áreas no horário da noite, por ter por já ter ouvido vários relatos de assédio e violência.



Figura 4.3.5: Estatua de general que causa desconforto na participante. Fotografia tirada pela participante
Fonte: autor, 2022.

Semelhante a entrevista caminhada 2, a Praça Coronel Pedro Osório surge como um espaço restaurador. Segundo a entrevistada, ela visita a área quase diariamente para aliviar o estresse, sempre no período da tarde. A entrevistada alegou que o cantinho perto da água (Figura 4.3.6) traz uma conexão muito grande com ela, descrevendo-o como um “refugio” onde ela tira os sapatos e coloca os pés em no chão.



Figura 4.3.6: Local onde a entrevistada considera seu refúgio, onde consegue ter mais privacidade. Fotografia retirada pela participante. Fonte: autor, 2022.

Segundo a participante, a pandemia do covid-19 tornou aquele espaço hostil, destacando que durante a pandemia não conseguiria utilizar o local. Nesse sentido, a entrevistada evidenciou o esvaziamento dos locais, como ocorreu com o “Cantinho do Gays”. Nesse aspecto, mencionou que nesse período não conseguiria frequentar esse espaço com a namorada e nem mesmo trocar carinhos, pois se sentiria com medo. Um dado importante que surge durante a caminhada é que a participante alegou ter respeitado a quarentena no primeiro ano, mas depois acabou flexibilizando por sentir muita falta desses locais. A entrevistada ainda afirma que mesmo depois dessa flexibilização não consegue utilizar os espaços da mesma maneira que antes, pois a sensação de medo é maior.

4.4 Entrevista Caminhada 4

A quinta entrevista caminhada aconteceu no dia 21 de janeiro de 2022, às 17h. O participante é sexo masculino, cis gênero e sua identidade sexual gay; é negro, tem 28 anos e é natural de Pelotas. É estudante de antropologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e atualmente trabalha como pintor. O trajeto realizado (Figura 4.4.1) teve ponto de início a parada de ônibus em frente ao Mercado Público de Pelotas. Na entrevista caminhada o participante fez uma rota que geralmente realiza quando vai ao centro da cidade. O percurso se encerrou no Mercado Público, onde o entrevistado encontrou alguns amigos.



Figura 4.4.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 4, realizada no dia 21/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

A figura 4.4.2 mostra as fotografias tiradas pelo participante e pesquisador durante a caminhada, bem como as categorias a que cada fotografia pertence.



Figura 4.4.2: Fotografias da entrevista caminhada 4, realizada no dia 21/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

Os dados referentes ao comportamento socioespacial do entrevistado possuem diferenças das entrevistas caminhadas 1, 2 e 3. Como o participante é natural de Pelotas, as vivências e o seu grau de envolvimento com os espaços são diferentes das entrevistadas que vieram de fora. Segundo o entrevistado quando ele estava no processo de se assumir como homem gay, ele se sentia desconfortável nos espaços por onde percorremos. Durante o trajeto quando passamos pela Praça Coronel Pedro Osório, o participante contou que antes desse processo de aceitação, ele evitava de usar a praça, por medo de sofrer alguma violência. Para ele, o centro de Pelotas não é tão convidativo para a comunidade LGBTQIA+. Um dado que se assemelha com as entrevistas caminhadas 1, 2 e 3, é que quando o participante está com algum parceiro, ele recebe diversos olhares de estranhamento. Segundo o entrevistado, ele recebe críticas, mas também recebe acolhimento de outras pessoas. Para ele, esse espaço representa essa dualidade. O entrevistado cita que o único espaço que ele consegue se sentir à vontade é no Mercado Público, onde ele se reúne com

amigos para se divertir. O entrevistado ressalta que a apropriação dos espaços está limitada às pessoas que se encontram no local, pois, segundo ele, para viver em harmonia nesses ambientes, o seu comportamento tem que se modificar e performar uma heteronormatividade. Quando se interpreta o engajamento do participante, percebe-se que o entrevistado, mesmo tendo medo, procura realizar todas as suas vontades nesses espaços. Esse participante considera que é essencial ocupar esses locais para que não fique só dentro de quatro paredes.

Quando se avalia os dados sobre a continuidade, para o entrevistado o espaço do Mercado Público foi o único capaz de atender às suas demandas sociais de forma satisfatória, com ressalva em alguns momentos na Praça Coronel Pedro Osório, quando a UFPEL realizava eventos no local. Segundo o participante, ter passado parte de sua adolescência nesses espaços influenciou suas memórias do local. Ele acredita que pode se conectar melhor com as pessoas quando há apresentações musicais no Mercado Público porque acredita que é através da cultura que ele consegue conhecê-las.

Quando se avalia a questão da autoestima em relação ao ambiente, o participante relata que ela foi se modificando durante seu processo de aceitação. Segundo ele, antes de se assumir ele tinha vergonha de mostrar como era, mas após a sua aceitação, passou a se sentir mais confiável em relação ao ambiente. Para o entrevistado, seus problemas de autoestima foram resolvidos, afirmando que se tivesse que se vestir fora das normas heteronormativas para visitar o Centro de Pelotas, o faria sem hesitação, apesar de tais questões ainda serem um tabu na sociedade. O entrevistado diz que consegue realizar suas atividades normalmente sozinho, mas que se sente mais protegido quando está com amigos, porque se algo acontece tem alguém para socorrer.

Em consenso com a entrevista caminhada 1, 2 e 3, o participante afirma que se sente mais seguro em espaços fechados. Segundo ele, a sensação de segurança é maior em festas ou boates. No entanto ressalta que deveria ser o contrário; os espaços públicos deveriam ser mais seguros. Para o entrevistado, a comunidade LGBTQIA + não deve ter medo de estar presente nesses espaços;

eles devem ser livres para usá-los quando quiserem. Enquanto a caminhada era realizada, o participante afirmou que:

Aqui é um lugar que é uma faca de dois cumes, é um espaço de muita representatividade, mas também é um espaço de represália. Até que hoje em dia a gente anda mais tranquilo, mas antigamente a gente não podia estar aqui. Aos poucos, a gente está adquirindo esse espaço, a gente vê gente de toda a comunidade, porque é um direito nosso de ocupar esse espaço (HG28).

O participante relatou que vem se defendendo desde o momento em que foi se descobrindo, não no sentido físico, mas na forma como se comportar em certos ambientes para não ser agredido. Um pouco mais à frente esse trajeto ocorreu uma situação de assédio, partido de um homem que estava no Calçadão e comentou que a dupla era um caszinho de gays. Mesmo que aparentemente o homem se encontrasse alcoolizado, a situação gerou um momento constrangedor tanto para o entrevistador como para o entrevistado. No entanto o entrevistado reagiu e comentou: “E eu vou, de qualquer jeito. Olha, viu a pessoa ali mexeu com a gente...Tu tens que entrar nesse jogo e ir embora” (HG28).

A entrevista evidenciou que o participante possuía grande conhecimento da área central. Ao passarmos pelo chafariz no centro da Praça Coronel Pedro Osório (Figura 4.4.3), o entrevistado relatou uma história importante para a comunidade LGBTQIA+. Segundo relato do entrevistado, o chafariz é um local de batismo das mulheres trans e travestis e é ali em que elas são apresentadas para a comunidade e recebem seu nome. Esse processo simbólico marca uma territorialização das travestis e trans no centro da cidade de Pelotas.



Figura 4.4.3: Foto do Chafariz do centro da praça. Fotografia tirada pelo entrevistado.
Fonte: autor, 2022.

Quando avaliamos o nível de atratividade, foi possível perceber que a única coisa que atrai o entrevistado é o Mercado Público. Segundo ele, o mercado é um local que ele visita nos finais de semana, toma uma cerveja e escuta música com os amigos. Outro elemento de destaque na conversa surgiu quando o entrevistado foi questionado em relação ao seu sentimento de identificação. Segundo ele:

[...] Esse espaço para mim ele é elitizado, para mim essa arquitetura do entorno ela é elitista, e que nunca irão me representar, aqui foi um lugar de sofrimento para os negros, e para mim como homem gay negro, nunca vai me representar (HG28).

Outro dado que chama atenção na entrevista é que o participante já sofreu uma agressão física no percurso da caminhada (Figura 4.4.4). Segundo relato do participante, ele e seus amigos foram agredidos fisicamente enquanto esperavam o transporte coletivo na frente do Mercado Público. O simples fato de ser gay foi a causa de sua agressão, mas, apesar disso, o participante afirmou que não deixou de usar o local por se sentir desafiado a ocupar esses espaços. Ao ser questionado sobre em que momento se sente mais pertencente àquele espaço, o entrevistado ressalta que a parada LGBTQIA+ é um momento que ele consegue ser lembrado e visto. A troca de local da Parada, que antes percorria

a Av. Bento Gonçalves, para o Largo do Mercado, foi recebida com grande alegria para a comunidade, pois para ele esse movimento contribuiu para os artistas e para o próprio grupo ocupar de maneira mais efetiva esse lugar. Quando perguntado se aquela região necessitaria de algum espaço que pudesse atender a comunidade LGBTQIA+, o participante afirmou que sim, citando que, quando foi agredido não sabia para onde ir ou a quem pedir ajuda.



Figura 4.4.4: Momento em que o entrevistado aponta para o local onde sofreu agressão.
Fonte: autor, 2022.

Para o entrevistado a sua individualidade e privacidade também são limitadas pelas pessoas que estão ao seu redor. Segundo o participante, ele se sente vigiado o tempo todo, principalmente na Praça Coronel Pedro Osório. Isso é comparável às entrevistas número 1, 2 e 3, em que a privacidade dos participantes é limitada àqueles que os circundam. Ao ser questionado sobre como enxergava os espaços do trajeto da pesquisa, o entrevistado afirmou que os prédios do entorno são bastante elitistas e que o acesso a eles só é possível no Dia do Patrimônio¹⁶, que homenageia os construtores e antigos moradores

¹⁶ O Dia do Patrimônio é um evento promovido anualmente pela Prefeitura Municipal de Pelotas através da Secretaria de Cultura (SECULT), onde oportuniza a comunidade em geral, eventos que envolvem oficinas, rodas de conversa, exposições, palestras, espetáculos e visitas

do local. Alinhado as entrevistas 1, 2 e 3, o participante relatou que as obras e estatuas presentes no trajeto não o representam, pois, segundo ele, aquilo é uma imagem que cultua a família tradicional. Quanto à morfologia dos espaços circundantes a praça, o participante também destacou que para ele, as ruazinhas laterais ao calçadão e da praça são espaços perigosos. Segundo o participante, os banheiros também se configuram como um local de difícil acesso, pois têm muito medo de sofrer alguma violência por ser gay o que faz com que ele evite usá-los.

Além do espaço do Mercado, o entrevistado também citou a esquina do Axé, pois para ele é um espaço muito representativo e afetivo. Em relação ao tempo da Pandemia, o participante afirmou que não fez *lockdown* por conta do seu trabalho, mas que sentia falta de frequentar os espaços para encontrar seus amigos e beber. Segundo relato do participante, durante o trajeto foi a primeira vez desde o início da pandemia que estava passando pela região.

4.5 Entrevista Caminhada 5

A quinta entrevista caminhada aconteceu no dia 22 de janeiro de 2022, às 15h. O participante se classifica como uma pessoa não binária-fluído e sua identidade sexual gay; é natural de Pelotas e tem 27 anos. É bancário e artista. Quando perguntado qual o melhor pronome de tratamento para referi-lo, o participante relatou que atualmente está utilizando o ele/dele. O trajeto selecionado (Figura 4.5.1) teve início dentro do Mercado Público de Pelotas, sendo o ponto escolhido pelo participante. Na entrevista caminhada o participante quis mostrar o trajeto que está familiarizado. O percurso se encerrou na parada de ônibus em frente ao mercado público.

nos prédios históricos de Pelotas. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/centro-historico-e-preparado-para-o-dia-do-patrimonio-2019>. Acesso em 15 de abril. 2022.



Figura 4.5.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 5, realizada no dia 22/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

A figura 4.5.2 mostra o mapa do percurso e as fotografias tiradas pelo participante e pesquisador durante a caminhada, bem como as categorias a que cada fotografia pertence. Durante o percurso o entrevistado mostrou grande dificuldade de estar participando do método devido à sua timidez.

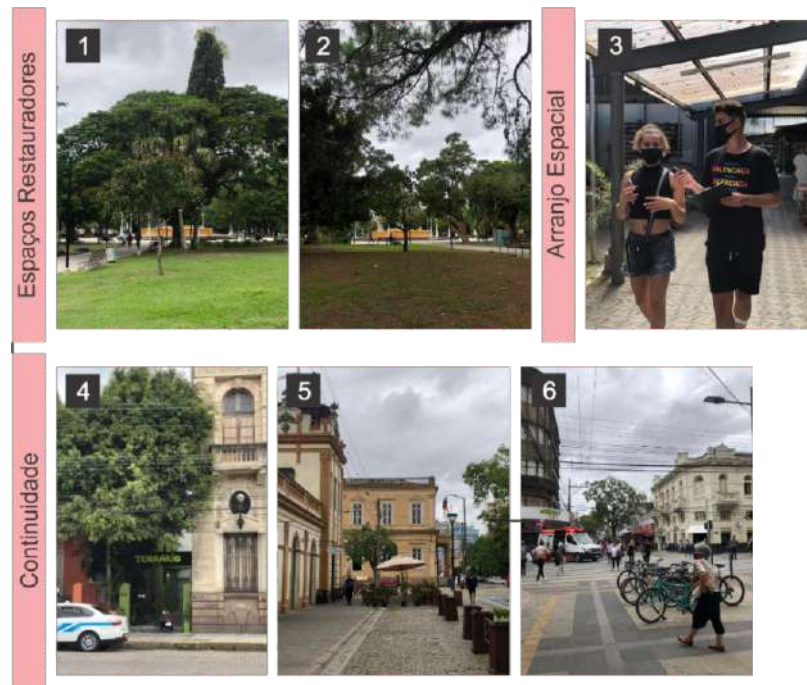


Figura 4.5.2: Mapa do percurso e fotografias da entrevista caminhada 5, realizada no dia 22/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

Os resultados quanto ao comportamento socioespacial apontam que para o entrevistado aquele espaço promove pouco grau de envolvimento. O entrevistado relata que, no início, antes de se assumir, tinha fobia em frequentar esses espaços principalmente quando ele começou a se descobrir como uma pessoa não binária. O mesmo relatou do participante que evitava de frequentar os espaços por medo de receber olhares. Durante a caminhada, o entrevistado afirmou que não costuma frequentar esses espaços quando estão lotados de pessoas: “Prefiro estar acompanhado dos meus amigos, porque daí vou estar compartilhando as minhas angustias com eles” (NB28). Esse dado apresenta uma correlação com a entrevista caminhada 2, onde o engajamento que o espaço promove está condicionado em estar acompanhado de outras pessoas, e segundo o entrevistado, se for um encontro a dois ele já se sente desconfortável.

Os dados que dizem respeito à continuidade, segundo o entrevistado, são a Praça Coronel Pedro Osório e a The Way os únicos lugares onde o participante revela ter memórias significativas. Segundo o participante: “Eu ressignifiquei

aqueles locais ali, aquelas mesinhas ainda me incomodam, mas é um espaço que eu tenho memórias boas” (NB28). Outro ponto citado pelo participante é o chafariz do calçadão (Figura 4.5.3), pois para ele aquele espaço é um local onde ele se encontra com amigos para realizar atos políticos. Para o entrevistado, os dados relativos à autoestima, conversam com a Entrevista Caminhada 4, onde os participantes relatam que a seu processo de aceitação influenciou na utilização daqueles espaços. Apesar de sua aceitação, o entrevistado ainda demonstra certa preocupação em utilizar esses locais. Durante o trajeto, em vários momentos, foi possível identificar certo medo em estar caminhando pelo o local, principalmente no Calçadão. Quando questionado sobre a sua rotina na região, o entrevistado relatou que gosta bastante de frequentar a The Way e o antigo Divas, pois esses locais conseguem trazer uma maior diversidade para a região. O participante ainda relata que depois das festas, bem cedinho, ele e os amigos costumavam a ficar em frente ao Mercado Público fazendo um pós-festa.



Figura 4.5.3: Foto do Chafariz do Calçadão.
Fotografia retirada pelo participante.
Fonte: NB28, 2022.

Nesta entrevista, é importante destacar uma afirmação sobre a distinção que os espaços provocam no participante – Hora um espaço acolhedor – Hora um espaço hostil. Para o participante:

Sim, com certeza, olhares, piadas, risadas e por aí vai. Olhares com certeza, quando passo ali no mercado naquelas mesinhas ali fora, quando está muito cheio sempre escuto piadinhas, risadinhas e até xingamentos sabe? Muito por esse meu contexto de não performar nem o masculino e nem o feminino, o estranhamento ele acontece. Eu tenho ainda uma insegurança também, mas eu não gosto de passar. Eu queria muito ter a resposta se é por eu ser uma pessoa não binária homossexual, queria saber se eu fosse normal e passa-se por ali eu ia me sentir normal, sabe? Então é uma coisa que eu sempre lembro quando passo por ali (NB28).

Durante a caminhada pode-se perceber que dados sobre o apego ao lugar foram quase escassos, pois o senso de lugar do entrevistado é altamente afetado pela dualidade entre o acolhimento e hostilidade, com ressalva com alguns momentos pontuais onde o participante está envolvido com atividades que reúnem pessoas da comunidade LGBTQIA+ e em eventos culturais. Para o participante o ambiente promove um baixo grau de identificação com o espaço.

Segundo o participante, ele sente que as pessoas nos espaços prejudicam sua individualidade e privacidade, assim como se pode observar nos relatos de outras entrevistas caminhadas. O entrevistado afirma que quando está acompanhado de amigos é o único momento em que consegue ter alguma sensação de privacidade ou individualidade. Quando questionado sobre a morfologia do espaço, o usuário também considera as ruazinhas laterais da praça, como um espaço perigoso. Outro elemento importante relatado pelo participante se refere aos banheiros públicos. Como o participante é uma pessoa não-binária, usar esses espaços é realmente desafiador, pois coloca todas as suas vulnerabilidades à mostra. Dando continuidade ao trajeto, ao passar por uma estátua, o entrevistador questionou sobre o significado das mesmas. Para o entrevistado, tais estátuas são os símbolos que a sociedade deseja retratar e cultivar, um homem heterossexual. Fazendo referência a memória da comunidade o entrevistado completou:

Porque para mim parece que só quando acontece uma tragédia que a gente é lembrada, então deveria ter obras e espaços para a nossa comunidade. Agora na semana da diversidade, pintaram uma faixa com a bandeira da comunidade, aquilo foi legal sabe, então porque não, não trazer aqui para o centro, onde tem bastante pessoas, onde as boates para a comunidade estão aqui (NB28).

Para o entrevistado, o único ambiente que poderia ser considerado como um espaço restaurador seria a Praça Coronel Pedro Osório por conta de sua

vegetação, segundo ele, a natureza é um elemento fundamental na sua vida. De acordo com a entrevista caminhada 4, o participante afirmou que, embora as coisas no trabalho não parassem por causa da pandemia, sentia saudades de encontrar os amigos naqueles espaços públicos. O participante alegou que o ambiente havia se tornado mais hostil e que, como resultado, estava usando menos esses locais.

4.6 Entrevista Caminhada 6

A sexta caminhada aconteceu no dia 22 de janeiro de 2022, às 12h. A participante é do sexo feminino, cis gênero e sua identidade sexual é lésbica não assumida; é natural de Recife, Pernambuco, negra, tem 25 anos e reside em Pelotas há seis anos. É estudante de direito pela Universidade Federal de Pelotas. O trajeto percorrido (Figura 4.6.1) teve início na lateral do Mercado Público de Pelotas, pois foi onde a participante encontrou com sua amiga, que também foi entrevistada. No percurso a entrevistada quis mostrar os seus pontos preferidos e onde geralmente costuma caminhar. O percurso se encerrou em um evento religioso que acontecia na Esquina do Axé. A figura 4.6.1 mostra o mapa do percurso e as fotografias (Figura 4.6.2) tiradas pela participante e pesquisador durante a caminhada.



Figura 4.6.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 6, realizada no dia 22/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

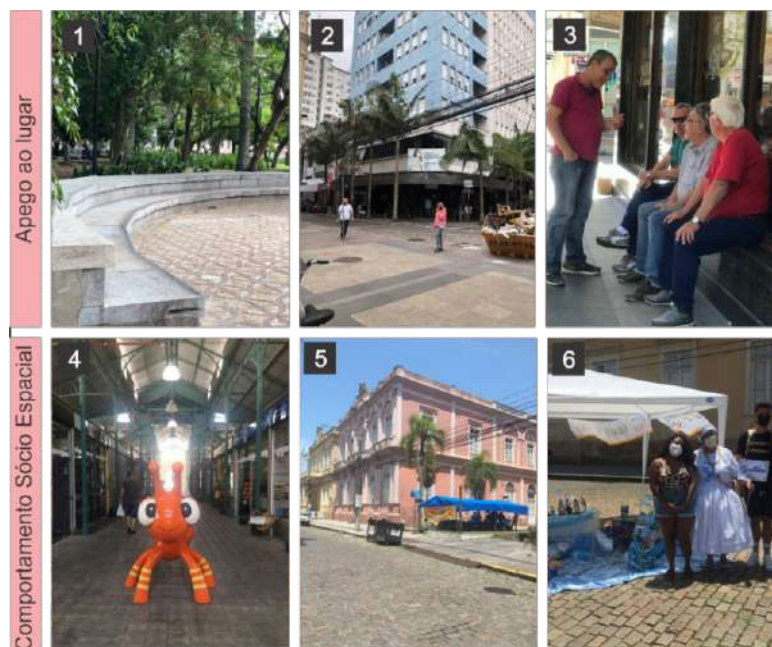


Figura 4.6.2: Fotografias da entrevista caminhada 6, realizada no dia 22/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

Quando analisamos o comportamento socioespacial da entrevistada, percebe-se algumas semelhanças com as outras entrevistas caminhadas, porém, por ser uma mulher bissexual não assumida, alguns aspectos relacionados sobre o senso de lugar podem ser ressaltados para a pesquisa. Segundo a entrevistada, por não ser assumida e representar certa feminilidade, o ambiente não a faz se sentir estranha. A entrevistada cita o mercado como um dos seus espaços favoritos, afirmando que quando deixar a cidade de Pelotas, sempre citará como referência esse espaço. Para a participante, ocupar esses ambientes se ela se assumir ficará mais difícil, pois segundo ela:

Por conta de eu ser uma mulher preta, se eu me assumir, vai piorar muito a minha relação com essas pessoas. Até porque esse ambiente que eu costumava ir, a Sexta Black, acabou por conta de preconceito mais do que por conta de outras questões (MBNA25).

Para a entrevistada, estar acompanhada de amigos tem impacto em como ela se sente, pois se sente mais segura dos olhares quando está acompanhada de amigos do que sozinha. Pode-se notar que o fator de se assumir perante a sociedade, afeta no engajamento da participante com o espaço. Segundo ela, um momento em que ela consegue ter esse maior engajamento, é quando acontecem eventos culturais no Mercado Público.

Na Sexta Black eu me sentia acolhida, me sentia bem até para paquerar outras meninas, mas se eu venho aqui fora desses eventos culturais que tem aqui na região, eu evito explorar esse espaço de outras maneiras a não ser de passagem e tudo mais. Eu sinto que as pessoas vão estranhar, por ser um ambiente muito movimentado (MBNA25).

Os dados que se referem sobre a continuidade apresentam similaridades com a entrevista caminhada 1, 2 e 3. Para a entrevistada, ver as pessoas fazendo suas atividades rotineiras a traz um sentimento de conforto e segurança. Durante o trajeto passamos por algumas feiras culturais que estavam acontecendo. Para a entrevistada, aquele tipo de evento é fundamental para preservar as memórias daquele espaço. Outro ponto que se correlaciona com a entrevista 2 e 3 é que a participante cita o “*cantinho gay*” como um espaço que auxilia no seu processo de aceitação, mesmo que lento, segundo ela. Como a participante não é uma mulher bissexual assumida, ela acaba não utilizando os espaços de forma satisfatória por medo de ser descoberta, deixando-a com uma

sensação constante de mal-estar. O seu senso de autoeficácia fica limitado aos eventos culturais que acontecem no local. Durante a caminhada, fora desses acontecimentos, ela vive um medo contínuo de que alguém veja e conte à sua família sobre sua sexualidade, transformando aquele espaço em nada mais do que um local de passagem.

Para tanto, quando analisamos o apego do lugar da participante, observamos que todas as suas memórias do espaço estão estritamente ligadas a momentos de eventos culturais e políticos que acontecem na região. Segundo a entrevistada, o único momento em que ela explora a sua sexualidade é quando ela está em um ambiente fechado, citando a The Way como um espaço de libertação. Segundo ela: “Eu prefiro ambientes fechados, mas por são ser assumida não consigo de maneira nenhuma fazer encontros. Então para mim os espaços privados é o ideal” (MBNA25). Algum ponto de referência coincide nas entrevistas caminhadas 1, 2 e 3, sendo eles: a Meia lua em frente ao teatro; o “*cantinho dos gays*” em frente a antiga Odeon e o chafariz (ver figura 4.6.1), ambos citados como ponto de referência pelas participantes. Outro momento que a entrevistada cita sobre esses momentos de apego ao lugar, era no antigo evento que acontecia dentro do Mercado Público, a Sexta Black. Para ela esse evento era essencial para que conseguisse utilizar daquele espaço. Quando a caminhada passou em frente ao Aquarius Café, a entrevistada disse que não gostava de passar por lá porque se sentia insegura por causa dos homens que ficavam do lado de fora da porta olhando para ela.

Sua privacidade e individualidade correspondem às mesmas situações vividas pelas entrevistas caminhadas 1, 2, 3, 4 e 5, onde são limitadas e privadas as pessoas que estão ao seu redor. Quando são examinamos os dados relevantes sobre a morfologia do espaço, pode-se perceber que para a entrevistada, quando se refere aos casarões que estão no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, pode-se perceber:

Olha, desde o dia que cheguei aqui, eu não aceito muito bem não. Por ser uma mulher negra, isso é o papel da pura repressão, essa ideia de masculinidade exacerbada. Esses casarões, meus ancestrais ficavam ali em baixo, então para mim é uma memória ruim (MBNA25).

A participante cita que a iluminação foi requalificada, mas que prefere utilizar o espaço na parte da manhã para fazer encontros com seus amigos. No entanto, mesmo durante o dia, ela se sente desconfortável de circular pelo centro da Praça Coronel Pedro Osório quando um grande número de homens se encontra na região. Segundo ela, por causa de seus olhares e comentários direcionados às mulheres que por ali passam.

Quando questionada sobre a pandemia, a entrevistada afirmou que o ambiente havia se tornado mais hostil e que se sentia desconfortável em passar por certos locais, principalmente os que ficaram mais desertos. Um pouco frente do percurso, quando a caminhada estava quase encerrando, ocorreu um assalto, o que gerou o seguinte comentário da participante:

Ali ó, está vendo, o ambiente com a pandemia ficou bem mais hostil, eu tenho medo daquelas situações ali. Claro a gente entende, a economia mudou bastante, as pessoas se afastaram, o convívio ficou muito afetado. Eu sinto mais medo de estar na rua, voltaram aqueles meus medos antigos.

Na sequência da entrevista, a entrevistada afirmou que seu maior medo não era a pandemia, mas sim ser descoberta pela família, vivenciar atos de violência ou assédio e o preconceito por ser mulher bissexual.

4.7 Entrevista Caminhada 7

A sétima entrevista caminhada aconteceu no dia 21 de janeiro de 2022, às 15h. A participante é do sexo feminino, cis gênero e sua identidade sexual bissexual; é natural de São Paulo capital, tem 23 anos e reside em Pelotas há sete anos. É estudante e atualmente trabalha como babá. O trajeto percorrido (Figura 4.7.1) teve início próximo a sua residência, sendo o local escolhido pela participante. Na entrevista caminhada a entrevistada quis mostrar os ambientes que está acostumada a frequentar. O percurso se encerrou na esquina do mercado público com a praça. A figura 4.7.2 mostra o mapa do percurso e as fotografias tiradas pela participante e pesquisador durante a caminhada.



Figura 4.7.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 7, realizada no dia 21/01/2022.
Fonte: autor, 2022.



Figura 4.7.2: Fotografias da entrevista caminhada 7, realizada no dia 21/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

Quando se avalia os dados referentes ao comportamento Socioespacial, percebe-se similaridades com as entrevistas caminhadas 1, 2, 3 e 6, ambas participantes do sexo feminino. Pode-se verificar que o ambiente promove um envolvimento da participante com o espaço para diferentes atividades em sua rotina. Segundo a entrevistada, sua descoberta como mulher bissexual ocorreu quando chegou a Pelotas e começou a se sentir atraída por uma amiga. A participante relata que utilizava da Praça Coronel Pedro Osório para fazer os encontros com essa amiga. Pode-se notar que para as entrevistadas do sexo feminino, o espaço público da praça foi de grande importância para esse processo de descobrimento e aceitação. A partir dessa discussão a participante declarou:

Como eu sou de São Paulo, lá eu já frequentava esses espaços mais voltados para comunidade LGBTQIA+, mas só foi aqui que eu me assumi enquanto mulher bi, porque daí eu me senti mais livre em frequentar os espaços públicos, tipo aqui a praça, o mercado e o calçadão (MB23).

Em concordância com outras entrevistas caminhadas, a apropriação do espaço pela participante acontece, mas de forma vigiada. Segundo relato da entrevistada ao longo da caminhada pela Praça Coronel Pedro Osório, quando está com suas amigas percebe vários olhares principalmente de homens que ficam encarando. A entrevistada também afirmou que, ao caminhar pelo Mercado Público ao lado das mesinhas que pertencem aos bares do mercado, sente-se desconfortável, pois sempre há muitos homens, e esses sempre a assediam.

Se verifica que a continuidade que o espaço promove para a participante, nota-se que esses locais são capazes de fornecer diferentes respostas para o seu dia a dia. Para a participante momentos significativos para a sua memória desse espaço estão relacionados a possibilidade de frequentar os barzinhos na periferia do Mercado Público, onde pode observar os prédios históricos do entorno. O Mercado Público e a praça são ambientes citados pela participante como referência para encontros. A autoestima da participante é potencializada pela capacidade de se sentir livre nesses espaços, mas é sempre limitada pelos olhares de outras pessoas e pelo medo de ficar sozinha nesses espaços. Segundo relato da participante:

Eu me sinto mais segura quando estou acompanhada, porque eu sendo mulher a gente sente mais medo né. Principalmente quando estou acompanhada por um homem, porque daí ninguém mexe. Quando eu estou com amigas, sempre me enchem o saco, é horrível (MB23).

Quando o percurso foi conduzido pelo calçadão a entrevistada relatou que, quando morava em sua casa em São Paulo não podia levar ninguém em sua casa, mas que quando chegou em Pelotas pelo o sentimento de liberdade, começou a utilizar do espaço de sua casa e dos ambientes públicos. Pode-se perceber que, para a entrevistada, a distinção entre os ambientes está relacionada a estar longe do ambiente familiar, conquistando a liberdade para tomar decisões diferentes sobre sua identidade sexual. Se pode fazer a distinção sobre o que o ambiente representa para ela está relacionado a essa circulação pelo calçadão. De acordo com o relato ao passar pela região ela se sente incomodada, ao contrário da Praça Coronel P. Osório onde se sente mais livre.

Ao interpretar o apego ao lugar da entrevistada, pode-se ver um alto nível de familiaridade com o local. Segundo a participante, a presença de muitos universitários torna o ambiente único e acolhedor. Para a entrevistada o “*cantinho dos gays*” (Figura 4.7.3), a Meia lua e uma sorveteria que se encontra no Calçadão são espaços que trazem bastante memórias afetivas. Outro local mencionado pela entrevistada se relaciona a antiga Odeon, já citada por outra participante. Ela costumava ir lá, pois era um lugar onde ela se sentia livre para dançar e se sentir protegida dos olhares das pessoas, principalmente dos homens. Quando o trajeto conduziu ao espaço da Meia lua (Figura 4.7.4), a participante mencionou que quando há saraus e eventos para a comunidade LGBTQIA+ ela se sente bem, pois é um momento em que está cercada por muitas pessoas do seu grupo. A entrevistada também menciona as manifestações que acontecem no chafariz do Calçadão, apontando como aquela área se transforma em um espaço acolhedor para a comunidade e de forte representatividade.



Figura 4.7.3: Imagem da Meia lua. Foto tirada pela entrevistada
Fonte: autor, 2022.



Figura 4.7.4: Imagem do “cantinho gay” tirada pela entrevistada
Fonte: autor, 2022.

Os dados que apontam sobre a individualidade e a privacidade se assemelham com as entrevistas 1, 2, 3 e 6. Por serem mulheres, se sentem cerceadas em sua privacidade para desenvolver certas atividades. Segundo a entrevistada, o ponto mais crítico é o Calçadão. Quando há muitos homens no espaço, ela acaba mudando suas rotas para não sofrer nenhum tipo de assédio. Os dados sobre a morfologia do espaço se assemelham as outras entrevistas caminhadas, sendo citado que as ruas laterais da Praça Coronel P. Osório são pontos críticos para sua segurança. A participante menciona também estatuas e monumentos, que, segundo ela, essas estátuas e monumentos, retratam pessoas que não fizeram nada de bom pela comunidade LGBTQIA+ e nem para a sociedade. Ao ser questionada há que horas evitava frequentar essas áreas, a entrevistada afirmou que ao longo da noite a área se torna bastante hostil, causando um medo de assédios e violência, apesar de uma requalificação na iluminação.

Durante a caminhada, a entrevistada relatou que sofre de crises de ansiedade e que quando isso acontece, ela sai correndo de casa. A participante afirmou que durante uma crise de ansiedade, ela correu para a praça e se escondeu debaixo de uma árvore perto do “cantinho dos gays”, e esperou passar o ataque de ansiedade. Esse dado demonstra que, apesar do medo de vivenciar violências, a entrevistada consegue utilizar a Praça Coronel P. Osório como um espaço restaurador.

Sobre a pandemia, a entrevistada relata que o espaço se tornou muito mais hostil, segundo ela:

Agora depois da pandemia, eu sinto que a rua se tornou mais hostil, mais agressiva, por conta dessas relações por ser uma mulher e ser bissexual. Aqui na praça principalmente, mas é uma coisa que eu acho que vai mudar (MB23).

A participante ainda afirma que suas crises de ansiedade pioraram, ainda mais por não poder frequentar esses espaços abertos, pois como citado, esses locais são espaços onde ela se sente livre.

4.8 Entrevista Caminhada 8

A oitava e última entrevista caminhada aconteceu no dia 20 de janeiro de 2022 às 10h. O participante é trans e se identifica no masculino, sua identidade sexual é bissexual, é natural de Pelotas e tem 21 anos. Atualmente se encontra desempregado. O trajeto percorrido (Figura 4.8.1) teve início em frente ao mercado sendo o local escolhido pelo participante. Durante a entrevista o participante fez questão de mostrar os trajetos com que está familiarizado. O percurso se encerrou no local que se situa entre a Praça Coronel P. Osório e o Mercado Público.



Figura 4.8.1: Mapa do percurso da entrevista caminhada 8, realizada no dia 20/01/2022.
Fonte: autor, 2022.

A figura 4.8.2 mostra o trajeto realizado e em conjuntos com imagens tiradas pelo pesquisador. O entrevistado não se sentiu confortável em tirar fotos do espaço. Durante a entrevista, descobriu-se que o participante se sentia desconfortável ao caminhar pela área, pois estava em processo de transição.



Figura 4.8.2: Fotografias da entrevista caminhada 8, realizada no dia 20/01/2022.

Fonte: autor, 2022.

Tendo em vista esse processo de transição, foi possível observar que o entrevistado tem uma dificuldade significativa de se envolver com o ambiente. Essa dificuldade se mostra durante a conversa, bem como em seus gestos e linguagem corporal. Quando questionado quais espaços que ele prefere, o entrevistado revela ter poucos ambientes que considere locais seguros e agradáveis. Foi verificado que o participante se sente incomodado em estar nos espaços públicos da cidade, segundo ele:

Eu muitas vezes tive muito medo de sofrer preconceito na rua. Tipo, é muito chato sair na rua, e as pessoas te abordarem com um, tipo. Oi, moça, vem cá moça. Vem aqui você quer isso? É bem chato sim, eu me incomodo com isso, mas é uma coisa que é normal, as pessoas nem me conhece, né? (HTB21).

No caminho, ao nos aproximarmos da praça, o entrevistado afirmou que já havia vivenciado preconceito em espaços públicos da cidade de Porto Alegre. Em consequência deste incidente, o entrevistado afirmou que agora sente ansiedade sempre que entra nestes locais. Devido ao seu processo de transição enquanto homem trans, o participante relatou que constantemente deixa de frequentar esses locais por medo de sofrer agressões e assédios. Quando questionado sobre o quão ele acha importante se apropriar do espaço o entrevistado diz o seguinte:

Para mim, é a importância de liberdade, de poder ser quem eu sou, porque é uma questão que eu quero ser aceito em todos os lugares, e

ter medo de andar na rua ou de frequentar tipo aqui o calçadão, que eu conheço desde pequeno é uma coisa que eu não gostaria de ter (HTB21).

Quanto ao seu engajamento interpessoal, o entrevistado relata que quando as pessoas dão abertura para o conhecer, ele consegue fazer uma certa interação nesses espaços, mas frisa que só a partir da aceitação das pessoas que ele consegue se sentir acolhido nos ambientes.

Durante a caminhada, quando o trajeto passou pelo calçadão o entrevistado relata que gosta de frequentar aquele espaço para olhar as lojas e fazer uma refeição, pois é uma memória afetiva que ele faz desde pequeno. Os pontos de referência citados pelo participante foram o Mercado Público e o chafariz do Calçadão. Para ele, esses espaços são importantes, pois foram neles que houve uma maior interação com o ambiente. Esses resultados demonstram que, mesmo quando o ambiente produz um baixo nível de estimulação no usuário, ele ainda é capaz de criar conexões com o ambiente.

Um dado que se ressalta para essa entrevista está relacionado a autoestima do participante. Segundo relato, o medo de sofrer preconceito faz com que ele as vezes se vista de acordo com o sexo biológico com que ele nasceu. O relato ainda revela que sua autoestima é fortemente influenciada pelas pessoas ao seu redor, pois, segundo ele, as noções preconcebidas são inevitáveis nesses espaços devido a sua aparência. Segundo ele:

Eu sofro transfobia dentro da minha própria casa. É difícil porque eu não posso me reconhecer nem dentro da minha própria casa... Medo de sofrer preconceito por não parecer uma mulher ou um homem, sei lá o que as pessoas acham (HTB21).

Segundo o entrevistado, sua autoeficácia está indissociavelmente ligada a outras pessoas; para desenvolver suas atividades nesses locais ele prefere ser acompanhado. Quando questionado sobre os trajetos que realiza no local, o entrevistado diz que busca um trajeto com mais movimento porque acredita que estará mais seguro em eventuais tentativas de violência. A distinção que o ambiente provoca no entrevistado está relacionado ao mesmo aspecto de outras entrevistas caminhadas, onde para o participante:

[...] dependendo do local e do espaço, se tem muitas pessoas, eu tento manter assim mais um comportamento heteronormativo, mas as vezes eu canso e meto o louco e vou vivendo a minha vida tranquila aqui (HTB21).

Quando se considera o apego ao lugar, pode-se observar que o entrevistado tem inúmeras lembranças afetivas com o espaço, mas que nem sempre são boas. Antes de continuar a descrição dos dados, cabe ressaltar que nessa entrevista mais uma tentativa de assédio foi presenciada, enquanto o participante e o pesquisador estavam realizando a aplicação do método. Ao passar próximo ao lago da Praça Coronel P. Osório, dois homens sentados no banco da praça começaram a mexer com o entrevistado e com os pesquisadores. Os homens fizeram piadas sobre as nossas vestimentas e vários outros comentários ofensivos. O participante e o pesquisador andaram mais depressa para evitar um conflito maior com os rapazes, já que eles se demonstraram bem agressivos. Após o ocorrido, o participante foi questionado sobre quais locais frequentava com frequência. Segundo o entrevistado, o mercado e o calçadão são os lugares onde ele tem mais lembranças de longo prazo. Outro ponto que o entrevistado destaca como um local importante é a Esquina do Axé. Segundo ele, movimentos e manifestações da comunidade LGBTQIA+ acontecem nessas áreas, e é um local que tem maior representatividade para seu grupo. Os eventos culturais são citados pelo participante como os momentos em que ele mais utiliza os espaços públicos da região estudada. Sobre o sentimento de identificação e sua segurança, o entrevistado fez o seguinte comentário:

Olha, na verdade, eu não me sinto parte de lugar nenhum, nem da minha própria casa... eu não me sinto seguro em espaço nenhum da cidade, eu tenho medo de viver, medo de estar na minha própria casa, medo de estar na rua, eu tenho medo de viver (HTB21).

Nota-se que o processo da formação da identidade da comunidade transexual e transgêneros, é afetado no tanto no âmbito familiar quanto no âmbito dos espaços da cidade. Esse fator acaba reverberando na criação do seu senso de lugar. Portanto, quando Saggese (2015) descreve que embora a comunidade LGBTQIA+ desfrute do ambiente urbano, a comunidade transgênero e transgênero tem sérios obstáculos que surgem de seus lares e limitam significativamente suas vivências.

Ao passarmos por outra área da Praça Coronel P. Osório, o entrevistado contou que quando criança um grupo de adolescentes atacou ele e uma amiga, dando a entender que eram um casal homoafetivo. Para ele, aquela área da praça o impacta negativamente, e sempre que passa por esse local revive o episódio.

Quando se retrata os dados que se referem ao arranjo espacial, pode-se encontrar similaridades as outras entrevistas caminhadas. Para o entrevistado, a sua individualidade e privacidade ainda se encontra num processo de autoaceitação enquanto um homem trans. Segundo ele, para evitar alguma violência direta, evita fazer atividades sozinho nos espaços públicos. O entrevistado relata que não gosta de passar próximo as mesinhas laterais do mercado, pois ali se sente constrangido. Durante a caminhada quando questionado sobre as estátuas e monumentos o entrevistado comentou:

Ah, queria falar uma coisa, essas estatuas que tem aqui, me trazem um sentimento ruim, parecem que estão demarcando um território hetero, então para mim é mais um fator que eu não gosto de estar utilizando a praça (HTB21).

Em decorrência desse comentário foi questionado o que poderia ser feito para que aquele espaço tivesse mais representatividade para a comunidade LGBTQIA+. Segundo o participante, instalações artísticas de obras que representassem a comunidade seriam importantes, principalmente para mudar o imaginário da população.

Um dado que se destaca nessa entrevista é quanto ao uso dos banheiros públicos, segundo a percepção do entrevistado:

Já usei os banheiros antes de fazer a transição de sexo. Mas agora eu tenho muito medo de utilizar os banheiros públicos. Uma vez eu fui utilizar o banheiro feminino, e as mulheres ficaram me encarando, tipo, o que tu estás fazendo aqui? E aí eu tive muito medo daquela situação. É bem constrangedor. Eu fico muito triste por não poder utilizar (HTB21).

Essa entrevista, bem como a entrevista caminhada 5, confirmam que, quando uma pessoa não performa características heteronormativas facilmente identificáveis, ela acaba por não acessar banheiros públicos. Essa falta de

acesso além de impactar a formação do senso de lugar também pode ter impacto na saúde desses usuários.

Ao ser questionado se algum dos locais visitados poderia ser classificado como restaurador, o entrevistado afirmou que a área em frente ao Grande Hotel é uma das que guarda muitas lembranças. Após a morte de sua mãe, o entrevistado afirmou que ali é onde ele lembrava dela. O participante também afirma que se tiver que usar aquela área, ele escolherá aquele local.

De acordo com os dados sobre a pandemia, o entrevistado afirma que sua fase de transição ocorreu paralelamente com a pandemia, resultando em problemas psicológicos de ansiedade. O participante afirma que a pandemia aumentou seu medo e insegurança para utilizar espaços públicos da cidade.

4.9 Cruzamento das entrevistas caminhadas com mapa de calor

Neste item, os dados das análises de conteúdo das entrevistas de caminhada com oito membros da comunidade LGBTQIA+ são relacionados ao cenário urbano em que foram realizadas. Estão sendo estudados os trajetos percorridos durante as entrevistas, os pontos de intersecção dos trajetos e os usos da área central da cidade.

Na Figura 4.9.a, uma imagem de satélite da cidade é mostrada com as rotas feitas durante as entrevistas, enquanto na Figura 4.9.b, um mapa de calor é usado para mostrar a densidade das rotas.



Figura 4.9.a: Trajeto das entrevistas caminhadas realizadas na pesquisa.
Fonte: autor, 2022.



Figura 4.9.b: Mapa de calor das entrevistas caminhadas realizadas no estudo.
Fonte: autor, 2022.

Analisando o mapa de calor (Figura 4.9.b), é possível perceber que as rotas das entrevistas caminhadas coincidiram em vários pontos, principalmente em áreas onde membros da comunidade LGBTQIA+ se reúnem para atividades de protestos ou lazer. Segundo Freitas (2016), esses espaços para a comunidade, fornecem uma memória social comum, permitindo a criação de territórios simbólicos onde os usuários compartilham entre si uma sensação de segurança. Foi apontado nas entrevistas caminhadas que o uso desses espaços é fundamental para o uso do centro da cidade.

Quando se examina as dinâmicas que ocorrem no espaço, pode-se perceber que o fluxo de pessoas é um fator que influencia a percepção dos entrevistados. De acordo com a Figura 4.9.b, alguns “pontos quentes” estão concentrados em áreas com maior circulação de pessoas. Vale ressaltar que durante o período da entrevista ainda havia certas restrições impostas pela pandemia do coronavírus, o que pode ter resultado em um número reduzido de pessoas nas áreas percorridas. Segundo os entrevistados, o fluxo de pessoas nos espaços tem efeitos positivos e negativos. Os participantes das Caminhadas 8 e 5, um homem trans e uma pessoa não binária, afirmam que quanto mais pessoas houver nos espaços, mais inseguro e hostil se torna o ambiente.

Segundo as entrevistadas 1 e 2, duas mulheres lésbicas, elas sentem-se mais seguras realizando trajetos em locais com mais pessoas, mas ressaltam que o cenário muda quando estão acompanhadas de suas parceiras.

Quando se examina os locais e elementos mais essenciais (Figura 4.9.1) que estruturam as entrevistas caminhada em conjunto com o mapa de calor (Figura 4.9.3), é possível perceber três grandes espaços públicos no Centro: o Mercado Público de Pelotas, os calçadões da Rua Andrade Neves e da Rua Quinze de novembro a Praça Coronel Pedro Osório. Em seguida, são feitas as descrições desses espaços, vinculadas às análises das entrevistas caminhadas, a fim de entender como esses espaços se configuram para a comunidade LGBTQIA +.

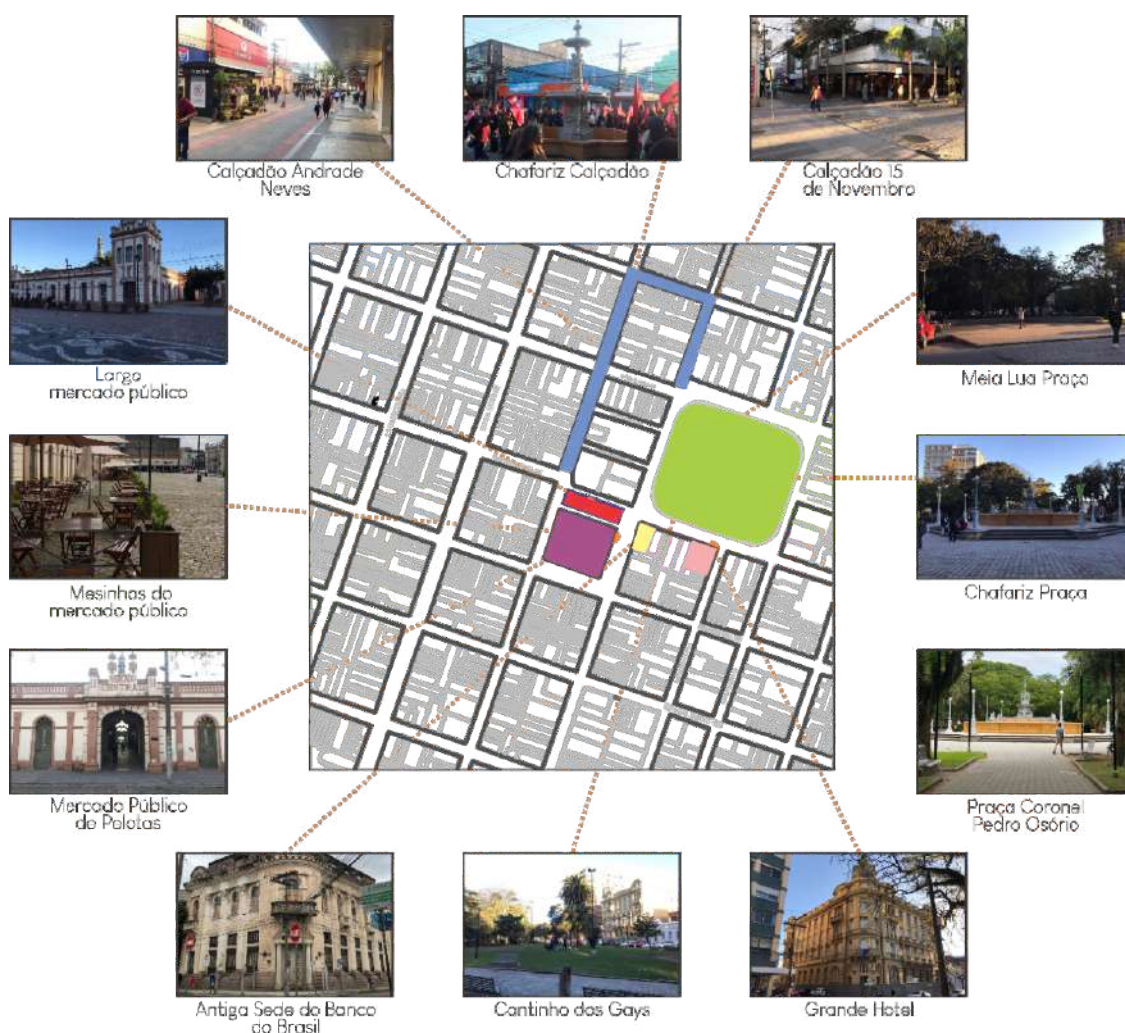


Figura 4.9.1: Pontos mais citados pelos participantes na entrevista caminhada.
Fonte: autor, 2022.

O Mercado Público de Pelotas se apresenta como um marco importante na imagem da cidade. Ele surge como ponto de referência na memória do espaço para todos os entrevistados, dado que se comprova com as entrevistas caminhadas e pelo mapa de calor (Figura 4.9.b). Atualmente, o mercado público promove cultura, entretenimento e lazer, o que é citado pelos participantes como um dos principais motivos para a escolha do local. Uma maior diversidade de pessoas pode ser encontrada na área, graças a espaços voltados ao comércio, gastronomia e espaços culturais. O Mercado Público de Pelotas tem grande relevância nesse estudo, pois a Parada do Orgulho LGBTQIA+ (Figura 4.9.2), que antes acontecia em Bento Gonçalves, foi transferida para o largo do mercado.



Figura 4.9.2: Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2019
Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas, 2021.

Pelotas tal como a da Parada LGBTQIA+, proporciona encontros com diferentes pessoas, principalmente quando acontecem eventos musicais. A entrevistada 6 menciona a Sexta Black como um evento que proporciona um ambiente propício para expressar seus sentimentos por outras garotas, mesmo não sendo uma mulher bissexual assumida. No entanto, todos os participantes afirmaram que quando tem que passar por algumas áreas do mercado, principalmente no lado externo do mercado onde há mesinhas com muitas

peessoas sentadas, ficam incomodados com os olhares que ocorrem à medida que passam. Segundo Oberhauser (2018), quando o corpo LGBTQIA+ adentra em determinados espaços, eles são influenciados de diversas maneiras, repercutindo em sua identidade sexual. Para Twigger-Ross e Uzzell (1996), os espaços são capazes de provocar diferentes comportamentos e cognições nos usuários. Segundo os autores, diferentes espaços da cidade exigem diferentes comportamentos sociais, como “tempo de conforto”, “tempo de desconforto” e assim por diante. Nesse sentido os dados das entrevistas caminhadas comprovam que o espaço do Mercado Público, apresenta uma dualidade para comunidade LGBTQIA+, hora receptivo, hora desacolhedor.

Os calçadões das Ruas Andrade Neves e Quinze de Novembro, são grandes espaços públicos de circulação, contendo diversas atividades voltadas para o comércio. Em seu estudo sobre os espaços de uso e apropriação de jovens e idosos Libardoni (2018), aponta que os espaços dos calçadões para os jovens, surge como um local de atividades efêmeras, voltadas mais para a circulação. Para os idosos a área se apresenta como um espaço de caráter principal, sendo utilizado como ponto de encontro com amigos. Portanto, os relatos das entrevistas caminhadas vão ao encontro a essa conformação territorial urbana. Os participantes das entrevistas caminhadas, por se tratar de jovens e adultos jovens da comunidade LGBTQIA+, relatam que as únicas atividades que conseguem desenvolver na região são voltadas para o comércio e circulação. Os entrevistados relatam que se sentem desconfortáveis ao passar pela área, mas ao mesmo tempo, declaram que é inevitável circular por ali, devido às lojas e comércios que ali se encontram. Como exemplificação desse desconforto, pode-se citar o assédio ocorrido no espaço durante a entrevista caminhada 4. Outro ponto levantado durante a entrevista 6 é a situação que ocorre frente ao café Aquarius (espaço dominado por homens, tradicionalmente) pois, segundo a participante, é um lugar muito desconfortável pois tradicionalmente nesse espaço ocorrem situações de assédio.

Entretanto, um local que se destaca quanto ao uso no calçadão é o no entorno chafariz. O mapa de calor (4.9.b) e as entrevistas caminhadas destacam a área como espaço de encontro e apropriação da comunidade LGBTQIA+. As entrevistas caminhadas 1, 2, 3, 5 e 7, citam que se utilizam do espaço para fazer manifestações (Figura 4.9.3) que envolvem a comunidade LGBTQIA+, proporcionando uma quebra de territorialidades hegemônicas presentes no espaço. O que se confirma quando Haesbaert (2006) afirma que essas territorialidades são capazes de criar mediações espaciais que proporcionam aos usuários o poder de reprodução de individualidades e de ações de grupos sociais. Tal verificação corrobora com os estudos de Freitas (2016), onde se pode notar que para os entrevistados, quando reunidos em grupos LGBTQIA+, conseguem criar territórios simbólicos com os quais se sintam acolhidos no calçadão, proporcionando um sentido positivo de identidade e uma sensação de segurança nesses espaços.



Figura 4.9.3: Atos em memória de Marielle Franco vereadora negra morta em 2018. Marielle Franco era pertencente a comunidade LGBTQIA+. Fonte: Fenizola, 2019

O terceiro espaço público que se destaca no mapa de calor (Figura 4.9.b) e citado pelos participantes, é a Praça Coronel Pedro Osório. Esse espaço é um ponto de encontro de diversos grupos sociais da cidade de Pelotas, inclusive da comunidade LGBTQIA+. Ele é responsável por conectar vários espaços da

região do centro de Pelotas. Com uma área de aproximadamente 19.500 m² (BARROSO,2012), conta com diversas ambiências permeadas por vegetações de médio e grande porte. Para os entrevistados, a praça proporciona um ambiente que atende às suas necessidades de estarem em espaços públicos. As entrevistadas 1, 2, 3, ambas as integrantes do sexo feminino lésbicas e entrevistada 7, do sexo feminino bissexual, dizem que o espaço da praça foi fundamental em seu processo de aceitação, citando que se não tivessem tido certas experiências nesses espaços, não teriam se descoberto como lésbicas e bissexuais.

Segundo os entrevistados 4, 5 e 8, um homem homossexual, uma mulher não- binária e um homem trans, a Praça Coronel Pedro Osório foi vista como um ambiente hostil no início de seu processo de aceitação. Segundo eles, evitavam frequentar a área porque tinham medo de sofrer violência e preconceito. Essa afirmação é corroborada por Sack (1983), que assegura que as territorialidades existentes no espaço influenciam e afetam as relações e os indivíduos que frequentam determinados lugares. Logo, como o processo identitário dos participantes 4, 5 e 8 não estavam solucionados, o espaço da praça, não conseguiu promover um sentimento de pertencimento e de grupo. Isso corrobora com a afirmação de Clavall (1999), onde os espaços só são capazes de produzir um envolvimento com o usuário, quando o sentimento identitário está desenvolvido.

Quando é feita a interpretação o mapa de calor (Figura 4.9.3) e os pontos dentro da Praça Coronel Pedro Osório, é possível identificar a concentração em 3 pontos de calor específicos. O ponto central da praça onde se localiza o Chafariz é o primeiro, seguido do segundo ponto, onde se encontra a Meia lua situada em frente ao Teatro Municipal Sete de Abril, e o terceiro ponto, a área próxima ao Mercado Público de Pelotas, por vezes referido nas entrevistas caminhadas como o "cantinho dos gays". O Chafariz da Praça Coronel Pedro Osório, foi destacado pelos participantes como um local de encontro entre pessoas da comunidade LGBTQIA+. Para a entrevistada 1, o espaço do chafariz era o ponto de encontro das adolescentes lésbicas, que se utilizavam do espaço para se conhecerem. Segundo relato do entrevistado 5, o espaço tem um grande significado para a comunidade de mulheres trans e travestis, sendo que o

participante relata que o chafariz é utilizado para batismos simbólicos (Figura 4.9.4) para o grupo.



Figura 4.9.4: Pintura que retrata uma trans e uma travesti em frente ao chafariz da Praça. O detalhe do chafariz da Praça Coronel Pedro Osório aparece no lado direito da pintura. A obra se chama Memórias Resignificadas feita pela artista e arqueóloga transfeminista Violet Baudelaire.

Fonte: Além da Noite, 2019.

De acordo com os estudos de Twigger-Ross e Uzzell (1996) alguns espaços da cidade são capazes de proporcionar um senso de continuidade na comunidade, o que de acordo com as entrevistas caminhadas, o Chafariz é um desses locais de referência para a comunidade LGBTQIA+, oportunizando uma sensação de continuidade com o espaço e repercutindo em ações que respondem às demandas dos participantes com o local. Além disso, o chafariz permite que a comunidade LGBTQIA + construa territorialidades que desafiam a heteronormatividade do espaço, como demonstra o estudo de Raffestin (1993),

que afirma que as intervenções de determinados grupos em locais específicos transformam o espaço em território para sua comunidade.

O segundo ponto de calor dentro da Praça Coronel Pedro Osório, citado pelos participantes é a Meia lua que se encontra em frente ao Teatro Municipal Sete de Abril. Cinco dos oito participantes citaram a Meia lua como um espaço de apropriação da comunidade LGBTQIA+. As atividades desenvolvidas nesse espaço são diversas e envolvem vários grupos. É um local de reunião pública, pois tem a maior parte da periferia desse espaço marcada por locais para sentar. Nesse local são desenvolvidas também atividades culturais, como o *Slam das Minas* (Figura 4.9.5).



Figura 4.9.5: Evento Slam das Minas, onde acontece na Meia lua da Praça Coronel Pedro Osório. Para as participantes é um momento de libertação de sua identidade sexual.
Fonte: Slam das Minas, 2020,

Para a entrevistada 1, a Meia lua também serve de ponto de encontro com outras mulheres lésbicas que se reúnem para andar de bicicleta por Pelotas. Essa constatação corrobora a ideia de Elali (2009), de que a apropriação da comunidade está diretamente ligada à territorialidade que esses grupos têm com o espaço, criando uma sensação de apego com o ambiente.

O terceiro e último ponto de calor, se localiza no quadrante da Praça Coronel Pedro Osório em frente a antiga boate Odeon, ao lado do Mercado Público de Pelotas. Segundo os entrevistados esse espaço é reconhecido entre a comunidade LGBTQIA+ como “cantinho dos gays” (Figura 4.9.6), por se tratar de uma área que as pessoas da comunidade frequentam.

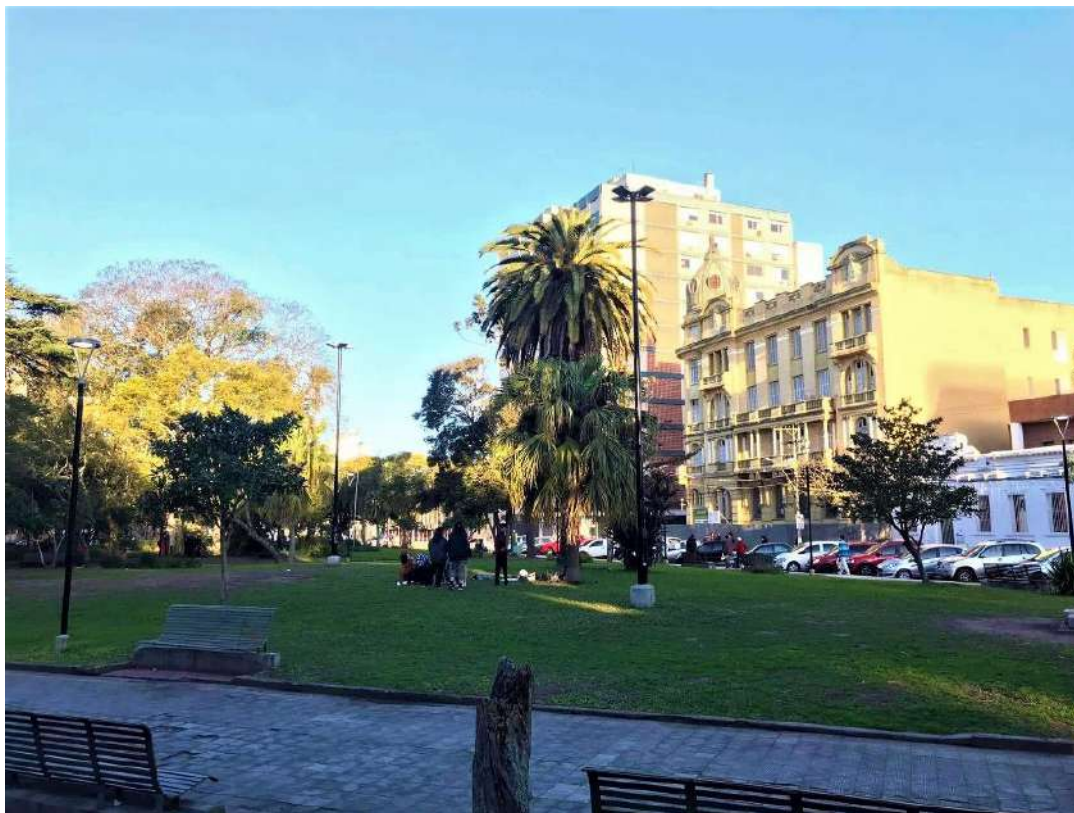


Figura 4.9.6: “Cantinho dos Gays”, espaço citados pelos entrevistados durante a entrevista caminhada.
Fonte: autor, 2022.

Segundo relato dos participantes, esse espaço se classifica como um dos mais acolhedores para o grupo LGBTQIA+. Ao interpretar sua morfologia espacial, percebe-se que se trata apenas de uma grande área de gramado de livre apropriação. De acordo com um estudo de Libardoni (2018), esta área da praça é mais frequentada por jovens, pois a sua conformação espacial sugere mais segurança e privacidade para quem a utiliza. Essas memórias coletadas durante a entrevista caminhada sobre esse espaço da praça corrobora o trabalho de Giuliani (2003), que afirma que quando um local proporciona uma sensação de segurança, gera um maior apego ao lugar.

Os dados coletados a partir dos mapas mentais dos entrevistados são apresentados no próximo item. Eles permitem entender como a imagem da cidade está estruturada preenchendo eventuais lacunas deixadas pelas entrevistas caminhadas.

4.10 Mapa Mental 1

O primeiro mapa mental foi realizado no dia 21 de janeiro de 2022, às 10:40h, com a participante da entrevista caminhada 1. Foi realizado nas mesas do Mercado Público em conjunto com o pesquisador. Foi disponibilizado para a participante papel e lápis variados para que pudesse realizar o mapa mental. Foi solicitado a participante que mapeasse os espaços (Figura 4.10.1) mais comumente frequentados no centro da cidade.

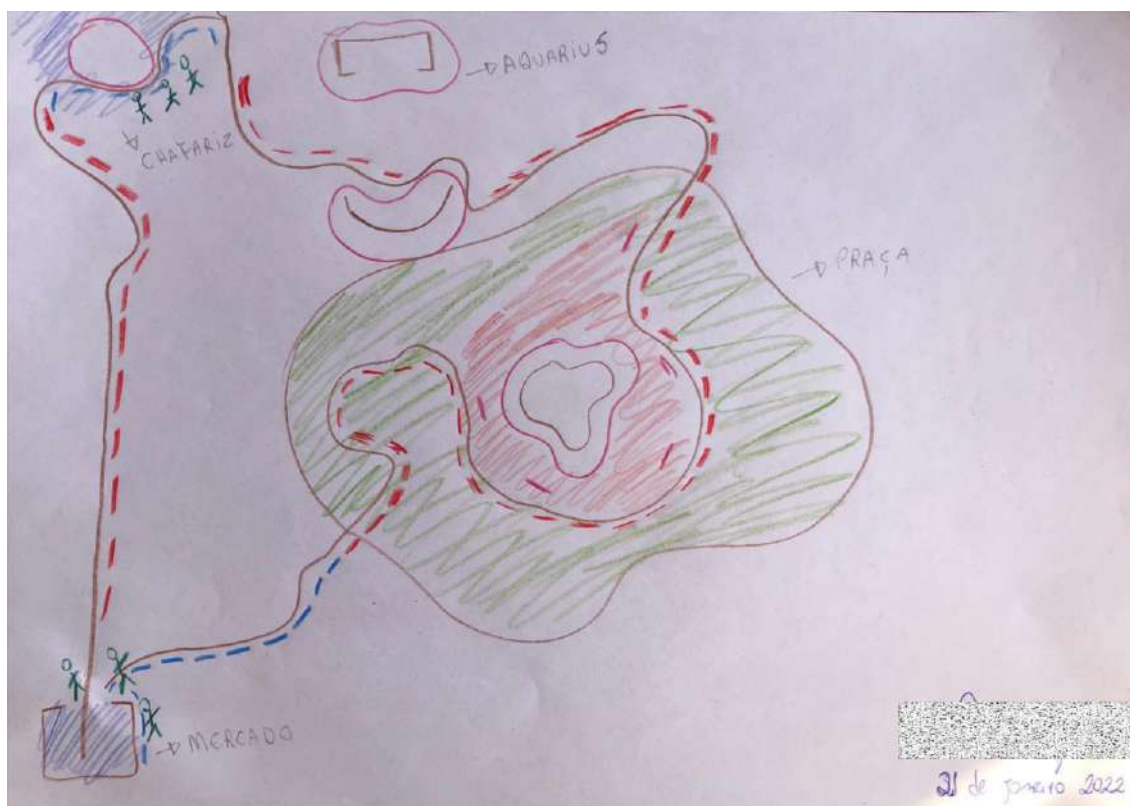


Figura 4.10.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 1.
Fonte: autor, 2022.

Ao interpretar o mapa pode-se perceber que, de acordo com os estudos Appleyard (1980), o mapa se classifica como semiestruturado, pois, pode-se perceber uma lógica estrutural simplificada do espaço com a qual a participante está familiarizada.

De acordo com a figura 4.10.1, o traçado orgânico do conjunto das ruas que compõem o ambiente do centro de Pelotas – em torno do eixo principal da Praça Coronel Pedro Osório, reforçado pelo o tamanho da mancha desenhada – se sobressai nos outros elementos desenhados, demonstrando que o principal elemento estruturador da imagem mental, descrito por Lynch (1969) é a Praça Coronel Pedro Osório.

Para tanto, a entrevistada relata que quando realiza trajetos pelo centro da cidade, geralmente o faz a pé, o que faz com que ela tenha um bom conhecimento espacial da área. O mapa destaca o trajeto e quatro grandes marcos da paisagem que estrutura sua imagem mental: a meia lua da praça, a cafeteria Aquarius, o chafariz do calçadão e o Mercado Público de Pelotas.

Também é possível identificar os limites do espaço que estruturam a imagem mental da participante, que de acordo com o mapa desenhado por ela (Figura 4.10.1), todos os locais representados estão circulados por outro elemento. Para fugirmos da visão poética e lúdica que compõe a imagem mental da participante, visando buscar uma maior relevância de como esses espaços interferem no senso de lugar da comunidade LGBTQIA+, foi pedido para a participante que complementasse o mapa com algumas informações baseadas nas categorias selecionadas no capítulo 2 desse estudo.

O primeiro elemento solicitado foi a localização do ponto onde ela encontra mais pessoas. Respondendo a esse pedido ela sinalizou com bonequinhos. Como pode-se visualizar na figura 4.10.1, os locais onde se concentra mais pessoas foram sinalizados o Mercado Público de Pelotas e o chafariz do calçadão. Em seguida, foi pedido para que fosse marcado no trajeto os momentos de segurança e insegurança, correspondendo à cor azul como segura e à vermelha como insegura. Nota-se que no trajeto desenhado a participante só se sente segura quando há outras pessoas no espaço. É importante notar que a pandemia de coronavírus afetou o número de pessoas que frequentam esses locais; corroborando com o dado da entrevista caminhada 1 em que ela afirma que a área se tornou mais hostil e insegura.

Outro ponto que a participante esboçou no mapa foi o café Aquarius. Quando se interpreta o desenho, percebe-se que este espaço não está conectado ao seu caminho. O café Aquarius é um marco na paisagem negativo para participante, que evita passar por perto. Ainda segundo o relato dela, quando realiza rotas pelo local, evita ao máximo passar na frente do estabelecimento, pois os olhares que recebe dos homens nesse espaço a deixa desconfortável. O que, de acordo com Elali (2009), essas situações onde a usuária se sente observada, acaba fazendo com que ela não consiga exercer as suas tarefas ou rotinas diárias, interferindo diretamente no seu senso de lugar.

4.11 Mapa Mental 2

O segundo mapa mental foi realizado no dia 22 de janeiro de 2022, às 10h, com a participante da entrevista caminhada 2. Foi realizado nas mesas do Mercado Público em conjunto com o pesquisador. Foi pedido a participante que mapeasse o centro de Pelotas (Figura 4.11.1) durante o seu dia a dia.

De acordo com os estudos Appleyard (1980), o mapa mental da participante 2, se classifica como semiestruturado, onde vemos uma lógica estrutural simplificada do espaço do centro.

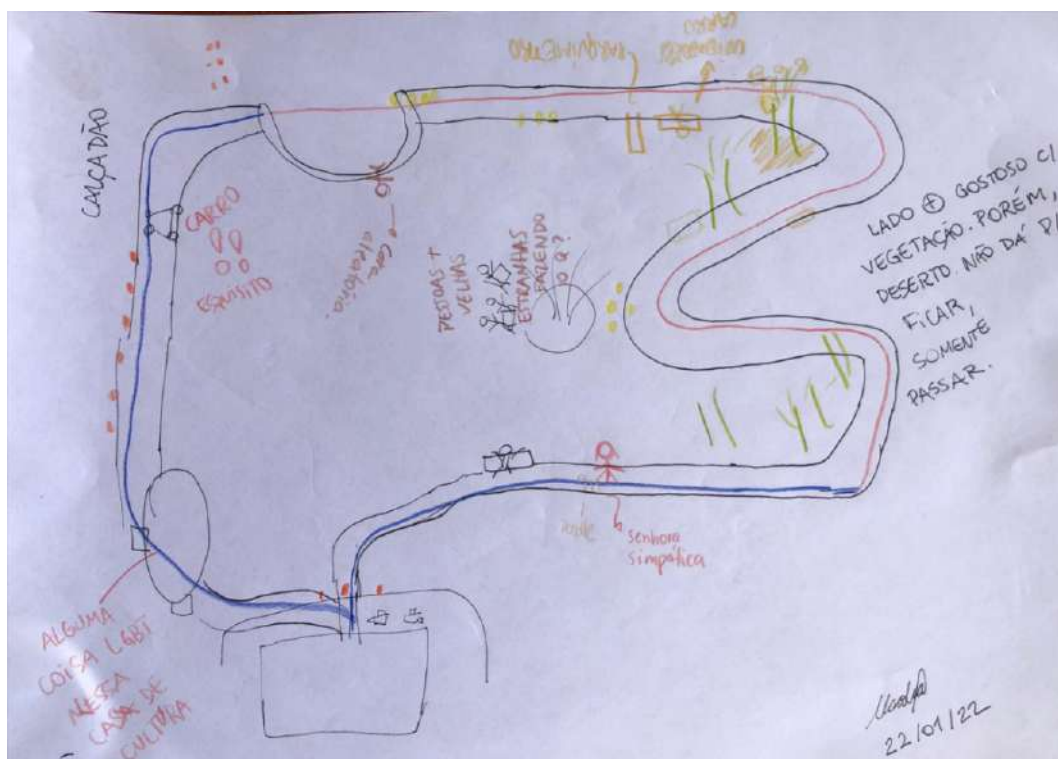


Figura 4.11.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 2.
Fonte: autor, 2022.

A figura 4.11.1, apresenta um traçado orgânico, assim como no mapa mental 1, porém nota-se a falta de marcos descritos por Lynch (1969), onde apenas os caminhos se sobressaem no mapa, sugerindo que o principal elemento que estrutura a imagem mental da participante são os percursos que ela realiza.

No mapa mental da participante 2 pode-se identificar poucos limites que estruturam a imagem mental, os únicos elementos representados são: o Mercado Público de Pelotas, a Meia lua da Praça Coronel Pedro Osório e o Centro de Integração da Universidade Federal de Pelotas. Seguindo a mesma ordem do primeiro mapa mental realizado, foi pedido para participante marcar os locais onde ela mais encontra pessoas. A simbologia utilizada pela participante, foi de “pontinhos” em laranja, conforme a figura 4.11.1. Pode-se identificar no mapa mental, que os pontos que mais apareceram, correspondem ao Calçadão e ao Mercado Público. Em seguida a entrevistada identificou locais onde ela se sente segura em relação ao espaço e os seus trajetos realizados na região. Em azul, ela indicou os locais seguros e marcou as ruas que correspondem aos locais que mais se encontra com pessoas, o que corresponde aos dados do mapa mental 1. Em vermelho, sugerindo locais inseguros, a participante desenhou na rota que corresponde à praça.

Algumas anotações foram realizadas no mapa mental, onde se percebe a necessidade de a participante reforçar a ideias presentes no mapa. Algumas frases são acompanhadas de alguns elementos desenhados. O primeiro elemento que surge é em relação ao uso da Praça Coronel Pedro Osório, onde a participante escreve: “Lado mais gostoso com vegetação. Porém deserto. Não dá para ficar, somente passar”. Esse dado corrobora com as excepcionalidades da pandemia do coronavírus, que segundo Bonduki (2021) fez com que os espaços da cidade sofressem grandes mudanças relacionadas aos usos e comportamentos sociais, causando um esvaziamento dos ambientes urbanos.

Outra nota observada no desenho da figura 4.11.1, descreve a relação da participante com a imagem mental do ambiente: “Pessoas mais velhas estranhas, fazendo o que?”. Verificamos que essa escrita, relata um fato ocorrido durante a entrevista caminhada, onde a participante estava se deslocando pelo

o chafariz e se sentiu observada ao passar pelo local. Esse dado demonstra como a usuária cria o seu apego ao lugar. O que segundo Brown e Perkins (1992), essa experiência positiva ou negativa com o espaço, aliada a combinações cognitivas, cria na participante uma experiência capaz de gerar laços afetivos com o ambiente.

Ao interpretar o ponto marcado do Centro de Integração da Universidade Federal de Pelotas, percebe-se que se trata de um nó descrito por Lynch (1999), onde a participante delinea como sendo um ponto estratégico em sua imagem mental. Em sua anotação ela diz: “Alguma coisa LGBT nessa casa de cultura”. Quando se retoma os apontamentos da entrevista caminhada, verifica-se que, quando questionada sobre a memória do grupo LGBTQIA+ no espaço, citou que não tinha nenhum elemento que pudesse lembrar da comunidade. Num aspecto mais subjetivo da dimensão sobre a memória a participante acaba criando um marco em seu mapa mental, como um desejo pessoal de estar representada no espaço. O que de acordo com o estudo de Rheingantz (*et al.*, 2012), esse local cria um apego ao lugar simbólico, onde a participante cria memórias afetivas com o espaço.

4.12 Mapa Mental 3

O terceiro mapa mental, foi realizado no dia 22 de janeiro de 2022, as 11:40h, com a participante da entrevista caminhada 3. Foi pedido a participante que desenhasse o centro de Pelotas (Figura 4.12.1) e suas vivências com o espaço.



Figura 4.12.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 3.
Fonte: autor, 2022.

A figura 4.12.1 se qualifica como estruturada (APPLEYARD,1980), pois pode se observar no desenho, uma boa compreensão e estrutura da área Central de Pelotas.

Segundo as categorias de Lynch (1969), citadas no capítulo 2 deste trabalho, o desenho apresenta uma malha urbana mais detalhada, onde as ruas limitam o trajeto realizado pela participante. Percebe-se três marcos principais que estruturam a imagem mental, sendo eles: o Chafariz do calçadão, a Meia lua, o lago da Praça Coronel Pedro Osório e o Cantinho dos Gays, comumente citado pela entrevistada.

No mapa mental da participante 3, pode-se notar os limites (LYNCH, 1969), sendo eles: o traçado reticulado das ruas de Pelotas, a área delimitada como Cantinho dos Gays, o Lago da Praça Coronel Pedro Osório e o Mercado Público de Pelotas. Pode-se perceber que, para a participante o *Cantinho dos Gays* se apresenta como um elemento de marco na paisagem. De acordo com os estudos de Freitas (2016), esses territórios simbólicos, auxiliam na

estruturação de uma imagem positiva com o local, proporcionando assim um real sentimento de pertencimento com o espaço.

Foi solicitado a participante que complementasse o mapa mental com alguns elementos que oferecessem para essa pesquisa um melhor entendimento sobre o senso de lugar da comunidade LGBTQIA+. O primeiro elemento se refere a quantidade de pessoas com que ela se encontra nesses espaços. A participante marcou no desenho (Figura 4.12.1) com bolinhas em amarelo, onde pode-se notar que o único espaço que corresponde é o Calçadão. Em seguida, o segundo elemento que foi pedido para a entrevistada, foi que desenhasse onde ela se sentia confortável (azul) e desconfortável (vermelho). De acordo com o desenho representado, a participante marcou como desconfortável as áreas com mais pessoas, diferentemente da participante 1 e 2. Pode-se verificar que a entrevistada se sente mais segura quando há menos pessoas ao seu redor. De acordo com Perilo (2017), o indivíduo LGBTQIA+, prefere espaços com o qual se reconheça, evitando de frequentar locais onde a heteronormatividade é dominante.

Um ponto que se destaca na figura 4.12.1 é o lago da Praça Coronel Pedro Osório, que de acordo com a participante é um local onde ela consegue se conectar com o ambiente de forma integral. O fato dela escrever a palavra BANCO, sugere que esse seria um elemento que estrutura sua imagem mental. De acordo com Libardoni (2018), alguns espaços da Praça conseguem promover nos usuários maiores níveis de privacidade, oportunizando assim uma melhor saúde mental nesses indivíduos.

4.13 Mapa Mental 4

O quarto mapa mental, foi realizado no dia 21 de janeiro de 2022, as 18h, com a entrevistada da entrevista caminhada 4. Foi disponibilizado para a participante papel e lápis variados para a realização do mapa mental. Foi pedido ao participante que desenhasse o centro de Pelotas (Figura 4.13.1) de acordo com suas vivências no espaço.

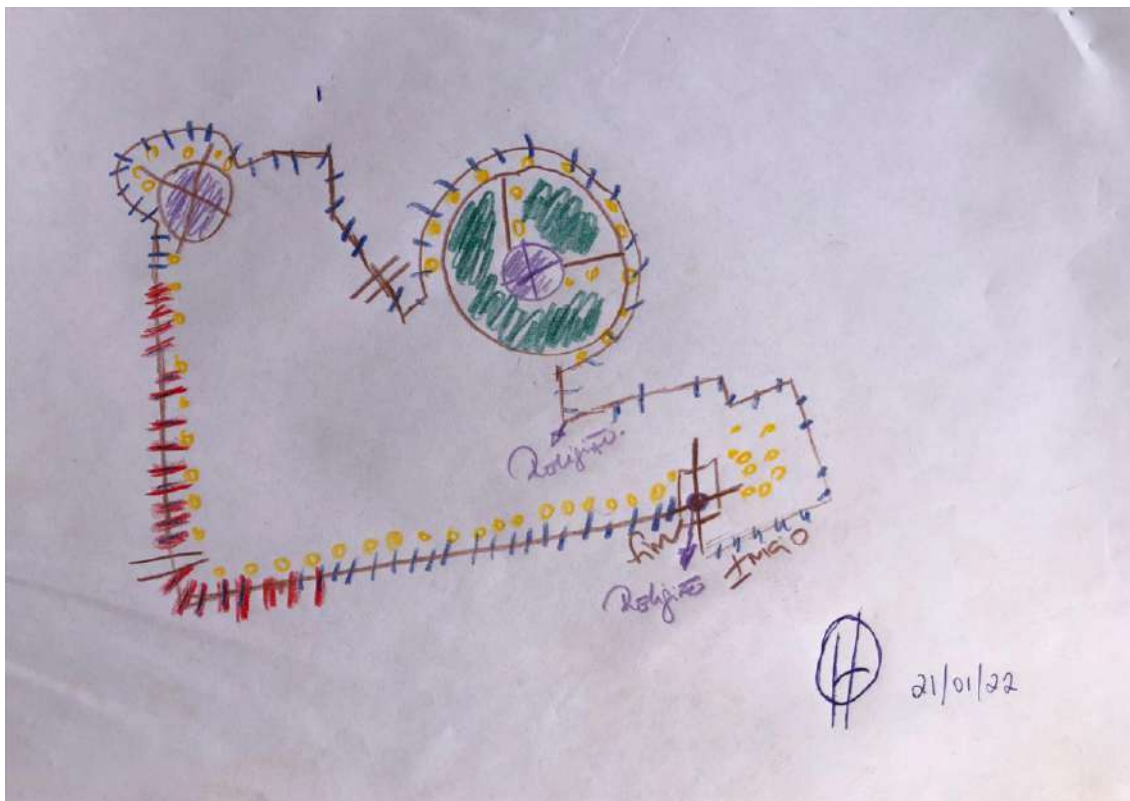


Figura 4.13.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 4.
Fonte: autor, 2022.

O mapa mental desenhado pelo participante, é classificado como simbólico de acordo com Appleyard (1980), onde os elementos do espaço são representados de forma mais abstrata.

Os trajetos representados no mapa estruturam todo o desenho, porém a falta de marcos visuais, demonstra que o principal elemento que estrutura a imagem mental do usuário, são os trajetos que realiza no local (LYNCH, 1969).

Pode-se notar 3 marcos na figura 4.13.1, são eles: o Chafariz do Calçadão, a Praça Coronel Pedro Osório e o Mercado Público de Pelotas. Os limites descritos por Lynch (1969), podem ser notados quando o participante desenha dois riscos em marrom, sinalizando uma mudança de ambiente. O primeiro trajeto é marcado entre o Mercado Público e a Praça Coronel Pedro Osório; o segundo entre a Praça Coronel Pedro Osório e o Calçadão e por último do Calçadão ao Mercado Público. O participante ainda reforça a ideia com a anotação de início e fim no ponto onde se localiza o Mercado Público. Logo,

considerando essa informação, pode-se perceber que a imagem mental é compartimentada em locais de uso e apropriação.

De forma semelhante aos outros mapas mentais, foi pedido ao entrevistado que realizasse a complementação com informações sobre o espaço. O primeiro item solicitado, foi em relação ao número de pessoas no ambiente, onde ele representa por pontinhos amarelos na figura 4.13.1. Nota-se que os pontos onde mais se concentram pessoas, são os trajetos entre o Calçadão e Mercado Público e algumas pessoas em torno da Praça Coronel Pedro Osório. Em seguida, foi solicitado que desenhasse onde se sentia confortável (azul) e desconfortável (vermelho). Para o participante, relembando o assédio ocorrido no calçadão, marcou quase todo o trajeto como desconfortável.

Um dado que se apresenta nesse mapa mental, está relacionado ao aspecto simbólico religioso que o ambiente que o Mercado Público de Pelotas apresenta para o participante. Ele marca duas setas com escrita religião para marcar esses espaços. De acordo com Lynch (1969), um desses pontos é classificado como um nó que estrutura a imagem mental do usuário. Esse ponto é conhecido como Esquina do Axé. Corroborando com estudos de Elali (2009), a religião do participante é capaz de criar territorialidades com a qual ele consegue se sentir identificado com o espaço.

4.14 Mapa Mental 5

O quinto mapa mental, foi realizado no dia 22 de janeiro de 2022, às 16h, com a entrevistada da entrevista caminhada 5. Foi pedido ao participante que representasse o seu dia a dia no Centro de Pelotas (Figura 4.14.1).

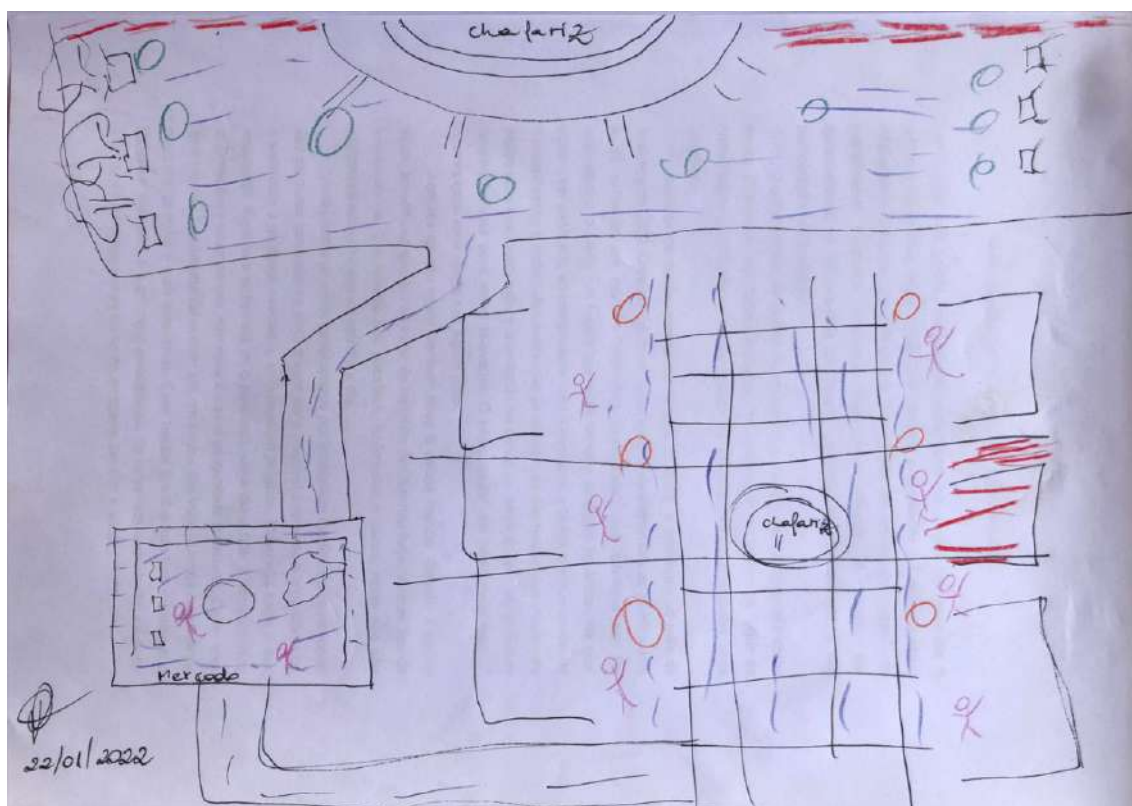


Figura 4.14.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 5.
Fonte: autor, 2022.

De acordo com Appleyard (1980), o mapa mental do participante é classificado como semiestruturado, onde percebe-se uma lógica estrutural simplificada da área Central de Pelotas.

Ao observar a figura 4.14.1, o traçado reticulado dos trajetos do Centro de Pelotas – em torno dos principais marcos desenhados pelo participante (LYNCH, 1969) – sugere que os principais elementos estruturadores da imagem mental são a Praça General Pedro Osório e o Calçadão.

Nos estudos sobre limites desenhados pelo participante 5, pode-se notar que os marcos da paisagem, são os limitantes dos locais. De acordo com Lynch (1969), esses ambientes propiciam diferentes interações entre o usuário e o espaço. Pode-se notar que a Praça Coronel Pedro Osório e o Calçadão, ganham uma maior importância na construção de sua imagem mental. Outros dois elementos se destacam no desenho, o Chafariz da Praça Coronel Pedro Osório

e o Chafariz do Calçadão. Ambos elementos são citados pelo participante como pontos estratégicos para encontros e protestos, criando territórios simbólicos que garantem um maior pertencimento com o espaço (FREITAS, 2016).

Foi pedido ao participante que realizasse uma complementação do mapa, que auxiliaram a entender como o senso de lugar da comunidade LGBTQIA+ é formado. A primeira complementação, foi em relação ao número de pessoas que o entrevistado encontra no ambiente, representado por bonequinhos em vermelho na figura 4.14.1. Pode-se notar pontos de concentração de pessoas no Calçadão e no Mercado Público de Pelotas.

De acordo com os outros mapas mentais realizados, foi pedido ao participante que desenhasse onde se sentia confortável (azul) e desconfortável (vermelho). Observamos que o participante se sente confortável onde se encontra mais pessoas, corroborando com os mapas mentais 1 e 2. Os pontos que corresponde ao desconforto do participante, é localizado no Calçadão e na Praça Coronel Pedro Osório. O ponto que corresponde ao Calçadão, se relaciona ao assédio que aconteceu no espaço o entrevistado relatou, quando passou em frente de uma loja no Calçadão e um homem ficou encarando com olhares de reprovação, causando um desconforto no participante. Quando o indivíduo LGBTQIA+, sai da esfera privada e vivência a vida pública, é alvo de múltiplas formas de discriminações (LEITE 2019), o que afeta diretamente na sua construção do senso de lugar.

4.15 Mapa Mental 6

O sexto mapa mental, foi realizado no dia 22 de janeiro de 2022, às 13h, com a participante da entrevista caminhada 6. Foi pedido a participante que desenhasse a área Central de Pelotas (Figura 4.15.1) e sua rotina diária.

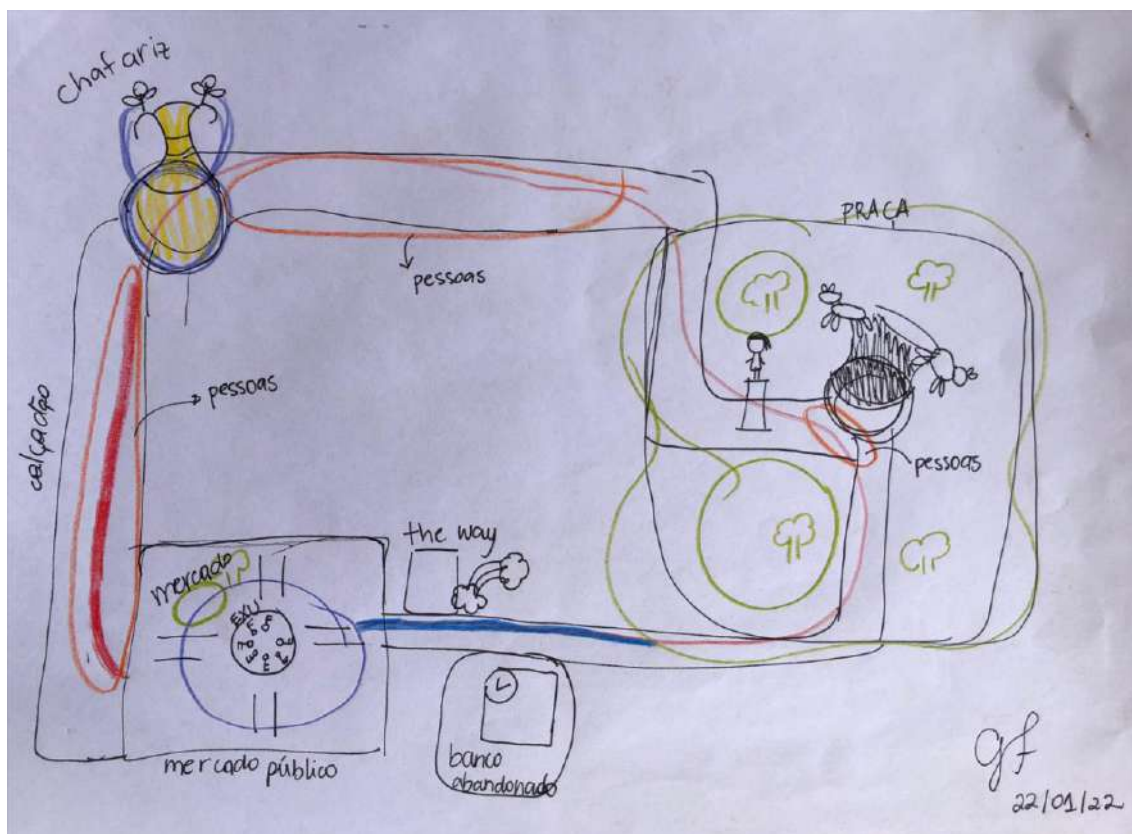


Figura 4.15.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 6.
Fonte: autor, 2022.

Observa-se que a partir das categorias elencadas por Appleyard (1980), o mapa mental da participante é caracterizado como estruturado onde pode-se ver uma lógica estrutural no espaço do Centro de Pelotas.

Ao avaliar o mapa apresentado na Figura 4.15.1, nota-se uma lógica dos espaços urbanos do Centro de Pelotas, sendo os caminhos representados como conectores dos marcos da paisagem (LYNCH 1969). Esses marcos da paisagem que estruturam a imagem mental são: o Mercado Público de Pelotas, a Praça Coronel Pedro Osório, o Chafariz do Calçadão, o Chafariz da Praça Coronel Pedro Osório, uma estátua da Praça Coronel Pedro Osório, a boate The Way e o Antigo Banco do Brasil. Nota-se que dentre todos os mapas mentais realizados, esse é o que mais apresenta marcos da paisagem.

Quando se avalia os limites (LYNCH, 1969), pode-se observar que as rotas realizadas se caracterizam como os limites que estruturam a imagem mental da participante. Observa-se também, a praça e o mercado como limites

na paisagem, o que de acordo com Lynch (1969), separam as partes de uso dentro do espaço urbano.

Foi solicitado a participante que adicionasse ao mapa detalhes vitais para o estudo do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+. O primeiro elemento foi a relação da participante com o número de pessoas no espaço, onde ela marcou com amebas em laranja os locais onde as pessoas estavam mais concentradas (ver figura 4.15.1). Percebe-se grandes marcações no Calçadão e uma pequena na praça Coronel Pedro Osório. O segundo fator solicitado dizia respeito à sua segurança, especificamente onde ela se sentia confortável (azul) e desconfortável (vermelho). As áreas em que a participante marca em vermelho para expressar seu desconforto, está localizada onde há maior concentração de pessoas. Ela afirma que, por não ser uma mulher assumida bissexual, se sente desconfortável em espaços com muitas pessoas. De acordo com Twigger-Ross e Uzzell (1996), os ambientes são capazes de alterar o comportamento do usuário ao fornecer diferentes cognições que influenciam o senso de lugar.

Um ponto que se destaca no mapa mental da participante, é o marco da paisagem que retrata a boate The Way, um espaço voltado para a comunidade LGBTQIA+. Quando se busca interpretar as questões da territorialidade para o grupo, percebe-se que para a participante, esse espaço é o único na zona central no qual ela consegue se sentir livre para expressar sua identidade. De acordo com Clavall (1999), a identidade de uma pessoa só está conectada quando ela encontra um território que representa suas crenças e culturas, e só então ela tem um sentimento de pertencimento ao espaço.

4.16 Mapa Mental 7

O sétimo mapa mental, foi realizado no dia 21 de janeiro, às 15:50h, com a participante da entrevista caminhada 7. Foi solicitado a participante que desenhasse o Centro de Pelotas e sua rotina diária (Figura 4.16.1).

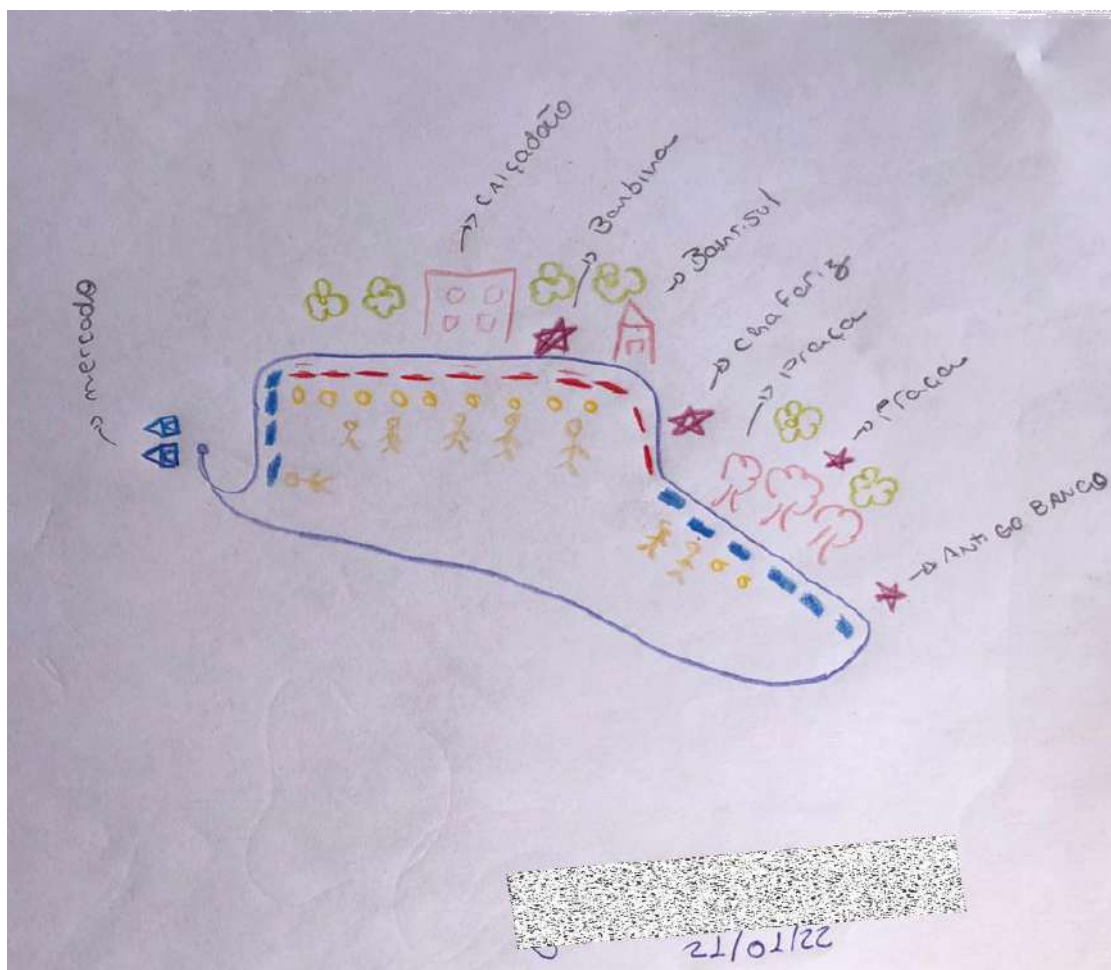


Figura 4.16.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 7.
Fonte: autor, 2022.

Quando se observa os critérios de Appleyard (1980), nota-se que o mapa é classificado como simbólico em relação a estrutura do espaço, constituído por elementos e trajetos que se abstrai da realidade do ambiente construído.

O caminho representado é constituído por uma forma orgânica e contém uma alta concentração de elementos que estrutura a imagem mental da participante, conforme se observa nos escritos de Lynch (1969). De acordo com a figura 4.16.1, alguns marcos da paisagem ganham destaque com estrelas desenhadas, sendo eles: uma sorveteria do Calçadão chamada Bambina, o Chafariz da praça Coronel Pedro Osório, a Praça Coronel Pedro Osório e o antigo Banco do Brasil.

Pode-se notar a falta de limites que estruturam a imagem mental representada pela participante, o que de acordo com Lynch (1969), o espaço

representado dessa maneira é bastante permeável em relação aos seus usos. Por se tratar de um mapa mental simbólico e carecer de elementos distintivos, não foi possível identificar uma gradação das interações da usuária com o espaço.

Foi solicitado que a participante fornecesse mais informações com dados que auxiliassem no alcance do objetivo do estudo. O primeiro item foi o número de pessoas que ela encontrava na área, representado por bonequinhos em amarelo. Nota-se que o espaço assinalado pela usuária na Figura 4.15.1 corresponde ao Calçadão. O segundo dado solicitado, correspondendo ao conforto (azul) e desconforto (vermelho). Corroborando os mapas mentais 6 e 3, a usuária também se sente desconfortável ao passar por áreas com muitas pessoas. A participante sinaliza como confortável o espaço do Mercado Público de Pelotas e a Praça Coronel Pedro Osório, locais que, como já foi comentado anteriormente consagrados pela presença de público LGBTQIA+.

Um elemento indicado por Lynch (1969), que aparece no mapa da participante (Figura 4.16.1), é o nó, indicado pelo Mercado Público de Pelotas. Esse local para a participante é responsável por estruturar toda sua imagem mental do Centro de Pelotas. Segundo Aguiar (2012), a morfologia de espaços como esse, são capazes de produzir um maior acolhimento em relação ao centro de Pelotas.

4.17 Mapa Mental 8

O oitavo mapa mental, foi realizado no dia 20 de janeiro, às 11h, com o participante da entrevista caminhada 8. Foi solicitado para o participante que desenhasse o Centro de Pelotas e sua rotina diária (Figura 4.17.1).

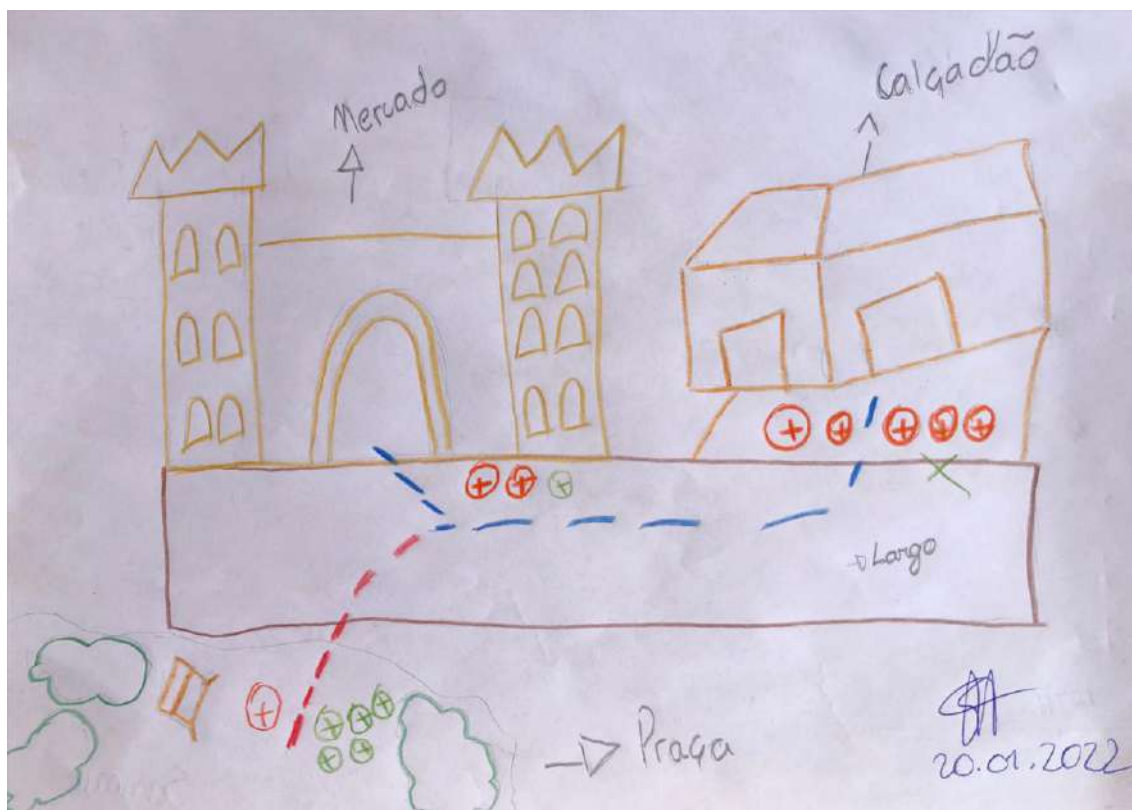


Figura 4.17.1: Mapa Mental da participante da entrevista caminhada 8.

Fonte: autor, 2022.

Ao interpretar os critérios de Appleyard (1980), pode-se classificar o mapa como simbólico em relação a estruturação do espaço construído, onde os marcos visuais são os elementos dominantes na representação (Figura 4.17.1).

Ao observar os conceitos de Lynch (1969), percebe-se a falta de caminhos que delimitam a sua imagem mental, onde as figuras dos marcos estão distribuídas de maneira aleatória. O Mercado Público de Pelotas e o Calçada, são elementos estruturados da imagem mental do participante.

Os limites (LYNCH, 1969) presentes na figura 4.17.1, são representados pelo o Largo do Mercado Público de Pelotas, sendo citado pelo participante como um espaço de grande representatividade para a comunidade LGBTQIA+. Quando olhamos para a figura 4.17.1, vemos que a Praça Coronel Pedro Osório está em menor escala do que os demais marcos da paisagem. De acordo com a oitava entrevista caminhada, o espaço para o participante evoca memórias negativas, que podem ser sustentadas pelo seu desenho. Segundo Carvalho e

Macedo Júnior (2019), os espaços de troca e experiências coletivas são predominantemente heteronormativos, o que provoca um medo e isolamento no participante.

Seguindo a estrutura dos demais mapas mentais, foi solicitado ao participante que complementasse com categorias estabelecidas no Capítulo 2 deste trabalho. O primeiro item solicitado foi o número de pessoas que o entrevistado identificava no espaço, representado por bolinhas em laranja com o símbolo de +. As representações correspondentes, verificados na figura 4.17.1, se encontram no Mercado Público de Pelotas e no Calçadão. O segundo item solicitado foi sobre seu conforto (azul) e desconforto (vermelho). Nota-se que para ele, os momentos de conforto são encontrados entre o Mercado Público e o Calçadão, diferentemente das outras entrevistas caminhadas. Pode-se perceber que as experiências nos ambientes, produziram mais impactos no participante do que propriamente as pessoas presentes no espaço. Tais experiências geram um sentimento de senso de lugar positivo para o Mercado Público e Calçadão e negativo para a Praça Coronel Pedro Osório.

4.18 Cruzamento dos Mapas Mentais

Os mapas mentais possibilitaram identificar a imagem do centro da cidade, percebida por usuários pertencentes a comunidade LGBTQIA+, que incluía três mulheres lésbicas, duas mulheres bissexuais, um homem gay, uma pessoa não binária fluída e um homem trans.

Observa-se nesses mapas mentais que a comunidade LGBTQIA+ consegue desenvolver um senso de lugar com o ambiente do centro da cidade de Pelotas. Com base nessa constatação, foi criado um mapa síntese (Figura 4.18.1) para auxiliar na visualização dos elementos que compõem a imagem mental do grupo, bem como identificar as áreas mais frequentadas e representativas do centro.

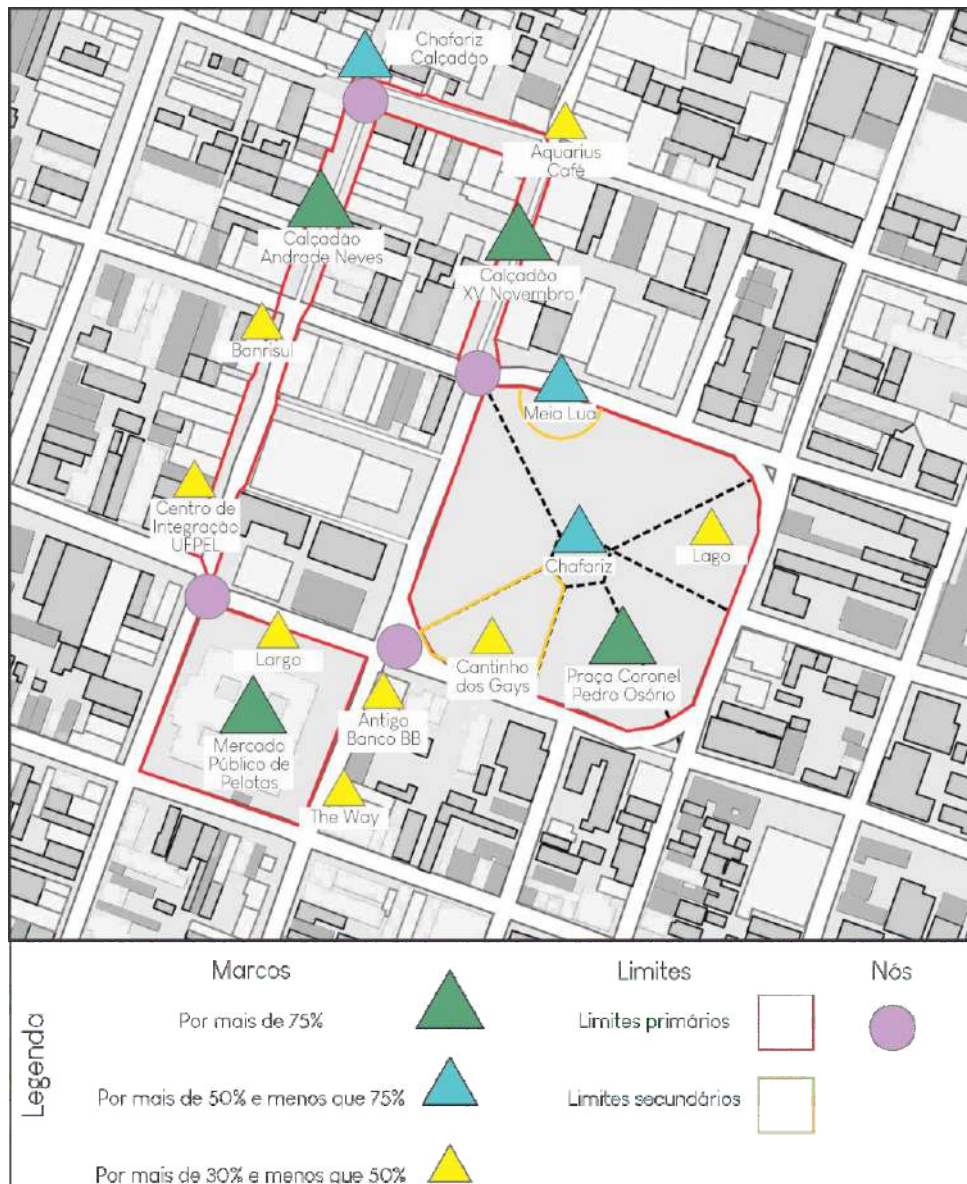


Figura 4.18.1: Mapa Síntese dos Mapas Mentais
Fonte: Autor, 2022.

A partir do mapa síntese é possível constatar que os marcos (LYNCH, 1969) que ganharam destaque para a comunidade LGBTQIA+ foram: o Mercado Público de Pelotas, a Praça Coronel Pedro Osório e o Calçadão, sendo citado por mais de 75% dos participantes. Outros três marcos significativos mencionados por mais de 50% dos pesquisados são o Chafariz e a Meia lua da Praça Coronel Pedro Osório e o Chafariz do Calçadão. Diversos outros marcos (Figura 4.18.1) são citados pelos participantes sendo todos esses elementos

responsáveis por configurar a imagem mental da comunidade LGBTQIA+ no Centro de Pelotas.

Há uma maior concentração de marcos visuais na área entre o Mercado Público e a Praça Coronel Pedro Osório, que é citada pelo grupo como a mais propícia para uso da comunidade LGBTQIA+. Quando examinamos essa área, percebe-se que ela é composta por elementos que proporcionam uma variedade de eventos culturais e de lazer, que vão desde a música ao vivo no Mercado Público, a Parada do Orgulho LGBTQIA+ e eventos privados no antigo Odeon (Divas) e The Way. A partir desse processo, identificamos que mesmo com o medo de sofrer violências nesses ambientes, os entrevistados buscam locais do Centro da cidade de Pelotas que consigam se apropriar de forma satisfatória, a fim de suprir as suas necessidades com o espaço urbano (CARVALHO, MACEDO JÚNIOR, 2017).

Observando os limites (LYNCH, 1969) apresentados no Mapa síntese (Figura 4.18.1), nota-se que a Praça Coronel Pedro Osório, o Calçadão e o Mercado Público para os participantes, são limites que influenciam na construção da imagem do espaço do Centro de Pelotas. Para os participantes, esses espaços são capazes de proporcionar o uso do ambiente, mas de maneira segregada, cada qual com suas especificidades. A Praça Coronel Pedro Osório tem uma característica única em termos de limites, sendo possível identificar limites secundários que interferem na imagem mental da comunidade LGBTQIA+ dentro do espaço. O primeiro limite secundário citado pelos participantes é o “Cantinho dos Gays”, esse espaço também aparece nas entrevistas caminhadas. Para o grupo, o local é ponto de encontro e lazer, proporcionando uma maior segurança devido a sua morfologia (LIBARDONI, 2018). Pode-se notar que é um limite que se encontra em frente à antiga boate Odeon (Divas). Segundo Fernandes e Neis (2019), os espaços públicos próximos aos clubes e boates LGBTQIA+ incentivam o grupo a utilizar os espaços e fomentar uma identidade com a comunidade.

O segundo limite secundário citado pelos participantes é a Meia lua da Praça Coronel Pedro Osório, esse espaço por sua vez mais utilizado para eventos culturais da comunidade LGBTQIA+. O grupo entrevistado afirma que

nesse local que acontecem eventos de poesia e música. Pode-se reconhecer que esses limites na Praça Coronel Pedro Osório criaram uma territorialidade para a comunidade LGBTQIA+. Para tanto, de acordo com os estudos de Ribeiro de 2005, as relações que o grupo desenvolve com o ambiente permitem criar um sentimento de identidade e apego com o espaço, definindo os territórios onde se identificam suas ações e interações com o local.

Ao ser observado o limite (LYNCH, 1969) do Mercado Público de Pelotas e fazendo uma analogia com o estudo de Hertzberger (1974) sobre arranjo espacial, percebe-se que o Mercado Público proporciona distintos momentos para a comunidade LGBTQIA+. Durante o dia a dia, para o grupo de entrevistados, o Mercado Público é um facilitador em suas atividades diárias, sendo um local de encontro e de lazer. Todavia, em momentos em que o ambiente se encontra com um maior número de pessoas, ele se apresenta como uma barreira. Segundo os entrevistados, quando há muitas pessoas sentadas nas mesas do lado de fora do Mercado Público, esse espaço do Mercado Público se torna desagradável e muita das vezes ameaçador para a comunidade LGBTQIA+. Essa dualidade no espaço é expressa no estudo de Carvalho e Macedo Júnior (2017), que discute como os espaços da cidade são produzidos por pessoas heterossexuais, e como quando pessoas LGBTQIA+ ocupam esses espaços, elas desrespeitam a regra e se tornam indesejadas naquele local.

O Calçadão da Andrade Neves e da rua XV de novembro, também é percebido como um limite (LYNCH, 1969) para os participantes. Esse limite apresenta uma característica diferente dos demais citados anteriormente. De acordo com Lynch (1969), os calçadões ou as vias de pedestres, proporcionam uma qualidade direcional ao ambiente, o que pode ser percebido nos desenhos e falas dos participantes. Para Jacobs (2000), esses locais dos calçadões permitem que os indivíduos tenham uma melhor qualidade de vida e sociabilidade nos espaços urbanos. Entretanto, quando se analisa sob o espectro da comunidade LGBTQIA+, percebe-se que esses espaços se tornam hostil e segregacionista. As áreas de desconforto para os participantes, predominantemente se localizam no espaço dos Calçadões. A exemplo, o marco (LYNCH, 1969) do Café Aquarius (Figura 4.18.1), simboliza um local que afeta negativamente a imagem mental do usuário em relação ao ambiente, sendo

citado por vários participantes como um local de extremo desconforto. Levando isso em consideração, Elali (2009) demonstra que quando os indivíduos se encontram em ambientes nos quais se sentem desconfortáveis e vigiados, isso afeta seu comportamento social espacial, interferindo em sua cognição e afetando diretamente seu senso de lugar.

Quando são observados os nós (LYNCH, 1969) presentes nos desenhos dos participantes, pode-se sintetizar conforme a figura 4.18.1, quatro grandes referências na área Central de Pelotas. O primeiro acontece entre o Mercado Público e a Praça Coronel Pedro Osório, o segundo entre a Praça Coronel Pedro Osório e o Calçadão da Rua XV de Novembro, o terceiro no Chafariz do Calçadão da Andrade Neves e o último entre o Calçadão Andrade Neves e o Mercado Público de Pelotas. Esses são pontos essenciais para entender como as imagens mentais dos participantes se desenvolvem com o espaço.

Em relação ao primeiro nó entre o Mercado Público e a Praça Coronel Pedro Osório, foi observado que todos os participantes antes de se deslocar para a praça, fazem uma parada e observam se o ambiente está seguro para ser utilizado. Para os entrevistados, essa avaliação é fundamental para que possam utilizar os espaços do centro de Pelotas, pois somente após essa avaliação inicial eles se sentem seguros no ambiente da Praça Coronel Pedro Osório. Outra questão que se destaca nesse nó, é o valor simbólico para a comunidade LGBTQIA+. Esse cruzamento é conhecido como Esquina do Axé e dos Movimentos Populares. Historicamente, tem sido um ponto focal para a maioria dos protestos públicos, incluindo movimentos da comunidade LGBTQIA+.

O segundo nó acontece entre a Praça Coronel Pedro Osório e o Calçadão da Rua XV de Novembro. Para os participantes, esse nó é um dos espaços que os deixam mais desconfortável. Para eles a presença de algumas estatuas de homens logo na travessia, os deixam desconfortável por apresentarem um ideário de heteronormatividade. Outro fator citado é a morfologia do espaço, que não oferece um conforto e segurança visual quando fazem trajetos pelo o espaço. O terceiro nó se localiza no calçadão da Andrade Neves. Este local foi mencionado pelos participantes como um local de encontro, bem como um local para manifestações da comunidade LGBTQIA+. Esse ponto é bastante

representativo para as entrevistadas que se identificam como mulheres lésbicas e bissexuais, pois é onde ocorre a maioria dos movimentos feministas em Pelotas. O quarto e último nó se localiza entre o Calçadão da Andrade Neves e o Mercado Público. Esse espaço para os participantes é citado como um dos mais movimentados do Centro de Pelotas. Por apresentar áreas comerciais ao seu redor, ele é um elemento concentrador de diversas pessoas. Para a participante 2, por ter um prédio da Universidade Federal de Pelotas, aquele espaço seria propício para alguma intervenção para a comunidade LGBTQIA+.

Tendo em vista os dados apresentados acima, no próximo item, a pergunta de pesquisa e o objetivo geral desse estudo são retomados, verificado se a pergunta foi respondida e o objetivo alcançado.

4.19. Respondendo à pergunta de pesquisa e ao objetivo geral

O Objetivo Geral dessa pesquisa é avaliar os espaços das cidades de médio porte e perceber como esses ambientes contribuem e afetam na construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+. Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos cinco objetivos específicos. As transcrições das entrevistas caminhadas (Apêndice C) foram analisadas e separadas por categorias (Apêndice D), enquanto cada categoria responde a um objetivo específico. A seguir, são apresentados os resultados encontrados na verificação de cada objetivo que permitiu esse estudo avaliar o senso de lugar da comunidade LGBTQIA+ no Centro de Pelotas.

A Figura 4.19.1 indica as categorias encontradas quando verificados o seguinte objetivo específico: (i) identificar espaços de socialização da comunidade LGBTQIA+.

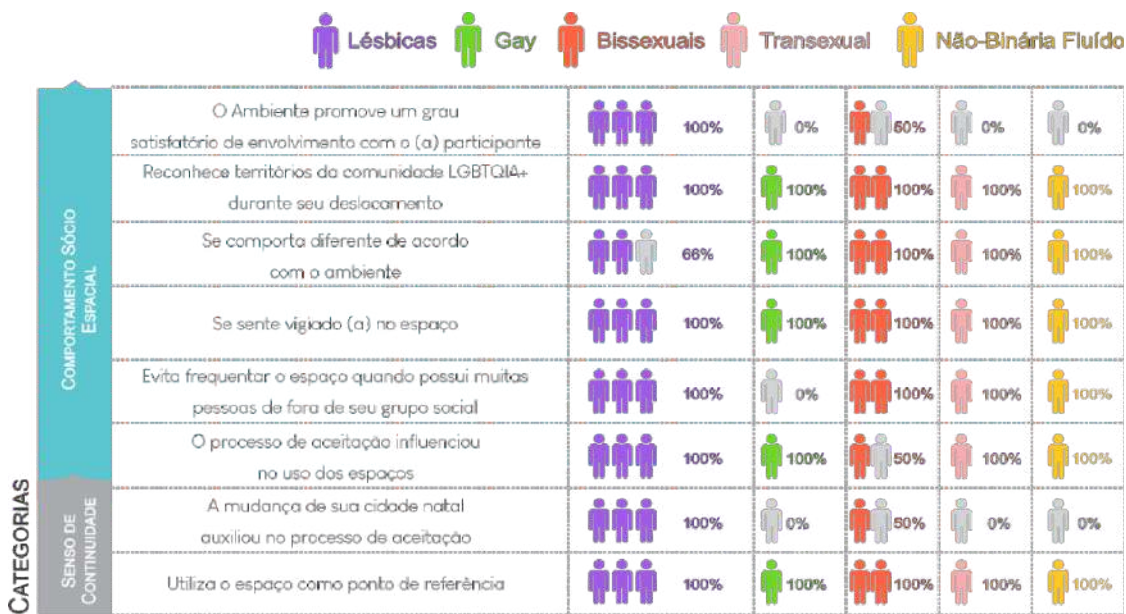


Figura 4.19.1: Categorias analisadas quando verificados o objetivo específico i
Fonte: autor, 2022.

Para a verificação do Objetivo Específico i, foi elencado as categorias que auxiliou na identificação de espaços de socialização da comunidade LGBTQIA+. Assim, vemos que o comportamento socioespacial em particular está diretamente relacionado à forma como esses lugares são percebidos e formados (ELALI, 2009), o que por sua vez contribuiu diretamente em como o grupo percebe e forma o seu senso de lugar. Outra condição que está diretamente relacionado à formação desses espaços de socialização é o senso de continuidade. Pois a partir desse elemento, os participantes são capazes de gerar um sentimento de pertencimento ao local, construindo memórias afetivas e preservando-as no espaço, satisfazendo as suas necessidades diárias (TWIGGER-ROSS; UZZELL,1996).

Para tanto, quando verificamos as entrevistas caminhadas e os mapas mentais, percebe-se que os participantes LGBTQIA+, conseguem desenvolver um envolvimento com o ambiente em gradações diversas. Em alguns casos, quando analisamos o nível de satisfação com o ambiente, percebe-se que para o grupo de mulheres lésbicas, a interação entre usuário e espaço é avaliada como satisfatória (Figura 4.19.1). Foi apontado por elas que, ao exibirem certa feminilidade, conseguem desenvolver suas atividades cotidianas sem vivenciar tanta homofobia nesses espaços do Centro de Pelotas. Contrapondo a

percepção dos participantes que não performam uma heteronormatividade: o homem gay, a pessoa não-binária e o homem transexual. Segundo eles, por não apresentarem heteronormatividade em seu comportamento, recebem uma violência não verbal como olhares, “risadinhas” e outras formas de preconceito que os limitam de realizar às suas necessidades cotidianas no espaço.

Observando o grupo de mulheres bissexuais, constata-se que o fator de se “assumir” tem grande relevância quando se analisa o grau de satisfação com o ambiente. Para a entrevistada bissexual assumida, o ambiente promove um nível de envolvimento satisfatório, ao contrário da participante não assumida, que não consegue atingir um nível satisfatório de envolvimento com o espaço. Segundo a participante não assumida o medo e a vergonha de ser “descoberta”, faz com que ela não utilize plenamente o local. Essa vergonha culmina em outros fatores limitantes no envolvimento da participante, como o medo e a violência de não se encaixar nos padrões heterossexuais presentes nos espaços (LEITE, 2019).

Independentemente das diferenças nos níveis de envolvimento com o ambiente, verificamos que os participantes LGBTQIA+ reconhecem os territórios (Figura 4.19.1) do seu grupo na região central de Pelotas. Alguns pontos foram anteriormente citados no item 4.18 na figura 4.18.1. Porém, vale ressaltar para essa pesquisa um espaço que é amplamente apresentado pelos participantes, denominado de “cantinho dos gays”. O espaço está localizado na Praça Coronel Pedro Osório e é um dos mais acolhedores para a comunidade LGBTQIA+. Esse local é responsável por criar uma memória social comum, permitindo a criação de um território simbólico (LEITE, 2016), que tem influência direta na percepção e senso de lugar do grupo de entrevistados.

Outros dois fatores existentes que se destacam para a identificação dos espaços de socialização da comunidade LGBTQIA+ estão relacionados a Aglomeração e Apropriação (ELALI, 2009). Ao utilizar o Centro de Pelotas, todos os participantes se sentem vigiados, porém alguns em níveis diferentes. Dois participantes, um homem gay e uma mulher bissexual não assumida, relatam sentir-se extremamente vigilantes devido à cor de sua pele. O medo de experimentar o racismo e a violência relacionada à homofobia os tornam um alvo

constante nos espaços públicos (VEIGA, 2018). Ressalta-se que esse sentimento de estar sendo constantemente observado faz com que os participantes evitem ir a locais em horários em que há muitas pessoas que não são membros da comunidade LGBTQIA+. No entanto, o homem gay afirma que ter vivido experiências violentas no espaço criou uma sensação de imposição de sua presença, alegando que seu ato de existir no espaço é um ato de resistência.

A medida em que se observa o comportamento socioespacial, nota-se que o processo de aceitação enquanto membro da comunidade LGBTQIA+, influencia diretamente no reconhecimento de territórios com os quais os participantes se sintam acolhidos e representados. Aproximadamente 90% dos participantes relatam que o processo de aceitação influenciou no uso dos espaços do Centro de Pelotas. Em contraste, a mulher bissexual não assumida que afirma evitar usar espaços públicos em determinados momentos porque tem medo de ser descoberta, principalmente em eventos voltados para a comunidade LGBTQIA+.

Ao passarmos ao tema da aceitação, um fator que se destacou nas entrevistas caminhadas é a mudança na cidade de origem dos participantes. Uma melhor compreensão de sua orientação sexual e identidade foi facilitado pela mudança de sua cidade natal, de acordo com 50% dos entrevistados que não são de Pelotas. Para esses participantes, os espaços do Centro de Pelotas, foram fundamentais nesse quesito de aceitação, o que gera um sentimento positivo em relação ao senso de lugar desses participantes. Por outro lado, para os 40% dos participantes que são de Pelotas, a permanência em sua cidade natal influenciou de forma diferenciada em seu processo de aceitação. Segundo eles, os espaços eram vistos com um olhar de receio de sofrer violência e ser descoberto.

Levando em conta esses fatores, vemos que o senso de continuidade emerge apenas das memórias e experiências dos participantes com o espaço (TWIGGER-ROSS; UZZELL, 1996). Verifica-se nas falas dos participantes um grande grau de conhecimento do espaço, culminando em pontos de referência na paisagem. Percebe-se que um fator se destaca quando se trata de localização: o Mercado Público de Pelotas. Todos os participantes sugeriram o

mercado público como local de encontro com o pesquisador. Além de ser um ponto em que acontece diversas atividades (LIBARDONI, 2018), – especialmente as voltadas para lazer – o Mercado Público de Pelotas é capaz de promover o engajamento de todos os participantes resultando na criação de um local de referência para encontros dos entrevistados.

A figura 4.19.2 indica as categorias encontradas quando verificado o objetivo específico ii: reconhecer e caracterizar quais elementos do espaço urbano influenciam no apego ao lugar.

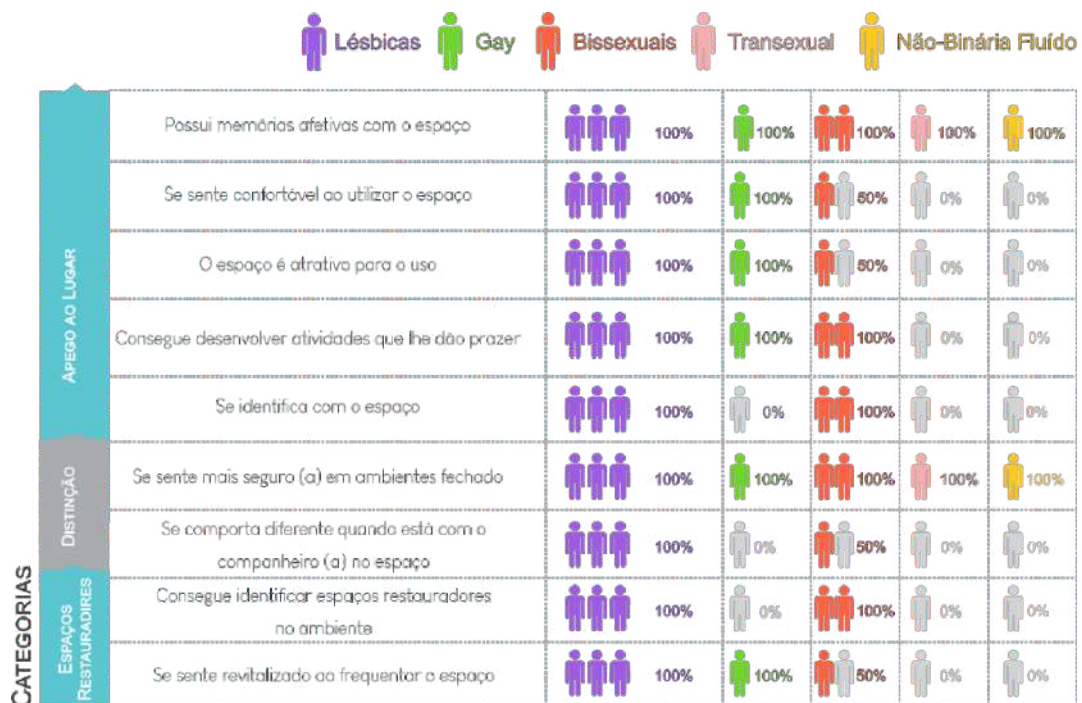


Figura 4.19.2: Categorias analisadas quando verificados o objetivo específico ii
Fonte: autor, 2022.

Para a análise do Objetivo Específico II, foram escolhidas categorias que ajudaram a reconhecer e caracterizar elementos do espaço urbano que impactam no apego ao lugar da comunidade LGBTQIA+. Para tanto, vemos que o apego ao lugar se associa diretamente ao senso de lugar. A capacidade dos participantes de criar identidades que se relacionam positiva ou negativamente com os espaços do Centro de Pelotas é possibilitada pelo apego ao local, que pode ser visto como um indicador do senso de lugar (BROWN; PERKINS, 1992). Esses locais do centro por sua vez, geram sentimentos subjetivos, passíveis de

uma análise para o entendimento do senso de lugar do grupo LGBTQIA+ (MASSEY, 1994).

Outros dois elementos relacionados com o apego ao lugar são: a distinção e os espaços restauradores. A distinção possibilitou determinar quais aspectos do ambiente do Centro de Pelotas provocam mudanças no comportamento dos participantes ali presentes, uma vez que os espaços restauradores estão focados em como o ambiente beneficia os participantes. Esses dois elementos nos ajudam a entender melhor o senso de lugar da comunidade LGBTQIA+, destacando os aspectos positivos e negativos dessa análise.

Nota-se nas análises das entrevistas caminhadas e dos mapas mentais que todos os participantes LGBTQIA+, possuem memórias afetivas com o Centro de Pelotas. Ressalta-se que quando analisamos memórias positivas e negativas, o grupo de mulheres lésbicas e bissexuais apresenta maior proporção de memórias positivas. Para os participantes: o homem gay, a pessoa não-binária fluído e o homem transexual, a proporção de memórias negativas se destacam. Quando se traça um paralelo com as categorias do objetivo específico i, vemos que o fato dos participantes continuarem residindo em sua cidade natal e passar pelo processo de descobrimento, impacta diretamente em suas memórias afetivas com o espaço. O medo de ser descoberto pela família e de sofrer violências nesse processo de aceitação, perfaz com que o senso de lugar acabe sendo afetado de forma negativa.

Passando para o indicador de conforto e atratividade do espaço (Figura 4.19.2), percebe-se que, para os entrevistados que apresentam um comportamento heteronormativo, o ambiente se apresenta de forma mais favorável a proporcionar experiências confortáveis e atrativas. Com ressalva para o homem gay, que não precisa apresentar comportamento heteronormativo para ter experiências confortáveis e atrativas no Centro de Pelotas. As experiências subjetivas desses participantes estão ligadas às formas de apropriação do espaço, trazendo uma dimensão simbólica ao apego ao lugar (RHEINGANTZ *et al.*, 2012). Os participantes que não se enquadram nos padrões heteronormativos estabelecidos no espaço, no entanto, relatam que o

local não consegue proporcionar um nível de atração suficiente para seu uso, o que leva a uma escassez de atividades que lhe dão uma sensação de prazer.

Um elemento que se destaca nessa pesquisa é o nível de identidade com o espaço para os entrevistados. Segundos os dados apresentados (Figura 4.19.2), o grupo de mulheres lésbicas e bissexuais, se identificam em um nível mais satisfatório. Segundo relatos das participantes, por serem natural de outras cidades, o espaço foi fundamental no processo de descobrimento, tornando o local representativo para suas questões identitárias. Os diferentes atravessamentos que acontecem para o homem gay, relacionados a questão racial e de gênero, faz com que o espaço do Centro de Pelotas não seja representativo para ele. Para o homem transexual, que se encontra em processo de transição de gênero, seu senso de auto identificação com o local está sendo modificado. A dificuldade em se sentir representado está diretamente relacionada às percepções das performances do masculino e feminino no ambiente da cidade. Nota-se que esse dado também está presente para o participante não binário-fluído, onde sua identidade não performa nem o masculino e o feminino, ocasionando uma certa estranheza em identificar-se com o espaço do Centro de Pelotas. Essas características heteronormativas em que o espaço é produzido têm impacto direto na identidade dos indivíduos e muitos desses componentes, dependendo do grau de envolvimento dos participantes, sobrecarregam suas identidades, resultando em uma perda de identidade com o ambiente (BARRETO; ALVES, 2010).

Quando se observa a categoria de análise distinção (Figura 4.19.2), todos os participantes concordam que os espaços fechados são os mais seguros. O fator de segurança em espaços públicos é um indicador necessário para entender como isso influencia no apego ao lugar. Como resultado das entrevistas caminhadas e do desenvolvimento de mapas mentais, é possível identificar algumas áreas onde os participantes se sentem seguros e inseguros. No grupo de mulheres lésbicas, duas das participantes concordam que se sentem mais seguras quando há mais pessoas em seu entorno, como visto nos mapas mentais do item 4.18. O método de identificação de segurança da terceira mulher lésbica ocorre de maneira oposta; ela se sente mais segura em espaços com menos pessoas presentes. O homem gay vivencia a segurança de maneira

comparável à de outros participantes; ele expressa uma sensação maior de segurança quando acompanhados de amigos, cenário que também se aplica ao homem transexual, a pessoa não binária-fluída e as mulheres bissexuais.

Vale destacar também os elementos físicos do espaço do Centro de Pelotas que impactam no indicador de segurança. Os elementos que se destacam em termos de insegurança, segundo os entrevistados, são as vielas entre o Calçadão e a Praça Coronel Pedro Osório, a iluminação precária de vários locais do centro da cidade e o Café Aquarius. Quando comparamos os dados de apego ao lugar com a imagem mental de Lynch (1969), nota-se que o Calçadão, a Praça Coronel Pedro Osório e o Mercado Público de Pelotas aparecem como marcos na paisagem. Ambos os espaços são capazes de promover um nível de segurança, mas em algumas ocasiões dão aos participantes uma sensação de insegurança.

Em decorrência desses fatos, explicados anteriormente no item 4.18, alguns dos participantes quando frequentam esses espaços na presença de um companheiro (a) acabam mudando seu comportamento, influenciando diretamente no apego ao lugar. Devido aos assédios que ocorrem com frequência no local, o grupo de mulheres lésbicas e uma mulher bissexual têm muita dificuldade em visitar a área com uma companheira afetiva. De acordo com elas, é preferível parecer amigas do que ser suas companheiras afetivas. Frequentar o espaço com um companheiro afetivo é uma tarefa impossível para o homem gay, a pessoa não binária-fluído, o homem transexual e a mulher bissexual não assumida, devido ao medo de sofrer agressões e violência. Essas relações que os participantes têm ao vivenciar os espaços constituídos pelo discurso heteronormativo fazem com que o seu comportamento seja limitado, o que afeta diretamente e negativamente no seu senso de lugar (EMMA, 2020).

Como resultado, quando observados os indicadores de apego ao local e distinção, e com o intuito de localizar espaços que promovam um engajamento positivo para os participantes, propôs-se o levantamento dos espaços restauradores da região Central de Pelotas. De acordo com as entrevistas caminhadas e mapas mentais, o grupo de mulheres lésbicas, conseguem identificar espaços restauradores no Centro de Pelotas. Isso é possível porque

os indicadores de apego ao lugar para o grupo serem quase todos positivos. Corroborando com essa afirmação, o grupo de mulheres lésbicas e uma mulher bissexual afirma que se sentem revigoradas ao usar o Centro de Pelotas. O homem transexual, por sua vez, mesmo que seus indicadores de apego ao lugar sejam mais negativos, consegue localizar um espaço restaurador no ambiente. Em contraste ao participante homem gay e a pessoa não binária-fluído não conseguem identificar espaços de restauradores no local estudado. No entanto, quando utilizado durante eventos culturais, o Mercado Público é capaz de promover um grau de revigoramento nesses mesmos participantes. Essa afirmação pode ser corroborada pelo estudo de Libardoni (2018), que constatou que quando um espaço oferece maior variedade de eventos culturais e de lazer, os usuários se sentem mais revitalizados.

A figura 4.19.3 indica as categorias encontradas quando é avaliado o objetivo específico iii: identificar ações e elementos que auxiliem na redução da LGBTQIA+fobia nos espaços urbanos.



Figura 4.19.3: Categorias analisadas quando verificados o objetivo específico iii
Fonte: autor, 2022.

Para a verificação do Objetivo Específico III, foram selecionadas categorias que pudessem identificar os elementos e ações nos espaços do Centro de Pelotas que auxiliam na redução da LGBTQIA+fobia. Diante da exposição, foi necessário primeiramente estabelecer como esses locais se configura em relação aos participantes. Para tanto, as categorias escolhidas buscaram investigar como as identidades LGBTQIA+ dos participantes são acomodadas de acordo com as diversas formas e proporções que os espaços do Centro de Pelotas se apresentam (HERTZBERGER, 1974).

Dado o exposto, quando se interpreta as entrevistas caminhadas e os mapas mentais, é possível perceber que alguns elementos que compõe a morfologia do ambiente estudado, interfere diretamente no senso de lugar da comunidade LGBTQIA+. Um exemplo desse desconforto é a presença de estátuas de Marechais e Coronéis em todo o espaço percorrido. Por retratarem a figura de um homem heterossexual, essas estátuas causam desconforto para todos os participantes. Vemos que essas estatuas reafirmam um território heteronormativo, definindo as relações sociais e de poder no espaço da cidade (BORDO, 2012).

Como resultado desse fato – que a maioria das relações sociais e de poder são heteronormativas – quando examinamos a individualidade e privacidade dos participantes, verificamos que para cada um deles, sua privacidade e individualidade são condicionadas pelas relações preexistentes no ambiente. Assim, nota-se que mesmo tarefas simples realizadas pelos entrevistados são prejudicadas. Como exemplo, apenas três participantes – uma mulher bissexual e duas mulheres lésbicas – conseguem usar a infraestrutura dos banheiros do Mercado Público de Pelotas. Para o homem gay, usar banheiros públicos reforça algumas noções preconcebidas sobre sua sexualidade, fazendo com que ele evite usá-los. Para a pessoa não binária-fluído e o homem transexual, a utilização desses espaços são inviabilizados por não performarem os padrões heteronormativos. Segundo eles por terem já vivenciado violências nesses locais, evitam sua utilização. De fato, percebe-se que a violência direcionada aos participantes que não apresentam comportamento heteronormativo os coloca em situação vexatória, refletindo diretamente em seu senso de lugar (RESADORI, 2015).

Na busca de componentes que atenuem todas essas formas de preconceito, adentramos nas características artísticas e culturais que atendem a comunidade LGBTQIA+. Partiu-se de uma constatação significativa: nenhum dos entrevistados conseguiu identificar qualquer elemento artístico urbano que os representassem no espaço. A formação dos territórios para os participantes da comunidade LGBTQIA+, se dá única e exclusivamente por meio de territorialidades simbólicas, sem nenhum aspecto que distinga aquele local como pertencente ao grupo (LEITE, 2016). Quando olhamos para os eventos itinerantes para a comunidade LGBTQIA+, vemos que os espaços ganham uma maior representatividade, permitindo que os participantes se sintam mais representados nesse local. Com exceção mulher bissexual não assumida, todos os participantes frequentam os eventos culturais para a comunidade LGBTQIA+ no espaço, afirmando que é um momento em que se sentem livres e seguros para expressar suas identidades. A arte e a cultura têm papel fundamental na construção do senso de lugar, pois a partir desse fenômeno, os participantes se reconhecem de maneira efetiva com os espaços da cidade (AGUIAR, 2012).

Foi possível relacionar o processo de descoberta de cada participante ao seu nível de autoestima quando se avalia à categoria da autoestima. Todos os participantes que passaram pelo processo de descoberta melhoraram sua autoestima em relação ao espaço. No entanto, quando se examina se eles são capazes de desenvolver um senso de autoestima com o ambiente, nota-se algumas diferenças entre os participantes. O grupo de mulheres bissexuais e lésbicas, conseguem desenvolver um senso de autoestima. Esse fato ocorre devido as participantes apresentarem um nível maior de confiança ao utilizar os espaços do Centro de Pelotas. A falta de representação da heteronormatividade, que se relaciona com as demais categorias já apresentadas, dificulta que o grupo que inclui homem gay, a pessoa não binária-fluída e o homem transexual desenvolva seu senso de autoestima com o espaço.

Observando todos esses fatores, ao interpretar o senso de Autoeficácia dos participantes, assim como em outras categorias, ela está condicionada as relações de socialização e de poder presentes no espaço. Todos participantes sinalizam que conseguem desenvolver melhor suas atividades no Centro de Pelotas quando estão acompanhados por amigos. Essas situações em que os

participantes vivenciam nos ambientes, influenciam diretamente no senso de lugar, ocasionando uma perda considerável de informações presentes no espaço (PERILO, 2017). Fora do cenário dos eventos culturais, percebe-se que os participantes têm dificuldade em identificar elementos e ações no ambiente que reduzam a LGBTQIA+fobia; essas oportunidades são quase inexistentes.

A figura 4.19.4 indica as categorias encontradas quando analisado o objetivo específico iv: identificar como o covid-19 influenciou na percepção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+.

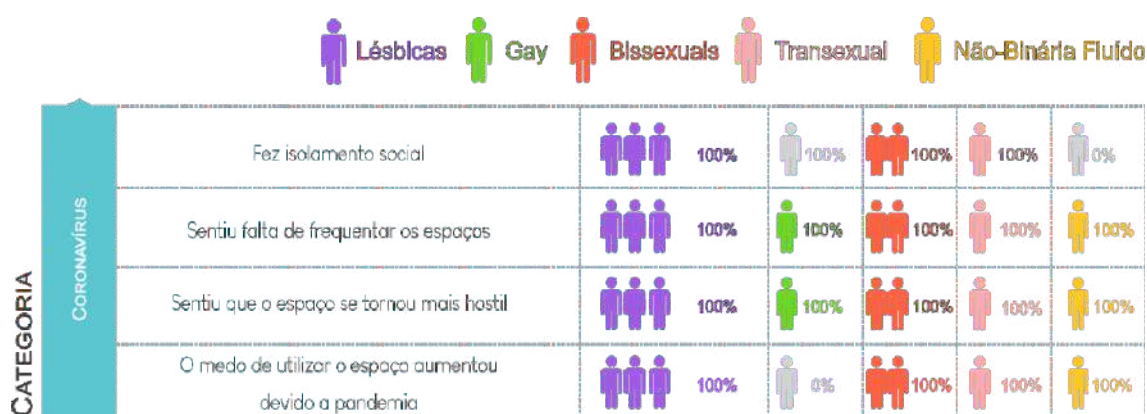


Figura 4.19.4: Categorias analisadas quando verificados o objetivo específico iv
Fonte: autor, 2022.

Para contextualizar o cenário em que a pesquisa foi realizada, determinou-se ser fundamental investigar como a Pandemia do coronavírus afeta na construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+. Em uma primeira análise, percebe-se que para os participantes participar dos métodos da pesquisa, já foi um grande desafio. Quando os métodos foram aplicados, para alguns dos entrevistados, fora a primeira vez que visitavam o Centro de Pelotas depois do *lockdown*, o que gerou certo estranhamento com o ambiente. Em um primeiro momento quando foi abordado a questão do isolamento social, o grupo de mulheres lésbicas, bissexuais e o homem transexual, verificou-se que todos conseguiram fazer o *lockdown*. No entanto, o homem gay e a pessoa não binária-fluido disseram que não conseguiram manter o isolamento social devido aos seus empregos.

Para tanto, foi observado que todos os entrevistados sentiram a falta de estarem frequentando esses ambientes, uma vez que suas socializações com

amigos aconteciam nesses espaços. Por falta de membros do grupo de LGBTQIA+, os territórios simbólicos relatados pelos participantes na área foram descaracterizados. Dessa forma, a percepção dos usuários sobre o espaço, sinalizaram que esses territórios ficaram mais hostis. Fato que se comprova também pelas tentativas de violências sofridas durante a aplicação do método. Vale destacar que para 90% participantes, relatam que agora sentem mais medo em utilizar o espaço do Centro de Pelotas. Alguns fatores foram elencados pelos participantes, como a falta de pessoas da comunidade LGBTQIA+, a presença de pessoas mais pessoas idosas em alguns dos territórios simbólicos para a comunidade, entre outros.

É indiscutível que o coronavírus impactou nas relações sociais no espaço (OLIVEIRA-DUARTE; DUARTE, 2020) do Centro de Pelotas, porém para os participantes LGBTQIA+, o impacto da pandemia, afetou diretamente na capacidade do ambiente em promover o seu senso de lugar, notabilizando-se diversas dificuldades em se sentirem pertencentes no ambiente estudado. Percebe-se que todas essas situações e contextos de preconceito e violência que os participantes relatam, foram aprofundados pela pandemia de covid-19, potencializando um senso de lugar negativo em relação a região central de Pelotas.

4.20 Conclusão do Capítulo 4

Diante do reconhecimento de que os espaços das cidades produzem relações sociais para aqueles que aderem aos papéis pré-estabelecidos, aqueles que se recusam a interpretar tais papéis enfrentam discriminação e violência. A dinâmica social da comunidade LGBTQIA+ sempre foi prejudicada por um ambiente segregado e excludente, afetando todas as suas tentativas de uso dos espaços da cidade. Os dados dessa pesquisa demonstram que a interação entre os usuários LGBTQIA+ e o espaço coletivo urbano está condicionada as relações sociais e de poder de uma hegemonia heteronormativa. Talvez não seja difícil dizer o motivo pelo qual essas hegemonias dominantes configuram seus territórios afim de eliminar toda e qualquer relação que ameace seu domínio.

Não por acaso, quando se avalia as entrevistas caminhadas, é possível distinguir que as tentativas de ser visto e de estar presente nos espaços do Centro de Pelotas se deparam com violências físicas e verbais, como as vivenciadas durante a implementação dos métodos. Outro ponto a ser considerado é que estar nesses locais, coloca os participantes sob vigilância contínua dos que estão presentes no espaço, levando-os a moldar suas identidades para evitar ainda mais violências. Nesse processo de reflexão sobre as discriminações que os participantes sofrem nos espaços da cidade, ressalta-se a resiliência que eles possuem ao utilizar esses locais. Para tanto essas percepções foram confirmadas nas entrevistas caminhadas e nos mapas mentais, onde os participantes reconhecem territórios simbólicos que atuam diretamente no seu senso de lugar.

Vale notar que, por serem territórios simbólicos para a comunidade LGBTQIA+, a memória daqueles que se opõe as diferentes identidades está presente a todo momento, manifestando-se em estátuas e obras que remetem a uma estrutura de poder heterossexualizada. Convém lembrar que as cidades são o resultado dessa convergência de multiterritórios, porém o medo do diferente acaba gerando dinâmicas de exclusão por aqueles que planejam e constroem os espaços da cidade.

Levando em conta esses fatores, ao analisar o senso de lugar dos participantes, percebe-se que essas dinâmicas de exclusão impactam na forma como esse sentido é construído. O desejo de se sentir pertencente ao espaço é comum em todos os entrevistados, mesmo com todas as violências que envolve esse processo. À medida que foram avaliados os indicadores do senso de lugar, notou-se a complexidade em que esse processo está submetido. Os espaços percorridos pelos participantes no Centro de Pelotas, trouxeram uma maior subjetividade para a caracterização do ambiente. A dualidade entre o acolhimento e a exclusão desses ambientes, foram capazes de indicar que, para os entrevistados, estar nesses espaços se torna um ato diário de resistência. No entanto, de acordo com os dados apresentado pelos participantes, nem sempre é desejável ser um personagem de resistência. De acordo com eles, desejam uma vida normal como todos os outros que vivenciam esses espaços.

Logo, para solucionar essas problemáticas que envolvem a comunidade LGBTQIA+, cabe questionar as perspectivas heterossexuais dominantes que fazem o planejamento desses espaços da cidade. Compreendendo que só será possível um planejamento igualitário e democrático quando a sociedade colocar em pauta as demandas da comunidade LGBTQIA+ e de todas as outras minorias.

Os dados apresentados neste capítulo mostram os resultados das interpretações realizadas a partir dos dados coletados das entrevistas caminhadas e mapas mentais. Assim, os objetivos foram alcançados e a pergunta de pesquisa, respondida. As entrevistas caminhadas (Apêndice C) permitiram compreender como os espaços interferem na construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+, e as análises de conteúdo (Apêndice D) evidenciaram os indicadores que auxiliam na coleta de dados do senso de lugar. Os mapas mentais possibilitaram a identificação dos espaços de socialização da comunidade LGBTQIA+ no Centro de Pelotas. As entrevistas caminhadas e os Mapas mentais oportunizaram a resposta de todos os objetivos específicos propostos no estudo. No próximo capítulo são apresentadas as conclusões, as recomendações para espaços públicos e considerações finais da pesquisa.

Capítulo 5: Conclusões e considerações finais

Neste capítulo são apresentadas as conclusões finais do trabalho. Inicialmente, são recapitulados o problema de pesquisa, a pergunta, os objetivos e os métodos adotados. Em seguida, são apresentadas as principais conclusões relacionadas ao objetivo geral, juntamente com as contribuições que possam ajudar a reduzir as violências e discriminações para com a comunidade LGBTQIA+. Por fim, são feitas considerações a respeito das principais dificuldades encontradas na pesquisa, da importância dos resultados e das sugestões de futuros estudos.

5.1 Retomando o problema, a pergunta, os objetivos e os métodos da pesquisa

O problema dessa pesquisa centra-se nas discriminações que a comunidade LGBTQIA+ vivência e que afetam as diferentes formas de ocupar os espaços, seja ele público ou privado. De acordo com a discussão teórica apresentada no capítulo 2, ser LGBTQIA+ nos espaços da cidade é ir contra toda e qualquer heteronormatividade existente, impactando diretamente em suas experiências e vivências devido à violência e o preconceito (SIMÕES; FACCHINI, 2009; DUARTE; CÉSAR, 2012; JESUS, 2012; LEITE, 2019). As pesquisas de Carvalho e Macedo Júnior (2019), Vianna e Coppieters (2017) e Leite e Zanetti (2021) demonstram que essas formas de violência interferem na maneira em que a comunidade LGBTQIA+ se apropria dos espaços, impondo hora, data e local para que estes possam usufruir desses locais da cidade. Nesse sentido, levando em conta as questões da violência e do preconceito, o problema de pesquisa incide sobre a discriminação que a comunidade LGBTQIA+ enfrenta e como ela afeta as diversas formas de ocupação dos espaços públicos e privados.

Este estudo partiu do pressuposto que pessoas LGBTQIA+ não experienciam a cidade sendo elas mesmas, vivenciam sacrificando e limitando suas espontaneidades para evitar humilhações e preconceitos (WISNIEWSKI, 2020). Dessa forma, a pergunta de pesquisa consiste em como promover

inclusão social e senso de lugar no espaço coletivo, a partir da identificação das dificuldades desses usuários em usufruir de forma plena os espaços urbanos.

Para responder essa pergunta, o presente estudo é desenvolvido na área da Percepção e Avaliação do Ambiente pelo Usuário e tem como objetivo geral avaliar como os espaços das cidades contribuem e afetam na construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+, visando propor recomendações para cidades mais inclusivas. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) identificar espaços de socialização da comunidade LGBTQIA+; (ii) reconhecer e caracterizar quais elementos do espaço urbano influenciam no apego ao lugar; (iii) identificar ações e elementos que auxiliem na redução da LGBTQIA+fobia nos espaços urbanos e (iv) identificar como o covid-19 influenciou na percepção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+.

O Centro de Pelotas foi definido como objeto de estudo. O método utilizado para entender como as violências e preconceitos interferem no senso de lugar da comunidade LGBTQIA+ foi a entrevista caminhada e os mapas mentais. Os dados coletados por meio desses métodos foram analisados qualitativamente e verificou-se que os objetivos foram atendidos. Confirmou-se também que a violência e a discriminação presentes nos espaços estudados, interferem diretamente na construção do senso de lugar do grupo LGBTQIA+, impondo limitações ao comportamento dos participantes. No item a seguir, são apresentados os principais resultados obtidos.

5.2 Principais resultados do estudo

Objetivo i: o presente estudo apontou que para a comunidade LGBTQIA+ o seu processo de aceitação influencia diretamente na forma como esse grupo ocupa dos locais da cidade. Viver no espaço coletivo torna-se um pouco mais fácil para quem já passou por esse processo de aceitação, em oposição àqueles que ainda estão em processo. Verificou-se também que sair da cidade natal é um facilitador no processo de autoaceitação e formação de identidade. Outro fator que se destaca é a constante vigilância que os participantes relatam quando vivenciam os ambientes percorridos. De acordo com eles os olhares e

julgamentos são constates, principalmente para aqueles que não apresentam uma heteronormatividade em seu comportamento.

Pelo fato citado, os dados coletados indicam que os participantes constantemente moldam seu comportamento no ambiente, para adequar as situações presentes nos locais para evitar preconceitos e violências. Essas relações que o ambiente apresenta dificultam a realização de suas necessidades cotidianas no espaço, limitando seu uso a momentos e horários específicos. As atividades de cultura e lazer foram as mais citadas pelos participantes no uso do espaço. Fora dessas circunstâncias, o uso fica bastante limitado apenas para a circulação, principalmente quando estão sozinhos.

Entretanto, o estudo verificou que os entrevistados conseguem identificar espaços e territórios da comunidade LGBTQIA+ no centro de Pelotas. Conforme visto nos mapas mentais no item 4.18, os marcos da paisagem e os limites se tornam territórios simbólicos para a comunidade LGBTQIA+, sendo os principais: o Mercado Público de Pelotas, a Praça Coronel Pedro Osório, o Chafariz do Calçadão, “Cantinho dos Gays” e a Meia Lua dentro da Praça Coronel Pedro Osório. Para os entrevistados esses locais são grandes pontos de referência na construção de sua imagem mental do Centro de Pelotas. Nota-se que esses espaços apresentam uma dimensão mais simbólica e subjetiva, sendo sobretudo as relações que o grupo LGBTQIA+ desenvolve com o local mais impactantes em suas memórias do que o propriamente o espaço construído. De fato, esses aspectos simbólicos foram percebidos ao longo das entrevistas caminhadas, com diferentes níveis de satisfação observados entre os participantes.

Quando se verificam os níveis de satisfação entre os participantes, vemos que aqueles que apresentam um comportamento heteronormativo apresentam um nível de satisfação maior do que aqueles que não apresentam uma heteronormatividade em seu comportamento. A maior consequência desse fato, se comprova por um dado apresentando quando feito a seleção dos participantes. A tentativa de localizar mulheres transexuais para a aplicação dos métodos dessa pesquisa, foi frustrada devido as participantes alegarem não conseguir utilizar os locais do Centro de Pelotas. Algumas relataram não se

sentirem confortáveis em se deslocar pelo os espaços, devido ao medo e principalmente das violências não verbais, como olhares e risadinhas.

Pela observação dos aspectos analisados, a identificação de territórios simbólicos para a comunidade LGBTQIA+ no espaço do Centro de Pelotas é fundamental na construção do senso de lugar. No entanto, quando se examina os fatores ligados a essas experiências, percebe-se a presença de relações sociais heteronormativas dominantes que influenciam negativamente na construção identitária dos participantes, interferindo diretamente em sua vida cotidiana no espaço.

Objetivo ii: quando analisamos o apego ao lugar dos participantes vemos diversos indicadores que nos auxiliaram a entender como o ambiente do Centro de Pelotas contribui no senso de lugar. O estudo revelou que, para os membros da comunidade LGBTQIA+, criar um vínculo com um lugar está diretamente relacionado à sua identificação com o espaço. Como resultado, esse indicador está vinculado a um achado anteriormente expresso no estudo, sobre as padronizações heteronormativas dos comportamentos presentes nos ambientes. Para os participantes que apresentam um padrão comportamental heteronormativo, se identificam com mais facilidade, em oposição aqueles que não apresentam tal padrão. Esse dado expressa que o espaço construído é majoritariamente heteronormativo, impactando diretamente nas identidades dos participantes, resultando em uma perda considerável de subjetividades que auxiliam na representatividade dos espaços da comunidade LGBTQIA+.

A percepção do ambiente e como ele afeta no comportamento dos participantes foi verificado através da entrevista caminhada. Nota-se que as experiências de atratividade e de conforto também está ligado as relações sociais presentes nos locais. Isso demonstra, que para a comunidade LGBTQIA+ ter experiências positivas com o espaço, depende de fatores como territorialidades já existentes no ambiente, tirando a autonomia dos participantes em estar utilizando o Centro de Pelotas. Corroborando este dado, os entrevistados, ao estar limitados por essas relações heteronormativas do espaço, tendem a se comportar diferente quando estão com seus companheiros (a) afetivos nos ambientes. Verificou-se que muito das vezes preferem não

frequentar os espaços com seus companheiros (a), por medo de sofrerem discriminações e violências.

Nesse contexto de segurança, os participantes relatam que para desenvolver suas atividades diárias no espaço, preferem estar sempre acompanhados por outras pessoas. No caso das mulheres lésbicas, elas preferem ser acompanhadas por homens que apresentem comportamento heteronormativo. De acordo com os dados, o fato de estar acompanhado alivia um pouco do medo ao frequentar o Centro de Pelotas.

Observando os dados que correspondem como o local contribui para a geração de memórias afetivas, percebe-se que o espaço tem a capacidade de fornecer memórias que auxiliam na construção do apego ao lugar. As memórias afetivas dos participantes são capazes de gerar uma melhora em seu senso de lugar. Tendo em vista esse dado, é possível identificar locais capazes de melhorar a saúde mental e física dos entrevistados a partir das cognições produzidas pelo ambiente. A Praça Coronel Pedro Osório é um dos pontos mais citados por produzir esse sentimento nos participantes. Outro momento relatado, é quando há no local eventos voltados para a comunidade LGBTQIA+.

Tendo em vista os aspectos observados, nota-se que o Centro de Pelotas é capaz de produzir cognições responsáveis pelo apego ao lugar. No entanto, vale destacar a subjetividade das relações sociais e de poder no espaço, tem a capacidade de interferir diretamente no fator do apego ao lugar, onde a heteronormatividade limita as cognições, interferindo diretamente na criação do senso de lugar.

Objetivo iii: Foi necessário compreender como a morfologia do espaço se apresenta ao grupo para avaliar elementos e ações que auxiliassem na redução da violência e preconceitos em relação à comunidade LGBTQIA +. Tendo em vista esse aspecto, um dado que se ressalta na pesquisa é a presença de elementos na paisagem que causam um desconforto nos participantes. Um dos elementos citados, foram as estatuas de homens heterossexuais. Esse elemento no espaço representa as relações sociais e poder heteronormativo em que o espaço é construído, ocasionando ainda mais um não reconhecimento da

comunidade LGBTQIA + no ambiente. Por ser um espaço construído por uma lógica heterossexual, o uso dos espaços para os participantes também é limitado pelo o medo e preconceito. A utilização da infraestrutura do Centro de Pelotas traz à tona diversos tabus sociais, como o uso de banheiros públicos por gays e transgêneros.

Para tanto, quando investigado sobre elementos que auxiliam na redução da LGBTQIA+fobia, foi verificado que os elementos da arte da cultura são de grande importância nesses espaços. No entanto, quando esses elementos foram examinados por meio de entrevistas caminhadas e mapas mentais, mostrou-se que eles não existiam fora de eventos realizados em datas específicas. Os territórios criados pelos participantes são espaços simbólicos, que se dão através do reconhecimento por outras pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Outro fator que se apresenta nos dados é a sobre autoeficácia dos participantes. Esse fator está conectado a esses territórios simbólicos, eles conseguem realizar as tarefas do dia a dia com mais facilidade no espaço quando estão acompanhados de amigos ou quando identificam pessoas do seu grupo social no local. Todas essas situações com as quais a comunidade LGBTQIA+ vivencia no Centro de Pelotas, impacta diretamente em uma perda de informações considerável, influenciando diretamente na percepção do ambiente e na construção do senso de lugar dos usuários. Portanto, quando analisado todos os dados apresentados, nota-se uma falta de elementos e ações que auxiliem na redução das violências e discriminação para a comunidade LGBTQIA+.

Objetivo iv: ao observar o aspecto da pandemia do coronavírus sobre os impactos na comunidade LGBTQIA+, foi verificado que para os participantes participarem da aplicação dos métodos no Centro de Pelotas, foi um grande desafio. Alguns dos participantes relataram que era a primeira vez desde o *Lockdown* que frequentavam o espaço. Para alguns fazer o isolamento social não foi possível devido aos seus trabalhos. Observa-se também que o isolamento trouxe algumas dificuldades relacionadas a ansiedade e angustia de não poderem encontrar os amigos nos espaços do Centro.

Os dados indicam que para os participantes o espaço do Centro de Pelotas se tornou mais hostil, devido à falta de pessoas da comunidade LGBTQIA+ que traziam uma maior diversidade e representatividade no local. A presença de residentes locais da cidade de Pelotas, foi citado como algo negativo ocasionado pela pandemia, trazendo um certo incomodo ao utilizar os espaços do Centro.

As relações sociais presentes no espaço também se modificaram devido ao impacto do coronavírus, porém, para a comunidade LGBTQIA+ esses impactos foram sentidos de forma mais acentuados. Notou-se que os medos de estar presentes nesses espaços foram acentuados, pois como verificado a partir da coleta dos dados, os participantes sentem receio e medo de frequentar os espaços por serem LGBTQIA+. A pandemia foi um catalizador nesses sentimentos de medo e violência, o que impactou diretamente na forma como os entrevistados criam o senso de lugar.

5.3 Recomendações para espaços urbanos

Após a verificação dos quatro objetivos específicos apresentados acima, foi possível constatar que o objetivo geral foi alcançado e, assim, responder à questão de pesquisa. Nesse estudo, o objetivo geral consiste em avaliar os espaços da cidade, entendendo como eles afetam a construção do senso de lugar. Para tanto, o estudo se propõe a sugerir recomendações para cidades mais inclusivas para a comunidade LGBTQIA+.

Arranjo Espacial, Comportamento Socioespacial e Apego ao Lugar: os resultados desse estudo indicam que o espaço do Centro de Pelotas é capaz de produzir diferentes subjetividades na comunidade LGBTQIA+, essas por sua vez, impacta diretamente na construção do senso de lugar. Constatou-se que o grupo participante necessita de espaços menos hostis às diferentes identidades e orientações sexuais para ter experiências verdadeiramente positivas. Portanto, é necessário configurar uma infraestrutura que acomode diversas identidades dentro do espaço urbano e que atendam a comunidade LGBTQIA+, por exemplo, banheiros que atendem a comunidade de transexuais e transgênero e pessoas não-binárias.

Outro aspecto a ser levantado se relaciona as obras e instalações artísticas voltadas para a comunidade. Notou-se uma inexistência de tais elementos, impactando diretamente no apego ao lugar. Portanto, se faz necessário a instalação de elementos na paisagem que consigam contar e relembrar a história da comunidade LGBTQIA+, oportunizando também a comunidade em geral se aproximar da causa LGBTQIA+, promovendo uma melhora nas relações sociais presentes no espaço do Centro de Pelotas. A arte tem papel fundamental na desconstrução de preconceitos e violências presentes nesses espaços heteronormativizados.

Senso de continuidade, Autoestima e Autoeficácia: Quanto ao senso de continuidade da comunidade LGBTQIA+ nesses espaços, percebe-se que os participantes conseguem identificar ambientes com os quais se tornam ponto de referência na paisagem. Oportunizando criar territórios simbólicos que atuam diretamente na construção do senso de lugar. Para tanto, os dados levantados a partir dos mapas mentais, conseguem localizar pontos estratégicos para a criação de ações voltadas para a conscientização da comunidade em geral. Sentiu-se a necessidade de desenvolver em estudos futuros uma pesquisa mais detalhada desses espaços criando estratégias para facilitar ações que promovam engajamento social da comunidade LGBTQIA+.

É importante conscientizar o público constantemente sobre as causas LGBTQIA+ em geral, não apenas em momentos específicos, como aponta esse estudo. Ao ter pautas de discussão nesses espaços do Centro de Pelotas ao longo do ano, a visibilidade da comunidade LGBTQIA+ será ampliada e os preconceitos estabelecidos no espaço urbano serão diminuídos.

Visando melhorar a Autoestima e a Autoeficácia da comunidade LGBTQIA+, a partir dos dados apresentados, torna-se necessário a instalação de um Centro de Referência e acolhimento para a comunidade LGBTQIA+. Por meio dos dados, notou-se que os participantes se sentiam inseguros em estar no ambiente do centro e não se sentirem acolhidos em caso de violência, como foi relatado por um dos participantes. Portanto, este objeto arquitetônico é de extrema importância em um contexto de sociedade que tenta apagar as diferentes identidades nos espaços urbanos. Este dispositivo, combinado com

obras de arte e instalações, ajudará os participantes a alcançar seu desejo de serem vistos nos ambientes urbanos, promovendo um senso de lugar positivo.

coronavírus: pela urgência de discutir a saúde da comunidade LGBTQIA, principalmente durante a pandemia do coronavírus, o estudo constatou que a falta de acesso aos espaços públicos no centro de Pelotas trouxe uma série de consequências que afetaram a comunidade LGBTQIA+. A falta de socialização do grupo LGBTQIA+ no local, expôs alguns preconceitos que antes vinham sendo superados. É necessário conscientizar a população para separar a comunidade LGBTQIA+ da pandemia e desenvolver estratégias para que as barreiras sociais que já foram removidas não voltem a trazer desinformação e preconceito ao grupo.

Estudo de gênero no espaço urbano: A partir das experiências de assédio e violências sofridas durante a aplicação dos métodos, se faz necessário pensar em recomendações para que o pesquisador e os entrevistados se sintam mais seguros durante a realização do estudo. Recomenda-se a criação de protocolos dentro da Universidade Federal de Pelotas, que atendam os estudos de gênero, principalmente aos voltados para a comunidade LGBTQIA+. Logo, oportunizando um auxílio para o pesquisador e o participante em casos de violências sofridas durante a aplicação dos métodos. Destaca-se também a necessidade da criação de um núcleo de estudos de gênero dentro do programa de mestrado do Prograu, para auxiliar futuros estudos.

A seguir, descreve-se a importância dos resultados encontrados e sugere-se novos desdobramentos para futuras pesquisas.

5.4 Importância dos resultados e sugestão para futuros trabalhos

Espera-se que os resultados deste trabalho auxiliem nas discussões teóricas e científicas que abordem a temática dos ambientes urbanos e o senso de lugar da comunidade LGBTQIA+. Visto que, quando se propõe a inclusão do grupo LGBTQIA+ nas pautas de discussão do ambiente urbano, promove-se uma experiência capaz de transformar as relações sociais de poder que configuram e planejam o território urbano. A identificação de relações e elementos que interferem no senso de lugar da comunidade LGBTQIA+, podem

servir como subsídio teórico para a reformulação dos espaços urbanos, permitindo que o grupo possa realmente ter um direito à cidade garantido e com uma infraestrutura que promova a verdadeira inclusão. Além disso, espera-se que, a partir desse estudo e todas as suas discussões realizadas, desperte o interesse de novas pesquisas que abordem essa temática dentro do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Para tanto, um dos desdobramentos possíveis para futuras pesquisas, são de elementos que correlacionam os estudos de gênero e raça nos ambientes urbanos de Pelotas, pois foi verificado neste estudo que tais aspectos influenciam de maneira diferente no senso de lugar. Além disso, temas relacionados ao patrimônio histórico do ambiente urbano e como ele interfere no senso de lugar da comunidade LGBTQIA+.

Referências Bibliográficas

Adams, F. E. Emma K Russell: Queer Histories and the Politics of Policing. **Fem Leg Stud.** [S. l.], v. **28**, p. 231-235, 2020.

ADELMAN, Marcy *et al.* 14. Openhouse: Construção de Comunidades e Pesquisa na População LGBT em Envelhecimento. *In: Envelhecimento de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.* [S. l.]: Columbia University Press, 2006. p. 247-264.

AGUIAR, Douglas. **Espaço, Corpo e Movimento Notas Sobre a Pesquisa da Espacialidade na Arquitetura.** [S. l.], 2009.

AGUIAR, Douglas. Urbanidade e a qualidade da cidade. **Urbanidades.** Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, p. 61-79, 2012.

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. **Uma breve história da Geopolítica (Coleção perspectivas do mundo contemporâneo).** Rio de Janeiro: Cenegri Edições, 2011.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. *In: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GU EDES, M. C. (editores). Psicologia e ambiente.* São Paulo: educ., 2004.

ALÉM DA NOITE. Além da noite. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/rBhLnWN>. Acesso em: 19 nov. 2020.

ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M. **Uma linguagem de padrões: a pattern language.** Porto Alegre: Bookman, 2013. 1117 p.

ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray; JACOBSON, Max; FIKSDAHL-KING, Ingrid; ANGEL, SHLOMO. **A pattern language.** New York: Oxford University Press, 1977.

ALMEIDA, Maria Rita de Cassia Barreto de; LABRONICI, Liliana Maria. A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV contada pela história oral. **Ciência & Saúde Coletiva.** [S. l.], v. 12, p. 263-274, 2007.

APPLEYARD, Donald. **Why Buildings are known – a Predictive Tool for Architects and Planners.** *In: BROADBENT, G. et al. Meaning and Behavior in the Built Environment.* Londres: John Wiley and Sons, 1980.

ASCHER, F. **Os novos princípios do urbanismo.** São Paulo: Romano Guerra, 2010.

ASCHER, François. **A Metapolização: as cidades mudam de escala e de forma.** Os Novos Princípios do Urbanismo. São Paulo. Romano Guerra Editora, 2010.

BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos; ALVES, José Eustáquio Diniz. Territórios da diversidade: espaços de convivência gay no rio de janeiro.

Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. **Anais [...]**. São Paulo: 2010.

BARROSO, Celina de Pinho. **Conforto e orientação na percepção da acessibilidade urbana**: área central de Pelotas-RS. 2012, 222 f. Dissertação (Mestrado em planejamento urbano e regional) – Faculdade de arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61829>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BENTO, B. “Pinkwashing à brasileira”: do racismo cordial à LGBTTTfobia cordial. **Revista Cult**. São Paulo, 16 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pinkwashing-brasileira-do-racismo-cordiallgbtttfobia-cordial/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

BONDUKI, Nabil Georges. As mudanças que a pandemia gerou nas cidades vieram para ficar. **Folha de São Paulo**. [S. l.], p. 11, abr. 2021.

BORDO, Adilson Aparecido *et al.* **As diferentes abordagens do conceito de território**. [S. l.], v. 5, 2012.

BORRILLO, Daniel. **História e crítica de um preconceito**. São Paulo: Autêntica, 2010.

BOSS, M. O modo de ser esquizofrênico à luz de uma fenomenologia daseinsanalítica. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalse**. [S. l.], v. 3, p. 5-28, 1977.

BRAGA, Gibran Teixeira. **‘O fervo e a luta’**: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BRAGA, Gibran Teixeira. **“O fervo e a luta”**: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim. 2018, 293 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. [S. l.], 1988.

BRITO DA GAMA, Maria Clara. Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des) patologização da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**. [S. l.], n. 31, 2019.

BRITO, Marialda da Silva *et al.* O mapeamento da violência sexual e de gênero no Brasil e no mundo. SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA: ALTERIDADE, DIREITOS FUNDAMENTAIS E EDUCAÇÃO. [S. l.], 2018.

BRITTO, Clovis Carvalho; DOS SANTOS MACHADO, Rafael. Informação e patrimônio cultural LGBT: as mobilizações em torno da patrimonialização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**. [S. l.], v. 25, p. 1-21, 2020.

BROWN, B. B., PERKINS, D. D. Disruption in place attachment. *In*: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (org.). **Place attachment**. New York: California Press, 1983. pp. 279-304.

BROWN, Bárbara; PERKINS, Douglas. **Interrupções no apego ao local**. Springer, MA: 1992. p. 279-304.

BULGARELLI, Lucas *et al.* Violência contra LGBTs+ nos contextos eleitoral e pós-eleitoral. **Gênero e Número**. [S. l.], 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALMON, Trícia Viviane Lima. As objetivas para o enfrentamento ao COVID-19: abismos sociais brasileiros, o racismo, e as condições de desenvolvimento social como determinantes. **NAU Social**. [S. l.], v. 11, n. 20, p. 131-136, 2020.

CANABARRO, Ronaldo. História e direitos sexuais no Brasil: o movimento LGBT e a discussão sobre a cidadania. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL . [S. l.], 2013.

CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. **Bagoas-Estudos gays**: gêneros e sexualidades. [S. l.], v. 4, n. 05, 2010.

CARVALHO, Claudio Oliveira; MACEDO JÚNIOR, Gilson Santiago. 'Isto é um lugar de respeito!': a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano. **Revista de Direito da Cidade**. [S. l.], v. 9, n. 1, p. 103-116, 2017.

CARVALHO, Claudio Oliveira; MACEDO JÚNIOR, Gilson Santiago Macedo. 'Ainda vão me matar numa rua': direito à cidade, violência contra LGBTs e heterocisnormatividade na cidade-armário. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**. [S. l.], v. 20, n. 2, p. 143-164, 2019.

CASTELLS, Manoel. **A cidade e as bases**: uma teoria transcultural dos movimentos sociais urbanos. [S. l.]: Univ da Califórnia Press, 1983.

CASTELLS, Manuel; MURPHY, K. **The City and the Grassroots**. Los Angeles: University California Press, 1982.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice. **A Psicologia ambiental**: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. [S. l.]: Editora Vozes Limitada, 2018.

CAVALCANTI, Adilma da Cunha *et al.* **"Os olhos vêem e o coração sente"**: desvelando a violência contra LGBT. 2018, 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado em enfermagem) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2018.

CAVALHEIRO, Gláucia Lafuente. Pelotas, "cidade de gays": um estudo sobre os usos políticos de uma representação. **Cadernos do LEPAARQ**. [S. l.], v. 1, n. 2, p. 77-111, 2004.

CARTA MUNDIAL PELO DIREITO À CIDADE (CDAC). Fórum Social Mundial Policêntrico de 2006. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.suelourbano.org/wp-content/uploads/2017/08/Carta-Mundial-pelo-Direito-%C3%A0-Cidade.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

CHIOCHETTA, Ângela Smaniotto; AVENA, Daniella Tebar. Parada Gay de São Paulo: Evento de Compromisso Social ou uma Grande Festa na Avenida Paulista? Eventos e Lazer. **Caderno Virtual de Turismo**. [S. l.], v. 6, n. 2, p. 11-18, 2006.

CLAVALL, P. O território na transição da pós-modernidade. **Geographia**. [S. l.], v. 1, n. 2, p. 7-26, 1999.

CONCEIÇÃO, Josuan Ávila *et al.* **Espaço e tempo na formação urbana de Pelotas**. [S. l.], 2009.

COPPIETERS, Luiza; VIANNA, Rodolfo. **A cidade hostil ao afeto LGBT**. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (org.). **Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual**. São Paulo: IBDU, 2017. p. 54-60.

CORRÊIA, Nildo. Distrito em San Francisco pintará faixas de pedestres em apoio ao orgulho gay. **Blog Diversidade**. [S. l.], 2014. Disponível em: <https://cutt.ly/IBdRGs4>. Acesso em: 09 mar. 2022.

COSGROVE, D. Senso de lugar. In: JOHNSTON, R. J.; GREGORY, D. PRATT, G. (org.). **O Dicionário de Geografia Humana**. 4. ed. Oxford: Blackwell, p. 731-734, 2000.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE CASTRO BEZERRA, Saulo. Estatuto da Criança e do Adolescente: marco da proteção integral. In: BRASIL, Ministério da saúde. **Violência faz mal à saúde**. Brasília, 2004. Disponível em: <https://ftp.medicina.ufmg.br/paraelas/Downloads/violenciafazmalasaude.pdf#page=17>. Acesso em: 10 out. 2021.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros para formadores de opinião. [S. l.], 2012.

DE MOURA ALVES, Pedro; DUARTE, Tiaraju Salini. **“Por uma cidade que eu possa ter liberdade de ser quem sou”**: o medo e resistência da população LGBTQIA+ no município de Pelotas. [S. l.], 2021.

DE OLIVEIRA DUARTE, Marco José; OLIVEIRA, Dandara Felícia Silva. LGBTQI+, vidas precárias e necropolítica em tempos da Covid-19: a interseccionalidade e a teoria queer em cena. **Revista em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**. [S. l.], v. 19, n. 48, 2021.

DE OLIVEIRA MARTINS, Matheus; BARROS, Amélia de Farias Panet. **O coração queer do centro histórico de João Pessoa: uma cartografia sensível urbana.** [S. l.], 2021.

DE OLIVEIRA, Mayane Laisa; TAMAOKI, Fabiana Junqueira. Noções introdutórias acerca do termo ou da expressão "LGBT". ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. **Anais [...]**. [S. l.], v. 13, n. 13, 2017.

DUARTE, André; DE ASSIS CÉSAR, Maria Rita. Estética da existência como política da vida em comum: Foucault e o conceito de comunidades plurais. **O que nos faz pensar.** [S. l.], v. 21, n. 31, p. 153-173, 2012.

DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis: um estudo socioantropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher.** Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2017, 238 p.

ELALI, G. A. Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental. COLÓQUIO AMBIÊNCIAS COMPARTILHADAS. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2009.

ELALI, G.; PINHEIRO, J. **Comportamento sócio-espacial humano.** Natal: UFRN, 1998.

ELIAS, T. F. Apropriação. *In*: ELALI, G. A.; CAVALCANTE, S. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ESTADÃO. Varíola dos macacos traz preconceito, medo e muda vida de gays e bissexuais. **Estadão.** Disponível em: <https://cutt.ly/IBeDaBl>. Acesso em: 08 set. 2022.

FACCHINI, R. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. **Estudos gays: gêneros e sexualidades.** [S. l.], v. 3, n. 04, 2009.

FAINSTEIN, N. I.; FAINSTEIN, S. S. Spatial organization of San Francisco's Gay Community. *In*: _____. **Urban Policy Under Capitalism.** Beverly Hills: SAGE Publications, 1982. p. 237-260.

Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

FENIZOLA, Luisa. Atos Honram a Memória de Marielle pelo Brasil e pelo Mundo #1AnoSemMarielle. **RioOnWatch.** Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=39452>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. **Rev. Adm. Contemp.** [S. l.], v. 10, n. 1, 2006.

FERNANDES, Marcos Ronei Peverada; NEIS, Fabiano Pretto. **A territorialização homoafetiva em Pelotas: uma breve história dos bares gays como espaços de construção de geografias LGBTQI+.** *In*:

SECRETARIA DE CULTURA DE PELOTAS. Etno Cidade Pelotas – 16 a 18 de agosto de 2019. Pelotas, 2019.

FERREIRA, Vinicius; SACRAMENTO, Igor. Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. [S. l.], v. 13, n. 2, 2019.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**: as heterotopias. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. CONFERÊNCIA NO CÍRCULO DE ESTUDOS ARQUITETÔNICOS. **Anais [...]**. n. 5, p. 46-49. [S. l.], 1984.

FREEMAN, Shirra; EYKELBOSH, Ângela. COVID-19 e segurança ao ar livre: Considerações para uso de espaços recreativos ao ar livre. **Centro Colaborador Nacional para Saúde Ambiental**. [S. l.], v. 829, p. 1-15, 2020.

FREITAS, Bruno de *et al.* **Cidade, gênero e sexualidade**: territorialidades LGBT em Uberlândia, MG. 2016, 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

FURTADO, Victor. Censo ignora população LGBTI+ brasileira por mais uma década. **O Liberal**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/BVMHss3>. Acesso em: 03 jun. 2020.

GALVÃO, Iapony Rodrigues; DE OLIVEIRA BEZERRIL, Kellia. Friedrich Ratzel: uma Análise da Difusão de suas Ideias no Contexto da Geografia Brasileira. **Sociedade e Território**. [S. l.], p. 19-29, 2013.

GAMA, Maria Clara Brito da. Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des) patologização da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. [S. l.], n. 31, p. 4-27, 2019.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório 2019**: população LGBT morta no Brasil. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2019. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 19 set. 2021.

GIBSON, Eleanor. Gay rights activist Harvey Milk to receive stepped memorial in San Francisco's Castro. **Dezeen**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/rBdESuP>. Acesso em: 09 jan. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, n. 61, p.16-17, 2002.

GIULIANI, M. V. Theory of attachment and place attachment. *In*: BONES, M.; LEE, T.; BONAIUTO, M. (org.). **Psychological theories for environmental issues**. [S. l.], 2009. p.137-170.

GOLLEDGE, R.; STIMSON, R. **Spatial behavior**: a geographic perspective. New York: The Guilford Press, 1997.

GOMES, Daniel Berquó. **Homofobia**: a regulação dos espaços por meio da discriminação contra homossexuais. [S. l.], 2008.

GREEN, James; QUINALHA, Renan (org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca pela verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2014. 332 p.

HAESBAERT, R. **Des – territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Ordenamento territorial. **Boletim Goiano de Geografia**. [S. l.], v. 26, n. 1, p. 117-124, 2006.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes urbanas**: do direito à cidade à revolução. 2014.

HERTZBERGER, H. **Lessons for Students of Architecture**. [S. l.]: Publishers, 1974,

JORGENSEN, Bradley S.; STEDMAN, Richard C. A comparative analysis of predictors of sense of place dimensions: Attachment to, dependence on, and identification with lakeshore properties. **Journal of environmental management**. [S. l.], v. 79, n. 3, p. 316-327, 2006.

KANASHIRO, Milena. A cidade e os sentidos: sentir a cidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. [S. l.], v. 7, 2003.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. **A experiência da natureza**: uma perspectiva psicológica. Nova York: Cambridge University Press, 1989.

LAY, M. C.; REIS, A. Análise Quantitativa na Área de Estudos Ambiente-Comportamento. **Revista Ambiente Construído**. Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 21-36, 2005. Disponível em: <https://cutt.ly/wVMXVkk>. Acesso em 04 mar. 2021.

LAY, Maria Cristina Dias; DA LUZ REIS, Antônio Tarcísio. Análise analítica na área de estudos ambiente-comportamento. **Ambiente Construído**. [S. l.], v. 5, n. 2, p. 21-36, 2005.

LEFEBVRE, Henrique. **Le droit à la ville**. Paris: An, 1968.

LEITE, Maiara Sanches. DIREITO À CIDADE, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES LGBT NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO (1988–2018).

LEITE, Maiara Sanches; ZANETTI, Valéria; TONIOLO, Maria Angélica. As contradições entre os espaços permitidos e negados aos LGBTQI+ na cidade de São Paulo. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**. [S. l.], v. 12, n. 1, p. 54-71, 2021.

LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, p. 119-142, 2019.

LIBARDONI, Thaís Debli. **Espaços públicos urbanos & relações intergeracionais**: affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas. 2018, 257 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

LIMA, Angélica Macedo Lozano; KOZEL, Salete. Lugar e mapa mental: uma análise possível. **Geografia**. [S. l.], v. 18, n. 1, p. 207-231, 2009.

LINHARES, Emilly Mota *et al.* Angústia, insegurança e medo na população LGBTQIA+: Comprometimento da saúde mental na pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**. [S. l.], v. 10, n. 8, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**. [S. l.], v. 19, p. 17-23, 2008.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1969.

MACHADO, Frederico Viana; RODRIGUES, Cristiano Santos. Movimentos Negros e LGBT no Governo Lula: desafios da institucionalização segmentada. **Estado, ambiente e movimentos sociais**. Florianópolis, 2015. p. 22-45, 2015.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EDUFPEl; Livraria Mundial, 1993.

MARGENS. **Além da noite**. 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/alem-da-noite/>. Acesso em: 03 fev. 2022.

MARX, K. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MASSEY, D. B.; JESS, P. M. **The conceptualization of space: a place in the world. Places, cultures and globalization**. Oxford: Oxford University Press/The Open University, 1994.

MASSEY, Doreen. **Space, place, and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994. p. 154.

MAU, Heidi. **Comunicando o legado**: mídia, memória e Harvey Milk. 2017. Tese de Doutorado – Universidade do Templo, 2017.

McDowell, L. **Género, identidad y lugar**: un estudio de las geografías feministas. Madrid: Ediciones Cátedra.

MENDOS, Lucas Ramón. **Homofobia patrocinada pelo Estado**. Genebra: 2019.

MISTER B&B. Berkana Bookstore. **Mister B&B**. Madrid, 2022. Disponível em: <https://cutt.ly/2BdSA5a>. Acesso em: 15 fev. 2022.

MONTE-Mór, Roberto Luís. **Utopias urbanas e outras economias**. [S. l.]: CRISE, 2018.

MOURÃO, A.; CAVALCANTE, S. Identidade de Lugar. In: ELALI, G. A.; CAVALCANTE, S. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. In: _____. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 208-226.

NAOUMOVA, Natalia. **Qualidade estética e policromia de centros históricos**. [S. l.], 2009.

NEIS, Fabiano Preto; CERQUEIRA, Fábio Vergara. Parada gay de Pelotas nas páginas do nuances: imprensa, visibilidade e política. **MÉTIS: história & cultura**. [S. l.], v. 13, n. 26, p. 101-119, 2014.

NOGUEIRA, E. Guto Requena celebra igualdade com instalação na Praça da República: "meu coração bate como o seu" fica exposta até setembro na capital paulista e carrega cores da bandeira LGBTQ+. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/tecnologia/guto-requena-celebra-igualdade-com-instalacao-na-praca-da-republica/>. Acesso em: 15 set. 2021.

NOGUEIRA, Evelyn. Guto Requena celebra igualdade com instalação na Praça da República. **Casa**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/aBhYZVZ>. Acesso em: 27 jul. 2020.

NUNES, Vanessa Ester Ferreira; PORTÉRO, Cristina Schmidt Silva. A parada do orgulho lgbt na cidade de são paulo: manifestação cultural de empoderamento e com-bate ao preconceito. **Cultural**. [S. l.], 2018.

OBERHAUSER, A.; FLURI, J. L.; WHITSON, R.; MOLLETT, S. Engaging feminist spaces: introduction and overview. OBERHAUSER, A.; FLURI, J. L.; WHITSON, R.; MOLLETT, S. (org.). **Feminist spaces: gender and geography in a global context**. Londres: Routledge, 2018.

ORNELL, Felipe *et al.* Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria**. [S. l.], v. 10, n. 2, p. 12-16, 2020.

OSORIO, Kevin Luiz Nicolli; HENZ, Aline Patrícia. Turismo LGBTQ: um estudo acerca das iniciativas no Brasil. FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUAÇU. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu, v. 15, 2021.

OUTRIGHT ACTION INTERNATIONAL. Vulnerability Amplified: the impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people. **OAI**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://outrightinternational.org/content/vulnerability-amplified-impact-covid-19-pandemic-lgbtqi-people>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PÁGINA JORNAL. A Câmara Municipal de Madrid e Cibeles são tingidos com as cores LGBTI para o Orgulho. **Página Jornal**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://cutt.ly/XBdP0lq>. Acesso em: 15 maio 2022.

PAIVA, Vitor. Como a revolta de Stonewall, em 1969, empoderou o ativismo LGBT para sempre. **Hypeness**. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/IV1o8Qi>. Acesso em: 03 mar. 2020.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: arquitetura e os sentidos. [S. l.]: John Wiley & Sons, 1996.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Artmed Editora, 2009.

PARADA LGBT DE SÃO PAULO. Parada LGBT 2019. Observatório de Turismo. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://observatoriodeturismo.com.br/?p=3255>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PARADEDA, Maria Regina Matos. **Arquitetura da paisagem e modernidade**: um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas: 1860-1930. 2003. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

PARANHOS, William Roslindo. A heterocisnormatividade na construção de nossa personalidade. **Blogueiras feministas**. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/CV1auAE>. Acesso em: 18 dez. 2021.

PARKER, Robert E. BUGER, Ernest, W. The City suggestions for investigation of human behavior in the urban environment. **Chicago School of Sociology**. [S. l.], 1984.

PERILO, Marcelo de Paula Pereira *et al.* "Rolês", "closes" e "xaxos": uma etnografia sobre juventude. **(Homo)sexualidades e cidades**. [S. l.], 2017.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A Psicologia da Criança**. Tradução de Octavio M. Cajado. São Paulo: Difel, 1968. 146p.

PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime. **História da cidadania**. [S. l.]: Editora Contexto, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS – PMP. **Dados gerais da cidade. Pelotas**, 2020 Disponível em: < <http://www.pelotas.com.br/cidade/dados-gerais>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. **Iniciação Científica**: destaques. [S. l.], v. 1, p. 313-392, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REID, Graeme; RITHOLTZ, Samuel. A Queer approach to understanding lgbt vulnerability during the covid-19 pandemic. **Politics & Gender**. [S. l.], v. 16, n. 4, p. 1101-1109, 2020.

REID, Graeme; RITHOLTZ, Samuel. Uma abordagem queer para entender a vulnerabilidade LGBT durante a pandemia de COVID-19. **Política & Gênero**. [S. l.], v. 16, n. 4, pág. 1101-1109, 2020.

REIS, T., (org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

RELPH, Edward. **Sense of place**. Ten geographic ideas that changed the world, p. 205-226, 1997.

RESADORI, Alice Hertzog; RIOS, Roger Raupp. Direitos humanos, transexualidade e “direito dos banheiros”. **Revista Direito e Práxis**. [S. l.], v. 6, n. 12, p. 196-227, 2015.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso *et al.* **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Universidade

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. *In*: SILVA, Catia Antonia; BERNARDES, Julia Adão. **Forma em crise: utopias necessárias**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

RODINI, R. RECIFE tem campanha gay friendly. **O Globo**: viagem. Disponível em: <https://cutt.ly/jV1dKMD>. Acesso em: 27 mar. 2021.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

ROLNIK, Suely. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. **Na sombra da cidade**. [S. l.], p. 141-170, 1995.

SACK, Robert. "Human Territoriality: A Theory". **Annals of the Association of American Geographers**. [S. l.], v. 73, n. 1, p. 54-74, 1983.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. Alargando o território: sociabilidade, visibilidade e homossexualidade em perspectivas espaço-temporais na cidade de São Paulo. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**. [S. l.], v. 2, n. 3, p. 55-82, 2015.

SANTOS, Ana Rita *et al.* Um olhar não heteronormativo sobre mobilidade e permanência em espaço urbano. **Fórum Sociológico**. v. 36, 2020.

SANTOS, Luan. Madre de Deus tem 'Pracinha dos Gays' dedicada à comunidade LGBTI. **Alô alô Bahia**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/MBdDBMb>. Acesso em: 18 mar. 2021.

SANTOS, Luan. Madre de Deus tem 'Pracinha dos Gays' dedicada à comunidade LGBTI. **Alô Alô Bahia**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://aloalobahia.com/notas/madre-de-deus-tem-pracinha-dos-gays-dedicada-a-comunidade-lgbti>. Acesso em: 13 set. 2021

SANTOS, Nabil. As mudanças que a pandemia gerou nas cidades vieram para ficar: entender o novo modo de vida que está surgindo é essencial para repensar as cidades do século 21. **Folha de São Paulo**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/8V4hx3G>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, M. A. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SHUMAKER, Sally A.; TAYLOR, Ralph B. Toward a clarification of people-place relationships: a model of attachment to place. **Environmental Psychology: Directions and perspectives**. [S. l.], v. 2, p. 19-25, 1983.

SILVA JÚNIOR, Luiz Gilberto **Acessibilidade para deficientes visuais**: avaliação do desempenho da caminhada em espaços públicos de Pelotas/RS. 2020, 226 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

SILVA, Elder Luan Santos. Neoconservadorismo e Ofensivas antigênero no Brasil: a mobilização da “Ideologia de Gênero” e a produção de LGBTfobias no Governo Bolsonaro. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**. [S. l.], v. 4, n. 14, p. 331-363, 2021.

SILVA, Leandro Souza Borges. Espaço urbano, resistência e literatura: uma abordagem teórica acerca da apropriação da cidade. Atena Editora Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira, p. 364, 2020.

SILVA, Marco Aurélio da. **Se manque! Uma etnografa do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina**. 2003, 161 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. [S. l.]: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SLAM DAS MINAS. Eventos slam das minas. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/xBhLCjO>. Acesso em: 09 maio 2021.

SMANIOTTO CHIOCHETTA, Ângela; TEBAR AVENA, Daniella. Parada Gay de São Paulo: Evento de Compromisso Social ou uma Grande Festa na Avenida Paulista?. **Caderno Virtual de Turismo**. [S. l.], v. 6, n. 2, p. 11-18, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115416203002>. Acesso em: 17 maio 2022.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **Espaço e Tempo**. [S. l.], n. 19, p. 93-111, 2006.

SOMMER, B.; SOMMER, R. **A practical guide to behaviorl Research**. 5. ed. Oxford:Oxford University Press, 2002.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 2.ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.

SPRUCE, Emma. LGBTQ situated memory, place-making and the sexual politics of gentrification. **Environment and Planning D: Society and Space**. [S. l.], v. 38, n. 5, p. 961-978, 2020.

TAQUES, Fernando José *et al.* **Movimento LGBT de Portugal e Espanha: um estudo comparativo**. 2012, 147 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983. p. 01-22,

TUNES, Daniela Almeida. **avaliando a dificuldade de caminhar em centros históricos e comerciais segundo a percepção do usuário: o caso da área central de pelotas**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, Patrimônio e Sistemas Urbanos) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

TWIGGER-ROSS, Clare L.; UZZELL, David L. Lugar e processos identitários. **Jornal de Psicologia Ambiental**. [S. l.], v. 16, n. 3, p. 205-220, 1996.

ULRICH, R. S. (1983). Aesthetic and affective response to natural environment. *In*: ALTAMN, I.; WOHLWII, J. F. (org.). **Behavior and the natural environment**. v. 6. Nova Iorque: Plenum, 1983. p. 85-120.

VALENTINE, Gill. Negotiating and managing multiple sexual identities: lesbian time-space strategies. **Transactions of the Institute of British Geographers**. [S. l.], v. 18, n. 2, p. 237-248, 1993.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**. [S. l.], v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018.

VENCESLAU, Igor. Outras Cartografias: medo, mortes e resistência LGBTQIA+. Medo, mortes e resistência LGBTI+. **Outras Palavras**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/outras-cartografias-medo-assassinatos-e-resistencia-lgbti/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**. [S. l.], v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WEBER, Ralf. **On the Aesthetics of Architecture**. Sidney: Avebury, 1995.

Whitson, R. (2018). Gendering the right to the city. OBERHAUSER, A.; FLURI, J. L.; WHITSON, R.; MOLLET, S (org.). **Feminist Spaces**: gender and geography in a global context. Londres/Nova York: Routledge, 2018. p. 70-150.

WISNIEWSKI, Rudião Rafael. Gênero e diver-cidade: educação e invisibilidade LGBTQ nos espaços urbanos. **Atos de pesquisa em educação**. [S. l.], v. 15, n. 1, p. 76-93, 2020.

Yin, R. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman; 2010.

ZANOLI, Vinícius Pedro Correia. A visibilidade em disputa: notas sobre a utilização do espaço urbano pelo movimento LGBT em campinas. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis, 2013. p. 1-12.

ZEISEL, J. **Inquiry by design**: Tools for environment-behavior research. Nova York: Cambridge Press, 1984.

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa **A percepção da População LGBTQIA+ Sobre a Violência e Discriminação: Repressões Urbanas que Alteram a Construção do Senso de Lugar.**, do pesquisador Fernando Henrique Nascimento Kikuchi. A seguir, são apresentadas as informações do projeto de pesquisa com relação à sua participação neste projeto:

O estudo pretende avaliar os espaços das cidades de médio porte e como esses ambientes contribuem e afetam na construção do senso de lugar da comunidade LGBTQIA+, visando propor recomendações para cidades mais inclusivas.

A coleta de dados começa em janeiro de 2022, e terminará no mês de fevereiro de 2022. O estudo se desenvolve através de entrevistas ao público alvo e da aplicação do método “entrevista caminhada”, que consiste em lhe acompanhar durante um trajeto que você tenha o costume de andar, na qual deverá ser explicado ao pesquisador todo o percurso, a forma como o ambiente é reconhecido, o motivo das mudanças de direção, os elementos que servem de pistas para sua localização e orientação no percurso, além de quaisquer outras referências que você achar relevante. O pesquisador em nada deve intervir, apenas caso você esteja sob algum risco.

Acredita-se não haver nenhum risco à saúde mental. Quanto à saúde física, acredita-se que por se tratar de caminho familiar não haja nenhum tipo de interveniência. Em relação aos possíveis incômodos e riscos, estes não são superiores aos habituais do seu dia a dia.

Você poderá se sentir constrangido por ter alguém filmando e observando seu percurso, caso não se sinta à vontade é possível interromper o percurso ou a entrevista a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Caso não saiba o que responder, durante a entrevista ou o percurso, você deve ficar à vontade para informar essa situação que, não mais lhe será perguntado o assunto. O percurso da entrevista caminhada vai ocorrer em um trecho que você já tenha costume de percorrer sozinho e com autonomia. Esse trecho ficará à sua livre escolha e o motivo é que essa é a principal metodologia da entrevista caminhada, além de visar sua segurança por se tratar de ambiente familiar a você.

Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. A qualquer momento você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. As informações conseguidas por meio da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa. A divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

Todo o percurso da entrevista caminhada, bem como as entrevistas serão filmadas, mas não serão divulgadas em nenhum meio, servindo apenas para posterior análise de dados, sendo descartada ao final. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por todos.

Eu....., tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e, para isso, eu **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.**

Endereço da responsável pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Pelotas.

Endereço: Rua Francisco Leonardelli N°520 Centro, Balneário Arroio do Silva - SC.

Telefone: (54) 99947-1296.

Pelotas,___ de _____ de 2022.

Assinatura d(o,a) voluntári(o,a)

Assinatura do Pesquisador

Apêndice B – Perguntas da Entrevista Caminhada

Bloco 1 – Perguntas gerais

Qual seu nome?

Qual sua idade?

Qual o gênero que você se identifica? E sua identidade sexual?

Qual é sua profissão?

Qual seu grau de formação?

Você mora aqui em Pelotas a quanto tempo?

Bloco 2 – Perguntas sobre o espaço público

Com qual frequência você vem nesses espaços?

Quais dias você mais frequenta este lugar?

Quais os horários você costuma a vir neste lugar?

Você costuma a evitar algum horário para frequentar esse espaço, por ser LGBTQIA+?

Aqui nesse espaço, você se comporta diferente por ser LGBTQIA+?

Você se sente vigiado nesse espaço?

Você costuma frequentar esse espaço sozinho (a) ou acompanhado (a)?

Você se sente mais protegido quando está com amigos?

Qual é a importância para você de frequentar esse espaço?

Você acha agradável a convivência com as pessoas nesse espaço?

Você sente que faz parte desse espaço?

Tem alguma área sua favorita aqui? E porquê?

O que te faz sentir confortável ou seguro nesse local?

Tem algum espaço aqui que você sente medo ou não gosta de passar?

Esse espaço te estimula a frequentá-lo?

Bloco 3 – Perguntas sobre o uso do local

Você usa esse espaço para encontros?

Existe algum horário para esses encontros?

Você consegue fazer alguma atividade que necessita de mais privacidade nesse espaço?

Você gosta dos eventos culturais que são realizados aqui nesses espaços?

Você costuma utilizar esse espaço para alguma atividade de lazer? Qual?

Você acha que a parada gay e outros eventos para a comunidade LGBTQIA+ são importantes para você frequentar esse local?

Você acha que a prefeitura deveria incentivar mais eventos voltados para a comunidade LGBTQIA+, não só no mês do orgulho?

Bloco 4 – Perguntas sobre estrutura urbana

Aqui no entorno, o que você acha dos prédios?

Você frequenta algum estabelecimento aqui do entorno?

Esses espaços estimulam a você frequentar?

Você frequenta alguma boate ou clube aqui do entorno?

Você acha que esse local proporciona uma maior diversidade para área?

Apêndice C – Transcrições Entrevistas Caminhadas

C.1- Transcrição 01 Mulher lésbica – 28 anos

Pesquisador: Bom dia, primeiro queria te agradecer por ter aceito o meu convite de estar participando da minha pesquisa e que te dizer que é bem tranquilo esse método, é como se fosse uma conversa sobre o espaço em que estamos.

Entrevistada 1: Eu que agradeço o convite e vamos lá, no que eu puder ajudar, eu respondo.

Pesquisador: Vou começar te pedindo alguns dados mais gerais. Qual é seu nome?

Entrevistada 1: MI28

Pesquisador: Qual a sua idade?

Entrevistada 1: 28 anos

Pesquisador: Qual é seu gênero e sua identidade sexual?

Entrevistada 1: Sou mulher Cis gênero, lésbica.

Pesquisador: Qual é sua profissão?

Entrevistada 1: Eu sou professora de teatro no município e também sou pesquisadora em arte.

Pesquisador: Quanto tempo você reside aqui em Pelotas?

Entrevistada 1: Eu moro aqui em Pelotas tem 11 anos, eu vim para aqui com 15 anos de idade.

Pesquisador: O seu processo de descobrimento e aceitação, aconteceu aqui em Pelotas ou na outra cidade em que você morava?

Entrevistada 1: Foi aqui em Pelotas e eu tenho para mim que se eu não tivesse vindo aqui pra Pelotas, porque eu sou de São Paulo da capital, mas lá eu tinha uma vida muito privada eu não saía. Minha mãe tinha muito medo por ser uma

cidade grande e tudo mais. Então eu tenho para mim que se não tivesse vindo para Pelotas eu não ia ter me assumido com 15, 16 anos, eu teria demorado mais.

Pesquisador: E esse seu processo como ele foi?

Entrevistada 1: Foi difícil, foi difícil... Porque minha família que se coloca politicamente a esquerda, uma família que sempre me ensinou a não ter preconceito, mas quando isso aconteceu no seio familiar, comigo, a história mudou um pouco, foi um processo psicológico muito difícil, eles ficaram muito decepcionados, como eu era adolescente, eles acharam que eu estava querendo chamar atenção, coisa do tipo, aí eu passei um ano remando com eles. A minha primeira namorada não podia entrar na minha casa, mas daí com o tempo eles perceberam que eu era lésbica mesmo, que eu não estava querendo chamar atenção, então a partir daí eles me aceitaram bem.

Pesquisador: E esse processo com sua família, de aceitação dentro de casa, influenciou o jeito que você utilizava os espaços públicos?

Entrevistada 1: Sim, porque eu comecei a ficar muito mais tempo fora de casa do que em casa, então por exemplo, dentro de casa eu não tinha lazer, eu me sentia pressionada, me sentia mal. Então eu ficava muito na rua, tipo ficava na casa de amigas, aqui na praça, no calçadão, em frente a católica, que eram os espaços que eu tinha amigos. Então o espaço público foi essencial para que eu me assumisse enquanto uma mulher lésbica.

Pesquisador: E qual é a frequência que você utiliza desses espaços públicos?

Entrevistada 1: Pois é, com o tempo assim a gente vai mudando, por exemplo, quando eu era adolescente eu ficava muito aqui na praça Coronel Pedro Osorio, hoje que sou adulta, venho mais no mercado público para beber com os amigos. O Porto já foi uma área muito acolhedora para nossa comunidade LGBTQIA+, mas hoje eu caminho mais aqui pelo mercado e calçadão mesmo.

Pesquisador: Quando você fala sobre o Porto, porque você diz que ele foi mais acolhedor?

Entrevistada 1: Porque o Porto sempre foi visto como o submundo da cidade, ele é um lugar mais underground, pela história da vida noturna e da prostituição. E como nós LGBTs sempre tivemos que ir para esses nichos mais escondidos, mas isso vem mudando recentemente.

Pesquisador: Então você pode me dizer que para você tem esse movimento de sair desse local underground do Porto e ocupar aqui o centro da cidade?

Entrevistada 1: Sim, tipo agora a gente vai entrar aqui na praça, e eu vou te contar algumas memórias que eu tinha. Antigamente uns 8 anos atrás, existia um movimento muito grande de adolescentes gays e lésbicas, que se encontravam na praça para ter essa vida social, de paquera de ficar, de se conhecer, então era muita gente. A galera dos anos 90 que viveu a adolescência, a gente sempre fala, tu eras sapatão e tu vivia ali na praça, inclusive meu primeiro beijo foi dado ali. Aquele chafariz ali no meio era o point da galera LGBTs, hoje já não é tanto assim por conta da pandemia e tudo mais.

Pesquisador: E falando um pouco desses encontros que você utilizava esse espaço, tem algum horário que você evita de frequentar por ser uma mulher lésbica?

Entrevistada 1: A noite, mas mais por ser mulher lésbica, porque assim, eu só sou lida como lésbica quando eu estou abraçada ou de mãos dadas com outra mulher. Eu sofro muito assédio, então eu evito a noite e principalmente se eu estou de mão dada com minha namorada.

Pesquisador: Então você se comporta diferente quando está com sua namorada?

Entrevistada 1: Com certeza

Pesquisador: Você tem mais medo quando está com ela, ou sozinha?

Entrevistada 1: Tenho mais medo quando estou com ela, mas isso porque eu mais feminina, porém tem mulheres mais desfem são as primeiras a sofrerem algum tipo de agressão. Assim como a bicha mais afeminada.

Entrevistada 1: Olha ali, ali do outro lado da rua tinha uma casa que foi muito importante para a comunidade LGBT, a antiga Odeon, foi a primeira festa LGBT, ficou aí uns 12 anos, então aqui era um point para a comunidade.

Pesquisador: E falando sobre esses clubes, você costuma frequentar?

Entrevistada 1: Frequentei um bom tempo a The Way, hoje em dia não vou mais por conta da pandemia, o Odeon era uma referência para mim, era um símbolo de resistência mesmo, porque tinha gente que tinha vergonha de passar na frente, você via. Não era igual a The Way que ficou mais popularizada entre os heteros, a gente tinha essa coisa de ir para a Odeon, foi uma casa muito importante para cidade, ele era um refúgio para mim. Porque ali as pessoas se libertavam, e se expressavam quem elas são, coisa que em espaços públicos ou tipo num barzinho a gente não pode fazer isso. Até hoje ali no mercado público, se eu estou com minha mesa com meus amigos gays e sapatão ou trans, se a gente se levanta para dançar.... A eu organizo a parada gay a 3 anos... Daí tinha gente de toda a comunidade, então a gente se levantou e começou a dançar, as pessoas na hora começaram a olhar torto e a reclamar, até que veio uma pessoa do bar e pediu pra gente parar com aquele comportamento.

Pesquisador: Para você é melhor estar em um espaço privado do que eu um espaço público? Para se expressar, ou até mesmo para trocar carinhos com sua namorada?

Entrevistada 1: Sem dúvida, me sinto mais segura em ambientes fechados, mas eu queria que fosse assim na rua, não ter esse medo.

Pesquisador: E esse medo que você sente de estar nesse espaço por ser lésbica, faz com que você deixe de frequentar esse lugar?

Entrevistada 1: Olha, até que não, mas a não ser que eu esteja acompanhada da minha namorada, aí sim, eu evito de passar aqui na praça, para não ter que escutar algo ruim. Eu penso assim, se eu estou acompanhada de um homem, eu me sinto segura, porque daí vou estar performando uma heteronormatividade, agora se eu estou com minha namorada eu evito de passar aqui na praça.

Pesquisador: E aqui na praça, você disse que as pessoas ficam te olhando, você se sente vigiada?

Entrevista 2: Depende do dia, mas geralmente sim. Eu tenho muitas lembranças aqui desse espaço central da praça. Eu ficava sentada aqui nessa lateral, nos bancos, meu primeiro encontro com uma mulher foi aqui. A gente tentava não dar muito na vista, ficar meio que conversando... Era um momento de paquera mesmo, mas sempre de dia porque para nos mulheres lésbicas, nunca a noite. A noite para mim a cidade não existe. Tipo até nesse horário para mim é difícil, olha o entorno, tem vários homens, tipo eu não consigo vir aqui e ler um livro porque eu tenho medo, em plena luz do dia.

Entrevistador: E qual é a importância que tem para você de frequentar aqui esses espaços?

Entrevistada 1: A praça por exemplo, não só de toda a história que ela tem na minha vida, mas até pra cidade, ela representa um ponto de encontro de todos, então todos as paradas passam por aqui perto, aqui é um ambiente grande, tinha que ter mais eventos culturais, e é importante que a gente esteja nesse espaço porque é um ponto de encontro, porque a gente não pode mais aceitar que tenhamos locais só afastados escondidos igual o Porto, tipo no submundo, a gente quer ser visto, eu quero ter uma vida comum como qualquer outra pessoa que frequenta esse espaço.

Pesquisador: Então é esse movimento que te faz ainda frequentar esses espaços?

Entrevistada 1: Isso, é para garantir essa normalização, de que você não vai sofrer violência, porque tipo assim, eu olhando os bancos, eu lembrando de quando eu era adolescente, que eu paquerava aqui, eu lembrava que quando a gente queria se beijar, a gente esperava um outro momento, escondida, para poder se beijar, enquanto a gente via outros casais heteros fazendo, então eu gostaria de ter essa normalidade, porque até hoje se eu sento aqui e beijo ela, é um risco.

Pesquisador: E aqui na praça, você tem algum lugar preferido?

Entrevistada 1: Eu gosto ali do chafariz por uma memória mais afetiva, ali naquele pedaço em frente ao mercado em frente a antiga Odeon, e aqui na meia lua em frente ao teatro. O teatro para mim tem uma memória, eu já me apresentei ali, a meia lua sempre acontece eventos voltados para a comunidade LGBTQs, então tem coisas culturais, eu faço parte de um grupo de mulheres lésbicas que pedalam por Pelotas e o nosso ponto de encontro é ali na meia lua.

Pesquisador: Então você utiliza aqui esse espaço da praça como ponto de referência?

Entrevistada 1: Sem dúvida, querendo ou não aqui é um ponto onde todo mundo pode se encontrar.

Pesquisador: E tem algum fator ou alguma coisa que te deixa mais segura aqui nesses espaços?

Entrevistada 1: Assim, é estar acompanhada, a iluminação ajuda bastante, mas o principal é ter bastante gente na rua, mas isso também é relativo, entende? Porque pode ter bastante gente na rua e eu ser agredida por ser lésbica, porque estou com minha namorada, ou ser assediada. Porém, poderia me uma sensação de estar segura, a guarda, mas isso não muda para gente LGBTQs, porque se eles tiverem a oportunidade de te humilharem por ter um grupo de gays afeminadas ou sapatão masculina, eles vão te humilhar igual.

Pesquisador: E esse espaço ele consegue te estimular a usá-lo?

Entrevistada 1: Hoje em dia não, eu não sei o porquê, tipo antigamente a gente costumava a fazer apresentações corporais ali na praça, aqui no calçadão ou mesmo no mercado, aulas coletivas, eventos culturais, mas hoje não é o primeiro lugar que eu penso em ir e tomar um chimarrão, sabe? E que para mim falta coisas ou espaços que incentive a nossa comunidade de usar esses locais.

Pesquisador: E você já sofreu alguma forma de violência aqui nesses espaços por ser uma mulher lésbica?

Entrevistada 1: Já, já sofri lesbofobia, já sofri assédio por estar com outra mulher, eu escutei tipo xingamentos e muito assédios tipo, machorra.

Pesquisador: Pensando nesses momentos que você está com sua namorada ou mesmo com uma amiga, você consegue desenvolver alguma atividade que necessita de mais privacidade?

Entrevistada 1: Nunca, tipo assim, não dá, me sinto com medo, porque os homens assediam bastante vendo duas mulheres juntas, não me sinto confortável em beijar minha namorada e fechar os olhos e curtir o momento, porque eu acho que sempre alguém vai me assediar, principalmente aqui no calçadão onde fica esses senhores sentados, ali em frente a Aquarius também.

Pesquisador: E você gosta desses eventos culturais? Eles te incentivam a usar esse espaço como um espaço de lazer e não só de passagem?

Entrevistada 1: Eu gosto, adoro fazer atividades que me dão prazer, apesar do medo. Tipo aqui a gente já fez uma batalha de Slam, que é uma batalha de poesias, mas com a pandemia, meio que acabou. Teve um movimento feminista ali naquele chafariz ali do calçadão. Esse foi um momento que a gente pode mostrar para a população que a gente existe, mostrar que a gente tem força, a gente quer mostrar que a gente pode ter as nossas individualidades respeitadas nesses espaços. Eu não queria ficar tranquila só quando estou acompanhada de 6 ou 7 pessoas, quero ter a minha individualidade nesses espaços.

Pesquisador: E você acha que a parada LGBTQIA+ contribui para que a comunidade possa estar utilizando desse espaço de forma mais segura?

Entrevistada 1: Muito, eu acho super fundamental, ela é um dos maiores eventos culturais em espaço público aqui da cidade de Pelotas, ela tem a capacidade de colocar mais de 3000 mil pessoas na rua. É um momento que todas os tipos de pessoas frequentam, famílias, rico, pobre, isso traz muita diversidade e visibilidade para a comunidade. Então tipo assim, é um evento muito democrático, ela movimenta a economia ali da região. É para mostrar que a gente está aqui.

Pesquisador: E você acha que esse evento deveria ser feito em outras datas, a não ser no mês do orgulho?

Entrevistada 1: Com certeza, a prefeitura deveria fomentar esses eventos em diversas épocas do ano, mas eu não espero que aconteça nessa gestão. Porque eles estão mais preocupados com passar uma imagem bonita do que a própria inclusão da comunidade.

Pesquisador: A gente está passando aqui em frente desse busto desse homem, elas te causam algum tipo de sentimento?

Entrevistada 1: A gente passa por essas estatuas, elas representam para mim um sentimento de invisibilidade, uma opressão, elas representam isso para mim. Eu sinto incomodada e não me sinto confortável com elas. Elas representam uma masculinidade que não é o que representa a nossa luta. A nossa memória segue sendo oprimida sempre. Tem uma placa da Juliana Martinelle, que me representa muito mais do que esses bustos, aquilo sim me representa, aquilo me emociona, uma mulher trans que defendeu a nossa comunidade. Eu acho que deveria ter obras que fomentassem a nossa cultura, da nossa causa, que dão a vida para a inclusão de toda a comunidade. Então ter essas obras ou mesmo intervenções artísticas aqui nesse espaço que nos lembre da nossa história é superimportante.

Pesquisador: Falando sobre essa memória, o que você acha desses prédios aqui do entorno?

Entrevistada 1: Alguns prédios eles trazem uma memória afetiva para mim, aqui o prédio do ouro, ali a farmácia na esquina, tive momentos bons aqui nesse calçadão, para mim tem um tom de interior, mas sempre é um ponto de encontro para as pessoas. Ali no chafariz, eu tenho uma memória afetiva, a primeira marcha das lésbicas foi ali naquele espaço, porque tem muitas histórias de meninas lésbicas que sofreram preconceito nesse ponto. Então ocupar aquele espaço foi muito importante para mim. É um ambiente de muita memória para mim.

Pesquisador: Qual é a intensidade dessas memórias para você?

Entrevistada 1: Essas memórias são muito vivas para mim, porque eu sinto que são histórias de encontro, porque querendo ou não, em casa eu não podia

encontrar alguma pessoa que eu tivesse interesse, a noite seria muito difícil, então esses locais acabaram sendo fundamentais para eu poder ter essa interação enquanto eu como mulher lésbica, claro mesmo com o medo e com a descrição que eu tinha que ter. Era uma coisa de muita coragem, porque a gente tinha medo da família da gente passasse por aqui e vissem que eu estava de encontro com uma outra menina, mas isso não impedia a gente de fazer esses encontros.

Pesquisador: E falando desses encontros, quando você vinha fazer esses trajetos, quais eram ou são os fatores que você leva em conta?

Entrevistada 1: Eu morava no Areal antigamente, então eu escolhia não passar por centro da praça se não tivesse muita gente, ou se tivesse muitos homens, passava por ali na Aquarius meio que correndo e vinha aqui para o chafariz. A iluminação é muito importante porque se não tem luz não passo. Tipo ali nessas ruazinhas na lateral do calçadão.

Pesquisador: E o que você acha que esse espaço tem que ter para ser mais acolhedor para a comunidade LGBTQIA+?

Entrevistada 1: Sabe o que que eu acho? Eu penso que essas questões de leis que não nos protegem seriam importantes, iluminação e questões urbanísticas, mas mais do que isso eu penso que a memória da comunidade se apresente nesse espaço, para que possamos colocar a normalidade no olhar da sociedade, eu acho que nada mais vai trazer visibilidade esses eventos que fomenta a educação, o respeito porque daí sim vamos estar melhores acolhidos. Esses espaços deveriam ser planejados por pessoas LGBTQIA+ que estão dispostas a melhorar a nossa comunidade, porque só assim vamos conseguir acessar esses espaços de forma democrática.

Pesquisador: E você acha que um espaço onde se poderia fomentar essas memórias, um espaço de acolhimento ou mesmo um espaço de artes aqui nesse centro, ajudariam nessa ocupação democrática?

Entrevistada 1: Sim, sem dúvidas. A gente tem um conselho LGBTQIA+ né? Mas eu acho que ainda esse conselho está preso as políticas desses homens

heteros, ricos que dominam a cidade. Eu acho que a comunidade deveria se organizar extra politicamente para exigir um espaço de memória para a comunidade, tipo um centro de acolhimento de cultura e para mesmo para as questões das violências que a gente sofre, a gente não ter lugar para ir, então esse órgão nessa região central seria muito fundamental. Para poder ajudar mesmo a comunidade, um espaço de biblioteca com computadores para acolher as mulheres trans que não tem acesso a esses espaços. Mais do que isso, um espaço que fomente a nossa história, tanto do passado quanto para o futuro. Para que não se caia no esquecimento e a gente tenha que construir do zero novamente. Dar uma base para a nossa comunidade.

Pesquisador: Falando sobre essa ocupação do espaço, da memória, a pandemia te causou algum sentimento em relação ao uso desses locais?

Entrevistada 1: Eu senti muito a falta de estar nesses locais, se afastar do encontro, porque o encontro para mim é fundamental, porque é nesse coletivo que a gente se fortalece. Psicologicamente para mim é difícil de eu estar frequentando esses espaços, porque eu senti que esses espaços acabaram se tornando mais hostis para mim, enquanto mulher lésbica. Alguns espaços ainda eu uso, tipo o mercado enquanto o barzinho, um lugar mais fechado, mesmo que com a pandemia. Eu penso que com a pandemia o nosso corpo agora tem o dobro de risco, porque esses discursos que ligam a nossa comunidade a doença está aí. Trouxe à tona o que era um pouco velado.

Pesquisador: Eu acho que vencemos a nossa entrevista, com esse calorão. Queria te agradecer por ter participado, e pode ter certeza que vou te chamar para fazer aquele mapeamento que eu te disse.

Entrevistada 1: Com certeza, pode chamar. Eu que agradeço.

C.2 - Transcrição 02 Mulher lésbica – 26 anos

Pesquisador: Bom, queria agradecer por estar participando da minha pesquisa e dizer que qualquer dúvida é só me interromper, é bem tranquila nossa

conversa. Eu vou iniciar com algumas perguntas básicas, daí a gente vai desenvolvendo a nossa conversa enquanto caminhamos.

Pesquisador: Qual é seu nome completo, e sua idade?

Entrevistada 2: Meu nome é (MI26) e eu tenho 26 anos.

Pesquisador: Qual é o seu gênero e a sua identidade sexual, que você se identifica?

Entrevistada 2: Eu sou uma mulher e me identifico como lésbica.

Pesquisador: Qual é sua profissão?

Entrevistada 2: Eu sou advogada

Pesquisador: A quanto tempo você reside aqui em Pelotas?

Entrevistada 2: Tem mais ou menos 8 anos.

Pesquisador: Como foi seu processo de identificação enquanto uma mulher lésbica?

Entrevistada 2: Bom, é uma história longa, acho que todas nós temos um processo de descobrimento bem complexo né? Porque o normal acaba sendo esse, mas o meu processo, Pelotas fez parte. Quando eu vim, porque eu sou de São Paulo e eu sou de uma família muito católica, na igreja eu era coroinha, muito tempo e quando eu vim para cá, eu comecei a viver mais por mim, comecei a me relacionar com muitos amigos e pessoas diferentes. Dentro da minha casa, eu não sabia que eu poderia ser outra coisa, vindo para Pelotas, conhecendo pessoas diferentes, frequentando espaços diferentes, foi um processo libertador. Pelotas e a universidade me mostrou, que é diferente, porque não adianta eu nascer e crescer em Pelotas e pertencer a uma família tradicional daqui, então viver aqui nessas situações, foi muito importante para me descobrir.

Pesquisador: E os espaços públicos aqui de Pelotas te auxiliaram nesse processo de descobrimento?

Entrevistada 2: A com certeza, eu não sei, quando eu cheguei em Pelotas, eu achava que eu era uma pessoa hétero, eu era uma pessoa castrada, assim, fazia tudo certinho, de não sair, de não beber, talvez era medo das consequências, mas no momento que eu comecei a explorar os espaços da cidade aqui, caminhar, me relacionar com outras pessoas aqui na praça, conhecer gente diferente e foi nesse momento que eu comecei a me descobrir e me aceitar. Antes disso eu ficava muito em casa fechada, estudava e me fechava muito. Esse espaço aqui da praça me ajudou a descobrir quem eu sou.

Pesquisador: Falando aqui da praça, do mercado e do calçadão, com qual frequência você o utiliza?

Entrevistada 2: Quando eu morava aqui mais perto e antes da pandemia, eu usava quase que diariamente. Aqui na praça eu gosto de correr, de viver com os meus amigos.

Pesquisador: E qual o horário que você costuma a frequentar aqui?

Entrevistada 2: De dia, bem cedo.

Pesquisador: E por ser uma mulher lésbica, você costuma a evitar algum horário de frequentar?

Entrevistada 2: Olha, uma coisa que me faz pensar bastante é que eu não consigo separar uma coisa da outra, de ser mulher e ser lésbica, as duas coisas me fazem pensar muito o horário em que eu vou, as ruas que eu vou passar, então, escureceu que seja eu não gosto de sair de casa e quando está muito deserto também, eu prefiro vir quando está um pouco movimentado.

Pesquisador: E nesses espaços, você costuma a se comportar de maneira diferente por ser uma mulher lésbica?

Entrevistada 2: Quando os estudantes, a galera diferente está aqui, a gente brinca e fala que esse aqui é o canto dos LGBTs, todo mundo vem, estende uma canga, senta, daí eu me sinto muito mais à vontade. Só que nesse período da pandemia que não tem ninguém, que só fica o pessoal de Pelotas, as famílias, é diferente, parece que não me sinto confortável.

Pesquisador: E você tem alguma memória afetiva desse espaço?

Entrevistada 2: Sim, principalmente nos finais de semana, ficava aqui vivendo, conversando, passeando com minha cachorrinha, enfim, esse espaço é o meu favorito aqui da praça.

Pesquisador: E você se veste de maneira diferente para frequentar esses espaços por ser uma mulher lésbica?

Entrevistada 2: Muitas vezes sim, principalmente quando tem muito movimento. Outra situação é quando eu estou com a família da minha namorada, porque eles não gostam de mim, porque acham que eu que transformei a filha deles. Daí eu aliso o cabelo, boto um vestidinho, parecer um pouco mais feminina, para performar uma heteronormatividade, para as pessoas verem a gente mais como amiguinhas do que namoradas.

Pesquisador: E quando você está com sua namorada nesse ambiente, você se sente mais segura ou menos segura?

Entrevistada 2: Pior que menos, porque a gente acaba não demonstrando que somos namoradas por receio, ela é muito travada com isso e as vezes eu prefiro estar com um colega homem, porque as vezes ela nem sabe onde coloca as mãos ou demonstra uma outra forma de carinho, por medo mesmo.

Pesquisador: Então falando sobre esse medo, você deixa de vir nesse espaço por medo?

Entrevistada 2: A, com certeza. Eu penso que a praça e o mercado, são espaços diferentes da cidade, porque é aqui que a gente consegue ver gente como a gente, eles ocupam, e isso que é importante, porque daí inibe as pessoas de fazerem alguma coisa, eu me sinto mais segura nesses espaços com essas pessoas do que perto onde eu moro ou onde eu moro em São Paulo. Lá onde eu moro agora, é muito familiar, eu me sinto insegura, dentro do nosso condomínio, tem umas pessoas evangélicas em frente ao meu apartamento, então lá eu me sinto menos confortável. Só que nesse período de pandemia, que está mais vazio, que tem pessoas mais velhas, eu tenho muito mais medo, diferente antes da pandemia.

Pesquisador: Então depois da pandemia você acha que o ambiente ficou mais hostil?

Entrevistada 2: Sim, depois da pandemia aqui ficou mais perigoso, apesar de estar mais iluminado, foi legal a questão da iluminação, mas acho que a iluminação é só um pontinho, para mim eu acho que fica mais seguro quando tem mais pessoas que se identificam com a gente, pela diversidade, e isso agora na pandemia não tem. Pessoal aqui de Pelotas não é muito assim.

Pesquisador: Pensando nisso, você se sente vigiada nesse espaço?

Entrevistada 2: Sim, isso é constante, fora de casa ou com amigos, eu sempre olho em volta, sinto o espaço e vejo se consigo usar ali ou do modo que eu vou me comportar. Quando eu estou com meu amigo e minha amiga que não performam uma heteronormatividade, eu me sinto com mais medo, a gente recebe muitos olhares, só por a gente estar conversando, as pessoas já olham estranho. Com minha namorada é a mesma coisa, eu sinto medo de demonstrar algum carinho, mas quando eu caminho com pessoas que performam uma heteronormatividade eu me sinto mais segura.

Pesquisador: E qual é a importância para você utilizar aqui desses espaços?

Entrevistada 2: É uma coisa que eu sempre digo, apesar de sentir medo é importante a gente ocupar esses espaços, porque quanto mais a gente é vista mais a gente combate essas questões, cada vez vai ficando normalizado, os olhares vão parando.

Pesquisador: E nesse movimento de ocupar os espaços, fazer essa mobilidade entre o seu grupo e os grupos aqui da cidade, você acha tranquilo essa relação?

Entrevistada 2: Olha, não. Quando você entrevistar a minha colega ela vai te dizer bem certinho, porque a namorada dela é da família tradicional aqui de Pelotas, mas é difícil.

Pesquisador: E você se sente parte aqui desse espaço?

Entrevistada 2: Eu sinto que eu faço parte pelas memórias que eu tenho aqui e vivi, isso é o que mais me apego. Eu lembro que tinha música ali, a gente se sentava e aproveitava ali na meia lua, eu corro entorno da praça, tomar um chimarrão ali no cantinho dos gays.

Pesquisador: E você já sofreu algum preconceito aqui nesses espaços?

Entrevistada 2: Olha, fisicamente não, mas verbalmente e os olhares sim. Olhares sempre. Quando eu estou com minha namorada é o mais crítico.

Pesquisador: E tem algum espaço que você não gosta de passar?

Entrevistada: Essas ruazinhas são bem complicadas, aqui na lateral da praça, ali perto do lago também. Ali em frente ao banheiro também não gosto.

Pesquisador: E esses outros espaços, eles te estimulam a estar utilizando?

Entrevistada 2: Antigamente sim, hoje por causa da pandemia sem as pessoas eu sinto muito desanimo em estar utilizando. Hoje como não tem mais quase ninguém na rua, eu prefiro não usar.

Pesquisador: E você utiliza esses espaços para encontros?

Entrevistada 2: Sim, eu gostava de encontrar meus amigos, durante a parte da manhã.

Pesquisador: E uma atividade que necessita de mais privacidade, você consegue realizar?

Entrevistada 2: Não, isso não, é muito difícil porque eu me sinto incomodada, acho que mais por medo, ali nos barzinhos do mercado público eu não gosto nem de passar quando tem muita gente, me sinto incomodada, principalmente quando não estou vestida como uma menina.

Pesquisador: E sobre os eventos culturais que tem aqui na região você costuma a frequentar?

Entrevistada 2: Sim, eu gosto muito dos eventos. A parada gay é bem importante para mim, porque tem muito mais gente como a gente.

Pesquisador: Você acha que esse evento ele é importante?

Entrevistada 2: Sim, porque é nesse momento que eu me sinto mais segura, me dá mais segurança, porque quando tem pessoas que a gente se identifica a gente perde o medo. Claro, não é que eu vou perder o medo, mas me sinto mais confiante em estar utilizando o espaço.

Pesquisador: Você acha que esses eventos deveriam ser realizados em outras datas a não ser no mês do orgulho?

Entrevistada 2: Seria muito importante, porque Pelotas, para mim a comunidade é muito mais ativa do que na minha cidade, que é em São Paulo. Então Pelotas é um núcleo de diversidade e seria importante a prefeitura incentivar mais desses eventos em outras épocas do ano.

Pesquisador: Essas obras aqui estamos passando aqui do lado, esse busto, elas te causam algum sentimento?

Entrevistada 2: Sim, para mim elas são uma imposição do poder masculino, fazendo que a gente se enxergue nesse espaço passivo de não pertencer a esse lugar. Então, é hostil para mim. Esses prédios aqui do entorno me traz um pouco de enclausuramento, não sei, sinto que é bonito, mas me dá um certo medo. A eu lembrei de uma coisa, eu tenho um amigo que performa heteronormatividade, e lembrei que quando passei com ele aqui no calçadão eu me senti mais segura. E quando saio com ele e o namorado aqui a noite, a gente troca de casal, ele vai com minha namorada e eu com o namorado dele, para gente não sofrer nenhum preconceito.

Pesquisador: Falando sobre essa cena noturna, você costuma ir em alguma boate ou clube ali do entorno?

Entrevistada 2: Sim, a The Way, antes da pandemia eu costuma a ir bastante. Era um lugar onde me sentia confortável.

Pesquisador: E você acha que esses clubes e boates proporciona uma maior diversidade para região do mercado?

Entrevistada 2: Sim, fica uma fila de pessoas LGBTQs para entrar na festa, que acabam indo no mercado comprando uma bebida, enfim trazendo diversidade de pessoas alternativas ali para região. Para mim, a universidade estar ali perto também ajuda nessa diversidade. Essa região para mim é muito importante, tenho muitas memórias, eu acho que se não fosse esses espaços e essas experiências, eu dificilmente estaria tranquila com quem eu sou, foi uma barreira muito grande que eu enfrentei e esses espaços foram muito importantes

Pesquisador: E quando você vem fazer um trajeto por aqui, quais são os fatores que você utiliza para se sentir segura?

Entrevistada 2: Olha, a quantidade de pessoas, esses becos eu não passo nem sozinha nem acompanhada, iluminação e diversidade de pessoas, porque só pessoas héteros também não me sinto segura.

Pesquisador: E os banheiros públicos, você costuma a utilizar?

Entrevistada 2: Olha, não, me sinto insegura, ali no do mercado, esse aqui da praça eu nem ousa em utilizar.

Pesquisador: E o que esse espaço para você teria que ter para ser mais acolhedor?

Entrevistada 2: Tem a opção de suprimir os Pelotenses? Hahahaha. A gente tá tão acostumado a consumir o que tá colocado para gente que acabamos não pensando nisso, mas para mim é mais as questões das pessoas, não tanto o espaço.

Pesquisador: Pensando nisso, que a gente consome só o que está imposto para gente, você acha que aqui nesse espaço deveria ter algum objeto arquitetônico ou obras que colocasse a nossa memória nesses locais?

Entrevistada 2: Sim, eu acho superimportante, como eu sou da área do direito, eu já estava pensando em políticas públicas e tudo mais, mas eu acho que seria incrível um espaço que pudesse lembrar a nossa memória da comunidade, até aquela ideia quanto é mais visto mais e normalizado, isso que a gente precisa, a gente não quer ser olhando torto, a gente quer viver o espaço de forma justa,

eu não quero que me olhem e me perguntem da minha identidade. Nesse período da pandemia a gente ficou ainda mais sem memória, a gente se fechou dentro de casa, eu senti muita falta de estar nesses espaços, de ir para o cantinho dos gays, encontrar meus amigos, as pessoas sumiram daqui, ficou mais hostil, ficou mais triste.

Pesquisador: Bom eu acho que vencemos todos os questionamentos que tinha para fazer, quero te agradecer imensamente por ter participado e qualquer dúvida é só me mandar uma mensagem.

Entrevistada 2: Eu que agradeço, foi uma oportunidade de sair um pouco de casa e da rotina.

C.3: Transcrição 03 Mulher Lésbica – 28 anos

Pesquisador: Bom, quero te agradecer por participar dos meus métodos de última hora e te tranquilizar porque é bem tranquilo, enquanto a gente caminha

nós vamos trocando uma ideia sobre esse espaço aqui. Primeiro eu vou iniciar com algumas mais gerais para eu ir te conhecendo melhor.

Entrevistada 3: Imagina, para mim vai ser um prazer

Pesquisador: Qual é seu nome e sua idade?

Entrevistada 3: Meu nome é MIE28, mas eu gosto de ser chamada de Lane, eu tenho 28 anos

Pesquisador: Qual é o gênero que você se identifica e sua identidade sexual?

Entrevistada 3: Eu sou do gênero feminino e me identifico como uma mulher lésbica.

Pesquisador: Qual é sua profissão?

Entrevistada 3: Eu sou estudante de direito

Pesquisador: A quanto tempo você reside aqui em Pelotas?

Entrevistada 3: Vai fazer 6 anos que eu moro aqui, em março.

Pesquisador: E como foi seu processo de descobrimento enquanto uma mulher lésbica?

Entrevistada 3: Foi um lance bem difícil, porque eu sofri muito preconceito vindos da minha mãe, do meu irmão, dizendo que preferia uma filha morta, do que uma filha homossexual, então foi muito difícil. Toda vez que eu pensava em contar que eu tinha um relacionamento com uma mulher, sempre lembrava dessas pequenas agressões que eu sofria dentro de casa e indiretamente me prendiam, me impediam descobrir quem eu era. A minha família era extremamente católica, então isso acabava me oprimindo ainda mais.

Pesquisador: E esse seu processo foi iniciado onde?

Entrevistada 3: Ele começou na minha cidade natal, Aurora do Para. E aí eu comecei a me descobrir ali na adolescência, depois me mudei para a capital e

comecei a fazer cursinho, foi o momento em que eu ampliei a minha descoberta, porém foi um processo escondido da minha família.

Pesquisador: E esse processo influenciou a forma que você se utilizava do espaço público?

Entrevistada 3: Com certeza, eu procurava espaços onde eu me sentia acolhida, principalmente quando eu cheguei aqui em Pelotas, a praça foi um local muito acolhedor para mim. Eu me sentia à vontade ali. Onde eu podia ficar ali tranquila com minhas amigas, tomando um sol, tenho memórias de vir com minha namorada e aproveitar ali.

Pesquisador: E com qual frequência você utiliza esses espaços?

Entrevistada 3: Com bastante frequência, como eu moro aqui perto eu sempre estou por aqui, para pegar um ar sabe? Tem um laguinho ali, onde eu gosto de sentar ali e colocar os pés no chão e ficar pensando na vida. A praça para mim é um espaço vital.

Pesquisador: Quais os dias você mais costuma vir para esse espaço e o horário?

Entrevistada 3: Eu costumo vir mais durante os finais de semana, porque durante a semana é mais complicado. Eu venho mais para me aliviar a mente do dia. Geralmente eu venho mais de tardezinha, quase escurecendo.

Pesquisador: E você costuma a evitar algum horário por ser uma mulher lésbica?

Entrevistada: Olha, eu acho que isso é quase na cidade toda, durante a noite. Porque eu já escutei muitos relatos de assédios que me assustaram, então evito vir a noite.

Pesquisador: E sobre esse medo, faz com que você evite de frequentar esses espaços?

Entrevistada 3: Sim, algumas vezes eu deixo de vir em alguns horários, quando está muito vazio e também quando está movimentado por pessoas que não são do nosso grupo, sabe?

Pesquisador: Falando sobre essa questão das pessoas, você se comporta de maneira diferente para não ser julgada nesses locais?

Entrevistada 3: Olha, como eu sou uma mulher que representa uma certa feminilidade, acaba que eu não me comporto diferente, mas até eu brinco com um amigo meu que é gay de performar um casal hétero para não sofrer homofobia. Então isso de eu ser uma mulher que apresenta essa feminilidade acaba diminuindo essa chance de sofrer homofobia, mas não do assédio.

Pesquisador: Falando sobre essa performance heteronormativa, você se veste diferente para vir nesses espaços?

Entrevistada 3: Acaba que sim, ontem eu estava olhando umas fotos antigas, e eu vi como eu era antes de chegar em Pelotas, eu performava muito mais na minha cidade. Eu alisava meu cabelo, me vestia mais garotinha, mas aqui em Pelotas eu passei a experimentar outras formas de me vestir e eu olhando para as fotos antigas eu me sentia mais presa.

Pesquisador: Passando aqui na praça, tem algum lugar que é seu favorito?

Entrevistada 3: Ali na esquina em frente do laguinho e a funerária. Ali eu consigo ter mais privacidade, as pessoas não me viam, por causa da água também. Ali é um espaço que eu consigo me conectar com o local. Eu sinto que é meu refúgio.

Pesquisador: E falando sobre ter privacidade, você se sente vigiada?

Entrevistada 3: Sim, principalmente ali no centro da praça, eu me sinto vigiada. Antigamente me incomodava bastante, mas agora já menos. Ali em 2018, eu senti muito medo, na época das eleições, eu sentia o espaço hostil, sentia que a qualquer momento eu poderia ser agredida nas ruas. Então foi um momento que eu tive medo de andar com minha namorada, de vir para esse espaço.

Pesquisador: Quando você frequenta esses espaços, você costuma vir sozinha ou acompanhada? Você se sente mais segura de qual maneira?

Entrevistada 3: Geralmente sozinha, mas é engraçado, eu me sinto tranquila. Eu agora estou dividindo a minha comida que eu pego no RU com a população de rua, e eu acabo sofrendo violências até com eles, mas eu compreendo a situação. Porém eu sinto medo sim, medo de ser violentada, abusada e por aí vai.

Pesquisador: E aqui nesse espaço, você tem alguma memória afetiva?

Entrevistada 3: Sim, tem alguns eventos culturais que acontecem aqui que me veem a mente, o Slam, a feira do livro. Eu me sentia parte daqui no meio de tanta gente, teve música, teve bazar, o Slam das Minas.

Pesquisador: E falando sobre se sentir pertencente, você sente que faz parte ali do mercado, aqui da praça e do calçadão?

Entrevistada 3: Às vezes, ali no mercado a gente consegue se apropriar bastante, a gente senta, toma uma cerveja, conversa com os amigos, mas mesmo assim ainda tem os olhares, sabe? Aquelas mesinhas ali, quando eu passo e tem muita gente, eu me sinto desconfortável em passar.

Pesquisador: E quando você está com sua namorada, você consegue demonstrar afeto, ou fazer alguma atividade que precisa de mais privacidade?

Entrevistada 3: Se eu olho ao redor e as pessoas não me julgam, até consigo, então depende muito do dia, da hora e do espaço em que eu estou. Por exemplo, agora nesse momento eu não conseguiria, o espaço agora durante da pandemia se tornou mais hostil. Ali em frente daquele antigo banco, sempre ficava bastante gente. Eu até brinco com minhas amigas que ali é o cantinho das gays, tinha mais diversidade de pessoas. Ali eu ficaria, mas agora por causa da pandemia não tem ninguém, então eu não vou demonstrar alguma forma de carinho.

Pesquisador: E falando sobre espaço, você utiliza esse lugar como referência?

Entrevistada 3: Sim, geralmente eu marco com os meus amigos por aqui, para fazer algum encontro casual, um piquenique uma leitura. Já fiz um encerramento de disciplina aqui, foi muito legal.

Pesquisador: Falando sobre esses eventos, você gosta dos eventos culturais voltados para a comunidade LGBTQIA+?

Entrevistada 3: Eu gosto, eu acho muito importante. A gente faz trocas nesses momentos, porque daí a gente consegue ser visto e faz com que os preconceitos vão diminuindo também. A diversidade é muito importante.

Pesquisador: E a parada LGBTQIA+, você gosta?

Entrevistada 3: Sim, é um momento muito bom, porque a gente chega nele e já se sente abraçada. Ela aconteceu ali na esquina né? A prefeitura deveria incentivar mais eventos assim para a comunidade, porque daí a gente consegue levar conhecimento para a comunidade.

Pesquisador: A gente está passando aqui do lado dessa estatua do general, o que essa obra ela te causa?

Entrevistada 3: Eu vejo isso, elas não me trazem representatividade, elas me lembram muito a opressão, meio que me incomoda sabe?

Pesquisador: E os prédios aqui do entorno, o que você sente?

Entrevistada 3: Eu as acho imponentes, lembro muito da história, acho bonito, mas é muito elitista.

Pesquisador: Você se sente atraída em utilizar aqui o calçadão?

Entrevistada 3: Eu acho que não, é mais um lugar de passagem mesmo. Está vendo ali, vários homens sentados olhando as pessoas, aquilo ali me incomoda, principalmente por ser uma mulher lésbica. Eu não me sinto à vontade de sentar aqui, sabe? Durante a noite fica pior ainda, não passo por medo.

Pesquisador: E falando sobre esse uso a noite, você frequenta algum clube ou boate ali no entorno do mercado?

Entrevistada 3: Sim, já fui ali nas divas quando funcionada e a The Way.

Pesquisador: E você acha que esses espaços eles trazem mais diversidade para a área?

Entrevistada 3: Com certeza. Ali, quando você passa tem gente de todo tipo, eu me sinto abraçada por aquela estrutura, tem pessoas com quem eu me reconheça.

Pesquisador: Falando sobre essas estruturas publicas aqui desses locais, os banheiros públicos você costuma utilizar?

Entrevistada 3: Uso o do mercado, mas o da praça nem pensar, deus me defenda.

Pesquisador: Aqui nesses espaços você tem alguma memória afetiva?

Entrevistada 3: Está vendo aquele chafariz ali, quando a gente vai fazer manifestação, a gente para aqui. Daí eu falo com minhas amigas, me encontra ali. Mesmo sendo um espaço que não curto muito, eu gosto de vim protestar aqui. São vários flashbacks que vem na minha memória.

Pesquisador: Quando você realiza esses trajetos, quais são os fatores que te influenciam?

Entrevistada 3: Eu acho que eu procuro espaços mais amplos para passar, que daí eu consigo olhar, sabe?

Pesquisador: E o que você acha que esses espaços deveriam tem para ser mais acolhedor?

Entrevistada 3: Talvez mais eventos culturais, que coloca a nossa memória nesse espaço, falar que a gente existe. Porque é uma coisa que eu acredito bastante, a nossa memória tem que existir.

Pesquisador: Falando sobre esse assunto, você acha que deveria ter um espaço construído que fomentasse essa memória nesse espaço?

Entrevistada 3: Eu acho que sim, muito pela história de Pelotas, se apropriar disso e trazer essas memórias para o espaço. Ali mesmo no prédio abandonado em frente à praça. Para a gente não se sentir excluídos ou sozinhos, sabe?

Pesquisador: E como foi sua relação com o espaço durante a pandemia?

Entrevistada 3: Nossa, eu senti muito falta de frequentar esses espaços, porque é um espaço onde eu me alivio de ficar trancada dentro de casa. Até fiz no primeiro ano o isolamento, mas depois não consegui mais. Eu sinto que o espaço ficou mais hostil, não consigo ainda fazer as mesmas coisas que fazia antes, eu fico com bastante medo ainda, sabe?

Pesquisador: Bom, eu acho que a gente venceu todas as questões que eu tinha para abordar, quero te agradecer imensamente por ter aceito participar e qualquer dúvida é só me chamar.

Entrevistada 3: Eu que agradeço, foi muito massa

C.4: Transcrição 04 Homem Gay – 28 anos

Pesquisador: Primeiro quero agradecer por tirar um tempinho para estar participando da minha pesquisa, e te dizer que é bem tranquila, qualquer dúvida é só me pedir que a gente para a entrevista.

Entrevistado 4: Eu que agradeço por ter me chamado, meio corrido o meu dia, mas vamos lá.

Pesquisador: Eu vou iniciar com algumas perguntas mais gerais. Qual é seu nome e sua idade?

Entrevistado 4: Meu nome é HG28 e eu tenho 28 anos.

Pesquisador: Qual é o gênero que você se identifica e sua sexualidade?

Entrevistado 4: Sou um homem gay, assumido com a graça de deus.

Pesquisador: Qual é sua profissão e seu grau de formação?

Entrevistado 4: Eu sou pintor e estou cursando arqueologia, aqui na federal.

Pesquisador: E a quanto tempo que você reside aqui em Pelotas?

Entrevistado 4: A 28 anos.

Pesquisador: Como foi seu processo de descobrimento e aceitação enquanto um homem gay?

Entrevistado 4: E como eu falo para todo mundo quando a gente conversa sobre essa questão de se aceitar, eu tive mais dificuldade de me aceitar do que eu receber aceitação do outro, para mim foi mais difícil aceitar que eu era diferente do pessoal com quem eu andava, porque eu dançava no CTG, todo mundo hétero, entre aspas, e eu andava só com héteros, então para mim era complicado, eu sabia que eu era diferente, mas eu não queria me aceitar, eu só fui me aceitar a minha sexualidade aos 24 anos. Então para mim, a auto aceitação foi mais difícil do que a aceitação dos outros. A religião me ajudou bastante, no caso a umbanda, a sexualidade não é um tabu, porque ela me ajudou a saber quem eu era, foi um fator que me ajudou. Lá dentro, se eu quisesse

me chamar de Maria, eles vão me respeitar, então era um espaço que eu me senti acolhido.

Pesquisador: E esse processo de descobrimento e aceitação, te influenciou na maneira que você se utiliza do espaço público?

Entrevistado 4: Olha, acho que com mais clareza, porque enquanto estava ali me assumindo ser gay, eu ficava meio desconfortável nos lugares, porque querendo ou não, tu tens que te adaptar aquele espaço né? Porque eu sei que esses espaços aqui, eles não são tão abertos para a comunidade LGBTQIA+, porque caso eu venha com algum parceiro ou encontrar alguém aqui, eu sei que vou receber olhares, sabe? Eu vou receber críticas e até violências, mas também para alguma parte eu vou receber acolhimento, porque para mim aqui é uma via de mão dupla.

Pesquisador: E aqui nesses espaços, você costuma a utilizar com qual frequência?

Entrevistado 4: Aqui no mercado eu utilizo bastante, a praça ali, não muito, mas no início da faculdade eu frequentava bastante. No mercado eu venho mais.

Pesquisador: E quais os dias você costuma a utilizar desses espaços?

Entrevistado 4: Mais no final de semana, por causa que eu gosto de vir com amigos, para tomar uma cerveja, escutar uma música.

Pesquisador: E tem algum horário ou dia que você costuma a evitar de frequentar aqui?

Entrevistado 4: Olha, eu já evitei no início, enquanto estava me descobrindo, mas agora eu aprendi a me defender, não na questão física, mas de saber de se comportar, porque a gente sabe que em determinado local a gente tem que criar uma determinada postura, assim, para ti não ser agredido, então tu tens que ter uma postura de acordo com o local e com as pessoas que estão ao seu redor, porque as vezes até em locais fechados a gente sofre, quem dirá no espaço público.

Pesquisador: Pensando nisso, você se comporta e se veste diferente por ter medo de sofrer alguma violência?

Entrevistado 4: Às vezes, mas nem tanto. Porque assim, se eu tiver que me montar para vir aqui, eu vou vir, porque eu acho assim, que as pessoas ainda estão aceitando as questões, mas para mim, eu sei que Pelotas é uma cidade mega preconceituosa, homofóbica, mas aos poucos está indo. Falando por mim Luiz.

Pesquisador: E sobre essas violências, seja ela física ou verbal, faz com que você deixe de usar esses espaços?

Entrevistado 4: Olha, não. Porque aí, eu já sou meio que afrontoso, eu gosto de afrontar, porque se eu vejo que é um espaço que não me querem, daí eu vou, mas eu já fui agredido ali na parada de ônibus, fui agredido fisicamente, as piadas a gente vão ouvir em qualquer lugar, normal, é inevitável, os olhares. Eu as vezes eu levo de boas, mas se eu vejo que está passando dos limites, eu já encaro. Aquelas piadinhas, eu relevo, vida que segue.

Pesquisador: E falando sobre esses olhares, você se sente vigiado?

Entrevistado 4: Olha, eu acho que em qualquer espaço a gente vai ser vigiado, tipo, o que que eles querem ali, ainda mais que aqui na praça, que é um local superimportante para a comunidade LGBT, ainda mais para as travestis, não sei se tu sabes que o chafariz é um local de batismo das travestis, e das trans. Porque, é aqui que elas são batizadas, tinham um nome, vinham aqui, todo aquele batismo simbólico, tipo sendo apresentada para a sociedade, perante a comunidade das trans e travestis. Aqui é um lugar que é uma faca de dois cumes, é um espaço de muita representatividade, mas também é um espaço de represália. Até que hoje em dia a gente anda mais tranquilo, mas antigamente a gente não podia estar aqui. Aos poucos a gente está adquirindo esse espaço, a gente vê gente de toda a comunidade, porque é um direito nosso de ocupar esse espaço.

Pesquisador: E falando sobre ocupar esses espaços, quando você vem utilizar aqui, você costuma vir acompanhado ou sozinho?

Entrevistado 4: Eu costumo vir acompanhado, mas se tiver que vir sozinho eu venho. Eu me sinto mais protegido com os amigos, porque a gente sabe se acontecer alguma coisa, essa pessoa vai poder tirar para ti, é mais uma questão de segurança mesmo.

Pesquisador: E quando você vem aqui, você acha agradável frequentar e conviver com outras pessoas nesses espaços?

Entrevistado 4: Eu penso assim comigo, se todo mundo convive em harmonia, é tranquilo, agora se for para me incomodar eu acho difícil vir e frequentar, mas é aquilo a gente tem que aprender a se comportar de acordo com o espaço.

Pesquisador: E você se sente representado nesses espaços?

Entrevistado 4: A, claro que não, esse espaço para mim ele é elitizado, para mim essa arquitetura do entorno ela é elitista, e que nunca irão me representar, aqui foi um lugar de sofrimento para os negros, e para mim como homem gay negro, nunca vai me representar. Para mim isso daqui é o próprio retrato de Pelotas, elitista, homofóbica, para ti entrar num prédio desse, só entra no dia do patrimônio, sempre enaltecendo os donos e não quem construiu. A gente precisa de falar sobre isso, porque para mim Pelotas ainda é encantada por essa ideia dos casarões, charqueadores, do luxo, a gente tem que sair desse vislumbre e voltar para nossa realidade. Essas estatuas que tem aqui, para mim é só um pedaço de ferro, que não me representa nada, representa uma pessoa hétero que apoia os valores da família tradicional. Sei lá, são várias questões.

Pesquisador: E o que te faz se sentir seguro nesse espaço?

Entrevistado 4: A minha auto aceitação, de quem eu sou, porque antigamente antes de me assumir, era muito raro de eu vir aqui, vinha com amigos, mas sempre naquele controle, eu não posso me arreganhar ou demonstrar que você é diferente, mas daí depois dessa aceitação eu me sinto confiante em usar esses espaços. Apesar de ter esses problemas de olhares e preconceito. Então antes de me aceitar eu tinha medo de passar na praça, então tipo eu ficava em lugares que eu ia me sentir estranho.

Pesquisador: E a iluminação você acha ela adequada?

Entrevistado 4: Aa, deu uma melhorada, já foi mais perigoso, ali naquelas ruazinhas ainda são ruins, não passo ali de jeito nenhum.

Pesquisador: E falando sobre usar esses espaços, você utiliza eles para encontros?

Entrevistado 4: Não mais, mas já utilizei. Para encontros com amigos eu uso mais o mercado.

Pesquisador: E você consegue desenvolver alguma atividade que necessite de mais privacidade?

Entrevistado 4: Olha se eu tiver que usar, eu vou usar, se eu tiver que beijar e abraçar eu vou usar, mesmo com medo, mas é assim, fico apreensivo, e eu acho que a gente tem que ocupar esse espaço aqui, não só entre quatro paredes, eu quero usar esses espaços para sentar e beijar alguém que eu quero.

Pesquisador: Falando sobre usar esses espaços, você gosta dos eventos culturais que acontecem por aqui?

Entrevistado 4: Olha, eu gosto mais desses que acontecem ali no mercado, que toca uma musiquinha ao vivo, sei lá, eu me sinto mais próximos das pessoas, eu sinto que a cultura nos aproxima mais, e tipo esses eventos aproxima muito. Eu sinto que espaços privados, tipo numa festa as pessoas te aceitam mais do que aqui na rua, eu não sei, deveria ser ao contrário. Porque aqui em Pelotas, a gente só tem um lugar que é para a nossa comunidade que é a The Way, o resto a maioria é festa de hétero. E eu vou, de qualquer jeito. Olha, viu a pessoa ali mexeu com a gente... Tu tens que entrar nesses jogo e ir embora.

Pesquisador: E sobre usar a infraestrutura aqui do entorno, você usa o banheiro público?

Entrevistado 4: Olha, banheiro para mim é uma coisa complicada, porque eu não uso, porque tem todo aquele preconceito por ser gay, eu evito de usar. Tenho receio, as pessoas pensam que eu vou entrar no banheiro para caçar, ou se entra com outra pessoa vão fazer alguma coisa, daí alguém te segue e fica

aquela coisa constrangedora, as pessoas ficam te olhando. Mas eu evito, o da praça eu não passo nem perto.

Pesquisador: Te entendo, sinto a mesma coisa. E sobre a parada gay, você acha que ela contribuiu para a diversidade?

Entrevistado 4: Eu acho que sim, ela contribuiu bastante para os nossos artistas, ela incentiva diversos grupos vivenciarem aquele espaço. É mega essencial, ainda mais quando veio aqui para o mercado público, porque antes era na Bento, mais quando veio para o centro, eu fiquei muito feliz, aqui as pessoas conseguem ver a gente, vem o pessoal da periferia para usar esse espaço, eu sou da periferia, eu gostei muito. Esse espaço ali no mercado é muito importante para mim, a esquina do axé, então esse espaço é muito afetivo para mim. O mercado em si é muito importante para mim.

Pesquisador: E os clubes aqui do entorno, a The Way, ela traz diversidade aqui para o espaço.

Entrevistado 4: Eu acho que sim, das últimas vezes que eu fui antes da pandemia, tinha gente de todo tipo, até héteros. Hahahaha. Eu me sinto confortável ali.

Pesquisador: E as suas memórias desse espaço, você consegue me dizer um pouco sobre elas?

Entrevistado 4: Olha, eu tenho memórias boas e ruins daqui, porque eu vivi toda a minha adolescência aqui no centro, querendo ou não eu usava muito esse espaço para encontros com outros homens, mesmo na época que estava me assumindo. Eu tenho memórias bem agradáveis ali no mercado, encontros boas ali na praça por causa da universidade.

Pesquisador: Então você utiliza esses espaços como ponto de referência?

Entrevistado 4: Com certeza, principalmente o mercado. O mercado é um ponto de partida para mim, querendo ou não é um lugar de muitas memórias para mim.

Pesquisador: Falando nessas memórias, o que você acha que esse espaço necessita para ser mais acolhedor?

Entrevistado 4: Cara, eu acho que precisa de as pessoas virem e usar esse espaço, as pessoas entrarem nesse espaço, de não sentir medo em usar, não só na parada gay, usar sempre que quiser.

Pesquisador: E você acha que para as pessoas da comunidade usarem esse espaço, deveria ter algum lugar que lembrasse a memória da comunidade, um espaço de cultura e acolhimento?

Entrevistado 4: Eu acho com certeza, isso é muito importante, a gente precisa de um espaço que todo mundo consegue usar, para ocupar esse espaço, porque tem muita gente que não sabe para onde ir se sofrer alguma violência. Tipo, quando eu fui agredido com meus amigos, eu não sabia para onde ir.

Pesquisador: Vocês foram agredidos onde?

Entrevistado 4: Aqui em frente a parada do ônibus, a gente apanhou por ser LGBT, a gente parou para pensar, porque eu incomodo tanto, mas não deixei de vir ocupar esse espaço, porque daí eu me senti desafiado, para ocupar esse lugar.

Pesquisador: Falando de ocupar esses espaços, como você se sentiu durante a pandemia?

Entrevistado 4: Olha, durante a pandemia eu tive que ir trabalhar todos os dias, porque meu trabalho não parou, eu vinha um pouco, eu senti muita falta de vir e sentir os espaços, sentar e tomar uma cervejinha, tudo fechado, senti falta de conviver com meus amigos. De ver o movimento, enfim, foi ruim para todo mundo.

Pesquisador: Então eu acho que era isso, quero te agradecer por ter tirado um tempinho para vir caminhar comigo, e no mais estamos aí, só chamar.

Entrevistado 4: Eu que agradeço, foi muito bom, eu acho que é a primeira vez agora na pandemia que ando aqui pela praça e pelo calçadão, foi ótimo.

C.5: Transcrição 05 Não Binário Fluido – 27 anos

Pesquisador: Quero te agradecer por ter aceito participar da minha pesquisa e te dizer que é bem tranquila o nosso método. O que mais vai pegar é o calor que está fazendo.

Entrevistadx 5: Eu que agradeço. O calor está muito forte.

Pesquisador: Vou iniciar com algumas perguntas mais gerais. Qual é seu nome, e sua idade?

Entrevistadx 5: Meu nome é NB28 e eu tenho 27 anos.

Pesquisador: Qual é o gênero que você se identifica e sua identidade sexual?

Entrevistadx 5: Sou uma pessoa não binaria e homossexual.

Pesquisador: Qual sua profissão?

Entrevistadx 5: Sou bancário e artista

Pesquisador: A quanto tempo você mora aqui em Pelotas?

Entrevistadx 5: Desde quando nasci, 27 anos.

Pesquisador: E como foi seu processo de descobrimento enquanto uma pessoa não binaria, homossexual?

Entrevistadx 5: Então no começo eu não sabia assim, foi natural, porque eu tive o primeiro processo que foi a aceitação como uma pessoa homossexual, depois fui me descobrindo uma pessoa não binária. A minha homossexualidade para mim foi mais difícil de entender. A minha família aceitou muito tranquilo

Pesquisador: E esse seu processo de descobrimento, influenciou na maneira que você utilizava os espaços públicos aqui da cidade de Pelotas?

Entrevistadx 5: Sim, com certeza. Em alguns momentos eu tinha fobia de sair na rua, principalmente quando comecei a me descobrir como uma pessoa não binaria. No início, eu tinha vergonha de vir aqui no mercado, ali na praça, por medo de ser julgado, receber os olhares sabe? Então eu evitava de vir.

Pesquisador: E hoje em dia qual é sua relação com o espaço?

Entrevistadx 5: Hoje em dia é bem mais tranquilo, enquanto eu me aceitei como eu sou, venho tranquilamente.

Pesquisador: E qual é a frequência que você costuma vir aqui?

Entrevistadx 5: Hoje em dia, por causa da pandemia eu venho muito pouco, antigamente eu vinha mais. Eu vinha para encontrar os meus amigos aqui na praça, a gente marcava de se encontrar aqui no mercado para ir nas baladinhas aqui do lado, na The Way.

Pesquisador: E tem algum horário que você evita de estar vindo aqui?

Entrevistadx 5: Quando está muito cheio, eu não gosto de vir.

Pesquisador: E aqui nesse espaço, você costuma a se comportar de maneira diferente por ser uma pessoa não binária?

Entrevistadx 5: Hoje não, mas quando era mais novo eu evitava de aparentar ser gay, sabe? A minha aceitação ajudou a vir frequentar esses espaços, mas ainda tenho alguns medos de sofrer algum preconceito de pessoas que podem te fazer mal.

Pesquisador: E você se sente mais seguro sozinho ou acompanhado?

Entrevistadx 5: Acompanhado dos meus amigos, porque daí vou estar compartilhando as minhas angustias com eles.

Pesquisador: E como você se sente frequentando esses espaços, você se identifica nesse local?

Entrevistadx 5: Às vezes, mas assim eu acho aqui em Pelotas um local muito diferente, tem muita natureza.

Pesquisador: E o que te faz se sentir confortável nesse espaço aqui?

Entrevistadx 5: A natureza, o chafariz e uma coisa que eu gosto bastante também, eu quando venho gosto de sentar ali. O contato com a natureza é bem importante para mim.

Pesquisador: E tem algum espaço aqui que você não gosta de passar?

Entrevistadx 5: Eu não gosto de passar naquelas ruazinhas ali do lado sabe? Ali no banheiro também sinto medo de passar em frente. Os banheiros geralmente é um local que eu me sinto mais vulnerável, porque como não sou uma pessoa binária, eu fico em dúvida de qual usar, daí eu uso de acordo com as pessoas que tão ao redor.

Pesquisador: E você já sofreu algum preconceito por ser uma pessoa não binária nesses espaços?

Entrevistadx 5: Sim, com certeza, olhares, piadas, risadas e por aí vai. Olhares com certeza, quando passo ali no mercado naquelas mesinhas ali fora, quando está muito cheio sempre escuto piadinhas, risadinhas e até xingamentos sabe? Muito por esse meu contexto de não performar nem o masculino e nem o feminino, o estranhamento ele acontece. Eu tenho ainda uma insegurança também, mas eu não gosto de passar. Eu queria muito ter a resposta se é por eu ser uma pessoa não binária homossexual, queria saber se eu fosse normal e passa-se por ali eu ia me sentir normal, sabe? Então é uma coisa que eu sempre lembro quando passo por ali.

Pesquisador: E você utiliza esses espaços para encontro?

Entrevistadx 5: Olha, com amigos, mas se for para um encontro com outra pessoa eu já não me sinto confortável.

Pesquisador: E você consegue desenvolver alguma atividade que necessite de mais privacidade aqui nesses espaços?

Entrevistadx 5: Olha, muitas vezes não. Com meus amigos até que sim, mas sozinho não.

Pesquisador: E os eventos culturais que tem aqui na região, você costuma a frequentar?

Entrevistadx 5: Costumo, eu gosto bastante, inclusive na própria parada eu apresento, dancei e cantei. É um ambiente que eu me sinto livre, mas, quando era mais novo eu tinha vergonha. Eu sinto que é um espaço que todas as pessoas convivem, tem uma grande importância, para a memória da nossa comunidade. É um evento que é um avanço para nossa comunidade sabe?

Pesquisador: Depois de ter apresentado na parada, esse espaço se modificou?

Entrevistadx 5: Sim, eu ressignifiquei aquele local ali, aquelas mesinhas me incomodam ainda, mas é um espaço que eu tenho bastante memórias boas.

Pesquisador: A gente está passando aqui do lado dessa estatua, o que ela te causa enquanto uma pessoa não binária?

Entrevistadx 5: Não gosto, porque isso representa o que a sociedade quer representar na sua memória, a imagem de um homem hétero, não curto muito.

Pesquisador: Aqui no calçadão você tem alguma memória?

Entrevistadx 5: Eu gosto desse chafariz aqui, geralmente quando tem um ato político eles acontecem aqui.

Pesquisador: Ali no entorno do mercado, você costuma frequentar alguma boate ou clube?

Entrevistadx 5: Sim, eu gosto bastante de ir na The Way, no antigo Divas. Eu acho que trazem bastante diversidade para o local. Depois da balada de manhã cedinho a gente gostava de ficar ali em frente ao mercado.

Pesquisador: E o que você acha que esse espaço deveria ter para ser mais acolhedor para a comunidade?

Entrevistadx 5: Olha eu acho que coisas que apresente a nossa memória, entende? Igual àquela placa para a travesti que tem aqui na cidade. Porque para mim parece que só quando acontece uma tragédia que a gente é lembrada,

então deveria ter obras e espaços para a nossa comunidade. Agora na semana da diversidade, pintaram uma faixa com a bandeira da comunidade, aquilo foi legal sabe, então porque não, não trazer aqui para o centro, onde tem bastante pessoas, onde as boates para a comunidade estão aqui.

Pesquisador: Eu até ia te perguntar se esse espaço ele deveria ter alguma coisa que ajudasse nessa construção da memória e você já até me respondeu.

Entrevistadx 5: Sim, um espaço que lembre mesmo a gente.

Pesquisador: E agora durante a pandemia, como você sente que estes esses espaços estão?

Entrevistadx 5: Olha, para mim foi normal, porque no meu trabalho a gente não parou. Eu senti que o espaço ficou mais hostil, menos pessoas nas ruas, menos estudantes, então ficou mais perigoso. Eu fiquei com mais saudades de encontrar os meus amigos ali na praça do que qualquer outra coisa, mas a gente entende o motivo. No geral foi bem ruim para mim a questão da pandemia, como eu sou artista eu gosto de me apresentar, seja para dançar e cantar e isso me foi tirado, entende?

Pesquisador: Olha, eu acho que a gente venceu todos os temas, quero te agradecer por ter participado do método nesse calorão que está fazendo e qualquer dúvida é só me chamar.

Entrevistadx 5: Eu que agradeço.

C.6: Transcrição 06 Mulher Bissexual Não Assumida – 25 anos

Pesquisador: Quero te agradecer por ter aceito o convite de última hora, mas prometo que vai ser bem tranquila a nossa caminhada, qualquer dúvida você pode interromper e me perguntar.

Entrevistada 6: Eu que agradeço a oportunidade, mas olha só cuidado com esses dados em.

Pesquisador: Pode deixar

Pesquisador: Bom, vou começar com algumas perguntas mais gerais para a gente ir se conhecendo. Qual é o seu nome e sua idade.

Entrevistada 6: Meu nome é MBNA25, tenho 25 anos.

Pesquisador: Qual é o gênero que você se identifica e sua identidade sexual?

Entrevistada 6: Eu sou mulher e sou bissexual não assumida.

Pesquisador: Qual é sua profissão?

Entrevistada 6: Eu sou estudante de direito.

Pesquisador: E tem quanto tempo que você reside aqui em Pelotas?

Entrevistada 6: Eu vim para cá em 2016, então tem 6 anos.

Pesquisador: Como foi seu processo de descobrimento enquanto mulher bissexual?

Entrevistada 6: Acho que eu sempre tive interesse, mas desde pequena eu lembro de gostar dos dois sexos, não sei se quando era criança e não posso confirmar com minha mãe, porque eu acho que foi um sonho, eu ter beijado uma menina, daí depois eu fui transferida de horário da manhã para tarde. Então eu acho que isso vem desde de criança, mas eu fui me descobrir mesmo aqui em Pelotas.

Pesquisador: E como esse seu processo de descobrimento interfere na maneira que você se utiliza dos espaços públicos?

Entrevistada 6: Sim sim, porque eu não flerto com mulheres nos espaços públicos, se eu flerto eu acabo não conseguindo avançar por vergonha e medo.

Pesquisador: E com qual a frequência que você costuma a vir aqui nesses espaços?

Entrevistada 6: Quando tinha a Sexta Black, eu vinha direto. Toda sexta eu vinha aqui para região. Começava as 18 e acabava as 21. Eu gostava muito de vir, mas daí acabaram com ela. Agora eu costumo só vir na praça com minhas amigas.

Pesquisador: E tem algum horário ou dia que você costuma a não frequentar por ser uma mulher bissexual?

Entrevistada 6: Olha, não. Como não sou assumida e ainda passo uma certa feminilidade, faz com que eu não me sinta estranha aqui.

Pesquisador: Falando sobre se sentir estranha, você se sente vigiada nesses espaços?

Entrevistada 6: Olha, na Sexta Black eu me sentia acolhida, me sentia bem até para paquerar outras meninas, mas se eu venho aqui fora desses eventos culturais que tem aqui na região, eu evito explorar esse espaço de outras maneiras a não ser de passagem e tudo mais. Eu sinto que as pessoas vão estranhar, por ser um ambiente muito movimentado.

Pesquisador: Então você acha que esses eventos são importantes para você se sentir livre?

Entrevistada 6: Olha, sim com certeza. Na Sexta Black era isso, eu me sentir livre para ser quem eu era, e olha que nem era um evento para a comunidade LGBTQIA+.

Pesquisador: E o medo de sofrer alguma violência física ou verbal, faz com que você não se utilize desses espaços?

Entrevistada 6: Olha, sim. Como eu te falei, fora desses eventos eu evito de estar usando por vergonha, de alguém contar para minha família que me viu com outra menina e tudo mais.

Pesquisador: E como é sua relação com os outros grupos sociais, você acha tranquila essa convivência?

Entrevistada 6: No geral sim, mas por conta de eu ser uma mulher preta, se eu me assumir, vai piorar muito a minha relação com essas pessoas. Até porque esse ambiente que eu costumava a ir, a Sexta Black, acabou por conta de preconceito mais do que por conta de outras questões. Ali era um lugar onde eu me sentia mais acolhida aqui em Pelotas, em nenhum outro lugar eu sentia aquilo.

Pesquisador: Então o mercado para você é um ambiente de grande afetividade?

Entrevistada 6: Sim, eu gosto muito do mercado, tenho muitas memórias boas aqui. Como eu vinha frequente, se alguém me perguntar de Pelotas quando eu for embora, provavelmente eu vou falar do mercado.

Pesquisador: E o que te faz se sentir confortável aqui nesses espaços?

Entrevistada 6: Acho que a diversidade de pessoas. Pessoas fazendo suas rotinas, comprando alguma coisinha, passeando com seu cachorro, de short e chinelo, bem à vontade. Olha ali, está tendo uma ferinha com música de samba ali, aquilo ali me faz me sentir segura e confortável.

Pesquisador: E os olhares, te incomodam?

Entrevistada 6: Olha, por eu não ser assumida, ainda não vejo que seja por minha sexualidade, mas sim por minha cor da pele. Se eu me assumisse provavelmente ia escutar muitas piadinhas.

Pesquisador: Ali do lado do mercado, tem os clubes e boates para a comunidade LGBTQIA+, você costuma a frequentar?

Entrevistada 6: Sim, eu era rata da The Way, é ali que eu exploro minha sexualidade, me sinto livre para ser quem eu sou.

Pesquisador: Esses locais, os eventos culturais que acontecem aqui, te ajudam a enfrentar esses problemas com sua sexualidade?

Entrevistada 6: De mais, eu acho que em Pelotas, me deixa mais confortável.

Pesquisador: A parada gay você acha importante?

Entrevistada 6: Olha, acho e muito, mas nunca frequentei, tenho medo que minha família descubra que eu sou parte da comunidade, porque são eles que me ajudam financeiramente aqui, se eles descobrem, eles param de me ajudar com certeza.

Pesquisador: Esse seu medo de ser descoberta, te limita a usar aqui dos espaços, fora desse contexto de festa de eventos culturais?

Entrevistada 6: Sim, muito. Eu não consigo me sentir confortável, por medo mesmo. Tenho muito a superar, mas no momento eu vivo assim.

Pesquisador: E você costuma a utilizar desses espaços como referência no seu dia a dia?

Entrevistada 6: Sim, quando encontro com minhas amigas, a gente marca ali no chafariz. Isso é uma coisa importante, porque quando estou com minhas amigas, eu não me sinto desconfortável, porque daí eu me sinto uma pessoa normal, não que por ser bissexual não seja normal, mas me sinto mais protegida dos olhares da vergonha e tudo mais. O chafariz também é importante para os movimentos sociais também. Ali o Café Aquarius, eu não gosto de passar ali, é um local de muitos olhares, não gosto mesmo de passar.

Pesquisador: E você consegue desenvolver alguma atividade que necessite de mais privacidade nesse espaço?

Entrevistada 6: Eu prefiro ambientes fechados, mas por não ser assumida não consigo de maneira nenhuma fazer encontros. Então para mim os espaços privados ainda é o ideal.

Pesquisador: Aqui a gente passando do lado dessa estatua, o que elas te causam?

Entrevistada 6: Olha, desde o dia que cheguei aqui, eu não aceito muito bem não. Por ser uma mulher negra, isso é o papel da pura repressão, essa ideia de masculinidade exacerbada. Esses casarões, meus ancestrais ficavam ali em baixo, então para mim é uma memória ruim.

Pesquisador: Falando de memória, aqui na praça você tem alguma?

Entrevistada 6: Sim, eu tenho. Quando eu venho com amigos tomar sol, a semana do livro eu gosto bastante. Eu ocupo bastante a praça. Só a iluminação que agora melhorou um pouco, mas antes eu não vinha por medo, vinha na parte da manhã, mas quando escurecia a gente saia correndo. Hoje em dia por causa da pandemia o ambiente está mais hostil.

Pesquisador: E tem algum espaço seu aqui que seja seu favorito?

Entrevistada 6: Aqui na meia lua, tem eventos culturais que eu gosto bastante. Tem o cantinho dos gays ali em frente ao banco abandonado, ali naquela esquina.

Pesquisador: Você é a terceira pessoa que me fala sobre esse cantinho

Entrevistada 6: Serio? Meu deus

Pesquisador: Verdade

Pesquisador: E quando você realiza um trajeto por aqui, quais são os fatores que te levam a escolher aquela rota?

Entrevistada 6: Olha, durante o dia a dia, eu não acho seguro passar ali no meio da praça, tem uns homens que ficam olhando a gente, mas geralmente eu costumo a procurar locais com maior diversidade de pessoas e movimento. E vir acompanhada, porque daí eu me sinto mais segura. Tipo, eu não viria sozinha colocar umquinho para sentar e usar, eu nunca faria isso por medo. A natureza daqui para mim é muito importante. Ali no chafariz, já teve um teatro para a comunidade LGBTQIA+.

Pesquisador: E o que você acha que esse espaço teria que ter para ser mais confortável para a comunidade LGBTQIA+?

Entrevistada 6: Olha, eu acho que esses eventos culturais, que atendam toda a comunidade faz com que todos convivam juntos. Porque depois da pandemia deu uma parada ne, então ficou meio deserto, meio perigoso. Eu acho que alguma coisa para ficar na memória das pessoas também.

Pesquisador: Nesse sentido de memória, um espaço de cultura, acolhimento para a comunidade LGBTQIA+?

Entrevistada 6: Isso, seria muito importante, obras que valorizasse a nossa cultura, sabe aquela placa para a travesti que foi morta, teria que ser aqui no centro, onde as pessoas passam, onde todos consigam enxergar. Porque eu penso que só assim para as pessoas pararem com esses olhares de diferença sabe.

Entrevistada 6: Ali ó, está vendo, o ambiente com a pandemia ficou bem mais hostil, eu tenho medo daquelas situações ali. Claro a gente entende, a economia mudou bastante, as pessoas se afastaram, o convívio ficou muito afetado. Eu sinto mais medo de estar na rua, voltaram aqueles meus medos antigos.

Pesquisador: Quais eram esses medos?

Entrevistada 6: Então, de ser descoberta, de sofrer alguma violência por ser bissexual, fazerem chacota comigo, por aí vai sabe? A pandemia foi muito difícil para mim, porque eu gostava de conviver com minhas amigas nesses espaços, e como a maioria foi embora, acabou que fiquei sozinha, então quase não venho mais aqui.

Pesquisador: Bom, acho que vencemos todos os assuntos que tínhamos que abordar, quero te agradecer por ter aceito participar da minha pesquisa de última hora e dizer que qualquer dúvida estou aqui.

Entrevistada 6: Eu que agradeço, foi até bom, porque tinha uma desculpa para sair de casa.

C.7: Entrevista 07 Mulher Bissexual – 23 anos

Pesquisador: Bom dia, primeiro queria te agradecer por ter aceito o meu convite de estar participando da minha pesquisa e que qualquer dúvida é só me perguntar, mas não tem muito mistério.

Entrevistada 7: Sim sim, qualquer coisinha eu saio correndo, hahaha.

Pesquisador: Vou começar com algumas perguntas básicas. Qual é seu nome e sua idade?

Entrevistada 7: Meu nome é MB23 e eu tenho 23 anos de idade.

Pesquisador: Qual a sua orientação e sua identidade sexual?

Entrevistada 7: Eu sou uma mulher, bissexual.

Pesquisador: Qual é sua profissão?

Entrevistada 7: Eu sou babá e estudante.

Pesquisador: Quanto tempo você reside aqui em Pelotas?

Entrevistada 7: Esse vai ser o 7º ano que estou aqui.

Pesquisador: E como foi seu processo de descobrimento enquanto mulher bissexual?

Entrevistada 7: Esse processo foi quando eu vim para Pelotas e comecei a me sentir atraída pela minha amiga, a gente saía juntas, vinha aqui para a praça e acabou que eu me descobri uma mulher bissexual. Minha família, no caso meu pai aceitou tranquilo, mas minha mãe finge que eu não sou. Eu não podia levar ninguém na minha casa, depois que eu vim para Pelotas, eu uso muito a minha casa e os espaços aqui.

Pesquisador: E esse seu processo, influenciou do jeito que você se utilizava dos espaços públicos?

Entrevistada 7: Sim, como eu sou de São Paulo, lá eu já frequentava esses espaços mais voltado para comunidade LGBTQIA+, mas só foi aqui que eu me

assumi enquanto mulher bi, porque daí eu me senti mais livre em frequentar os espaços públicos, tipo aqui a praça, o mercado e o calçadão.

Pesquisador: E qual é a frequência que você utiliza desse espaço público?

Entrevistada 7: Eu venho bastante, porque me sinto livre nesses espaços. Quase semanalmente.

Pesquisador: E qual o horário que você costuma a frequentar aqui?

Entrevistada 7: No meio da tarde e à noite.

Pesquisador: E tem algum horário que você costuma a evitar por ser uma mulher bissexual?

Entrevistada 7: Na praça eu não vou de noite, porque tenho medo de sofrer algum assalto ou um estupro, mas aqui no mercado eu venho bastante, porque me sinto confortável.

Pesquisador: E nesse espaço você se comporta diferente por ser uma mulher bissexual?

Entrevistada 7: Olha, eu acho que não, mas me incomoda quando eu estou com minhas amigas, as pessoas ficarem olhando. Eu gosto de me sentir livre, mas daí quando as pessoas ficam me olhando eu não curto muito.

Pesquisador: E esses olhares, te causa algum medo que te impeça de frequentar esses lugares?

Entrevistada 7: Olha, não. Porque como aqui é uma cidade universitária, tem bastante pessoas LGBTs aqui nesse centro, então eu sinto que é um lugar mais acolhedor.

Pesquisador: E você se sente vigiada enquanto frequenta por esse espaço?

Entrevistada 7: Sim, eu sinto que sou vigiada, principalmente quando estou com minhas amigas, os caras ficam olhando e encarando, eu me sinto vigiada.

Pesquisador: Aqui a gente está passando aqui do lado dessas mesinhas, você se sente incomodada quando passa por aqui?

Entrevistada 7: Aqui nessas mesinhas eu fico incomodada, tem vezes que eu dou a volta pelo outro lado, principalmente quando tem bastante homens que ficam mexendo com a gente.

Pesquisador: E você costuma frequentar esse espaço sozinha?

Entrevistada 7: Às vezes, eu me sinto mais segura quando estou acompanhada, porque eu sendo mulher a gente sente mais medo né. Principalmente quando estou acompanhada por um homem, porque daí ninguém mexe. Quando eu estou com amigas, sempre me enchem o saco, é horrível.

Pesquisador: Você sente que faz parte desse espaço, enquanto mulher bissexual?

Entrevistada 7: Eu sinto, porque é uma cidade que eu gosto, tirando essas questões de olhares.

Pesquisador: E tem algum lugar seu que é favorito?

Entrevistada 7: Eu gosto bastante ali da praça, um espaço bem específico, onde eu costumo levar a minha cachorrinha. Tem aqui no calçadão aquela sorveteria ali mais na frente.

Pesquisador: E o que torna esse ambiente mais atrativo para você?

Entrevistada 7: Eu gosto desses barzinhos, eu gosto de sentar e ficar com minhas amigas, olhando os prédios históricos conversando atoa. E ficar bebendo cerveja.

Pesquisador: E tem algum espaço que você não gosta de passar ou tem medo de usar por ser uma mulher bissexual?

Entrevistada 7: Eu não gosto de passar nessas vielas ali do lado, ali na rua do doce. Durante a noite, aqui no calçadão, eu não viria vir sozinha. Eu gosto de vir no calçadão para ir nas lojas.

Pesquisador: Então o calçadão você usa mais para atividades econômicas, não de lazer?

Entrevistada 7: A única coisa que eu vim aqui para lazer foi o cinema, mas não uso muito não.

Pesquisador: E você já sofreu algum preconceito aqui no calçadão?

Entrevistada 7: Já, mas é mais os olhares assim, nunca verbalmente, os olhares me incomodam.

Pesquisador: E falando sobre esses olhares, você consegue utilizar esse espaço para encontros?

Entrevistada 7: Sim, até consigo, mas prefiro um espaço sem muito movimento, onde eu consiga ter mais privacidade.

Pesquisador: E eventos culturais, você costuma a vir?

Entrevistada 7: Sim, a parada, os sarais eu me sinto muito bem, porque daí tem muita gente da comunidade né?

Pesquisador: E você acha que é importante esses eventos para a nossa comunidade?

Entrevistada 7: Sim, eu acho, toda vez que tem eu vou. Me sinto representada. Os protestos também eu gosto bastante. Porque esse é um momento que a comunidade consegue enxergar a gente, e a gente acaba sendo acolhida.

Pesquisador: E nesse espaço, você tem alguma memória afetiva?

Entrevistada 7: Tem bastante, porque quando eu cheguei aqui na cidade, esse calçadão era uma coisa muito legal de fazer, ali naquela livraria eu vinha bastante, tem aquela farmácia que eu sempre uso. Quando eu estou triste venho naquela livraria e passa. A sorveteria ali, é um lugar que eu gosto bastante, tenho memórias boas. Quando eu cheguei em Pelotas, eu vinha todo dia tomar sorvete, e foi uma coisa que me marcou.

Pesquisador: E a iluminação, você se sente segura com ela?

Entrevistada: A iluminação melhorou bastante, mas durante a noite eu ainda tenho medo de frequentar.

Pesquisador: E durante a noite, você costuma a frequentar alguma festa ou boate aqui?

Entrevistada 7: Quando tinha o Divas, eu ia. Era um lugar que eu gostava de ir para dançar e encontrar minhas amigas, sem se preocupar com homens me olhando.

Pesquisador: Você acha que esse espaço é representativo para a comunidade?

Entrevistada 7: Sim, eu acho que traz um movimento para a cidade, traz mais gente diversa.

Pesquisador: Essas memórias de estar nesses espaços, elas são fortes para você?

Entrevistada 7: Sim, teve uma vez que tive uma crise de ansiedade muito grande, daí vim caminhar ali na praça e sentei em uma árvore, isso me ajudou bastante. Até hoje quando passo por aquela árvore eu lembro daquele dia. Ali na frente da caixa a gente ficava com os amigos sentados.

Pesquisador: E você utiliza desse espaço como ponto de referência?

Entrevistada 7: Sim, a maioria dos encontros eu costuma a marcar por aqui no centro, encontrar minhas amigas e tudo mais.

Pesquisador: E quando você faz os trajetos por aqui, quais são os fatores que você leva em conta por ser uma mulher bissexual?

Entrevistada 7: Olha, a noite eu não consigo passar no calçadão, então é mais pelo movimento, mas quando tem muitos homens daí eu já mudo a minha rota.

Pesquisador: E o que esse espaço tem que ter para ser mais acolhedor para a comunidade LGBTQIA+?

Entrevistada 7: Olha, eu acho que mais diversidade de pessoas, porque quando eu vejo mais pessoas da comunidade eu me sinto mais acolhida. Coisas estruturais, talvez alguma obra que incentive nossa memória.

Pesquisador: E falando dessas obras, essas obras desses marechais que tem aqui, o que elas te causam?

Entrevistada 7: Olha, eu não gosto, a grande maioria são pessoas que não fizeram bem para a nossa comunidade. Tem alguma coisa que pudesse nos lembrar.

Pesquisador: Então você acha que aqui no centro deveria ter algum espaço de acolhimento, de cultura ou algo do tipo para a comunidade?

Entrevistada 7: Sim, eu acho que seria muito importante para nós como comunidade. Ia ajudar bastante.

Pesquisador: E falando um pouco sobre a pandemia, como você se sentiu por não estar podendo utilizar desse espaço?

Entrevistada 7: Olha, eu senti muito, porque como eu disse, algumas vezes eu tenho crises de ansiedade, e ali na praça, acaba sendo um refúgio para mim. Eu precisava de ter contato com meus amigos, sentir que eu podia frequentar, sentir que eu fazia parte de alguma coisa. Agora depois da pandemia, eu sinto que a rua se tornou mais hostil, mais agressiva, por conta dessas relações por ser uma mulher e ser bissexual. Aqui na praça principalmente, mas é uma coisa que eu acho que vai mudar.

Pesquisador: Bom, só tenho que agradecer por ter participado do meu método, foi muito engrandecedor.

Entrevistada 7: Eu que agradeço.

C.8 Transcrição 08 Homem Transexual – 21 anos

Pesquisador: Boa tarde HTB21, inicialmente quero agradecer por ter aceito o convite para estar participando da minha pesquisa de mestrado pela Universidade Federal de Pelotas.

Pesquisador: Primeiro vou te fazer algumas perguntas gerais.

Pesquisador: Qual é seu nome?

Entrevistado 8: Meu nome é HTB21.

Pesquisador: Qual é sua idade?

Entrevistado 8: Eu tenho 21 anos.

Pesquisador: Qual é o gênero que você se identifica e sua identidade sexual?

Entrevistado 8: Eu sou um Homem Trans, e minha identidade sexual é um homem bissexual.

Pesquisador: Qual é sua profissão?

Entrevistado 8: Atualmente estou em processo de seleção para um emprego, mas estou desempregado.

Pesquisador: E você mora aqui em Pelotas a quanto tempo?

Entrevistado 8: Eu nasci em Pelotas, me mudei em 2012 e voltei em 2018.

Pesquisador: E como foi esse seu processo de descobrimento e aceitação enquanto um homem trans, aqui na cidade de Pelotas?

Entrevistado 8: Hum então, foi um processo que eu achei que ia ser mais difícil, mas foi bem mais tranquilo, porque eu comecei a perceber que o pessoal está muito aberto a estar te conhecendo e a te respeitar. Claro, eu passei já por transfobia e tudo mais, mas a maioria das pessoas assim está bem receptivo com essa questão.

Pesquisador: E quando você foi embora de Pelotas, para qual cidade você foi?

Entrevistado 8: Eu fui para Porto Alegre.

Pesquisador: E na cidade de Porto Alegre, você sentiu alguma diferença nesse seu descobrimento?

Entrevistado 8: Lá eu ainda não tinha conhecimento sobre a minha identidade de gênero.

Pesquisador: E esse seu processo de autoconhecimento e de aceitação, influenciou no jeito que você se utilizava do espaço público? Você sentia medo de sair de casa, vergonha ou algum sentimento relacionado a esse processo?

Entrevistado 8: Eu muitas vezes tive muito medo de sofrer preconceito na rua. Tipo, é muito chato sair na rua, e as pessoas te abordarem com um, tipo. Oi, moça, vem cá moça. Vem aqui você quer isso? Eh bem chato sim, mas eu me incomodo com isso, mas é uma coisa que é normal, as pessoas nem me conhece, né?

Pesquisador: Então, isso é um processo de desconstrução, não é? Enquanto você como homem trans e própria vivência na cidade.

Entrevistado 8: Sim, é um processo lento...

Pesquisador: E falando um pouco desse local que a gente está caminhando. Qual é a frequência que você utiliza esse espaço?

Entrevistado 8: Então, a praça eu não gosto muito, porque eu tenho um pouco de trauma de espaço público, porque lá em Porto Alegre eu sofri preconceito, então eu não costumo ir nesses espaços por medo. O mercado eu venho bastante, mas não com tanta frequência, mas gosto muito do mercado, acho um espaço acolhedor, é tipo assim um espaço bem família. O calçadão para mim, eu conheço desde criança, então para mim é natural.

Pesquisador: E quais os horários que você costuma a vir nesses espaços?

Entrevistado 8: Eu gosto de frequentar no período da tarde.

Pesquisador: E tem algum horário que você costuma evitar de frequentar por ser um homem trans?

Entrevistado 8: Sim, de noite. Uma por ser um homem trans, medo de sofrer algum preconceito e também de ser assaltado.

Pesquisador: E falando um pouco de como você se comporta nesses espaços. Você se comporta de uma maneira diferente por ser um homem trans?

Entrevistado 8: Então, dependendo do local e do espaço, se tem muitas pessoas, eu tento manter assim mais um comportamento heteronormativo, mas as vezes eu canso e meto o louco e vou vivendo a minha vida tranquila aqui.

Pesquisador: Por exemplo, aquelas mesas dos barzinhos ali na lateral do mercado, quando tem muita gente, você evita de passar?

Entrevistado 8: Na maioria das vezes eu nem passo. Porque as pessoas ficam olhando é bem chato e constrangedor.

Pesquisador: Então você não passa para evitar os olhares das pessoas?

Entrevistado 8: Isso, eu evito para não me sentir constrangido.

Pesquisador: Encaixando nesse assunto, você se veste de maneira diferente nesses locais por ser um homem trans?

Entrevistado 8: Às vezes para não sofrer preconceito eu me visto de maneira mais, como se diz, heteronormativo, mas hoje por exemplo eu estou cansado, então eu só me vesti da maneira que eu quis.

Pesquisador: E falando desses medos de sofrer preconceito seja ele físico ou mental, isso te faz deixar de frequentar esses espaços?

Entrevistado 8: É uma questão bem importante para mim, porque muito das vezes eu deixei de ir em vários espaços aqui, mas hoje em dia eu não costumo mais frequentar, porque eu tenho bastante medo.

Pesquisador: E pensando nessa questão, você se sente vigiado quando frequenta aqui?

Entrevistado 8: Às vezes sim, mas eu costumo vir sempre com alguém.

Pesquisador: Então você prefere vir acompanhado para esses locais?

Entrevistado 8: Eu sempre prefiro vir acompanhado, porque me sinto mais seguro, mas quando não é possível...

Pesquisador: E nesse contexto de frequentar esses locais, qual é a importância que tem para você?

Entrevistado 8: Para mim, é a importância de liberdade, de poder ser quem eu sou, porque é uma questão que eu quero ser aceito em todos os lugares, e ter medo de andar na rua ou de frequentar tipo aqui o calçadão, que eu conheço desde pequeno é uma coisa que eu não gostaria de ter.

Pesquisador: Verdade, isso é muito ruim.

Pesquisador: E quando você está aqui nesse espaço com um grupo de amigos, vocês conseguem interagir com outros grupos de forma tranquila?

Entrevistado 8: Se as pessoas estão dispostas é tranquilo, mas na maioria das vezes as pessoas não estão dispostas a fazer essa interação.

Pesquisador: Falando um pouco do seu pertencimento nesses espaços, você se sente pertencente a esses locais?

Entrevistado 8: Olha, na verdade, eu não me sinto parte de lugar nenhum, nem da minha própria casa.

Pesquisador: E o motivo desse sentimento é por ser um homem trans?

Entrevistado 8: Exatamente, eu sofro transfobia dentro da minha própria casa. É difícil porque eu não posso me reconhecer nem dentro da minha própria casa.

Pesquisador: E isso se dá por algum parente próximo ou alguma pessoa em específico?

Entrevistado 8: O meu pai...

Pesquisador: E isso como te afeta? Pensando no próprio vivenciar aqui dos espaços públicos da cidade?

Entrevistado 8: Isso me afeta de maneira, que eu não me sinto seguro em espaço nenhum da cidade, eu tenho medo de viver, medo de estar na minha própria casa, medo de estar na rua, eu tenho medo de viver...

Pesquisador: É muito complicado essas situações, não se sentir seguro em lugar nenhum, mas mudando um pouco de assunto, aqui nesses espaços mesmo que com medo de frequentá-los tem algum que é seu favorito?

Entrevistado 8: Deixa eu pensar... Eu gosto bastante de vir no calçadão, de vir olhar as lojas, de comer alguma coisa, porque é uma coisa que eu faço desde pequeno.

Pesquisador: E o que te faz se sentir seguro e confortável nesse espaço?

Entrevistado 8: Eu acredito, que depende muito das pessoas, de não te olhar ou te parar com um preconceito, porque não depende só de mim.

Pesquisador: E tem alguma coisa que te atrai a usar aqui esses locais?

Entrevistado 8: Eu gosto de caminhar aqui, de ver a movimentação... Mas essa questão dos olhares por ser um homem trans, me incomoda e acaba que eu não uso tanto quanto eu queria.

Pesquisador: E você utiliza esse espaço para realizar encontros?

Entrevistado 8: Sim, eu utilizo.

Pesquisador: E esses encontros acontecem em que horário?

Entrevistado 8: Geralmente na parte da tarde.

Pesquisador: E você consegue utilizar aqui esses locais para atividades que necessitam de mais privacidade?

Entrevistado 8: Não

Pesquisador: Se você quiser demonstrar algum tipo de afeto por outra pessoa, você consegue?

Entrevistado 8: Depende, se for com um outro homem sim, mas se for com uma mulher, eu sinto muito medo.

Pesquisador: Medo de sofrer alguma agressão por não estar performando uma heterocisnormatividade?

Entrevistado 8: Sim, medo de sofrer preconceito por não parecer uma mulher ou um homem, sei lá oque que as pessoas acham.

Pesquisador: Falando um pouco dos eventos culturais que acontecem por aqui, você gosta desses eventos?

Entrevistado 8: Gosto bastante dos eventos culturais, porque é um momento que eu consigo utilizar esses espaços.

Pesquisador: Então, esses eventos quando são voltados para a comunidade LGBTQIA+, você frequenta mais esses espaços? Eles são importantes para você?

Entrevistado 8: Sim, eu faço parte da organização da Parada LGBTQIA+.

Pesquisador: A que massa, isso é maravilhoso.

Pesquisador: E quando tem esses eventos, você se sente mais seguro em estar utilizando esses espaços?

Entrevistado 8: Nossa, sim me sinto muito mais seguro nos eventos culturais, com certeza.

Pesquisador: Então você se sente pertencente e representado, quando tem a comunidade LGBTQIA+ frequentando esses espaços?

Entrevistado 8: Eu penso assim, nossa, esse espaço é meu, um dos poucos momentos que consigo me sentir pertencente a esses locais.

Pesquisador: E esses eventos eles deveriam ser incentivados pela prefeitura não só no mês do orgulho LGBTQIA+?

Entrevistado 8: Com certeza, esses eventos são muito importantes para nossa comunidade, e a prefeitura deveria incentivar mais, colocando pessoas lá dentro para incentivar essa maior visibilidade nesses espaços.

Pesquisador: E aqui do entorno, você gosta das construções?

Entrevistado 8: Sim eu gosto bastante, porque para mim é uma coisa diferente de todos os outros lugares que eu já frequentei.

Pesquisador: E tem algum local que você frequenta, algum clube, boate?

Entrevistado 8: Gosto de frequentar os restaurantes e barzinhos, agora as boates eu não costumo frequentar.

Pesquisador: E você acha que esses clubes e boates voltados para a comunidade eles contribuem para a diversidade desses espaços? Por exemplo a The Way ali em frente ao mercado?

Entrevistado 8: Sim, eu acredito que sim, porque geralmente sempre está cheio de pessoas diversas ali em frente ao mercado.

Pesquisador: E falando um pouco sobre as infraestruturas aqui dessa região, a iluminação você acha adequada?

Entrevistado 8: Olha a iluminação para mim, tem alguns locais que estão bons, mas outros estão precisando melhorar, por exemplo essas ruazinhas aqui que dão acesso ao calçadão.

Pesquisador: E você costuma utilizar os banheiros públicos, aqui da praça, ali do mercado?

Entrevistado 8: Olha, não. Já usei os banheiros antes de fazer a transição de sexo. Mas agora eu tenho muito medo de utilizar os banheiros públicos. Uma vez eu fui utilizar o banheiro feminino, e as mulheres ficaram me encarando, tipo, o

que tu estás fazendo aqui? E aí eu tive muito medo daquela situação. É bem constrangedor. Eu fico muito triste por não poder utilizar.

Pesquisador: E aqui na praça, você tem alguma memória afetiva desse espaço, você me disse que quando era criança você teve um a situação aqui.

Entrevistado 8: Eu tenho uma memória ruim, e uma memória boa. Quando eu era criança, estava eu e uma colega de escola, e a gente sentou nos bancos aqui da praça e tinha uns adolescentes, e aí eles olharam pra gente e falaram um monte de coisa para a gente, que gostosinhas, tipo querendo dizer que eu e minha colega de 10 anos fôssemos lésbicas, ou algo do tipo. Aquilo me perturbou bastante, até hoje eu lembro daquela situação. Já a minha memória boa, e quando eu vinha na feira do livro aqui na praça com minha mãe e com a escola, e a gente sempre conversava, comia algumas coisas.

Pesquisador: Esses momentos com sua mãe não acontecem porque?

Entrevistado 8: Minha mãe faleceu, e então essas memórias ficaram na minha memórias boas.

Pesquisador: E falando dessas memórias, quais os pontos que você utiliza como referência aqui nesses espaços?

Entrevistado 8: Eu uso mais como referência o mercado e o chafariz do calçadão, a praça nem tanto porque como eu disse, algumas memórias para mim são fortes e acabam que não gosto de relembrar. Então para mim a praça é tipo um local onde alguém vai chegar e me xingar ou me tratar mal.

Entrevistado 8: A queria falar uma coisa, essas estatuas que tem aqui, me trazem um sentimento ruim, parecem que estão demarcando um território hetero, então pra mim é mais um fator que eu não gosto de estar utilizando a praça.

Pesquisador: E quando você faz rotas aqui pela região, quais são os fatores que você leva em consideração?

Entrevistado 8: Eu sempre procuro um caminho onde tenha algum certo movimento e também faço sempre o mesmo trajeto, porque daí eu sei que não vai ter perigo de eu passar por ali.

Pesquisador: Falando um pouco sobre acolhimento, o que você acha que esse espaço tem que ter para ser mais acolhedor para você como homem trans?

Entrevistado 8: Eu acredito que necessite de pessoas dispostas a acolher, porque como esses espaços são de todos, todos tem que estar disposto a acolher, os ambientes estão aí, mas no final das contas o que importa são as pessoas, porque as pessoas que fazem o espaço.

Pesquisador: Então você acha que esses espaços devem ser feitos por pessoas da comunidade LGBTQIA+, não só no âmbito de planejamento, mas também dessas pessoas estarem nesses locais, utilizando e vivendo aquele espaço?

Entrevistado 8: Com certeza, porque como eu disse, enquanto eu estou sozinha sem alguém que seja da minha comunidade, ou mesmo de um reconhecimento e de um não estranhamento por parte das pessoas daqui, já me sinto mais confortável de estar utilizando esses locais.

Pesquisador: Pensando nessa ideia de conscientizar as pessoas, e de promover o acolhimento da comunidade LGBTQIA+, você acha que ter um espaço que promova essa memória, esse acolhimento ou mesmo de apoio a comunidade aqui nesses locais mais centrais, seria importante?

Entrevistado 8: Com certeza, inclusive ali na esquina batizaram a rua de Esquina do Axé e Manifestações Populares, esse local acaba sendo muito representativo, inclusive a parada LGBTQIA+ acontece ali no largo, antigamente acontecia na Bento, um lugar mais afastado, hoje em dia acontece aqui no centro, o que traz uma maior visibilidade para a nossa comunidade. Eu acho importante também, que algumas obras de artísticas LGBTQIA+ ou mesmo instalações artísticas fossem colocadas aqui na praça, no calçadão no mercado, porque essas que tem hoje não me representa e acredito que não representam mais a cultura do momento.

Pesquisador: Entendi. Então falando um pouco de todos esses assuntos e a pandemia, você sentiu algum impacto nesse uso dos espaços que caminhamos? Você sentiu falta de frequentar esses locais?

Entrevistado 8: Sim, eu senti um pouco de falta, mas eu entendi que era necessário. Mas casou que estava passando por um momento difícil de entender um pouco da minha identidade, então acabei não estando preparado para a pandemia e esses espaços públicos. Um pelos olhares e outro pela própria pandemia que me deixou muito assustado. Enfim, foi difícil. Porque além do medo que tinha de frequentar por sofrer os olhares a pandemia aumentou a minha insegurança de estar frequentando esses locais.

Entrevistado 8: A eu queria lembrar de uma história que eu tenho aqui, porque passando aqui em frente ao grande hotel me veio na memória. Quando eu estudava, a gente teve um tour aqui no centro, daí a professora pediu para eu desenhar um lugar que me chamava atenção. Esse lugar ficou muito marcado na minha memória porque eu sempre tenho uma sensação, de que é meu pedacinho de Pelotas, porque eu consigo lembrar da minha infância, dos meus momentos felizes que foram bons, com minha mãe e com esse local. Hoje se eu fosse utilizar esses espaços da praça eu utilizaria aqui em frente ao grande hotel.

Pesquisador: Eu acho que vencemos todos os assuntos que tínhamos para discutir. Quero te agradecer por ter aceito participar desse meu método, e qualquer dúvida que você tenha é só me chamar.

Entrevistado 8: Eu que agradeço por ter me dado a oportunidade de contar um pouquinho sobre mim, e espero que possa te auxiliar na sua pesquisa.

Apêndice D – Análise das Transcrições das Entrevistas Caminhadas

Categorias	Descrição e Literatura	Citações
1. Arranjo Espacial (1 Arte; 2 Luz; 3 Morfologia; 4 Privacidade e individualidade)	Podemos entender que o Arranjo Espacial, está ligado as formas em que entorno do indivíduo influência no processo de cognição espacial. Para Aguiar (2009), as composições morfológicas presentes na cidade, auxilia na criação de memórias com o espaço.	“...Tipo até nesse horário para mim é difícil, olha o entorno, tem vários homens, tipo eu não consigo vir aqui e ler um livro porque eu tenho medo, em plena luz do dia...”(MI28) “...a iluminação ajuda bastante, mas o principal é ter bastante gente na rua, mas isso também é relativo, entende? Porque pode ter bastante gente na rua e eu ser agredida por ser lésbica, porque estou com minha namorada, ou ser assediada...”(MI28) “...Nunca, tipo assim, não dá, me sinto com medo, porque os homens assediam bastante vendo duas mulheres juntas, não me sinto confortável em beijar minha namorada e fechar os olhos e curtir o momento, porque eu acho que sempre alguém vai me assediar,

	principalmente aqui no calçadão onde fica esses senhores sentados, ali em frente a Aquarius também...”(MI28) (MI28) “...Eu acho que deveria ter obras que fomentassem a nossa cultura, da nossa causa, que dão a vida para a inclusão de toda a comunidade. Então ter essas obras ou mesmo intervenções artísticas aqui nesse espaço que nos lembre da nossa história é superimportante...”(MI28) (MI28) A iluminação é muito importante porque se não tem luz não passo. Tipo ali nessas ruazinhas na lateral do calçadão...”(MI28) (MI28) “...Eu não queria ficar tranquila só quando estou acompanhada de 6 ou 7 pessoas, quero ter a minha individualidade nesses espaços...”(MI28) “...A gente passa por essas estatuas, elas representam para mim um
--	---

	sentimento de invisibilidade, uma opressão, elas representam isso para mim. Eu sinto incomodada e não me sinto confortável com elas...”(M128) “...Olha, uma coisa que me faz pensar bastante é que eu não consigo separar uma coisa da outra, de ser mulher e ser lésbica, as duas coisas me fazem pensar muito o horário em que eu vou, as ruas que eu vou passar, então, escureceu que seja eu não gosto de sair de casa e quando está muito deserto também, eu prefiro vir quando está um pouco movimentado...”(M126) Quando eu estou com meu amigo e minha amiga que não performam uma heteronormatividade, eu me sinto com mais medo, a gente recebe muitos olhares, só por a gente estar conversando, as pessoas já olham estranho. Com minha namorada é a mesma
--	---

	coisa, eu sinto medo de demonstrar algum carinho, mas quando eu caminho com pessoas que performam uma heteronormatividade eu me sinto mais segura...”(M126) “...Essas ruazinhas são bem complicadas, aqui na lateral da praça, ali perto do lago também. Ali em frente ao banheiro também não gosto...”(M126) “...Sim, para mim elas são uma imposição do poder masculino, fazendo que a gente se enxergue nesse espaço passivo de não pertencer a esse lugar. Então, é hostil para mim. Esses prédios aqui do entorno me traz um pouco de enclausuramento como se tivesse sendo vigiada, não sei, sinto que é bonito, mas me dá um certo medo...”(M126) “...Sim, eu gostava de encontrar meus amigos, durante a parte da manhã...”(M126)
--	---

	“...Olha, eu acho que isso e quase na cidade toda, durante a noite. Mesmo com a reforma que teve. Porque eu já escutei muitos relatos de assédios que me assustaram, então evito vir a noite...”(MIE28) “...Se eu olho ao redor e as pessoas não me julgam, até consigo, então depende muito do dia, da hora e do espaço em que eu estou...”(MIE28) “...Eu vejo isso, elas não me trazem representatividade, elas me lembram muito a opressão, meio que me incomoda sabe?...”(MIE28) “...Talvez mais eventos culturais, que coloca a nossa memória nesse espaço, falar que a gente existe. Porque é uma coisa que eu acredito bastante, a nossa memória tem que existir...”(MIE28) “...Ali na esquina em frente do laguinho e a funerária. Ali eu consigo ter mais
--	---

		privacidade, as pessoas não me viam...”(MIE28) “...Uso o do mercado, mas o da praça nem pensar, deus me defenda... tenho muito medo”(MIE28) “...eu acho que em qualquer espaço a gente vai ser vigiado, tipo, o que que eles querem ali, ainda mais que aqui na praça...”(HG28) “...Para mim isso daqui é o próprio retrato de Pelotas, elitista, homofóbica, para ti entrar num prédio desse, só entra no dia do patrimônio, sempre enaltecendo os donos e não quem construiu...”(HG28) “...Essas estatuas que tem aqui, para mim é só um pedaço de ferro, que não me representa nada, representa uma pessoa hétero que apoia os valores da família tradicional...”(HG28) “...Aa, deu uma melhorada, já foi mais perigoso, ali naquelas ruazinhas ainda são ruins,
--	--	---

		não passo ali de jeito nenhum...”(HG28) “...banheiro para mim é uma coisa complicada, porque eu não uso, porque tem todo aquele preconceito por ser gay, eu evito de usar...”(HG28) “...Olha, muitas vezes não. Com meus amigos até que sim, mas sozinho não...”(NB28)(NB28) “...Não gosto, porque isso representa o que a sociedade quer representar na sua memória, a imagem de um homem hétero, não curto muito...”(NB28) “...Porque para mim parece que só quando acontece uma tragédia que a gente é lembrada, então deveria ter obras e espaços para a nossa comunidade. Agora na semana da diversidade, pintaram uma faixa com a bandeira da comunidade, aquilo foi legal sabe, então porque não, não trazer aqui para o centro, onde tem bastante pessoas,
--	--	---

		onde as boates para a comunidade estão aqui...”(NB28) “...Eu não gosto de passar naquelas ruazinhas ali do lado sabe? Ali no banheiro também sinto medo de passar em frente. Os banheiros geralmente é um local que eu me sinto mais vulnerável, porque como não sou uma pessoa binária, eu fico em dúvida de qual usar, daí eu uso de acordo com as pessoas que tão ao redor...”(NB28) “...Olha, desde o dia que cheguei aqui, eu não aceito muito bem não. Por ser uma mulher negra, isso é o papel da pura repressão, essa ideia de masculinidade exacerbada. Esses casarões, meus ancestrais ficavam ali em baixo, então para mim é uma memória ruim...”(MBNA25) “...Só a iluminação que agora melhorou um pouco, mas antes eu não vinha por medo, vinha na parte da manhã, mas quando
--	--	--

		escurecia a gente saia correndo...”(MBNA25) “...obras que valorizasse a nossa cultura, sabe aquela placa para a travesti que foi morta, teria que ser aqui no centro, onde as pessoas passam, onde todos consigam enxergar. Porque eu penso que só assim para as pessoas pararem com esses olhares de diferença sabe...”(MBNA25) “...durante o dia a dia, eu não acho seguro passar ali no meio da praça, tem uns homens que ficam olhando a gente, mas geralmente eu costumo a procurar locais com maior diversidade de pessoas e movimento...”(MBNA25) “...Eu não gosto de passar nessas vielas ali do lado, ali na rua do doce. Durante a noite, aqui no calçadão, eu não viria vir sozinha... ..”(MB23) “...até consigo, mas prefiro um espaço sem muito movimento, onde eu
--	--	--

		consiga ter mais privacidade...”(MB23) “...A iluminação melhorou bastante, mas durante a noite eu ainda tenho medo de frequentar...”(MB23) “...Olha, eu não gosto, a grande maioria são pessoas que não fizeram bem para a nossa comunidade. Tem alguma coisa que pudesse nos lembrar...”(MB23) “...a noite eu não consigo passar no calçadão, então é mais pelo movimento, mas quando tem muitos homens daí eu já mudo a minha rota para evitar assédios, sabe...”(MB23) “...Na praça eu não vou de noite, porque tenho medo de sofrer algum assalto ou um estupro, mas aqui no mercado eu venho bastante, porque me sinto confortável...”(MB23) “...de noite. Uma por ser um homem trans, medo de sofrer algum preconceito e também de ser assaltado...”(HTB21)
--	--	---

	“...Na maioria das vezes eu nem passo. Porque as pessoas ficam olhando é bem chato e constrangedor...”(HTB21) “...A queria falar uma coisa, essas estatuas que tem aqui, me trazem um sentimento ruim, parecem que estão demarcando um território hetero, então pra mim é mais um fator que eu não gosto de estar utilizando a praça...”(HTB21) “...Já usei os banheiros antes de fazer a transição de sexo. Mas agora eu tenho muito medo de utilizar os banheiros públicos. Uma vez eu fui utilizar o banheiro feminino, e as mulheres ficaram me encarando, tipo, o que tu estás fazendo aqui? E aí eu tive muito medo daquela situação. É bem constrangedor. Eu fico muito triste por não poder utilizar...”(HTB21) Eu acho importante também, que algumas
--	--

		obras de artísticas LGBTQIA+ ou mesmo instalações artísticas fossem colocadas aqui na praça, no calçadão no mercado, porque essas que tem hoje não me representa e acredito que não representam mais a cultura do momento...”(HTB21)
2. Comportamento Socioespacial (1Territorialidade humana; 2 Apropriação; 3 Aglomeração; 4 Engajamento Interpessoal)	Para Libardoni (2018), o comportamento socioespacial está ligado a capacidade de o ambiente promover o envolvimento com o usuário. Segundo a autora, as interações sociais ocorrem em decorrência de diversas atividades realizadas no local. Além disso, segundo a autora, essas atividades devem ser capazes de motivar ou dissuadir as pessoas de permanecerem nos	“...o Porto sempre foi visto como o submundo da cidade, ele é um lugar mais underground, pela história da vida noturna e da prostituição. E como nós LGBTs sempre tivemos que ir para esses nichos mais escondidos, mas isso vem mudando recentemente...”(MI28) (MI28) “...uns 8 anos atrás, existia um movimento muito grande de adolescentes gays e lésbicas, que se encontravam na praça

	espaços públicos. Assim, Elali (2009), complementa o fato de que essas atividades realizadas no espaço resultam em uma infinidade de ocorrências passíveis de estudo, como gestos, posturas, orientação corporal, entre outros elementos não verbais.	para ter essa vida social, de paquera de ficar, de se conhecer, então era muita gente...”(MI28) “...Até hoje ali no mercado público, se eu estou com minha mesa com meus amigos gays e sapatão ou trans, se a gente se levanta para dançar... então a gente se levantou e começou a dançar, as pessoas na hora começaram a olhar torto e a reclamar, até que veio uma pessoa do bar e pediu pra gente parar com aquele comportamento...”(MI28) “...então eu escolhia não passar pelo centro da praça se não tivesse muita gente, ou se tivesse muitos homens, passava por ali na Aquarius meio que correndo e vinha aqui para o chafariz...”(MI28) “...A parada...ela é um dos maiores eventos culturais em espaço público aqui da cidade de Pelotas, ela tem a capacidade de colocar mais de 3000 mil pessoas na rua. É um momento que
--	--	---

		todas os tipos de pessoas frequentam, famílias, rico, pobre, isso traz muita diversidade e visibilidade para a comunidade...”(MI28) “...Quando os estudantes, a galera diferente está aqui, a gente brinca e fala que esse aqui é o canto dos LGBTs, todo mundo vem, estende uma canga, senta, daí eu me sinto muito mais a vontade...”(MI26) “... Sim, isso é constante, fora de casa ou com amigos, eu sempre olho em volta, sinto o espaço e vejo se consigo usar ali ou do modo que eu vou me comportar.”(MI26) “...Não, isso não, é muito difícil porque eu me sinto incomodada, acho que mais por medo, ali nos barzinhos do mercado público eu não gosto nem de passar quando tem muita gente, me sinto incomodada, principalmente quando não
--	--	--

estou vestida como uma menina...”(MI26)

“...Sim, eu gosto muito dos eventos. A parada gay é bem importante para mim, porque tem muito mais gente como a gente...”(MI26)

“...Sim, porque é nesse momento que eu me sinto mais segura, me dá mais segurança, porque quando tem pessoas que a gente se identifica a gente perde o medo. Claro, não é que eu vou perder o medo, mas me sinto mais confiante em estar utilizando o espaço...”(MI26)

“...a The Way, antes da pandemia eu costuma a ir bastante. Era um lugar onde me sentia confortável...”(MI26)

“...fica uma fila de pessoas LGBTs para entrar na festa, que acabam indo no mercado comprando uma bebida, enfim trazendo diversidade de pessoas alternativas ali para região...”(MI26)

“...Ali em frente daquele antigo banco, sempre ficava bastante gente. Eu até brinco com minhas amigas que ali é o cantinho das gays, tinha mais diversidade de pessoas...”(MIE28)

“...Sim, geralmente eu marco com os meus amigos por aqui, para fazer algum encontro casual, um piquenique uma leitura. Já fiz um encerramento de disciplina aqui, foi muito legal...”(MIE28)

“...Olha, como eu sou uma mulher que representa uma certa feminilidade, acaba que eu não me comporto diferente, mas até eu brinco com um amigo meu que é gay de performar um casal hétero para não sofrer homofobia. Então isso de eu ser uma mulher que apresenta essa feminilidade acaba diminuindo essa chance de sofrer homofobia, mas não do assédio...”(MIE28)

“...Sim, principalmente ali no centro da praça, eu me sinto vigiada. Antigamente me incomodava bastante, mas agora já menos. Ali em 2018, eu senti muito medo, na época das eleições, eu sentia o espaço hostil, sentia que a qualquer momento eu poderia ser agredida nas ruas. Então foi um momento que eu tive medo de andar com minha namorada, de vir para esse espaço...”(MIE28)

“...Aquelas mesinhas ali, quando eu passo e tem muita gente, eu me sinto desconfortável em passar...”(MIE28)

“...Geralmente sozinha, mas é engraçado, eu me sinto tranquila. Eu agora estou dividindo a minha comida que eu pego no RU com a população de rua, e eu acabo sofrendo violências até com eles, mas eu compreendo a situação. Porém eu sinto medo sim, medo de ser

violentada, abusada e por aí vai...”(MIE28)

“...Sim, tem alguns eventos culturais que acontecem aqui que me veem a mente, o Slam, a feira do livro. Eu me sentia parte daqui no meio de tanta gente, teve música, teve bazar, o Slam das Minas...”(MIE28)

“...porque enquanto estava ali me assumindo ser gay, eu ficava meio desconfortável nos lugares, porque querendo ou não, tu tens que te adaptar aquele espaço né? Porque eu sei que esses espaços aqui, eles não são tão abertos para a comunidade LGBTQIA+, porque caso eu venha com algum parceiro ou encontrar alguém aqui, eu sei que vou receber olhares, sabe? Eu vou receber críticas e até violências, mas também para alguma parte eu vou receber acolhimento, porque para mim aqui é

	uma via de mão dupla...”(HG28) “...Então antes de me aceitar eu tinha medo de passar na praça, então tipo eu ficava em lugares que eu ia me sentir estranho...”(HG28) “...Aqui no mercado eu utilizo bastante, a praça ali, não muito...”(HG28) “...Eu penso assim comigo, se todo mundo convive em harmonia, é tranquilo, agora se for para me incomodar eu acho difícil vir e frequentar, mas é aquilo a gente tem que aprender a se comportar de acordo com o espaço, tem horas que eu sou mais hetero e tem horas que eu sou mais gay...”(HG28) “...Olha se eu tiver que usar, eu vou usar, se eu tiver que beijar e abraçar eu vou usar, mesmo com medo, mas é assim, fico apreensivo, e eu acho que a gente tem que ocupar esse espaço aqui, não só entre quatro paredes...”(HG28)
--	---

“...Em alguns momentos eu tinha fobia de sair na rua, principalmente quando comecei a me descobrir como uma pessoa não binária. No início, eu tinha vergonha de vir aqui no mercado, ali na praça, por medo de ser julgado, receber os olhares sabe? Então eu evitava de vir...”(NB28)

“...Quando está muito cheio, eu não gosto de vir...”(NB28)

“...Eu gosto desse chafariz aqui, geralmente quando tem um ato político eles acontecem aqui...”(NB28)

“... Prefiro estar acompanhado dos meus amigos, porque daí vou estar compartilhando as minhas angustias com eles...”(NB28)

“...com amigos, mas se for para um encontro com outra pessoa eu já não me sinto confortável...”(NB28)

“...Como não sou assumida e ainda passo uma certa feminilidade, faz

com que eu não me sinta estranha aqui...”(MBNA25)

“...eu gosto muito do mercado, tenho muitas memórias boas aqui. Como eu vinha frequente, se alguém me perguntar de Pelotas quando eu for embora, provavelmente eu vou falar do mercado...”(MBNA25)

“...mas por conta de eu ser uma mulher preta, se eu me assumir, vai piorar muito a minha relação com essas pessoas. Até porque esse ambiente que eu costumava a ir, a Sexta Black, acabou por conta de preconceito mais do que por conta de outras questões...”(MBNA25)

“...Isso é uma coisa importante, porque quando estou com minhas amigas, eu não me sinto desconfortável, porque daí eu me sinto uma pessoa normal, não que por ser bissexual não seja normal, mas me sinto mais protegida dos olhares da

		vergonha e tudo mais...”(MBNA25) “...na Sexta Black eu me sentia acolhida, me sentia bem até para paquerar outras meninas, mas se eu venho aqui fora desses eventos culturais que tem aqui na região, eu evito explorar esse espaço de outras maneiras a não ser de passagem e tudo mais. Eu sinto que as pessoas vão estranhar, por ser um ambiente muito movimentado...”(MBNA25) “...foi quando eu vim para Pelotas e comecei a me sentir atraída pela minha amiga, a gente saia juntas, vinha aqui para a praça e acabou que eu me descobri uma mulher bissexual...”(MB23) “...como eu sou de São Paulo, lá eu já frequentava esses espaços mais voltado para comunidade LGBTQIA+, mas só foi aqui que eu me assumi enquanto mulher bi, porque daí eu me senti mais livre em frequentar os
--	--	---

espaços públicos, tipo aqui a praça, o mercado e o calçadão...”(MB23)

“...mas me incomoda quando eu estou com minhas amigas, as pessoas ficarem olhando. Eu gosto de me sentir livre, mas daí quando as pessoas ficam me olhando eu não curto muito...”(MB23)

“...Aqui nessas mesinhas eu fico incomodada, tem vezes que eu dou a volta pelo outro lado, principalmente quando tem bastante homens que ficam mexendo com a gente...”(MB23)

“...eu sinto que sou vigiada, principalmente quando estou com minhas amigas, os caras ficam olhando e encarando, eu me sinto vigiada...”(MB23)

“...mas é mais os olhares assim, nunca verbalmente, os olhares me incomodam...”(MB23)

“Eu muitas vezes tive muito medo de sofrer preconceito na rua. Tipo, é muito chato

sair na rua, e as pessoas te abordarem com um, tipo. Oi, moça, vem cá moça. Vem aqui você quer isso? Eh bem chato sim, mas eu me incomodo com isso, mas é uma coisa que é normal, as pessoas nem me conhece, né? “(HTB21).

“...Então, a praça eu não gosto muito, porque eu tenho um pouco de trauma de espaço público, porque lá em Porto Alegre eu sofri preconceito, então eu não costumo ir nesses espaços por medo...”(HTB21)

“...porque muito das vezes eu deixei de ir em vários espaços aqui, mas hoje em dia eu não costumo mais frequentar, porque eu tenho bastante medo...”(HTB21)

“...Se as pessoas estão dispostas é tranquilo, mas na maioria das vezes as pessoas não estão dispostas a fazer essa interação...”(HTB21)

“...Eu acredito que necessite de pessoas

		dispostas a acolher, porque como esses espaços são de todos, todos tem que estar disposto a acolher, os ambientes estão aí, mas no final das contas o que importa são as pessoas, porque as pessoas que fazem o espaço...”(HTB21) “...Para mim, é a importância de liberdade, de poder ser quem eu sou, porque é uma questão que eu quero ser aceito em todos os lugares, e ter medo de andar na rua ou de frequentar tipo aqui o calçadão, que eu conheço desde pequeno é uma coisa que eu não gostaria de ter...”(HTB21)
3. Apego ao lugar (1 conforto; 2 Conhecimento do lugar; 3 Grau de atração; 4 Prazer; 5 Sentimento de identificação; 6 memória; 7 segurança.)	O apego ao lugar pode ser definido como uma experiência real ou imaginária que o indivíduo vive com o espaço físico real. (SHUMAKER; TAYLOR, 1983; BROWN; PERKINS, 1992; RHEINGANTZ	“...Eu gosto ali do chafariz por uma memória mais afetiva, ali naquele pedaço em frente ao mercado em frente a antiga Odeon, e aqui na meia lua em frente ao teatro...”(MI28) “...quando eu era adolescente eu ficava muito aqui na praça

	<i>et al.</i>, 2012). Quando analisamos a combinação de cognições positivas e negativas em que um indivíduo vive no espaço, essas identidades são referidas como identidades de lugar (BROWN; PERKINS, 1992).	Coronel Pedro Osorio, hoje que sou adulta, venho mais no mercado público para beber com os amigos...”(MI28) “...A galera dos anos 90 que viveu a adolescência, a gente sempre fala, tu eras sapatão e tu vivia ali na praça, inclusive meu primeiro beijo foi dado ali...”(MI28) “...porque tipo assim, eu olhando os bancos, eu lembrando de quando eu era adolescente, que eu paquerava aqui, eu lembrava que quando a gente queria se beijar, a gente esperava um outro momento, escondida, para poder se beijar, enquanto a gente via outros casais heteros fazendo, então eu gostaria de ter essa normalidade, porque até hoje se eu sento aqui e beijo ela, é um risco...”(MI28) “...já sofri lesbofobia, já sofri assédio por estar com outra mulher, eu escutei tipo xingamentos e muito
--	--	--

		assédios tipo, machorra...”(MI28) “...Ali no chafariz, eu tenho uma memória afetiva, a primeira marcha das lésbicas foi ali naquele espaço, porque tem muitas histórias de meninas lésbicas que sofreram preconceito nesse ponto...”(MI28) “... um espaço que fomenta a nossa história, tanto do passado quanto para o futuro. Para que não se caia no esquecimento e a gente tenha que construir do zero novamente. Dar uma base para a nossa comunidade...”(MI28) “...eu penso que a memória da comunidade se apresente nesse espaço, para que possamos colocar a normalidade no olhar da sociedade, eu acho que nada mais vai trazer visibilidade esses eventos que fomenta a educação, o respeito porque daí sim
--	--	--

		vamos estar melhores acolhidos...”(MI28) “...Eu acho que a comunidade deveria se organizar extra politicamente para exigir um espaço de memória para a comunidade, tipo um centro de acolhimento de cultura e para mesmo para as questões das violências que a gente sofre, a gente não ter lugar para ir, então esse órgão nessa região central seria muito fundamental...”(MI28) “...Sim, principalmente nos finais de semana, ficava aqui vivendo, conversando, passeando com minha cachorrinha, enfim, esse espaço é o meu favorito aqui da praça...”(MI26) “...Eu penso que a praça e o mercado, são espaços diferentes da cidade, porque é aqui que a gente consegue ver gente como a gente, eles ocupam, e isso que é importante, porque daí inibe as
--	--	--

	pessoas de fazerem alguma coisa, eu me sinto mais segura nesses espaços com essas pessoas do que perto onde eu moro ou onde eu moro em São Paulo...”(M126) “...Eu sinto que eu faço parte pelas memórias que eu tenho aqui e vivi, isso é o que mais me apego. Eu lembro que tinha música ali, a gente dançava e curtia com nossos amigos.”(M126) “...mas eu acho que seria incrível um espaço que pudesse lembrar a nossa memória da comunidade, até aquela ideia quanto é mais visto mais e normalizado, isso que a gente precisa, a gente não quer ser olhando torto, a gente quer viver o espaço de forma justa, eu não quero que me olhem e me perguntem da minha identidade...”(M126) “...Olha, fisicamente não, mas verbalmente e os olhares sim. Olhares
--	--

	sempre. Quando eu estou com minha namorada é o mais crítico...”(MI26) “...Às vezes, ali no mercado a gente consegue se apropriar bastante, a gente senta, toma uma cerveja, conversa com os amigos, mas mesmo assim ainda tem os olhares, sabe?...”(MIE28) “...Eu gosto, eu acho muito importante. A gente faz trocas nesses momentos, porque daí a gente consegue ser visto e faz com que os preconceitos vão diminuindo também. A diversidade é muito importante...”(MIE28) “...Eu acho que eu procuro espaços mais amplos para passar, que daí eu consigo olhar, sabe?...”(MIE28) “...que é um local superimportante para a comunidade LGBT, ainda mais para as travestis, não sei se tu sabes que o chafariz é um local de batismo das travestis, e das trans. Porque, é aqui
--	--

	que elas são batizadas, tinham um nome, vinham aqui, todo aquele batismo simbólico, tipo sendo apresentada para a sociedade, perante a comunidade das trans e travestis...”(HG28) “...A, claro que não, esse espaço para mim ele é elitizado, para mim essa arquitetura do entorno ela é elitista, e que nunca irão me representar, aqui foi um lugar de sofrimento para os negros, e para mim como homem gay negro, nunca vai me representar...”(HG28) “...eu já fui agredido ali na parada de ônibus, fui agredido fisicamente, as piadas a gente vai ouvir em qualquer lugar, normal, é inevitável, os olhares. Eu as vezes eu levo de boas, mas se eu vejo que está passando dos limites, eu já encaro. Aquelas piadinhas, eu relevo, vida que segue...”(HG28) “...eu quero usar esses espaços para sentar e
--	--

	beijar alguém quem eu quero...”(HG28) “...Mais no final de semana, por causa que eu gosto de vir com amigos, para tomar uma cerveja, escutar uma música...”(HG28) “...Aqui em frente a parada do ônibus, a gente apanhou por ser LGBT, a gente parou para pensar, porque eu incomodo tanto, mas não deixei de vir ocupar esse espaço, porque daí eu me senti desafiado, para ocupar esse lugar...’ “...a gente precisa de um espaço que todo mundo consegue usar, para ocupar esse espaço, porque tem muita gente que não sabe para onde ir se sofrer alguma violência. Tipo, quando eu fui agredido com meus amigos, eu não sabia para onde ir...”(HG28) “...Eu acho que sim, ela contribuiu bastante para os nossos artistas, ela incentiva diversos grupos
--	--

		vivenciarem aquele espaço. É mega essencial, ainda mais quando veio aqui para o mercado público, porque antes era na Bento, mais quando veio para o centro, eu fiquei muito feliz, aqui as pessoas conseguem ver a gente, vem o pessoal da periferia para usar esse espaço, eu sou da periferia, eu gostei muito...”(HG28) “...eu era rata da The Way, é ali que eu exploro minha sexualidade, me sinto livre para ser quem eu sou...”(MBNA25) “...O chafariz também é importante para os movimentos sociais também...”(MBNA25) “...Aqui na meia lua, tem eventos culturais que eu gosto bastante. Tem o cantinho dos gays ali em frente ao banco abandonado, ali naquela esquina...”(MBNA25) “...Quando tinha a Sexta Black, eu vinha direto. Toda sexta eu vinha aqui para região. Começava as
--	--	---

	18 e acabava as 21. Eu gostava muito de vir, mas daí acabaram com ela. Agora eu costumo só vir na praça com minhas amigas...”(MBNA25) “Ali o Café Aquarius, eu não gosto de passar ali, é um local de muitos olhares, não gosto mesmo de passar...”(MBNA25) “...Eu prefiro ambientes fechados, mas por não ser assumida não consigo de maneira nenhuma fazer encontros. Então para mim os espaços privados ainda é o ideal...”(MBNA25) “...Porque como aqui é uma cidade universitária, tem bastante pessoas LGBTs aqui nesse centro, então eu sinto que é um lugar mais acolhedor...”(MB23) “...Eu gosto bastante ali da praça, um espaço bem específico, onde eu costumo levar a minha cachorrinha e ali na meia lua. Tem aqui no calçadão aquela sorveteria ali mais na frente...”(MB23)
--	--

	“...a parada, os sarais eu me sinto muito bem, porque daí tem muita gente da comunidade né?...”(MB23) “...Quando tinha o Divas, eu ia. Era um lugar que eu gostava de ir para dançar e encontrar minhas amigas, sem se preocupar com homens me olhando...”(MB23) “... Me sinto representada. Os protestos também eu gosto bastante, ali no chafariz do calçadão. Porque esse é um momento que a comunidade consegue enxergar a gente, e a gente acaba sendo acolhida...”(MB23) “...O mercado eu venho bastante, mas não com tanta frequência, mas gosto muito do mercado, acho um espaço acolhedor, é tipo assim um espaço bem família. O calçadão para mim, eu conheço desde criança, então para mim é natural.”(HTB21)
--	--

	“...ali na esquina batizaram a rua de Esquina do Axé e Manifestações Populares, esse local acaba sendo muito representativo, inclusive a parada LGBTQIA+ acontece ali no largo, antigamente acontecia na Bento, um lugar mais afastado, hoje em dia acontece aqui no centro, o que traz uma maior visibilidade para a nossa comunidade...”(HTB21) “... gosto bastante dos eventos culturais...porque é um momento que eu consigo utilizar esses espaços...”(HTB21) “...eu não me sinto seguro em espaço nenhum da cidade, eu tenho medo de viver, medo de estar na minha própria casa, medo de estar na rua, eu tenho medo de viver...”(HTB21) “...Olha, na verdade, eu não me sinto parte de lugar nenhum, nem da minha própria casa...”(HTB21)
--	--

		“...Quando eu era criança, estava eu e uma colega de escola, e a gente sentou nos bancos aqui da praça e tinha uns adolescentes, e aí eles olharam pra gente e falaram um monte de coisa para a gente, que gostosinhas, tipo querendo dizer que eu e minha colega de 10 anos fôssemos lésbicas, ou algo do tipo. Aquilo me perturbou bastante, até hoje eu lembro daquela situação...”(HTB21)
4. Espaços restauradores (1 Espaços Restauradores; 2 Espaços Protetivos)	Estudos sobre espaços restauradores (KAPLAN; KAPLAN, 1995; ULRICH, 1983; ALEXANDER <i>et al.</i>, 1977) classificam esses espaços como locais que promovem melhor saúde mental, reduzindo fatores causadores de estresse, fadiga, mal-estar, entre outros. Segundo os autores, as propriedades relacionadas à visão impactam nas	“...Porque ali as pessoas se libertavam, e se expressavam quem elas são, coisa que em espaços públicos ou tipo num barzinho a gente não pode fazer isso...”(MI28) “...Teve um movimento feminista ali naquele chafariz ali do calçadão. Esse foi um momento que a gente pode mostrar para a população que a gente existe, mostrar que a gente tem força, a gente quer mostrar que a gente pode ter as nossas

	preferências estéticas que despertam o interesse de um local.	individualidades respeitadas nesses espaços...”(MI28) “...a gente se sentava e aproveitava ali na meia lua, eu corro entorno da praça, tomar um chimarrão ali no cantinho dos gays...”(MI26) “...Com bastante frequência, como eu moro aqui perto eu sempre estou por aqui, para pegar um ar sabe? Tem um laguinho ali, onde eu gosto de sentar ali e colocar os pés no chão e ficar pensando na vida. A praça para mim é um espaço vital...”(MIE28) “...Eu venho mais para me aliviar a mente do dia. Geralmente eu venho mais de tardezinha, quase escurecendo...”(MIE28) por causa da água também. Ali é um espaço que eu consigo me conectar com o local. Eu sinto que é meu refúgio...”(MIE28) “...Esse espaço ali no mercado é muito
--	--	--

	importante para mim, a esquina do axé, então esse espaço é muito afetivo para mim. O mercado em si é muito importante para mim...”(HG28) “...A natureza, o chafariz e uma coisa que eu gosto bastante também, eu quando venho gosto de sentar ali. O contato com a natureza é bem importante para mim...”(NB28) “... Na sexta Black no mercado... Ali era um lugar onde eu me sentia mais acolhida aqui em Pelotas, em nenhum outro lugar eu sentia aquilo...”(MBNA25) “...Quando eu venho com amigos tomar sol, a semana do livro eu gosto bastante, eu ocupo bastante a praça...”(MBNA25) “...A natureza daqui para mim é muito importante. Ali no chafariz, já teve um teatro para a comunidade LGBTQIA+...”(MBNA25) “...teve uma vez que tive uma crise de ansiedade
--	--

		muito grande, daí vim caminhar ali na praça e sentei em uma árvore, isso me ajudou bastante...”(MB23) “...A eu queria lembrar de uma história que eu tenho aqui, porque passando aqui em frente ao grande hotel me veio na memória. Quando eu estudava, a gente teve um tour aqui no centro, daí a professora pediu para eu desenhar um lugar que me chamava atenção. Esse lugar ficou muito marcado na minha memória porque eu sempre tenho uma sensação, de que é meu pedacinho de Pelotas, porque eu consigo lembrar da minha infância, dos meus momentos felizes que foram bons, com minha mãe e com esse local. Hoje se eu fosse utilizar esses espaços da praça eu utilizaria aqui em frente ao grande hotel...”(HTB21)
--	--	--

5. Continuidade	Envolve a preservação das memórias de uma pessoa de lugares significativos e pontos de referência para o indivíduo. Essa preservação permite que o usuário utilize os espaços não apenas em resposta às demandas sociais, mas também para atender às suas necessidades de manutenção do sentimento de pertencimento ao local (TWIGGER - ROSS; UZZELL, 1996).	“...Então eu tenho para mim que se não tivesse vindo para Pelotas eu não ia ter me assumido com 15, 16 anos, eu teria demorado mais.”(M128) “...Odeon era uma referência para mim, era um símbolo de resistência mesmo, porque tinha gente que tinha vergonha de passar na frente, você via...”(M128) “...tipo ficava na casa de amigas, aqui na praça, no calçadão, em frente a católica, que eram os espaços que eu tinha amigos. Então o espaço público foi essencial para que eu me assumisse enquanto uma mulher lésbica...”(M128) “...Olha ali, ali do outro lado da rua tinha uma casa que foi muito importante para a comunidade LGBT, a antiga Odeon, foi a primeira festa LGBT, ficou aí uns 12 anos, então aqui era um point para a comunidade...”(M128)
-------------------------------	---	---

	“...Eu ficava sentada aqui nessa lateral, nos bancos, meu primeiro encontro com uma mulher foi aqui. A gente tentava não dar muito na vista, ficar meio que conversando...”(MI28) “...O teatro para mim tem uma memória, eu já me apresentei ali, a meia lua sempre acontece eventos voltados para a comunidade LGBTQs, então tem coisas culturais...”(MI28) “...A nossa memória segue sendo oprimida sempre...”(MI28) “...Dentro da minha casa, eu não sabia que eu poderia ser outra coisa, vindo para Pelotas, conhecendo pessoas diferentes, frequentando espaços diferentes, foi um processo libertador. Pelotas e a universidade me mostrou, que é diferente, porque não adianta eu nascer e crescer em Pelotas e pertencer a uma família tradicional daqui, então
--	--

	viver aqui nessas situações, foi muito importante para me descobrir...”(MI26) “...A com certeza, eu não sei, quando eu cheguei em Pelotas, eu achava que eu era uma pessoa hétero, eu era uma pessoa castrada... talvez era medo das consequências, mas no momento que eu comecei a explorar os espaços da cidade aqui, caminhar, me relacionar com outras pessoas aqui na praça, conhecer gente diferente e foi nesse momento que eu comecei a me descobrir e me aceitar...”(MI26) “...Esse espaço aqui da praça me ajudou a descobrir quem eu sou...”(MI26) “...Essa região para mim é muito importante, tenho muitas memórias, eu acho que se não fosse esses espaços e essas experiências, eu dificilmente estaria tranquila com quem eu
--	--

		sou, foi uma barreira muito grande que eu enfrentei e esses espaços foram muito importantes...”(MI26) “...Com certeza, eu procurava espaços onde eu me sentia acolhida, principalmente quando eu cheguei aqui em Pelotas, a praça foi um local muito acolhedor para mim. Eu me sentia à vontade ali. Onde eu podia ficar ali tranquila com minhas amigas, tomando um sol, tenho memórias de vir com minha namorada e aproveitar ali...”(MIE28) “...Está vendo aquele chafariz ali, quando a gente vai fazer manifestação, a gente para aqui. Daí eu falo com minhas amigas, me encontra ali. Mesmo sendo um espaço que não curto muito, eu gosto de vim protestar aqui. São vários flashbacks que vem na minha memória...”(MIE28) “...Ali em frente a The Way...eu me sinto abraçada por aquela
--	--	---

		estrutura, tem pessoas com quem eu me reconheça...”(MIE28) “...eu gosto mais desses que acontecem ali no mercado, que toca uma musiquinha ao vivo, sei lá, eu me sinto mais próximos das pessoas, eu sinto que a cultura nos aproxima mais, e tipo esses eventos aproxima muito...”(HG28) “...eu tenho memórias boas e ruins daqui, porque eu vivi toda a minha adolescência aqui no centro, querendo ou não eu usava muito esse espaço para encontros com outros homens, mesmo na época que estava me assumindo. Eu tenho memórias bem agradáveis ali no mercado, encontros boas ali na praça por causa da universidade...”(HG28) “...principalmente o mercado. O mercado é um ponto de partida para mim, querendo ou não é um lugar de muitas memórias para mim...”(HG28)
--	--	---

	“...Eu vinha para encontrar os meus amigos aqui na praça, a gente marcava de se encontrar aqui no mercado para ir nas baladinhas aqui do lado, na The Way...”(NB28) “..eu ressignifiquei aqueles locais ali, aquelas mesinhas ali ainda me incomodam, mas é um espaço que eu tenho bastante memórias boas...”(NB28) “...Pessoas fazendo suas rotinas, comprando alguma coisinha, passeando com seu cachorro, de short e chinelo, bem à vontade. Olha ali, está tendo uma ferinha com música de samba ali, aquilo ali me faz me sentir segura e confortável...”(MBNA25) “...quando encontro com minhas amigas, a gente marca ali no chafariz, ali no cantinho dos gays, eu acho que me ajudam a tirar um pouco desse medo que eu tenho de me assumir...”(MBNA25)
--	---

		“...gosto desses barzinhos, eu gosto de sentar e ficar com minhas amigas, olhando os prédios históricos conversando atoa. E ficar bebendo cerveja...”(MB23) “...a maioria dos encontros eu costumo a marcar por aqui na praça, ali no mercado, encontrar minhas amigas e tudo mais...”(MB23) “...Eu gosto bastante de vir no calçadão, de vir olhar as lojas, de comer alguma coisa, porque é uma coisa que eu faço desde pequeno...”(HTB21) “...Eu uso mais como referência o mercado e o chafariz do calçadão, a praça nem tanto porque como eu disse, algumas memórias para mim são fortes...”(HTB21)
6. Autoestima	Está ligado às influências que o ambiente exerce sobre o usuário e como estas afetam suas experiências. É uma	“...se eu estou acompanhada de um homem, eu me sinto segura, porque daí vou estar performando uma heteronormatividade,

	avaliação que um indivíduo faz de si mesmo e dos grupos dos quais faz parte com base nas características do ambiente. É um estado de espírito que está ligado ao que uma pessoa pensa sobre si mesma e as decisões que toma no contexto das influências e relacionamentos que existem nesses locais (TWIGGER - ROSS; UZZELL, 1996).	agora se eu estou com minha namorada eu evito de passar aqui na praça...”(MI28) “...Tenho mais medo quando estou com ela, mas isso porque eu mais feminina, porém tem mulheres mais desfem são as primeiras a sofrerem algum tipo de agressão...”(MI28) “...A eu lembrei de uma coisa, eu tenho um amigo que performa heteronormatividade, e lembrei que quando passei com ele aqui no calçadão eu me senti mais segura. E quando saio com ele e o namorado aqui a noite, a gente troca de casal, ele vai com minha namorada e eu com o namorado dele, para gente não sofrer nenhum preconceito...”(MI26) “...Pior que menos, porque a gente acaba não demonstrando que somos namoradas por receio, ela é muito travada com isso e as vezes eu prefiro estar
--	--	--

		com um colega homem, porque as vezes ela nem sabe onde coloca as mãos ou demonstra uma outra forma de carinho, por medo mesmo...”(MI26) “...Acaba que sim, ontem eu estava olhando umas fotos antigas, e eu vi como eu era antes de chegar em Pelotas, eu performava muito mais na minha cidade. Eu alisava meu cabelo, me vestia mais garotinha, mas aqui em Pelotas eu passei a experimentar outras formas de me vestir e eu olhando para as fotos antigas eu me sentia mais presa, não me correspondia...”(MIE28) “...A minha auto aceitação, de quem eu sou, porque antigamente antes de me assumir, era muito raro de eu vir aqui, vinha com amigos, mas sempre naquele controle, eu não posso me arreganhar ou demonstrar que você é diferente, mas daí depois dessa aceitação eu me
--	--	---

	sinto confiante em usar esses espaços...”(HG28) “...Porque assim, se eu tiver que me montar para vir aqui, eu vou vir, porque eu acho assim, que as pessoas ainda estão aceitando as questões, mas para mim, eu sei que Pelotas é uma cidade mega preconceituosa, homofóbica, mas aos poucos está indo. Falando por mim Luiz...”(HG28) “...Hoje não, mas quando era mais novo eu evitava de aparentar ser gay, sabe? A minha aceitação ajudou a vir frequentar esses espaços, mas ainda tenho alguns medos de sofrer algum preconceito de pessoas que podem te fazer mal...”(NB28) “...porque eu não flerto com mulheres nos espaços públicos, se eu flerto eu acabo não conseguindo avançar por vergonha e medo...”(MBNA25) “...Eu venho bastante, porque me sinto livre
--	--

		nesses espaços, mas os olhares me incomodam...”(MB23) “...eu me sinto mais segura quando estou acompanhada, porque eu sendo mulher a gente sente mais medo né. Principalmente quando estou acompanhada por um homem, porque daí ninguém mexe. Quando eu estou com amigas, sempre me enchem o saco, é horrível...”(MB23) “...Às vezes para não sofrer preconceito eu me visto de maneira mais, como se diz, heteronormativo, mas hoje por exemplo eu estou cansado, então eu só me vesti da maneira que eu quis...”(HTB21) “...eu sofro transfobia dentro da minha própria casa. É difícil porque eu não posso me reconhecer nem dentro da minha própria casa...”(HTB21) “... depende muito das pessoas, de não te olhar ou te parar com um
--	--	---

		preconceito, porque não depende só de mim...”(HTB21) “...medo de sofrer preconceito por não parecer uma mulher ou um homem, sei lá oque que as pessoas acham...”(HTB21) “...Depende, se for com um outro homem sim, mas se for com uma mulher, eu sinto muito medo...”(HTB21)
7. Autoeficácia	Refere-se à satisfação de um indivíduo com suas necessidades e demandas sociais. Está ligada à facilidade com que um indivíduo pode resolver seus problemas e tarefas no espaço. A sensação de autoeficácia está ligada à facilidade com que o ambiente físico interfere no cotidiano do usuário. Um ambiente deve ser capaz de facilitar o gerenciamento da vida cotidiana para que a	“...eu comecei a ficar muito mais tempo fora de casa do que em casa, então por exemplo, dentro de casa eu não tinha lazer, eu me sentia pressionada, me sentia mal...”(MI28) “...eu faço parte de um grupo de mulheres lésbicas que pedalam por Pelotas e o nosso ponto de encontro é ali na meia lua...”(MI28) “...tipo antigamente a gente costumava a fazer apresentações corporais ali na praça, aqui no calçadão ou mesmo no

	pessoa se sinta autossuficiente em relação ao seu entorno (TWIGGER-ROSS; UZZELL, 1996).	mercado, aulas coletivas, eventos culturais, mas hoje não é o primeiro lugar que eu penso em ir e tomar um chimarrão, sabe?...”(MI28) “...Tem a opção se suprimir os Pelotenses? Hahahaha. A gente tá tão acostumado a consumir o que tá colocado para gente que acabamos não pensando nisso, mas para mim é mais as questões das pessoas, não tanto o espaço....”(MI26) “...Eu costumo vir acompanhado, mas se tiver que vir sozinho eu venho. Eu me sinto mais protegido com os amigos, porque a gente sabe se acontecer alguma coisa, essa pessoa vai poder tirar para ti, é mais uma questão de segurança mesmo...”(HG28) “...eu gosto bastante de ir na The Way, no antigo Divas. Eu acho que trazem bastante diversidade para o local. Depois da balada de manhã cedinho a gente
--	--	---

		gostava de ficar ali em frente ao mercado...”(NB28) “...Eu sempre prefiro vir acompanhado, porque me sinto mais seguro, mas quando não é possível...”(HTB21) “...Eu sempre procuro um caminho onde tenha algum certo movimento e também faço sempre o mesmo trajeto, porque daí eu sei que não vai ter perigo de eu passar por ali...”(HTB21) “...enquanto eu estou sozinho sem alguém que seja da minha comunidade, ou mesmo de um reconhecimento e de um não estranhamento por parte das pessoas daqui, já me sinto mais confortável de estar utilizando esses locais...”(HTB21)
8. Distinção	Classifica-se como distinção, a diferenciação entre os ambientes frequentados pelo usuário. Como	“...Sem dúvida, me sinto mais segura em ambientes fechados, mas eu queria que fosse assim na rua, não ter esse medo...”(MI28)

	resultado, o ambiente pode encorajar comportamentos diferentes ao fornecer certos tipos de cognição ao usuário. Diferentes áreas da cidade requerem diferentes comportamentos sociais, como tempo de conforto, tempo de desconforto e assim por diante (TWIGGER-ROSS; UZZELL,1996)	“...O Porto já foi uma área muito acolhedora para nossa comunidade LGBTQIA+, mas hoje eu caminho mais aqui pelo mercado e calçadão mesmo...”(MI28) “...porque a gente não pode mais aceitar que tenhamos locais só afastados escondidos igual o Porto, tipo no submundo, a gente quer ser visto, eu quero ter uma vida comum como qualquer outra pessoa que frequenta esse espaço...”(MI28) “...que eu esteja acompanhada da minha namorada, aí sim, eu evito de passar aqui no calçadão , para não ter que escutar algo ruim...”(MI28) “...Era uma coisa de muita coragem, porque a gente tinha medo da família da gente passasse por aqui e vissem que eu estava de encontro com uma outra menina, mas isso não
--	---	---

	impedia a gente de fazer esses encontros...”(M128) “...Muitas vezes sim, principalmente quando tem muito movimento. Outra situação e quando eu estou com a família da minha namorada, porque eles não gostam de mim, porque acham que eu que transformei a filha deles. Daí eu aliso o cabelo, boto um vestidinho, parecer um pouco mais feminina, para performar uma heteronormatividade, para as pessoas verem a gente mais como amiguinhas do que namoradas...”(M126) “...Lá onde eu moro agora, é muito familiar, eu me sinto insegura, dentro do nosso condomínio, tem umas pessoas evangélicas em frente ao meu apartamento, então lá eu me sinto menos confortável...”(M126) “...É uma coisa que eu sempre digo, apesar de sentir medo é importante a gente ocupar esses espaços, porque quanto
--	--

		mais a gente é vista mais a gente combate essas questões, cada vez vai ficando normalizado, os olhares vão parando...”(MI26) “...Toda vez que eu pensava em contar que eu tinha um relacionamento com uma mulher, sempre lembrava dessas pequenas agressões que eu sofria dentro de casa e indiretamente me prendiam, me impediam descobrir quem eu era. A minha família era extremamente católica, então isso acabava me oprimindo ainda mais...”(MIE28) “...Eu acho que não, é mais um lugar de passagem mesmo. Está vendo ali, vários homens sentados olhando as pessoas, aquilo ali me incomoda, principalmente por ser uma mulher lésbica. Eu não me sinto à vontade de sentar aqui, sabe? Durante a noite fica
--	--	---

pior ainda, não passo por medo...”(MIE28)

“...Sim, algumas vezes eu deixo de vir em alguns horários, quando está muito vazio e também quando está movimentado por pessoas que não são do nosso grupo, sabe?...”(MIE28)

“...enquanto estava me descobrindo, mas agora eu aprendi a me defender, não na questão física, mas de saber de se comportar, porque a gente sabe que em determinado local a gente tem que criar uma determinada postura, assim, para ti não ser agredido, então tu tens que ter uma postura de acordo com o local e com as pessoas que estão ao seu redor, porque as vezes até em locais fechados a gente sofre, quem dirá no espaço público...”(HG28)

“...Aqui é um lugar que é uma faca de dois cumes, é um espaço de muita representatividade, mas também é um espaço de

represália. Até que hoje em dia a gente anda mais tranquilo, mas antigamente a gente não podia estar aqui. Aos poucos a gente está adquirindo esse espaço, a gente vê gente de toda a comunidade, porque é um direito nosso de ocupar esse espaço...”(HG28)

“...Eu sinto que espaços privados, tipo numa festa as pessoas te aceitam mais do que aqui na rua, eu não sei, deveria ser ao contrário.

“...E eu vou, de qualquer jeito. Olha, viu a pessoa ali mexeu com a gente... Tu tens que entrar nesses jogo e ir embora...”(HG28)

“...Cara, eu acho que precisa de as pessoas virem e usar esse espaço, as pessoas entrarem nesse espaço, de não sentir medo em usar, não só na parada gay, usar sempre que quiser...”(HG28)

“...Sim, com certeza, olhares, piadas, risadas e

por aí vai. Olhares com certeza, quando passo ali no mercado naquelas mesinhas ali fora, quando está muito cheio sempre escuto piadinhas, risadinhas e até xingamentos sabe? Muito por esse meu contexto de não performar nem o masculino e nem o feminino, o estranhamento ele acontece. Eu tenho ainda uma insegurança também, mas eu não gosto de passar. Eu queria muito ter a resposta se é por eu ser uma pessoa não binária homossexual, queria saber se eu fosse normal e passa-se por ali eu ia me sentir normal, sabe? Então é uma coisa que eu sempre lembro quando passo por ali...”(NB28)

“...Como eu te falei, fora desses eventos eu evito de estar usando por vergonha, de alguém contar para minha família que me viu com outra

		menina e tudo mais...”(MBNA25) “...Eu não podia levar ninguém na minha casa, depois que eu vim para Pelotas, eu uso muito a minha casa e os espaços aqui...”(MB23) “... Quando eu estou aqui no calçadão eu me sinto um pouco desconfortável pelas pessoas, ali na praça eu já me sinto um pouco mais livre...”(MB23) “...dependendo do local e do espaço, se tem muitas pessoas, eu tento manter assim mais um comportamento heteronormativo, mas as vezes eu canso e meto o louco e vou vivendo a minha vida tranquila aqui...”(HTB21)
9. CoronaVirus	Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a disseminação do coronavírus como uma pandemia global. Mais de um ano depois, o vírus ainda está se	“...Aquele chafariz ali no meio era o point da galera LGBTs, hoje já não é tanto assim por conta da pandemia e tudo mais...”(MI28) “...Eu gosto, adoro fazer atividades que me dão prazer, apesar do medo.

	espalhando pelo mundo. Devido às muitas devastações causadas pelo vírus, alguns países recomendaram o lockdown, isolamento social e confinamento em casa. No Brasil, devido à falta de diretrizes nacionais, Estados e Municípios, adotaram medidas recomendadas pela OMS, suspendendo aulas, eventos, fechamento de espaços públicos e privados. Devido a essas restrições, necessárias para controlar a propagação do vírus, a OMS produziu estudos e relatórios que detalham os efeitos nas economias locais e globais, bem como os efeitos na saúde mental da comunidade. Calmon (2020), no seu estudo sobre os efeitos	Tipo aqui a gente já fez uma batalha de Slam, que é uma batalha de poesias, mas com a pandemia, meio que acabou...”(MI28) “...Eu senti muito a falta de estar nesses locais, se afastar do encontro, porque o encontro para mim é fundamental, porque e nesse coletivo que a gente se fortalece...”(MI28) “...Psicologicamente para mim é difícil de eu estar frequentando esses espaços, porque eu senti que esses espaços acabaram se tornando mais hostis para mim, enquanto mulher lésbica...”(MI28) “...Eu penso que com a pandemia o nosso corpo agora tem o dobro de risco, porque esses discursos que ligam a nossa comunidade a doença está aí. Trouxe à tona o que era um pouco velado...”(MI28) “...Quando eu morava aqui mais perto e antes da
--	--	---

	diretos da pandemia, retrata que o vírus não afeta a todos na mesma intensidade e escala, sendo as minorias as mais afetadas.	pandemia, eu usava quase que diariamente...”(MI26) “...Só que nesse período da pandemia que não tem ninguém, que só fica o pessoal de Pelotas, as famílias, é diferente, parece que não me sinto confortável...”(MI26) “...Só que nesse período de pandemia, que está mais vazio, que tem pessoas mais velhas, eu tenho muito mais medo, diferente antes da pandemia...”(MI26) “...Sim, depois da pandemia aqui ficou mais perigoso, apesar de estar mais iluminado, foi legal a questão da iluminação, mas acho que a iluminação é só um pontinho, para mim eu acho que fica mais seguro quando tem mais pessoas que se identificam com a gente, pela diversidade, e isso agora na pandemia não tem. Pessoal aqui de Pelotas não é muito assim...”(MI26)
--	--	---

	“...Antigamente sim, hoje por causa da pandemia sem as pessoas eu sinto muito desanimo em estar utilizando. Hoje como não tem mais quase ninguém na rua, eu prefiro não usar...”(MI26) “...Nesse período da pandemia a gente ficou ainda mais sem memória, a gente se fechou dentro de casa, eu senti muita falta de estar nesses espaços, de ir para o cantinho dos gays, encontrar meus amigos, as pessoas sumiram daqui, ficou mais hostil, ficou mais triste...”(MI26) “...Por exemplo, agora nesse momento eu não conseguiria, o espaço agora durante da pandemia se tornou mais hostil...”(MIE28) “...Ali eu ficaria, mas agora por causa da pandemia não tem ninguém, então eu não vou demonstrar alguma forma de carinho...”(MIE28)
--	---

	“...Nossa, eu senti muito falta de frequentar esses espaços, porque é um espaço onde eu me alivio de ficar trancada dentro de casa. Até fiz no primeiro ano o isolamento, mas depois não consegui mais. Eu sinto que o espaço ficou mais hostil, não consigo ainda fazer as mesmas coisas que fazia antes, eu fico com bastante medo ainda, sabe?...”(MIE28) “...durante a pandemia eu tive que ir trabalhar todos os dias, porque meu trabalho não parou, eu vinha um pouco, eu senti muita falta de vir e sentir os espaços, sentar e tomar uma cervejinha, tudo fechado, senti falta de conviver com meus amigos. De ver o movimento, enfim, foi ruim para todo mundo...”(HG28) “...acho que é a primeira vez agora na pandemia que ando aqui pela praça e pelo calçadão...”(HG28)
--	--

	“...Hoje em dia, por causa da pandemia eu venho muito pouco, antigamente eu vinha mais...”(NB28) “...Olha, para mim foi normal, porque no meu trabalho a gente não parou. Eu senti que o espaço ficou mais hostil, menos pessoas nas ruas, menos estudantes, então ficou mais perigoso. Eu fiquei com mais saudades de encontrar os meus amigos ali na praça do que qualquer outra coisa, mas a gente entende o motivo. No geral foi bem ruim para mim a questão da pandemia, como eu sou artista eu gosto de me apresentar, seja para dançar e cantar e isso me foi tirado, entende?...”(NB28) “...Hoje em dia por causa da pandemia o ambiente está mais hostil...”(MBNA25) “... Porque depois da pandemia deu uma parada ne, então ficou meio deserto, meio perigoso. Eu
--	---

		acho que alguma coisa para ficar na memória das pessoas também...”(MBNA25) “...Ali ó, está vendo, o ambiente com a pandemia ficou bem mais hostil, eu tenho medo daquelas situações ali. Claro a gente entende, a economia mudou bastante, as pessoas se afastaram, o convívio ficou muito afetado. Eu sinto mais medo de estar na rua, voltaram aqueles meus medos antigos...”(MBNA25) “...Então, de ser descoberta, de sofrer alguma violência por ser bissexual, fazerem chacota comigo, por aí vai sabe? A pandemia foi muito difícil para mim, porque eu gostava de conviver com minhas amigas nesses espaços, e como a maioria foi embora, acabou que fiquei sozinha, então quase não venho mais aqui...”(MBNA25)
--	--	--

		“...Olha, eu senti muito, porque como eu disse, algumas vezes eu tenho crises de ansiedade, e ali na praça, acaba sendo um refúgio para mim. Eu precisava de ter contato com meus amigos, sentir que eu podia frequentar, sentir que eu fazia parte de alguma coisa. Agora depois da pandemia, eu sinto que a rua se tornou mais hostil, mais agressiva, por conta dessas relações por ser uma mulher e ser bissexual. Aqui na praça principalmente, mas é uma coisa que eu acho que vai mudar...”(MB23) “...eu senti um pouco de falta, mas eu entendi que era necessário. Mas casou que estava passando por um momento difícil de entender um pouco da minha identidade, então acabei não estando preparado para a pandemia e esses espaços públicos. Um pelos olhares e outro pela
--	--	---

		própria pandemia que me deixou muito assustado. Enfim, foi difícil. Porque além do medo que tinha de frequentar por sofrer os olhares a pandemia aumentou a minha insegurança de estar frequentando esses locais...”(HTB21).
--	--	---